

JÉSSICA MACEDO

Grupo Editorial Portal

 Segredo

*A Virgem
sentenciada a mim*

HERDEIROS DA MÁFIA
LIVRO II



JÉSSICA MACEDO

*A Virgem
sentenciada a mim*

HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Grupo Editorial Portal



Belo Horizonte | 2021

Copyright ©2021 Jéssica Macedo

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra - física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico de Capa e Miolo

Jéssica Macedo

Copydesk

Patty Trigo

Revisão

Sônia Carvalho

Esta é uma obra de ficção. Nomes de pessoas, acontecimentos, e locais que existam ou que tenham verdadeiramente existido em algum período da história foram usados para ambientar o enredo.

Qualquer semelhança com a realidade terá sido
mera coincidência.

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[**Prólogo**](#)

[**Capítulo um**](#)

[**Capítulo dois**](#)

[**Capítulo três**](#)

[**Capítulo quatro**](#)

[**Capítulo cinco**](#)

[**Capítulo seis**](#)

[**Capítulo sete**](#)

[**Capítulo oito**](#)

[**Capítulo nove**](#)

[**Capítulo dez**](#)

[**Capítulo onze**](#)

[**Capítulo doze**](#)

[**Capítulo treze**](#)

[**Capítulo quatorze**](#)

[**Capítulo quinze**](#)

[**Capítulo dezesseis**](#)

[**Capítulo dezessete**](#)

[**Capítulo dezoito**](#)

[**Capítulo dezenove**](#)

[**Capítulo vinte**](#)

[**Capítulo vinte e um**](#)

[**Capítulo vinte e dois**](#)

[**Capítulo vinte e três**](#)

[**Capítulo vinte e quatro**](#)

[**Capítulo vinte e cinco**](#)

[**Capítulo vinte e seis**](#)

[**Capítulo vinte e sete**](#)

[**Capítulo vinte e oito**](#)

[**Capítulo vinte e nove**](#)

[**Capítulo trinta**](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Capítulo trinta e três](#)

[Capítulo trinta e quatro](#)

[Capítulo trinta e cinco](#)

[Capítulo trinta e seis](#)

[Capítulo trinta e sete](#)

[Capítulo trinta e oito](#)

[Capítulo trinta e nove](#)

[Capítulo quarenta](#)

[Capítulo quarenta e um](#)

[Capítulo quarenta e dois](#)

[Capítulo quarenta e três](#)

[Capítulo quarenta e quatro](#)

[Capítulo quarenta e cinco](#)

[Capítulo quarenta e seis](#)

[Capítulo quarenta e sete](#)

[Capítulo quarenta e oito](#)

[Capítulo quarenta e nove](#)

[Capítulo cinquenta](#)

[Capítulo cinquenta e um](#)

[Epílogo](#)

[Conheça os livros dos mafiosos](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Outras obras](#)

Sinopse

Steven L ansky é o capo de Nova York, chefe da máfia italiana nos Estados Unidos. Ele assumiu o legado do pai e descobriu que para ser fiel à máfia precisa de sacrifícios maiores do que matar ou morrer. Ele concordou com uma união de conveniência com a princesa dos italianos, um casamento que fortaleceria à sua família. Porém, a noiva escolheu outro, que feriu o seu ego e o deixou irritado com os Bellucci.

Manuela é filha de Theo Bellucci, o consigliere da máfia italiana. Ela chegou a acreditar que não seria arrastada para algum casamento arranjado, mas quando a sua prima se casou com o chefe da máfia russa, restou-lhe a tarefa de manter a aliança com os americanos.

Steven e Manuela não queriam esse casamento, mas foram obrigados a se unirem em prol das duas famílias. Um casal cão e gato que se odeia. Na vida conjugal se mostraram inimigos declarados, mas estão sentenciados a descobrirem uma forma de se amarem ou acabarão destruindo um ao outro.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

A opinião política e religiosa da autora não se expressa nesse livro.

A autora não apoia nem concorda com o comportamento duvidoso dos personagens.

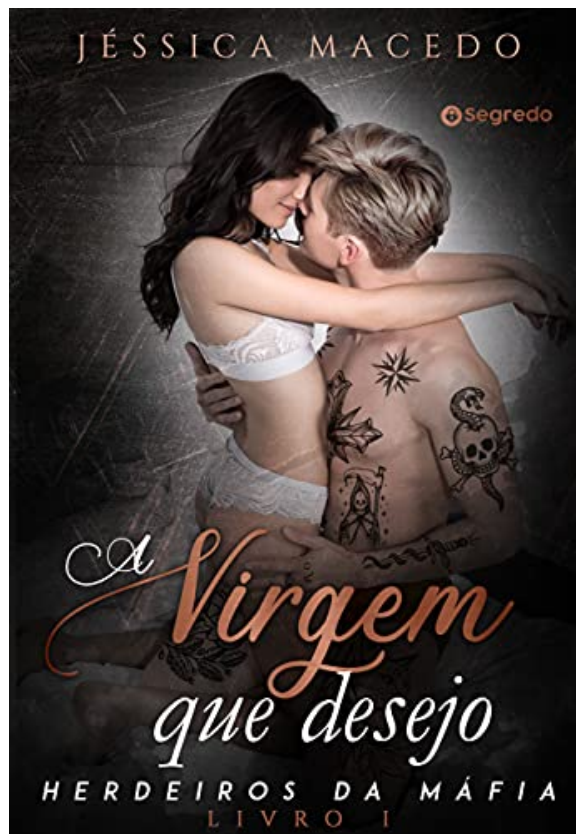
Essa é uma obra de ficção e não retrata a realidade da máfia italiana nem russa.

Apesar de ter a máfia como plano de fundo, esse não é um romance dark, se você espera cenas de abuso sexual, esse livro não corresponderá às suas expectativas.

Para as apaixonadas pelos irmãos Bellucci
e para a minha querida Rosimeire, mãezinha do coração e mãe dos
meus mafiosos.

São casais diferentes, mas recomendo que leia antes

A virgem que desejo (Herdeiros da máfia Livro 1)



link => <https://amzn.to/3EGacFD>

Sinopse:

Ao se tornar o chefe da máfia russa, Mikhail Orlov aprendeu que para ter o que queria era necessário sujar as suas mãos de sangue. Como rei, quer ter tudo o que almeja, inclusive uma mulher proibida, que viu em uma missão há quatro anos, e não a tira de seus pensamentos.

Pietra é filha de Marco Bellucci, e a princesa dos italianos. Ela cresceu em uma redoma para ser protegida dos inimigos do pai e aprendeu que não havia nada mais importante do que a família. Porém, uma visão do passado está prestes a retornar e colocá-la numa linha tênue entre o desejo e a razão.

Ela conhece as regras. Seu pai é quem escolherá o seu marido e precisa se manter casta, mas o coração nos faz cometer loucuras. Russos e italianos são inimigos. Esse romance está fadado à tragédia. Mikhail não se importa com mais ninguém e passará por cima de qualquer um para ter o que deseja.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Prólogo

Alguns meses atrás...

Ajeitei a gravata borboleta que apertava o meu pescoço. Não era um grande fã de roupa social, mas aquele era um evento que exigia que eu me vestisse como um pinguim. Os italianos sempre foram muito tradicionais, e estar no território deles exigia que eu agisse de acordo.

Se eu tivesse escolha provavelmente não estaria ali, mas para ficar no topo da cadeia de poder, são necessários sacrifícios. Meu pai tentou me ensinar isso desde que eu era um moleque e ali estava eu, fazendo o meu. Para fortalecer os nossos laços com a Itália, tinha aceitado me casar com uma das filhas de Marco Bellucci, Pietra.

Estava me esforçando pelo bem da minha própria posição, já que o meu pai havia passado o título de chefe para mim. Casar-me com alguém como ela traria influência, além da Pietra ser uma mulher bonita.

Levantei a cabeça quando ouvi o som de passos na escada. Ao lado da irmã, vestida de preto, estava a Pietra, com uma renda branca que se moldava perfeitamente às curvas delicadas do seu corpo, quase como uma prévia de como ela estaria vestida em nosso casamento. Ela era angelical e muito bonita, o que me fazia pensar que não seria um grande sacrifício passar o resto da minha vida com ela.

Tínhamos oito anos de diferença, nada muito grande se comparado a outros casamentos arranjados como o nosso.

As gêmeas se aproximaram primeiramente dos pais. Marco Bellucci abriu um largo sorriso ao contemplá-las, parecia orgulhoso.

— Minhas filhas.

— Papai — as duas falaram juntas.

— Estão lindas. — Ele se curvou e deu um beijo em cada uma.

— Obrigada.

Marco deu um passo para o lado, puxando a esposa consigo e revelou-me e a Luca Mancini, o chefe dos sicilianos que se casaria com a outra gêmea.

Perla abriu um enorme sorriso assim que encontrou o noivo, mas quando eu busquei o olhar da Pietra, não encontrei a mesma receptividade e isso me deixou incomodado. Acreditava que tinha tanto poder e influência quanto o homem ao meu lado e merecia a mesma empolgação. Além disso, eu era mais jovem e mais bonito.

Tentei não me irritar, meu pai me aconselharia a manter um ar político. Considerei também que a situação como um todo poderia ter deixado Pietra assustada, afinal éramos desconhecidos.

— Luca — Perla sorriu dando um passo à frente.

— Olá, minha noiva. — O siciliano se curvou e beijou o dorso da mão dela, trazendo-a para si.

— Pietra... — sussurrei seu nome, atraindo a sua atenção para mim.

— Steven. — Ela levantou a cabeça e me encarou. Ficou alguns segundos me digitalizando e eu esperei por um sorriso que não veio.

Cerrei a mão direita em punho, mas busquei manter a compostura. Entretanto, não sabia se conseguiria agir daquele jeito por muito mais tempo se ela continuasse não mostrando nenhum interesse.

Ela tinha sorte. Eu era um homem jovem, que ainda não havia chegado aos trinta, loiro, com olhos azuis e um corpo que trabalhava muito para manter. Pietra deveria estar muito feliz por se casar comigo ao invés de qualquer outro capo velho e decaído do nome do bem da máfia. Porém, não demonstrava empolgação, ela me olhava como se eu fosse a última pessoa do mundo que queria ver.

— Você está linda. — Tentei elogiá-la na esperança de que aquele clima horrível se dissipasse.

Era a segunda vez que eu via a minha noiva e, mesmo que ainda tivéssemos muito que conhecer um do outro, esperava que a atração física contasse ao meu favor

— Obrigada.

— Tenho algo para você. — Coloquei a mão no bolso e peguei a caixa de veludo onde estava a aliança de noivado.

Percebi a irmã dela vibrando de empolgação quando revelei o diamante que havia custado quase um milhão de dólares. Uma joia realmente digna de uma princesa. A outra gêmea pareceu muito mais contente com o anel do que a minha noiva.

Cerrei os dentes e tentei manter o sorriso enquanto os olhos da Pietra estavam em qualquer outro lugar no salão que não fossem nos meus.

— Pietra... — Deixei o tom um pouco mais firme e grosso, fazendo com que ela me fitasse.

Sabia muito bem que aquele teatro todo era fundamental para a máfia e o poder e influência que eu tinha nos Estados Unidos, mas não sabia se suportaria aquela indiferença por muito mais tempo.

— Você está estranha. Não gostou do anel? — Polidez nas palavras era algo que a minha madrasta tinha me ensinado bem, mas até que ponto a minha paciência toleraria aquilo era outra história.

— Sim... — Ela gaguejou, sem jeito. — Eu gostei.

— Pietra! — Marco se impôs ao perceber como a filha estava agindo comigo. Ao menos ele percebeu que eu merecia um pouco mais de estima do que estava recebendo.

— Oi. — Ela piscou os olhos castanhos, como se estivesse hipnotizada.

— A mão — insistiu Marco.

Pietra engoliu em seco e estendeu-a para mim. Ela estava suando frio e com os dedos trêmulos.

Coloquei o anel no dedo dela e curvei-me para beijar o dorso, esforçando-me para continuar sendo gentil enquanto Marco e o restante da família nos observavam.

Ela levantou a cabeça e voltou a vasculhar o ambiente com os olhos, passeando pelos convidados que enchiam a enorme sala da mansão Bellucci.

— Pietra — chamei-a novamente.

— Desculpa. — Esforçou-se para sorrir.

— Não parece animada em me ter aqui.

— Ainda estou me acostumando com a ideia.

— Não é a única, mas eu não pretendo ser um pesadelo para você. Então poderia sorrir um pouco mais. — Fui polido no meu tom, mas firme. Se ela se esforçasse para ser uma boa esposa para mim aquele casamento não precisaria ser uma sentença para nós dois.

Eu sabia muito bem que dentre as opções, era o melhor noivo que ela poderia ter.

— Desculpa.

— Por que não vem dançar comigo? — Suavizei um pouco o meu tom ao oferecer a minha mão para ela.

Ficar rosnando também não faria com que ela ficasse menos assustada diante da minha presença.

— Claro. — Ela me dirigiu um sorriso e colocou a sua mão sobre a minha, aceitando que eu a conduzisse para o centro da sala.

Pietra apoiou as mãos sobre os meus ombros e eu a puxei para mim, pressionando o seu corpo pequeno e delicado contra o meu. Ela era frágil e inofensiva diante do volume e da pressão dos meus músculos.

— Não sou boa em dançar. — Deu um risinho sem jeito.

— Eu também não. — Correspondi ao sorriso, imaginando que daquela forma pudéssemos encontrar algum tipo de conexão. — Só se mova. Dois passos para um lado, dois para o outro. Acho que assim vamos disfarçar.

— Boa ideia, mas imagino que lute bem.

— Eu treino bastante. — Fui modesto.

— Acho que é o suficiente.

— Pode ser.

Os olhos dela fugiram dos meus novamente e tentei puxar assunto e extrair o que poderia estar deixando-a daquela forma e fazendo com que agisse assim.

— Imagino que eu não seja exatamente o que você estava esperando.

— Como assim?

— Não parece tão empolgada comigo quanto a sua irmã com o noivo.

— Perdão se passei alguma impressão ruim. Peço que me desculpe.

— Também não sou o maior fã da ideia de me casar com uma mulher que não conheço, mas assim como eu, imagino que saiba das obrigações que temos com a família e a máfia inteira. — Lembrei-a do motivo de nós dois estarmos ali.

Não era por paixão, não era por escolha, nos casaríamos pelo nosso dever.

Assim como o meu pai tinha se casado com a minha mãe, eu me casaria com uma italiana.

— Eu sei... Steven, não quero que pense que eu não quero você.

— E quer? — questionei.

Esperava dela uma resposta positiva. Afinal, apesar de qualquer medo que ela pudesse ter, eu era um homem que deveria chamar a sua atenção.

Pietra elevou os olhos, engoliu em seco e abriu os lábios. I ssodemorou uma eternidade e quando achei que finalmente teria a minha resposta. Alguém trombou em mim, fazendo com que eu cambaleasse para o lado e me afastasse dela.

— Ei! — rosnei. — Olha por onde anda.

Acompanhei o homem com o olhar até que ele se misturou aos convidados. Tinha espaço o suficiente ao nosso redor para que ele não esbarrasse em mim e tive certeza de que havia sido proposital.

Estava prestes a perguntar quem era para a Pietra quando ela se esquivou de mim.

— Preciso ir ao banheiro. — Não deu brecha para que eu questionasse nem falasse mais nada, apenas seguiu na mesma direção que havia ido o sujeito.

Eu não era um idiota, astúcia sempre fora uma característica presente em mim que me tornava tão bom no meu trabalho. Pietra não tinha olhos para mim porque ela já parecia bem atenta a outra pessoa.

Eu poderia não ter escolhido aquela noiva e nem partido de mim a decisão de me casar, entretanto não consegui ficar menos irritado e ofendido com a sequência de fatos que se sucederam aquela noite.

Fui para a Itália para voltar com uma esposa, mas só consegui humilhação e rejeição. Meu pai poderia falar o que fosse daquela família, mas eu queria distância dos Bellucci.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo um

Di as at uai s...

Movi o meu olhar, acompanhando a linha do salto agulha chegando à sola vermelha do sapato, subindo pelas panturrilhas até alcançar a cintura. A bunda perfeitamente redonda estava exposta, pois a calcinha fio dental servia apenas para dar um charme. As costas nuas estavam cobertas pelo longo cabelo loiro ondulado, que eu puxei, fazendo com que ela tombasse ainda mais a cabeça e meu pau tocasse mais fundo na sua garganta.

— Chupa com mais força. — Ordenei para a mulher ajoelhada entra as minhas pernas.

Não emitii nenhum som, porque era difícil tendo que me engolir, mas aumentou os estímulos, chupando mais e mais rápido enquanto seus dedos delicados massageavam as minhas bolas, fazendo com que eu sentisse ainda mais prazer.

Outro par de mãos delicadas subiram pelas minhas costas e pousaram sobre os meus ombros, começando uma massagem enquanto eu sentia os mamilos roçarem em mim. Fechei os olhos e

me deixei levar pelo momento de estar duplamente bem cuidado. Aproveitei, sentindo a fricção, os beijos e as carícias em mim.

Puxei a loira, fazendo com que ela parasse de me chupar e ela me lançou um sorriso, lambendo os lábios enquanto me encarava.

— Quero as duas de quatro. — Indiquei a cama.

— Sim, chefe. — Elas assentiram, obedecendo de imediato o meu comando.

Eu as vi se curvarem, como gatas manhosas, empinando bem a bunda do jeito que sabiam que eu gostava.

Fui para a cama, percebendo o colchão afundar com o peso do meu corpo e me acomodei atrás delas. Com uma das mãos em cada, contornei as bundas, sentindo o quanto eram macias e redondas e dei um tapa, fazendo-as estalarem e vibrarem ao mesmo tempo. Elas gemeram, mas continuaram no mesmo lugar, à mercê das minhas vontades.

Fiquei atrás da morena, usei as duas mãos para rasgar a fina calcinha com um único puxão e examinei a sua vagina. Já estava molhada e pronta para mim sem eu nem tê-la tocado ali ainda.

A loira rebolou, esfregando a bunda na minha coxa, pedindo por mais atenção e ganhou outro tapa.

— Sou eu quem decido. — Peguei uma camisinha, rasguei a embalagem com o dente e a vesti na minha ereção.

Ela soltou um chiado, mas não falou mais nada enquanto eu puxava a morena pela cintura, encaixando-a em mim num tranco firme, que logo começou a rebolar no meu pau, esfregando a sua bunda na minha pélvis.

— Vem aqui! — Puxei a loira pelo cabelo, fazendo com que ela se levantasse e olhasse para mim.

Sua expressão era entorpecida, ela queria mais enquanto me via foder a outra.

— Quer ser recompensada pelo boquete?

Balançou a cabeça, fazendo que sim, com um ar pidão.

Puxei a sua cabeça, para que a minha boca se unisse a dela. Enquanto a minha língua dominava, ela subiu com as mãos pelo meu pescoço, segurando o meu cabelo e me beijando com avidez. Sua determinação me levou a recompensá-la, subi com uma das mãos por dentro da sua coxa e toquei diretamente o seu clitóris. Ela estava tão molhada que o líquido já havia escorrido e ensopado a

sua virilha. Vibrou quando meu dedo começou a passear pelo seu ponto de maior prazer.

Com uma das mãos nela, usava a outra para segurar a cintura da morena que rebolava em mim insanamente. Eu conseguia perceber o seu prazer pela forma como os músculos do seu canal me pressionavam e ela quicava em mim com cada vez mais afinco. Nossas peles estalavam a cada impacto.

A loira gemia contra a minha boca e eu podia perceber que ela estava chegando ao ápice, então movi o dedo mais rápido até fazê-la gozar. Assim que ela tombou para trás eu soltei a cintura da morena.

— As duas ajoelhadas de frente para mim.

Atenderam sem questionar e eu tirei a camisinha, entregando o meu pau para elas, incentivando-as para que lambessem juntas. Eu já estava perto do ápice e as línguase os dedos logo me fizeram encontrá-lo.

Acariciei as duas ao mesmo tempo, como recompensa por continuarem me chupando mesmo depois que eu havia gozado. Precisaria de um tempo para me recuperar, mas ainda tinha planos para aproveitar muito bem as duas pelo restante da noite.

Revirei os olhos quando vi o meu celular vibrando sobre o móvel de cabeceira. Eu não pretendia ser interrompido naquela noite. Tinha avisado ao meu irmão e ao meu primo que não me ligassem a não ser que fosse de extrema importância.

— Vai atender? — perguntou a loira, lambendo os lábios.

Estiquei o pescoço para ver melhor o número e balancei a cabeça em afirmativa. Então ela pegou o telefone e o entregou para mim.

— Espero que seja importante — atendi num tom ríspido.

— Precisamos nos encontrar. — A voz do outro lado da linha falou sem rodeios. — Tenho um assunto que creio que seja do seu absoluto interesse.

— Onde?

— Pode ser no mesmo local de sempre?

— Sim.

— Estarei lá em uma hora.

— Combinado.

Desliguei a chamada e descii da cama.

— Vai sair? — Elas me olharam com uma expressão chorosa.

— Tenho um assunto importante para resolver.

— É uma pena.

— Fiquem aqui pelo resto da noite, podem pedir serviço de quarto se quiserem. Talvez eu volte.

Não falei mais nada antes de procurar pelas minhas roupas e me vestir.

Quando se tratava dos assuntos da máfia, eles estavam acima de tudo, inclusive do meu prazer.

Saí do quarto, deixando as minhas companhias nuas sobre o lençol branco amarrotado e fechei a porta. Segui pelo corredor bem iluminado e bati na porta do quarto ao lado. O New York Stars era um dos muitos hotéis de luxo que eu e a minha família possuíamos na cidade para lavar dinheiro, mas o lugar também servia para reuniões, de negócio e prazer.

— Chefe! — Bill foi quem abriu a porta. O homem baixo, mas truculento, era a minha sombra. A ele eu confiava a minha vida em vários momentos e ele chefiava os meus soldados.

— Temos que sair.

— Precisa de putas que fodam melhor? — Ele brincou e se não fosse meu amigo eu teria arrancado a sua língua.

— São o suficiente, mas eu recebi uma ligação importante.

— Vou chamar os outros.

— Vai logo!

Bill entrou para o quarto e eu vi os soldados sentados ao redor de uma mesa jogando cartas e outros dois diante da televisão, vendo a reprise de uma partida de futebol americano. Eles estavam ali para me oferecer segurança caso alguém tentasse agir contra o chefe da máfia de Nova York enquanto eu estava literalmente de calças baixas.

Eles saíram do quarto e me acompanharam pelo corredor. Descemos até o estacionamento do hotel onde haviam deixado as motos e eu fui para perto da minha. Fechei a jaqueta de couro à prova de balas e coloquei o capacete.

Logo estávamos acelerando para um terreno abandonado no Bronx onde eu costumava me reunir com pessoas que não deveriam ser vistas comigo.

Ziguezagueando velozmente por entre os carros, eu costurava os veí culos no trânsito. Meu pai tinha me ensinado que dirigir a máfia era como estar no controle de uma motocicleta a cento e cinquenta por hora, qualquer vacilo o estrago poderia ser catastrófico e custaria a minha vida.

Tinha assumido a máfia há alguns meses e acreditava estar fazendo um bom trabalho desde então.

Cheguei perto do local deserto, sem luzes além do farol das motos e reduzi a velocidade, aproximando-me de um veí culo preto que foi pouco a pouco revelado na penumbra. Estacionei a moto, apoiando o pé esquerdo no chão e a desligando.

Meus homens continuaram nas suas, apenas observando de longe. Eles estavam prontos para reagir se algo saísse do controle, garantiriam a minha segurança além da minha própria habilidade de me proteger.

Caminhei devagar até o carro e abri a porta de trás, sentando-me no banco e virando-me para o homem grisalho de terno que já estava ali.

— Steven L ansky

— Felix Turner — disse o nome dele em um tom impositivo.

— É um prazer rever o novo chefe.

— Eu não sei se posso dizer isso sobre o diretor do FBI .

Ele franziu o cenho e eu continuei observando-o.

— Imagino que tenha um assunto importante para me trazer até aqui que não o fez simplesmente ligar para a Fernanda. Apesar do meu pai ter passado o controle para mim, a minha madrasta ainda é o nosso contato com os federais.

— Como é algo que me preocupa muito, acho melhor vir direto ao chefe.

— E o que é?

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um plástico. Dentro dele tinha três comprimidos azuis que brilhavam como se fossem feitos de neon.

— Onde conseguiu isso? — Peguei para examinar melhor.

— Alguns agentes apreenderam ontem em uma batida contra os membros de uma gangue em Edenwald. Achei que fosse do seu interesse saber, se é que não foram vocês que colocaram essa merda nas ruas.

— Essa droga não é nossa!

— I maginei. Afinal, porque iam querer matar os seus consumidores. Essa porra é dez vezes mais viciante e cinco vezes mais mortal do que o crack.

— Quantos morreram?

— Até agora, trinta. Vai aumentar se essa porcaria continuar se espalhando por Nova York, atrapalhando os seus negócios e os meus. Estão chamando de bala de marte e logo vai estar nos noticiários.

— Segure a mí dia.

— Estou fazendo o melhor que eu posso. Mas você sabe como esses desgraçados são. Adoram criar um caos.

— Eu vou descobrir quem está vendendo essa porra no meu território sem a minha autorização e você mantém o assunto abafado.

— Tem que agir logo antes que o prefeito exija de mim uma força tarefa.

— A cidade é minha. Sou eu quem decide quem faz o que aqui.

— Imaginei que fosse me dizer isso. Seu pai mantinha Nova York sob controle e espero que você faça o mesmo.

— Não precisa ter dúvidas. — Abri a porta do carro para descer. — Vou ficar com isso. — Guardei os comprimidos no bolso.

— Me avise se descobrir alguma coisa.

— Digo o mesmo. — Despedi-me do diretor do FBI com um movimento de cabeça e voltei para a minha moto, acelerando para longe dali.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo dois

Agachei-me para mexer a perna em uma rasteira e o Thiago saltou, movendo o corpo para trás, esquivando-se facilmente do meu golpe. Não me deixei abater pela agilidade dele e tentei deferir um soco, que o meu irmão amorteceu facilmente com a palma da mão. Apesar de ser um ano mais novo do que eu, ele estava sempre na companhia do meu pai e dos outros homens da família, aprendendo e se aprimorando e na maioria das vezes eu não podia ir junto, não importava quanta cara feia eu fizesse.

Thiago tentou me acertar com um soco na boca do estômago e eu saltei para trás, cambaleando até recuperar o equilíbrio, mas me esquivei do golpe dele, dando outro que meu irmão evitou com o braço.

— Você está se saindo bem.

— Mentiroso. — Fui para cima dele e Thiago evitou cada uma das minhas tentativas de atingi-lo.

— Ah, Manu, você deveria estar bordando com a vovó ou fazendo qualquer coisa de mulher com a qual não se machucaria.

— Cala a boca! — Avancei com ainda mais raiva e consegui acertá-lo na boca do estômago, mas tudo o que arranquei do meu irmão foi uma gargalhada.

Talvez se eu treinasse mais, e me tornasse mais rápida e mortal eu deixaria se der uma bonequinha de louça dentro de casa e poderia participar da ação de verdade junto com os homens da família. Contudo, eu parecia longe o bastante de me equiparar a eles, também era evidente que não faziam a menor questão que isso acontecesse.

— Você vai se machucar. — Thiago deu um tapa de mão aberta na minha testa, sem a intenção de me ferir, mas foi o suficiente para que eu desse um passo cambaleante para trás.

— Eu não vou.

— Vai pintar quadros que nem a Perla.

— Estou te pedindo opções do que fazer?

— Só nos preocupamos com você.

— Eu posso ser tão boa quanto todos vocês são.

— Mas não precisa. — Meu irmão parou de tentar me atacar para segurar os meus ombros e fazer com que eu encarasse os

seus olhos vibrantes como duas poças de mel.

Balancei a cabeça em negativa e empurrei-o pelo peito, fazendo com que o meu irmão me soltasse. Não era de tinta que eu queria sujar os meus dedos.

— Você sempre terá a mim e ao Lorenzo para protegê-la. — Tocou o meu rosto, mas eu bati na mão dele para que se afastasse. Estava irritada e isso ficou evidente na minha postura.

— Já pensou que quero cuidar de mim mesma?

— Vou repetir, você não precisa.

Antes que eu voltasse a discutir com o meu irmão, ele assumiu um ar mais rígido e estufou o peito, quase em uma postura militar. Vi o meu pai refletido nos olhos do Thiago, então me virei.

Theo Bellucci estava de pé na entrada do galpão e caminhou até nós, alternando o olhar entre mim e o meu irmão antes de dizer qualquer coisa.

— Thiago.

— Pai.

— Temos uma missão para você. Vá até o Romulo que ele irá te passar as informações.

— Certo. — Assentiu com um movimento de cabeça e saiu sem falar mais nada.

Era disso que eu estava falando. Sabia que o meu irmão sairia por aí para matar ou bater em alguém que tinha agido contra nós e era exatamente o que eu queria fazer, entretanto, eu parecia continuar presa sob o cuidado excessivo daquela casa.

— Manuela?

— Oi, pai. — Levantei a cabeça e fitei seus olhos verdes e os cabelos grisalhos que indicavam que a idade estava avançando.

— Deveria estar estudando.

— Já entreguei os exercícios da faculdade.

— Sabe que pode acabar se machucando.

— Ah, pai! Eu sou mais forte do que isso.

— Bom, temos que conversar. — Ele cruzou os braços em uma postura mais firme e estufou o peito.

— Pai, por favor, não me diz que eu preciso parar.

— Venha comigo, Manuela. — Ele se movimentou e indicou o caminho para que eu seguisse na frente. Engoli em seco, prevendo que poderia levar uma bronca.

Meu pai sempre foi muito amoroso comigo, mas também rí gidoem vários momentos como o mundo que viví amosexigia dele.

Caminhei ao seu lado, avançando pelo jardim até chegarmos a um banco de ferro que ficava perto de uma fonte bonita que decorava o nosso jardim. Papai se sentou e bateu ao lado dele para que eu fizesse o mesmo.

— Filha, sabe que todos nós temos que fazer sacrifícios em nome da família. Nos manter vivos e fortes sempre foi a nossa prioridade.

— Eu sei, pai. Se confiassem em mim, tenho certeza de que não decepcionaria em uma missão. Posso ser tão útil para a máfia quanto o Thiago e o Lorenzo.

— Eu tenho uma missão para você.

— Tem? — Meus olhos cintilaram diante pela possibilidade de agir.

— Sim. Você se casará com o Steven L ansky.

— O quê? — A fala dele caiu como uma bomba que eu nem consegui digerir direito.

— Conversei com os seus tios e decidimos que você vai se unir ao americano.

— Não! — Levantei-me do banco num salto como se tivesse levado um beliscão. — Você prometeu que eu não iria ter que passar por isso. — Encarei o meu pai em um misto de tristeza e indignação.

— Eu disse que não pretendia casá-la com ninguém, e por mais que não seja a notícia que você quer ouvir para o bem da família você vai precisar se casar. Depois que a Pietra se casou com o russo, a nossa relação com os americanos foi abalada.

— Eu tenho que me casar porque a Pietra fugiu? — bufava indignada.

— Filha, eu sei que...

— Não, pai! — Esfreguei os olhos, tentando afastar as lágrimas que começaram a cair. — Diz para o tio Marco que você não vai fazer isso comigo. Não tenho que pagar o preço porque a filha dele se casou com o homem que quis.

— Manuela, sente-se aqui. — Meu pai segurou o meu braço e me puxou de volta para o banco, fazendo com que eu batesse a bunda na superfície.

Diante da expressão séria dele, fui obrigada a engolir as lágrimas.

— Sei que não é o que você queria, também não é o meu maior desejo vê-la se mudando para o outro lado do oceano. Se dependesse apenas de mim, a manteria bem perto, onde posso cuidar e proteger, mas a aliança com os americanos é importante para a família.

— O tio Marco tinha que ter pensado nisso antes de deixar a Pietra fugir para Rússia. A culpa é dela!

— Querida, escuta! Pode parecer apenas um final feliz e eu espero que tenha sido, mas se engana se acha que o seu tio concordou em entregar a filha para um russo pensando apenas no que ela queria. Não tínhamos escolha. Qualquer outra decisão nos colocaria numa guerra. Se tivéssemos matado o Mikhail Orlov enquanto ele estava aqui, jogaríamos a Rússia inteira em cima de nós. Sem ajuda dele, a sua prima teria morrido em território inimigo, porque não conseguiríamos invadir o lugar para resgatá-la. Com a morte dela, o Orlov nos culparia, viria para cima de nós e a aliança com os americanos seria rompida da mesma forma.

— Deveria ter outro jeito — murmurei ainda chorosa.

— Eu gostaria de dizer que sim.

— A Nina...

— É só uma criança. — Meu pai me cortou firme. — Você já tem idade para casar. O Lansky é um bom noivo.

— Eu vou ter que me mudar para os Estados Unidos.

— Lamento, filha.

Balancei a cabeça em negativa, enquanto as lágrimas continuavam escorrendo. Eu não queria me casar, não desejava a mesma vida do restante das mulheres da família, sentenciadas a viverem com um desconhecido.

— Posso voltar a treinar? — Esfreguei os olhos para afastar o choro, pois já tinha entendido que não importavam os meus protestos, meu pai não mudaria de ideia quanto a me sentenciar a um marido que eu nem conhecia.

Só tinha visto o cara uma vez, no noivado da minha prima, onde ela foi sequestrada e depois disso tudo virou um caos.

— Vou ajudá-la a melhorar a sua mira. Quer ir para o estande de tiro comigo?

— Sim. — Abri um sorriso discreto.

Era como se o meu pai estivesse me dando um doce depois de ter me atingido com o pior golpe da minha vida.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo três

Desci do carro e troquei olhares com o meu primo Otto antes de caminharmos até o fim da rua e entrarmos em um beco.

Desde a minha conversa com o diretor do FBI ,eu estava rastreando a tal bala de marte pelas ruas de Nova York. Muitos falavam sobre a tal nova droga, mas poucos pareciam ter informações relevantes ao ponto de me levar a uma pista concreta. Pela manhã eu tinha ido a um bordel, conversado com algumas prostitutas e uma delas tinha me dado um rastro sobre um possível traficante que vendida as pí lulas naquele beco.

— O cara está ali. — I ndicou Otto.

Logo que o meu primo falou, vimos um sujeito magrelo, coberto por um moletom e com uma calça jeans rasgada parado sob uma pequena marquise. Ele tirou algo do bolso e entregou para um homem assim que recebeu dinheiro.

Ele olhou para nós e quando me avistou, instantaneamente arregalou os olhos e ficou pálido. Sabia quem eu era e a possível

ameaça que eu poderia representar ao seu negócio. Empurrou o cliente e saiu correndo, sem esperar que disséssemos nada.

— Quero o traficante vivo — avisei para o meu primo e os demais homens que estavam conosco.

Eles assentiram e saí mos correndo atrás do meliante.

Se o sujeito pensava que eu iria deixá-lo fugir antes de fazer as perguntas que precisava, estava bem enganado.

Tinha fôlego o suficiente para uma perseguição e iria abusar disso. Corri pelo beco, pisando em uma poça d'água pelo caminho e alcancei uma grade que fechava o lugar, comecei a escalá-la quando o traficante caiu do outro lado e rolou alguns metros até ficar de pé. Subi rapidamente, usando os buracos da grade e saltei, caindo de pé, provocando um barulho com o impacto no chão. Continuei correndo, sem esperar que os outros se juntassem a mim.

Dobrei a esquina quando o sujeito fez o mesmo, correndo por uma rua com várias placas e letreiros em chinês. Estávamos na China Town, mas o cara que eu perseguia não parecia ter traços asiáticos.

Ele entrou em uma loja e eu fui atrás, empurrei um senhor que apareceu no meio do meu caminho e ignorei quando ele

começou a xingar-me em uma língua que eu desconhecia. Apoiei as mãos no balcão de vidro e saltei para o outro lado, indo para o estoque. Passei entre as prateleiras, me guiando pelo som dos passos, até que ouvi o primeiro disparo.

Protegi-me atrás de uma prateleira para pegar a minha arma. Atirei de volta, apenas para ameaçar. Queria o maldito vivo para descobrir onde ele conseguia aquelas drogas.

Ultrapassei uma das prateleiras e dei um passo para trás ao notar que outra estava caindo e por pouco não me atingiu. Tomei impulso e saltei por cima dela.

Continuei correndo.

O traficante não era tão bom manuseando uma arma e não conseguia atirar e correr ao mesmo tempo, então escolheu a opção que parecia aumentar as suas chances de sobreviver. Só que para o azar dele, eu era mais rápido.

Saiu da loja e seguiu pela rua de trás, era outro pequeno beco, com lixeiras enormes, ratos que se assustaram com a nossa movimentação e um cheiro terrível de esgoto.

O homem continuou correndo, mas se deparou com um muro enorme, o qual não conseguiria saltar. Virou-se para mim e apontou

a arma, mas antes que ele conseguisse disparar, acertei o cabo do revólver e o impacto forçou o traficante a soltá-lo. Guardei o meu no coldre e caminhei para mais perto, com meu primo chegando ao meu lado instantes depois.

— Vai me matar? — Questionou o traficante.

— Provavelmente, mas não vai ser rápido. — Antes que ele falasse qualquer outra coisa, dei um soco na cara dele e fiz com que caísse desacordado.

Logo ouvi o som de pneus cantando e soldados pararam com os carros para que fôssemos embora. Deixei que o Bill com a ajuda de outro pegassem o traficante e o colocassem no porta-malas.

Entrei no banco de trás e o meu primo se acomodou comigo.

— O que acha que ele sabe?

— Vamos descobrir daqui a pouco. Ninguém vende drogas em Nova York sem comprar da gente. Se ele acha que pode dar uma de esperto está muito enganado.

— Vou avisar o River que pegamos um dos caras.

— Deixa para depois, meu irmão foi até o outro lado da cidade atrás de mais um cara que pode nos dar informações.

— Certo.

Virei a cabeça, olhando para fora enquanto o carro se movimentava até uma fábrica abandonada que usávamos para reuniões e interrogatórios.

Fui o último a descer do veículo assim que esse estacionou diante de velhos portões de aço, carcomidos por ferrugem. Observei o vento soprar o mato e fazê-lo balançar de um lado para o outro antes de entrar no espaço com cheiro de poeira.

Vi o Bill arrastar o cara e jogá-lo sobre uma cadeira, atando-o aos braços de metal. Ainda desmaiado, o homem ficou o tempo todo de cabeça baixa.

— Pega a mesa — ordenei ao meu capanga.

— Sim, chefe.

Fiquei de pé, de braços cruzados, observando a respiração fraca do traficante que movia o seu peito para cima e para baixo. Assim que ouvi o som das rodas que rangiam pela falta de graxa, virei a cabeça e Bill parou a mesa do meu lado.

Peguei o balde que estava cheio de água barrenta e joguei na cara do sujeito, fazendo com que ele acordasse no susto.

— Ainda não me matou?

— Eu disse que não seria tão rápido.

— É melhor me matar logo, eu não tenho nada para te contar.

— Veremos daqui a alguns minutos.

— Vocês acham que mandam em Nova York, mas estão enganados.

— Acredito que eu não seja a pessoa enganada aqui. — Olhei para a mesa e escolhi um rolo de plástico de cozinha.

— O que vai fazer com isso?

— Meu primo poderia enfiar no seu rabo, mas o que ele faz é mais divertido. — Otto debochou. Ele ainda era jovem e talvez precisasse de mais tempo para compreender a seriedade do momento.

— Quem vendeu a pí lula de marte para você? — perguntei firme para o traficante de rua.

O sujeito na minha frente era um peixe pequeno, mas eu iria usá-lo para chegar a quem realmente estava por trás daquele esquema.

— A sua mãe.

— Acha que pode brincar comigo? — O meu olhar fez com que ele estremecesse.

Abri o rolo de plástico e passei ao redor da cabeça dele, comprimindo a sua boca e o seu nariz, fazendo com que ele não conseguisse mais respirar. Fiquei observando enquanto o cara se debatia na cadeira, com a boca aberta, a falta de ar o deixava em completo desespero.

Passei a unha no plástico, onde cobria a sua boca e ele sugou o ar com força, engasgando.

— Vou perguntar de novo, quem sabe a falta de ar no seu cérebro o tenha ajudado a pensar direito. Quem vendeu as pí lulas?

— Acha que eu não vou morrer se eu cont... — Enrolei sua boca com plástico novamente.

Ele chacoalhava na cadeira com agonia e eu apenas observava de braços cruzados. Quando percebi que estava prestes a perder a consciência, furei mais uma vez o plástico e ele engoliu o ar.

— Pode morrer rápido ou devagar. A escolha é sua. Honestamente, iria me divertir bastante passando horas te

sufocando. Posso fazer isso até amanhã, tenho certeza de que você não vai morrer nem dormir.

— Por favor, não...

— Se acha que eu não tenho poder em Nova York é porque ainda não percebeu quem decide quem vive ou morre.

— Sufoca ele de novo — instigou Otto, meu primo parecia estar se divertindo com a situação.

Abri o plástico e a tensão dele estalou no ar.

— Não! Eu falo!

— Pode começar.

— Eu não sei o nome do cara. Ele me abordou quando eu estava na rua vendendo heroína. Disse que tinha um esquema para que eu ganhasse muito mais dinheiro e me deu algumas pilulas. Meus clientes ficaram pirados. Quanto mais eu vendo, mais eles querem.

— E quantos desses morreram?

— Sei lá! Eu não ligo para quem vive ou morre. — Deu de ombros. — Mas considerando os que não voltaram para comprar

mais, acho que uns cinco.

— Cinco pessoas em quanto tempo?

— Pouco menos de uma semana.

Aquela porra era tão letal quanto o diretor do FBI havia me alertado.

— Quero um nome. — Estiquei o plástico de novo.

— Já disse que eu não sei.

— Sim, você sabe.

— Ele não falou. — O homem começou a chorar.

— Sabe descrever o maldito pelo menos?

O traficante balançou a cabeça, fazendo que sim.

— Agora eu ligo para o River? — Otto tocou o bolso.

— Pode dizer para ele vir para cá. Vamos precisar dos seus talentos como ilustrador.

Ouvi o meu primo no telefone com o meu irmão enquanto encarava o sujeito que me olhava com uma expressão de pavor. Ele

tinha acabado de descobrir que me desafiar não era o melhor caminho.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo quatro

Entrei no meu quarto e fechei a porta. Dei passos cambaleantes e joguei-me de frente, afundando o rosto no meu travesseiro. Não queria mais chorar, estava me esforçando ao máximo para isso e acreditava que poderia ser forte o bastante ou talvez se eu rezasse o suficiente, o Deus bondoso que a minha avó falava tanto me tiraria daquela enrascada.

Ouvi uma batida na porta e tentei ignorá-la. Afundei a cabeça ainda mais no travesseiro e usei-o para cobrir os meus ouvidos, mas a pessoa do outro lado foi insistente.

— Manu.

— Mãe?

— Posso entrar?

— Pode. — Levantei a cabeça e me sentei na cama, esfregando os meus olhos. Queria espantar o choro, mas tenho certeza de que só os deixei ainda mais vermelhos.

— Ah, meu amor. — Ela entrou no quarto e me envolveu com os seus braços acolhedores.

Com o meu pai eu tinha aprendido a ser valente e forte, mas a minha mãe havia me mostrado que tudo poderia ter um pouco de graça e gentileza.

Afundi a cabeça no peito dela, escondendo o meu rosto e abafando os meus soluços.

— Seu pai me contou.

— Eu quero ficar aqui.

— Também adoraria que você pudesse ficar. — Afagou o meu cabelo enquanto o meu choro voltou a se tornar forte.

— Fala para ele, pede ao papai para mudar de ideia. Ele ouve você, mãe. Por favor.

— Querida. — Minha mãe puxou o meu rosto e fez com que eu a encarasse. Seus dedos macios escorregaram pela minha face, afastando os fios de cabelo que grudaram no caminho deixado pelas lágrimas. — Meu casamento também não foi fácil.

— O papai ama você.

— Nem sempre foi assim. Seu pai matou o meu irmão e isso fez com que eu o odiasse. Superar esse sentimento foi o maior desafio que eu enfrentei.

— Eu não quero ter que ficar longe de vocês.

— Também não sou a maior fã da ideia de perder a minha menina. — Mamãe acariciou o meu rosto com carinho fazendo com que eu continuasse a encarando. — Mas você poderá construir a sua própria família.

— Com um homem que nem conheço?

— Não é a primeira mulher da máfia que passa por isso e não será a última. Por mais assustador que seja lembre-se sempre de que você é filha de Theo Bellucci. — Ela apontou para o meu peito. — Você tem coragem o suficiente para enfrentar qualquer obstáculo e eu confio que vai dar conta de lidar com esse.

— Mas como será sem vocês?

— Vamos visitá-la.

— Promete? — Levantei a cabeça, engolindo as lágrimas que já pareciam mais fáceis de suportar.

— Prometo. — Mamãe se curvou e deu um beijo na minha testa.

Puxei-a para mais perto, aninhando-me no seu peito e fiquei ali por todo tempo que me permitisse.

Eu não queria me casar, não queria ter que me mudar para o outro lado do oceano e muito menos abandonar todos os que eram tão importantes para mim. Porém, havia nascido em um mundo onde a minha vontade não era o bastante principalmente quando se era uma mulher.

Pietra tinha escapado do casamento com Steven Lansky quando se apaixonou pelo russo, mas esse fardo acabou se tornando meu, infelizmente eu não tinha nenhum candidato mais poderoso e influente do que o *capo* americano para mudar aquele jogo.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo cinco

Friccionei as mãos uma na outra enquanto observava o sangue escoar pelo ralo, esfreguei os meus dedos para me livrar do que havia secado e levantei a cabeça, observando os meus olhos azuis no espelho. Inspirei profundamente ao puxar a toalha de rosto para me secar nela.

Dei um passo para fora do banheiro e cruzei com o meu pai no corredor. Ele desceu os olhos de cima abaixo e me analisou antes de fazer qualquer comentário.

— Seu irmão me disse que pegaram um dos traficantes que estava vendendo a droga nova.

Balancei a cabeça fazendo que sim e coloquei as mãos nos bolsos.

— O cara era peixe pequeno, recebeu as drogas de alguém e começou a vender no ponto que já frequentava. River fez um desenho de quem supostamente vendeu as pí-lulas, mas é um tiro no escuro, porque não sabemos quem ele é ou de onde veio.

— Você vai fazer um bom trabalho para descobrir.

— Espero que sim. — Permaneci sério.

Meu pai evitava falar sobre os assuntos da máfia, palpitava apenas nos mais críticos, como aquela droga perigosa. Depois que ele havia decidido deixar o império da família nas minhas mãos, tentava demonstrar a sua confiança de que eu podia cuidar bem de tudo e até o momento eu não o havia decepcionado.

— Temos que conversar, Steven. — Ele rompeu o silêncio.

— Vou acabar com o desgraçado que botou essa droga no nosso território, pai. Não se preocupe.

— Não é sobre isso, filho.

— Então, o quê?

— Os Bellucci.

— Nosso assunto com eles terminou quando a Pietra se casou com outro homem. Acho que aqueles italianos malditos já nos humilharam o bastante nos fazendo participar daquele circo para que a situação acabasse da forma que acabou.

Meu pai negou com a cabeça e indicou o caminho até o escritório que agora era meu. Lucian não tinha mais a mesma autoridade na máfia, pois ele havia decidido passá-la para mim,

entretanto, ele ainda era o meu pai e eu o respeitava, por mais que aquele assunto me deixasse puto.

Entramos no cômodo e meu pai fechou a porta antes de se voltar para mim.

— Sei que você está irritado.

— Irritado? — Revirei os olhos num ar de revolta e ri de nervoso. — O que fizeram conosco foi uma ofensa enorme. Concordei com esse maldito casamento para no fim eles voltarem atrás e deixar que ela se casasse com a merda de um russo.

— Foi humilhante, eu sei.

— Que bom que sabe. Então assunto encerrado. — Dei um passo na direção da porta para sair, mas meu pai segurou o meu braço, detendo-me.

— Não, Steven. Os Bellucci são nossos maiores aliados.

— Eles nos destratam desse jeito e ainda acha que temos que abaixar a cabeça para eles? Fodam-se os italianos, pai. Estamos nos Estados Unidos e aqui quem manda são os Lansky.

— Alianças são cruciais para máfia.

— O que você quer que eu faça? — Cruzei os braços ainda em um evidente descontentamento. — Aperte a mão do Marco Bellucci e diga que tudo vai ficar bem entre nós depois que ele me prometeu a filha dele e mudou de ideia? Acha que eu tenho que engolir esse sapo em nome da máfia?

Eu estava puto, irritado ao pensar naquela história e na ofensa que me fora cometida. Queria mais era que aqueles italianos apodrecessem no inferno ou na melhor definição de sofrimento que encontrassem. Por maior que pudessem ser os nossos laços com o velho continente, eles tinham que entender que não éramos peões que abaixavam a cabeça e aceitavam tudo calados. Tínhamos o nosso próprio território, poder e regras.

— Eles entendem a gravidade da situação. Estão cientes que não agiram da melhor forma conosco.

— Que bom que entendem. Talvez eu aceite um pedido de desculpas se ele vier acompanhado de uma tonelada de cocaína.

— Eles têm outra noiva para você.

— Outra noiva? Está brincando comigo? — Cerrei os dentes.

— Se casar com uma Bellucci seria muito importante para você, não apenas estreitaria a nossa relação com eles como

fortaleceria o seu poder.

— Eu prefiro me casar com uma puta a uma Bellucci.

— Não diga isso.

— Mesmo que arranquem a Pietra do russo, eu não a quero mais. A ofensa já foi feita.

— Não é a Pietra.

— Vão deixar mais alguém a ver navios e dessa vez será o Mancini?

— O noivado da Perla com o siciliano será mantido. Eles ofereceram a Manuela.

— Marco só tem duas filhas.

— Manuela é filha do Theo.

— Então ela é um prêmio de consolação já que o chefe não tem mais nenhuma filha para me entregar.

— Manuela ainda é uma Bellucci e Theo é o *consigliere* e tem tanta influência na Itália quanto o próprio Marco.

— Foda-se, não vou me casar com ela.

— Steven, é um casamento importante. A sua mãe sequer era uma Bellucci, mas a união foi crucial para mim.

— Agora você está muito bem com a Fernanda.

— As circunstâncias foram outras. — Ele afunilou os olhos, estava tentando me convencer, mas meu pai sabia muito bem de quem eu havia herdado o jeito cabeça-dura de agir.

Aquele era um mal inegável a todos os Lansky, se colocássemos algo na cabeça, ninguém tirava.

— Eu posso escolher uma esposa quando eu estiver a fim de me casar. Por enquanto eu gosto de ter mais de uma na minha cama.

— Steven...

— Pai, manda os italianos se foderem.

— Sabe que não podemos fazer isso.

Mordi o lábio inferior e continuei com os dentes, a minha irritação não parecia o suficiente para que o meu pai deixasse de insistir no assunto.

Crescera ouvindo sobre os italianos, não havia quem no mundo da máfia não conhecesse o sobrenome Bellucci. Eles eram a realeza no nosso mundo, mais do que poder, tinham status e por mais irritado que estivesse, a parte racional de mim tentava me chamar atenção para isso.

— Não vou abaixar a cabeça para eles e fingir que nada aconteceu.

— Eles estão cientes do aborrecimento que nos causaram.

— Isso não é suficiente. — Bufei.

— Posso confirmar a nossa ida para o noivado?

— Não.

— Steven!

— Eu não vou até lá e me prestar àquele teatro novamente. Vou para lá apenas para me casar e trarei a noiva para cá no mesmo dia. Se não for assim eu não me caso.

— É uma exigência?

— Sim. O mínimo depois do que nos fizeram passar

— Informarei isso a eles.

— Certo.

— Filho, esse casamento é importante.

— É por isso que vou me casar, mas apenas sob os meus termos. Não me farão de idiota de novo.

— É uma boa atitude para um chefe.

— Obrigado, pai.

Ele balançou a cabeça e eu puxei a maçaneta da porta. Estava faminto, passaria na cozinha para pegar algo para comer e procuraria o meu irmão, para que juntos do nosso primo continuássemos a nossa missão que era muito mais importante.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo seis

Meu cabelo preso em rabo de cavalo pendulava nas minhas costas enquanto eu saltava a cada momento em que a corda tocava o chão. O suor escorria pelo meu rosto, deslizando pelo pescoço e molhando o top que eu estava usando. Tinha começado o dia fazendo exercícios e esperava que movimentar o meu corpo me fizesse pensar menos.

— É verdade?

— Verdade? — Apoiei os dois pés no chão e segurei a corda ao virar o meu corpo e ver que o meu irmão estava atrás de mim.

Lorenzo ficou me analisando enquanto eu me curvava para pegar uma garrafa d'água que havia deixado no chão do jardim e tomava alguns goles.

— Você vai se casar?

— Quem contou para você? — Passei a mão pelo rosto, jogando o suor na grama e estufei o peito para manter a postura.

Havia passado a noite inteira chorando, mas não queria que me vissem como a garota fraca que não conseguia lidar com as

responsabilidades de ter nascido naquela família.

— Ouvi uma conversa do papai com o Thiago.

— É, parece que vou me mudar para os Estados Unidos.

— Isso não é justo.

Engoli em seco e continuei com o peito estufado. Também não achava justo, mas o que eu pensava já não parecia crucial para a situação.

— Todos nós estamos a serviço da família.

— Eu não quero que você vá embora.

— Vão se virar bem sem mim.

— O Thiago não vai conseguir.

— O Thiago? — Levantei a sobrancelha e soltei uma risadinha.

— Talvez eu também não.

— Vão ficar bem, Lorenzo.

— Espero que você também fique.

Balancei a cabeça em afirmativo e me esforcei para sorrir. Lembrei-me das palavras da minha mãe, eu era filha do Theo Bellucci e poderia enfrentar qualquer desafio, por mais que ele se mostrasse assustador.

— Vou ficar. — Passei a mão na minha corda e voltei a saltar.

Engoli as lágrimas que queriam cair. No momento elas não me ajudariam em nada.

— Manu?

— Oi, Lorenzo.

— Por que você não toma um banho e a gente sai para tomar um sorvete?

— Não gostam que a gente saia.

— A casa está cheia de soldados. Papai está trancado no escritório com tio Marco, acho que o Romulo pode nos acompanhar com mais alguns homens.

— Pode ser. — Parei de saltar novamente e enrolei a minha corda.

— Você vai?

— Depois do banho.

— Ótimo! Vou conversar com o Romulo e esperamos por você.

Balancei a cabeça em afirmativo e deixei o meu irmão caçula no jardim. Segui por um caminho de pedras até o interior da casa e passei por uma porta dos fundos. Atravessei a cozinha e pretendia fazer o mesmo na sala para subir a escada até o andar superior da mansão quando a minha avó me chamou.

— Com pressa, Manuela?

— Só indo tomar banho, vó. — Girei nos calcanhares para encará-la sentada no sofá.

A matriarca dos Bellucci abaixou o bordado e me observou detalhadamente.

— Cansada?

— Só suada.

— Quer jogar cartas comigo?

— Prometi ao Lorenzo que íamos juntos tomar um sorvete. Fiquei de tomar banho enquanto ele conversava com os soldados.

— Faz muito bem passar um tempo com o seu irmão. Não tem nada mais importante do que a família.

— Sim, a família — repeti com um gosto amargo na boca só de pensar que eu teria que ficar longe da minha.

— Eu posso ir com vocês?

— Oh! — fiquei surpresa. — Claro que sim.

— Me fará bem sair um pouco dessa casa. Vá tomar o seu banho e volte aqui para acompanhar a sua avó.

— Combinado.

Apressei o passo e terminei de subir as escadas, mas antes de conseguir chegar ao meu quarto, cruzei com a Perla. Ela estava com algumas manchas de tinta e o cabelo preso em um coque, provavelmente estava pintando um dos seus muitos quadros.

— Manuela.

— Oi, Perla. — Tentei manter a voz em um tom neutro, mas não sabia se havia me saído do bem em relação a isso.

— Fiquei sabendo.

Meu corpo ficou tenso e eu assumi imediatamente uma postura defensiva.

— As notícias correm rápido nessa casa.

— É, talvez.

— Torço para que você seja feliz.

— Espero que a sua irmã esteja sendo. — Mantive a postura e falei num tom mais sério. Por mais que Perla não tivesse culpa do que estava acontecendo comigo, de certa forma se ela tivesse que escolher um lado não seria o meu. Não que eu a julgasse por isso, porque não tinha dúvidas de que decidiria pelos meus irmãos, mas a atitude da Pietra acabou me colocando naquela situação.

— Ela está onde queria estar.

— Ao menos uma de nós pode escolher. — Ri, mas havia um ar triste por debaixo do sorriso.

— Não significa que estejamos sentenciadas a uma vida ruim.

— Eu espero que não. — Dei de ombros. — Se me dá licença, eu preciso tomar banho porque estou pingando suor.

— Vai lá! — Deu um passo para o lado e deixou que eu passasse.

Segui pelo corredor e adentrei o meu quarto. Assim que fechei a porta eu cerrei os punhos e os lábios para conter o meu impulso de gritar. Manter a postura de que tudo ficaria bem era muito mais difícil do que parecia.

Tomei um banho, troquei as roupas de ginástica por um vestido limpo azul-marinho, depois desci de volta para a sala de estar onde encontrei meu irmão aguardando ao lado da minha avó.

— Pronta? — perguntou-me Lorenzo.

Balancei a cabeça fazendo que sim.

— Vamos, vó! — Ele fez um gesto para que a senhora nos seguisse.

— Qual seu sorvete favorito? — ela perguntou ao neto.

— Gosto de chocolate, mas também tem aqueles sabores especiais que são muito bons.

— E você, Manuela? — Vovó moveu a cabeça para encontrar o meu olhar.

— Acho que frutas vermelhas.

— Acha?

— Não me lembro ao certo.

— Então vai se recordar lá na sorveteria.

Eu estava empolgada com o passeio. Iriame fazer muito bem congelar o cérebro com algo suficientemente frio e não pensar em mais nada, entretanto, antes que botássemos o pé para fora da sala, meu pai apareceu.

— Manuela? — falou com a sua voz firme e impositiva.

— Oi, pai! — Lorenzo sorriu para ele enquanto eu continuei parada no mesmo lugar, sem me arriscar a dizer qualquer coisa.

— Vamos até a sorveteria, filho. — Vovó colocou as mãos na cintura. Era a única que não parecia se impactar diante da presença ameaçadora dele.

— Preciso falar com a Manuela.

— Não pode ficar para depois? — Ela tentou evitar que os nossos planos fossem interrompidos.

— Não.

— Mas, Theo...

— É um assunto importante, mãe.

— Podemos esperá-la para ir? — Lorenzo encarou o nosso pai com um ar suplicante, fazendo com que ele alternasse o olhar entre nós dois antes de assentir.

— Acho que não vai demorar muito. — I ndicou o caminho para que eu fosse na frente e segui sem falar palavra alguma, muito menos ousar discutir. Sabia da autoridade do meu pai e era a minha obrigação respeitá-la.

Fomos andando até o escritório do tio Marco, onde o chefe da famí lia e da máfia estava sentado atrás da mesa escura de madeira, girando um charuto ente os dedos. Quando me avistou, guardou o objeto dentro de uma caixa e ajeitou a postura.

— Manuela.

— Oi, tio.

Seria mentira se dissesse que no fundo não estava com raiva dele, mas falar isso em voz alta não mudava nada. Havia um ditado que a vovó contava muito que valia para mim naquele momento: *manda quem pode e obedece quem t em j uí zo.*

— Seu pai já conversou com você sobre o casamento.

Balancei a cabeça, fazendo que sim, ainda que houvesse sido uma afirmação e não uma pergunta.

— Quando vai acontecer? — Fui atrevida o bastante para deixar que a indagação escapasse pela minha boca.

— Você já tem vinte e um anos, está na idade e devido aos acontecimentos queremos remediar a situação com os Lansky o quanto antes.

Respirei fundo, eu não podia chorar na frente do meu tio, por mais que cada vez eu tivesse mais certeza de que não teria muito mais tempo.

— Preciso me preparar para o noivado, então.

— Não haverá festa de noivado.

— Por que não? — fiquei surpresa com o fato.

Imaginava que aquela festa pudesse me dar mais algum tempo ou pelo menos uma oportunidade de conhecer melhor o meu futuro marido antes que os votos fossem trocados.

— Steven virá apenas para o casamento e depois disso você irá com ele para os Estados Unidos.

Virei a cabeça, procurando os olhos do meu pai sabendo que os meus estampavam um misto de choque e indignação.

— Diante do que aconteceu é uma condição que tivemos que acatar. — Meu pai me esclareceu, mas não tornou mais fácil.

— Eu não vou vê-lo antes de me casar?

— Infelizmente não.

— Sem conversa também, eu imagino.

— Poderão se acertar quando o casamento acontecer. — Tio Marco foi firme, como se fosse simples assim, entretanto eu sabia que não tinha brecha para discutir.

— O casamento ocorrerá aqui, pelo menos?

— Sim. Na mesma igreja onde todos os Bellucci se casam há séculos.

— Quando?

— Em duas semanas.

— Precisarei de um vestido.

— A estilista virá amanhã vê-la — sinalizou o meu pai. —
Tudo o que for necessário para a cerimônia será providenciado.

Balancei a cabeça em afirmativo, sentindo como se uma bola houvesse se formado na minha garganta, não conseguia falar direito e respirar parecia pior ainda, porém, eu me esforcei para me manter firme.

— Obrigada.

Eles se entreolharam e assentiram. Talvez eu esperasse um *si nt onui t por t ê-l ærr ast adpar ai sso*, mas o que meu tinha para falar já havia sido dito.

— Eu posso ir agora?

Meu pai esperou um balançar da cabeça do meu tio antes de dizer apenas:

— Pode.

Deixei o escritório com uma sentença, em pouco mais de 15 dias a minha vida ao lado da minha família e de todas as pessoas que eu mais amava iria acabar para que eu fosse obrigada a viver com um desconhecido.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo sete

Desci do carro e movia cabeça, observando o River balbuciar algo até perceber que o meu irmão estava falando comigo. Ao contrário de mim, que havia puxado os traços do meu pai, River era muito mais parecido com a minha madrasta, com olhos e cabelos castanhos. Apesar de bom lutador e estrategista, ele tinha um ar muito mais descontraído e uma postura menos séria do que a minha, mas como subchefe, ele poderia ser menos rígido que eu.

— Animado para o casamento?

— Não é um assunto que você deveria estar puxando agora.

— Ao menos ela é bonita. A troca não foi tão ruim, arrisco a dizer que você até saiu no lucro.

— Como sabe se nem a viu? — Franzi o cenho ao dirigir para ele uma expressão de poucos amigos.

— Pessoalmente não, mas bastou alguns minutos de uma busca na internet para encontrar uma foto da Manuela Bellucci.

— Andou *st al keanda* minha noiva?

— Ela nem era a sua noiva ainda.

— Onde está a imagem? — Estendi a mão.

— Achei que não estivesse interessado — provocou o caçula, mas aquele não era um bom dia para fazer isso.

— Mostra a porra da foto.

— Como quiser, chefe. — Levou um tempo para que ele abrisse o próprio celular e me entregasse. — Aí está.

Eu poderia até ter esbarrado com ela em algum dos corredores da mansão ou mesmo na minha festa de noivado, mas admito que não havia reparado em nada nem ninguém, só queria que o momento acabasse e ele não acabou da melhor forma.

Fitei a tela do celular do meu irmão e observei a imagem da Manuela Bellucci, minha futura esposa se a família dela cumprisse a palavra. Era mais velha do que a Pietra, isso era evidente pelos seus traços, mas ainda assim, mais jovem do que eu. Tinha olhos e cabelos tão escuros quanto uma noite sem estrelas, mas a pele era clara e boca levemente avermelhada.

— Bonita. — Devolvi o aparelho para o meu irmão.

— Só bonita?

— Já trepei com mulheres mais interessantes.

— Se quiser eu posso dar um jeito nela.

Cerrei os dentes e o meu irmão se encolheu, arrependendo-se do que havia dito.

— Só estava brincando.

— Vamos tratar de um assunto mais importante.

— Sim, chefe. — Ele tateou o coldre para se certificar de que a arma estava ali e assumiu uma postura mais firme assim que nos aproximamos com os soldados da entrada da boate no Queens. A fila estava repleta de jovens que já bebiam antes mesmo de entrar no ambiente, sentia o cheiro de entorpecentes, esses que eu mesmo era responsável por colocar nas ruas, mas até o momento não havia nada fora do esperado.

Depois de ter feito algumas perguntas com o desenho do River, havia conseguido uma pista de que um cara com aquelas descrições frequentava o lugar. Poderia ter mandado o meu irmão ou o meu primo para verificarem, mas se queria o assunto bem resolvido era melhor que cuidasse eu mesmo.

Quando nos aproximamos, os seguranças nos encararam, mas assim que me viram deram um passo para trás, num reflexo ao

susto.

— Lan... Lansky..

— Saiam do meu caminho — ordenei com a voz autoritária que havia aprendido muito bem e os homens não pensaram duas vezes antes de fazer um gesto para que entrássemos.

— Sejam bem-vindos.

Não respondi, apenas segui caminhando e os homens comigo me seguiram. Os clientes que já estavam dentro da boate começaram a olhar para nós, alguns estavam curiosos, o restante que tinha a certeza de quem eu era, foi esperto o bastante para dar um passo para trás.

Ouvi um disparo, antes que o impacto fizesse com que eu tombasse, diante da pressão intensa no meu peito. Antes que eu me desse conta de que havia tomado um tiro, meu irmão e meus homens começaram a se movimentar e tiraram as suas armas.

Levou um tempo até que conseguisse me recuperar do impacto, mas rosnei ao ficar de pé e arranquei a bala que havia ficado encrustada na minha jaqueta. Às vezes eu assava dentro daquele tecido espesso, mas ele era a garantia que eu não acabaria morto caso fosse surpreendido daquela forma.

As pessoas começaram a correr e a gritar desesperadas diante dos disparos. Elas iam para a saída da boate, buscando escapar da linha de fogo, mas acabavam pisoteando umas nas outras e os gritos e desesperos se tornavam ainda mais altos.

Observei entre as poltronas e mesas quem estava efetuando os tiros. Havia três homens que tinham se escondido atrás dos encostos para que não fossem alvos fáceis.

Antes que outra bala me atingisse, eu corri e saltei o balcão do bar, empurrando para o lado o barman. Ele nem resmungou, apenas encolheu-se no espaço abaixo onde acreditava estar seguro e cobriu os ouvidos com as mãos, esperando que o tiroteio terminasse.

Tentaram me atingir novamente, mas tudo o que conseguiram foi estourar algumas das garrafas que estavam atrás de mim, espalhando álcool e vidro em todas as direções.

Aproveitei que um havia colocado a cabeça para cima do encosto para enxergar melhor e fui mais rápido, acertando-o bem no meio dos olhos.

A adrenalina que pulsava em meu sangue fazia com que eu ficasse em alerta e correspondesse a cada um dos disparos.

Haviam me atingido com a guarda baixa, mas isso não voltaria a acontecer.

Bill acertou um dos caras, restando apenas outro que logo caiu com um disparo de outro dos meus soldados.

Os tiros cessaram, mas os gritos de desespero dos clientes da boate não. Eu não sabia se algum deles poderia ter sido atingido, mas não era a minha maior preocupação no momento. Logo os paramédicos chegariam e a polícia também, mas eu precisava sair dali antes se não quisesse problema desnecessário.

Saltei de trás do balcão quando meus homens pararam na minha frente.

— Como você está? — perguntei ao River, não queria dar satisfações à Fernanda se chegasse em casa com o meu irmão faltando um pedaço.

— Eu estou ótimo, foi você quem levou um tiro.

— A jaqueta absorveu.

— Ótimo.

Limpei os cacos de vidro e os respingos de álcool que estavam na minha calça preta e caminhei até os homens que

havam iniciado o tiroteio.

Bill puxou um deles pelo ombro e o jogou no chão.

— Esse parece familiar?

— É o cara que eu desenhei — comentou o River.

— Acho que ele não vai ter muito o que falar morto. — Bill deu um chute no cadáver para ter certeza de que ele não reagiria.

— Droga! — resmunguei ao me ajoelhar.

Tateei os bolsos do morto até encontrar um saco com as mesmas pí lulas de marte que me foram entregues pelo diretor do FBI .

— Acho que pegamos o cara — disse o meu irmão quando me levantei. — Problema resolvido.

Eu não disse nada, apenas dei as costas e segui para fora da boate ao ouvir o som das sirenes. Tí nhamosque ir embora antes da chegada da polí cia, pois eu não queria dar satisfações. Entretanto tinha a sensação de que aquele assunto estava bem longe de ser solucionado.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo oito

— Você é uma noiva muito linda. — Ouvi a vovó dizer quando entrou no quarto e me viu escorregando os dedos pelo tecido do meu vestido.

Aquela era a terceira e última vez que eu o estava experimentando, pois o casamento aconteceria naquele dia. Eu não poderia negar que havia remói do a ideia e pensado em fugir várias vezes durante os dias que antecederam aquele momento.

Entretanto, ao contrário da Pietra, eu não tinha para onde ir e nem alguém poderoso o suficiente para fazer com que o jogo virasse. Não queria ficar pensando no quanto deveria estar sendo mais fácil para ela, ou na possibilidade de eu estar completamente enganada e a minha prima estar sofrendo alguma dentre todas as atrocidades que ouví amos quando se tratava dos russos.

Pietra havia tomado o caminho para a vida dela e ali estava eu tomando o meu. Queria ter certeza de que se não fosse o que havia acontecido eu realmente nunca me casaria com ninguém a mando do meu pai, mas eu sabia como a máfia funcionava...

— Manuela? — chamou a minha mãe fazendo com que eu saísse do meu devaneio.

— Oi.

— Sua vó.

— Ah, obrigada pelo elogio.

— Minha neta. — Vovó segurou a minha mão entre as suas enrugadas e fez com que eu olhasse diretamente para ela.

— Oi.

— Você é tão bonita.

— Obrigada, vovó.

— Não deixe que o seu noivo se esqueça disso.

Balancei a cabeça concordando. Parecia muito mais fácil enquanto estávamos ali conversando a respeito. Porque no fundo eu tentava não me apavorar em relação ao fato de que eu não fazia a menor ideia do que iria acontecer comigo após aquele dia.

— Vou sentir falta da senhora. — Joguei os meus braços ao redor do seu pescoço, segurando as lágrimas para que eu não estragasse a maquiagem.

— Sempre estaremos aqui por você.

— Obrigada.

Ela segurou o meu rosto e me afagou com carinho e o seu sorriso fez com que eu ficasse mais calma.

— Estou casando mais uma neta, logo a minha casa vai estar vazia de novo.

— Ainda tem muita gente para fazer bagunça aqui, vó.

— O tempo passa tão rápido.

Tinha muita certeza disso em relação às últimas semanas, porém, não externei nada.

— Te desejo toda felicidade do mundo.

— Obrigada, vovó.

— Ah, minha filha! — mamãe me abraçou por trás e eu aprovei cada gota daquele momento com as mulheres mais importantes da minha vida porque não sabia quando ou se esse momento voltaria a acontecer.

Nós nos afastamos quando ouvimos uma batida na porta.

— Theo? — perguntou a minha mãe.

— Sim. — Ele abriu a porta e alternou o olhar entre nós três.

Ao ver a expressão séria do meu pai, o meu coração ficou um pouco mais apertado. Ele sabia, eu, minha avó e minha mãe também. Eu precisava fazer aquilo para o bem de todos, mas não deixava de ser um enorme sacrifício.

— Vamos, Manuela?

— Já está na hora? — A pergunta veio da minha mãe.

— Sim, temos que ir.

— Mas, se...

— Tatiane. — Meu pai fez com que a minha mãe se silenciasse e não questionasse mais o momento.

Seus dedos delicados subiram pelos meus ombros e ela os massageou antes que eu me afastasse para aceitar o braço que o meu pai ofereceu para mim.

— Você está linda. — Ele comentou enquanto caminhávamos lado a lado pelo corredor.

— Obrigada, papai.

— Manu. — Girou-me para que eu ficasse de frente para ele.

— Oi.

— Pode estar parecendo que você vai embora para longe e que vai nos perder, mas isso não é verdade. Esteja onde estiver, haja o que houver, você sempre será uma Bellucci e nunca deixará de ser a minha filha. Sabe o meu telefone e se precisar de mim eu iriei ao seu resgate seja onde for.

— Obrigada, pai! — Não contive o meu impulso de abraçá-lo e também falhei em segurar as lágrimas, no momento a minha maquiagem não parecia tão importante.

Ficamos assim por um bom tempo até que o meu pai apartou o abraço e secou o meu rosto com a ponta dos dedos.

— Cabeça erguida, sempre. — Tocou o meu queixo e o levantou.

Eu concordei com o olhar, como um soldado que aceitava a sua missão.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo nove

Felizmente o clima estava fechado e eu não sentia calor com o terno azul royal que estava usando. Parado diante do altar, com os braços cruzados na frente do corpo, passeava os olhos pelos bancos da igreja, cheios de convidados que eu desconhecia. Eram muitos *capi* de diversas cidades do país que respondiam aos Bellucci.

Dentre as pessoas reunidas ali, não encontrei a Pietra nem o russo com o qual ela havia se casado. Imaginei que a presença deles ali fosse uma provocação que poderia ser evitada. Dariam uma desculpa qualquer a quem perguntasse por que eles não haviam comparecido ao evento.

Fitei o meu pai e ele balançou a cabeça em afirmativo, apoiando a minha presença ali. Entretanto, eu estava desconfiado e em alerta. Ainda trabalharia com a possibilidade daquele casamento não acontecer até que o padre dissesse que estávamos unidos em matrimônio.

Religião nunca fora o meu forte e tinha sido o meu próprio senhor principalmente depois que o poder recaiu sobre as minhas

mãos. Entretanto, os italianos eram muito tradicionais, e a cerimônia tinha que sair conforme os costumes da cidade sede do Vaticano.

Cheguei a me perguntar se aquilo os isentava de todos os crimes que cometiam.

Meus olhos ainda ziguezagueavam pelo local até que a marcha nupcial chamou a minha atenção para a entrada da igreja. As portas duplas foram abertas e vi Theo Bellucci avançar para o tapete vermelho de braços dados com o que eu estava chamando de *meu prêmio de consolidação*. Se não fosse toda a insistência do meu pai eu teria recusado, não precisava de uma segunda opção. Tinha poder e beleza o suficiente para usufruir da mulher que eu quisesse, mas eu ainda tive que engolir uma imposição dos italianos.

A noiva estava com um véu que cobria todo o seu rosto e eu não podia vê-la, fiquei com a sensação que poderiam tê-la trocado de novo. Não importava o que dissessem nem o quanto se desculpassem, eu ainda estava desconfiado.

Theo parou perto do altar e eu dei alguns passos para me aproximar deles.

— Cuide bem da minha filha.

— Farei o meu melhor — disse completamente da boca para fora e peguei a mão dela. Seus dedos estavam gelados e escorregaram pelo meu braço.

Puxei-a comigo e a trouxe diante do celebrante.

— Manuela? — chamei seu nome só para confirmar.

— Sim.

Fiquei de frente para ela e segurei a base do véu, puxando-o para trás e jogando para cima da tiara de brilhantes. Assim que os olhos escuros como jabuticabas encontraram os meus, tive certeza de que era a mesma mulher da foto que o meu irmão havia me mostrado.

— É você dessa vez.

— Sim, sou eu. — Ela engoliu em seco.

— Noivos? — Chamou o padre e nos viramos para encará-lo.

Ele iniciou a cerimônia e logo a minha mente começou a voar, levando-me ao fato de que daquela vez o casamento estava realmente acontecendo. Sem noivado que o antecederia e nas condições que eu tinha exigido.

Disse sim quando ele me perguntou se era de livre e espontânea vontade que estávamos nos casando. A vontade era completamente irrelevante no meio da máfia. Apesar do meu pai e do meu tio terem se casado de acordo com um sentimento que muitos chamavam de *amor*. Ele não se aplicava a mim. Eu não amava a Manuela, sequer a queria por perto. Toleraria porque era o que eu tinha que fazer pela minha posição. Ser o chefe de Nova York exigia sacrifícios que eu precisava estar disposto a fazer

O sim dela também não me convenceu, Manuela mal me olhava nos olhos e eu, honestamente, estava farto do descaso das mulheres Bellucci. Não sabia que rumo aquele casamento tomaria, mas só esperava evitar uma guerra com a família dela.

Puxei a mão dela quando o padre me entregou a aliança e a descí pelo seu dedo como alguém que marcava uma propriedade. Gostássemos ou não, a partir daquele momento ela era minha.

Manuela estava tremendo e teve dificuldade para colocar a aliança em mim, pensei em ajudá-la, mas apenas estiquei o dedo até que ela conseguisse.

Só queria que aquele momento acabasse logo e a cada nova palavra do padre eu revirava os olhos torcendo para que ele ficasse mudo. Assim que finalmente nos declarou casados, puxei-a para

mim e Manuela soltou um suspiro diante da força dos meus braços antes que eu a beijasse.

Nossos lábios não ficaram grudados por muito tempo, pois eu senti um estranho choque que me fez soltá-la.

Estava feito, eu havia me casado com uma Bellucci, só não poderia esperar as consequências que me aguardavam.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo dez

Eu queria que a festa houvesse durado para sempre, que eu nunca tivesse que me apartar dos abraços calorosos da minha família e que a minha estadia na Itália fosse eterna. O pai sempre seria a minha casa e lar de tudo o que eu mais amava, ainda assim, eu estava sendo arrancada dele.

Steven não quis esperar o dia seguinte, nem aceitou a oferta de passarmos a noite de núpcias em um dos muitos hotéis de luxo da família. Por mais triste que eu tivesse por deixar a minha casa, uma parte de mim ficou feliz, pois pude adiar aquele momento.

Eu queria ser valente e durona, assim como era o meu pai, mas estava apavorada com o que poderia acontecer quando ficássemos sozinhos.

Ouvi uma pancada no banco ao meu lado e saltei com o susto ao perceber o Steven jogando uma mala. Estávamos no jato dele e o acompanhei com o olhar até ir para os fundos onde havia outros membros da sua família.

Ele não tinha trocado meia dúzia de palavras comigo desde que havíamos nos casado e a expressão dele só provocava um frio na barriga ainda pior.

O avião logo levantaria voo com destino aos Estados Unidos e eu estava prestes a perder todo apoio, proteção e cuidado que tinha da minha família.

— Que bom que esperaram você tirar o vestido de noiva, aquelas saias são insuportáveis.

Movi a cabeça ao perceber uma mulher se aproximando de mim, ela era morena e parecia ter algo perto dos cinquenta anos.

— É, calça é mais confortável.

— Sim. — Sorriu.

— Fernanda, certo? — Atrevi a perguntar por ter me lembrado de ouvir o nome dela quando havia me cumprimentado depois do casamento.

— Exatamente. — Permaneceu com o ar gentil. — Sou madrasta do Steven. Mais como uma mãe. — Piscou para mim.

— Que bom.

— Está com sede? Você está um pouco pálida.

— Aceito um pouco de água.

— Vou buscar para você.

— Obrigada. — Passei a mão pelo meu rosto e coloquei o meu cabelo atrás da orelha.

Fiquei feliz por ao menos uma pessoa naquele lugar estar me tratando com um pouco de gentileza.

Queria dizer que era forte, que poderia suportar tudo, mas o medo estava revirando as minhas entranhas. Teria que aguentar firme, não passava pela minha cabeça o direito ou a possibilidade de ligar para casa aos prantos pedindo que meu pai me resgatasse. Não existia divórcio na máfia, ao menos não para os italianos e, gostasse ou não, eu estava presa ao Steven para o resto da minha vida, assim como ele a mim.

— Aqui está. — Fernanda me entregou um copo translúcido e eu dei algumas goladas. Minhas mãos estavam tremendo e tentei me controlar ao máximo para que não ficasse tão evidente.

Havia pedido durante muito tempo para que o meu pai me colocasse em uma missão, precisava ser valente na primeira que ele me entregava.

— Obrigada. — Devolvi o copo para a mulher quando terminei de tomar o líquido.

— Quer mais?

— Não, obrigada.

— Está com fome?

— Não. Comi alguns aperitivos na festa.

— Se precisar é só falar.

— Agradeço.

— Vou pegar um cobertor para que você possa descansar. Temos um longo tempo de viagem até chegarmos em casa.

Casa... Aquela palavra ressoou na minha cabeça e me deixou ainda mais desconfortável. Estava indo para um lugar onde nunca havia pisado, um terreno desconhecido, onde falavam outra língua e agiam diferente da minha terra natal. Como seria possível chamar o ambiente para onde eu estava me mudando de lar?

— Vai mantê-la quentinha durante a viagem.

— Muito obrigada. — Sorri para a mulher que estava me tratando com afeto, ela me fez lembrar a minha mãe ou até mesmo a minha avó, o que era muito bom naquele momento.

Ela foi para perto do marido e me deixou sozinha novamente, puxei o cobertor para cima dos meus ombros e me encolhi por

debaixo dele. O calor fez com que eu me sentisse um pouco melhor e torci para que aquela sensação de alento durasse por mais tempo.

Não sei quanto tempo levou, nem por qual período dormi, mas só me dei conta de que havia pegado no sono quando senti uma mão no meu ombro.

Levantei a cabeça e tomei um susto quando vi que Steven estava olhando para mim e era ele quem havia me tocado.

— O que foi? — balbuciei ainda me localizando quanto ao espaço e momento em que estava.

— Chegamos, se levanta. — Deu um passo para trás.

— Okay... — Movi o cobertor para o lado e o deixei sobre a poltrona ao me curvar para pegar a mala, mas antes que eu encostasse nela, um dos soldados a tomou.

— Deixa que eu levo, senhora.

— Obrigada.

— Vem comigo. — Steven fez um sinal para que fosse seguido.

Descemos pela escada da frente do avião para a pista de pouso. O céu estava escuro, sinal de que ainda era noite, ou madrugada, porque eu não sabia quantas horas eram ou quanto tempo o voo havia levado.

Observei ao longe as luzes que sinalizavam a pista de pouso e no horizonte muitos prédios altos e iluminados. Por mais que a madrugada não me deixasse ver muito, o contorno parecia muito diferente de Roma. A cidade onde eu havia nascido e fora criada misturava muito bem arquitetura antiga com traços de modernidade, mas ali tudo era bem mais recente.

— Vem! — Steven segurou a porta de um dos SUV's que estavam estacionados não muito longe do avião e fez um gesto para que eu entrasse.

Acomodei-me no banco de couro e o meu marido sentou-se ao meu lado. O homem atrás do volante deu partida no carro e logo estávamos seguindo em comboio. Debrucei-me pela janela e vi as pessoas nas ruas, os carros, as construções, letreiros e luzes. Tudo era muito vivo e vibrante e eu tive a sensação de que naquela cidade não se dormia nunca.

Levou pelo menos meia hora para que saíssemos do aeroporto e chegássemos na entrada de uma mansão. Apesar da

arquitetura diferente ela era espaçosa, mas nem de longe tão grande quanto a da minha família.

Família só de pensar neles eu senti um aperto no peito, mal havia chegado ali e já estava morrendo de saudades de casa. Queria poder abraçar a minha mãe e deixar a cabeça nas suas pernas nos momentos em que eu mais precisava de colo. Também treinar com o meu pai e os meus irmãos.

Eu não fazia ideia de qual rotina eu teria e nem de como seria a minha vida ali, e isso certamente me apavorava ainda mais.

Os carros pararam na garagem e Steven saiu quando abriram a porta para nós e eu o segui para fora do carro. O nosso caminho até a entrada da casa estava muito bem iluminado e ele não me dirigiu a palavra ao perceber que eu estava apenas acompanhando.

A sala estava vazia, a família dele fora para a Itália acompanhar o casamento, mas já havia se dispersado desde que chegamos. Era como se eu estivesse estranhamente sozinha com o Steven e isso me deixava ainda mais constrangida.

— Por ali. — Indicou a escada e esperou que eu começasse a subir antes de vir atrás de mim.

A cada passo que eu dava para o andar onde provavelmente ficavam os quartos, maior se tornava o aperto no meu coração e as dificuldades para que ele conseguisse continuar batendo.

Minhas mãos estavam suando frio e eu só tive certeza de que seria muito mais difícil me manter firme do que imaginava.

Não poderíamos nos entregar a ninguém, não tínhamos direito de paquerar e eu sequer havia beijado na boca de alguém. Tudo para que fôssemos exclusivamente dos nossos maridos, tal como propriedades. Era irritante ao mesmo tempo que não poderia fazer nada, pois acabara com o mesmo destino de todas as demais mulheres que nasceram nas mesmas condições que eu.

Depois de vinte e um anos, havia chegado o momento em que alguém teria o direito de tocar o meu corpo e a minha própria alma. Só estava torcendo para que ele não fosse violento demais quando acontecesse.

— Você vai ficar aqui. — Abriu uma porta e me indicou o cômodo.

— É o seu quarto? — Observei a cama feita, uma toalha dobrada sobre ela e um pequeno guarda-roupa na parede. O quarto parecia confortável, mas não foi isso que mais me chamou atenção e sim a falta de pertences pessoais.

— Não — respondeu num tom firme. — É o SEU quarto.

— Vamos dormir separados?

— Sim. Pode ficar aqui. O quarto tem uma suíte e você será bem-acomodada. Espere que o Bill lhe trará as suas coisas.

— Para onde você vai? — Acompanhei-o com o olhar quando vi que ele deu um passo para o corredor.

— Descansar, estou exausto.

Abri a boca algumas vezes, mas o misto de choque e surpresa fez com que eu não emitisse nenhum som. Também não sabia o que dizer. Estava imaginando que ele fosse me violar como um animal, mas simplesmente desapareceu por outra porta.

Caminhei pelo cômodo e me sentei na beirada da cama. Esfreguei as minhas mãos uma na outra, completamente inquieta.

Depois que o soldado me trouxe as minhas malas e eu fechei a porta, podendo tomar banho e me acomodar na cama macia, tive ainda mais certeza de que não estava pronta para o rumo que aquele casamento tomaria.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo onze

A minha missão com o meu pai e os italianos estava cumprida, ao menos era o que eu pensava depois de ter trazido uma deles para a minha casa. Eu poderia muito bem mantê-la ali segura e não me preocupar com o assunto.

Joguei água no rosto e esfreguei a minha pele, estava exausto, mas tinha compromissos me esperando e não poderia passar o dia na cama. Depois do período na Itália, tinha que me assegurar que os assuntos que realmente importavam para mim encontravam-se em dia.

Depois de escovar os dentes, puxei a toalha e sequei o meu rosto antes de sair do quarto. Vesti uma polo preta no caminho até o corredor, mas antes que eu pudesse descer para tomar meu café da manhã, ouvi a voz do meu pai me chamando. Em teoria era para o Otto ser o meu conselheiro, mas por mais que o meu pai houvesse entregado o controle da máfia para mim, ele ainda estava ali para guiar os meus passos.

— O que foi?

— Como está a Manuela?

— Dormindo, eu acho.

— Acha? — Ele levantou uma das sobrancelhas loiras que já estava se aproximando do branco. — Não conferiu?

— Deixei-a num dos quartos de hóspedes ontem. Hoje é dia de receber, depois você pode pedir a Fernanda para ver como a italiana está.

— Não a levou para sua cama?

Ri diante da pergunta do meu pai.

— Por que levaria?

— É sua esposa.

— Posso estar enganado, mas não acho que ela esteja interessada em dormir e muito menos transar comigo.

Ele engoliu em seco.

— Precisa dar um jeito nessa situação.

— Jeito? Fiz o que queriam de mim, casei com uma Bellucci. Darei o dinheiro que ela quiser se for comportada, e é isso.

— Só?

— Sim, pai. Só! — Dei um tapinha no ombro dele. — Agora me deixa ir porque eu tenho trabalho a fazer. Vá chamar o tio Logan para jogar golfe ou leve a Fernanda para dar um passeio no Central Park.

— Tenha um bom dia, filho.

— Para o senhor também.

Eu não conhecia a garota, sequer haví amosconversado. Não esperava que fôssemos nos tornar um casal como o meu pai e a Fernanda. Aquele sempre foi e sempre seria um casamento de conveniências como acontecera. Ela traria para mim a aliança e o status da sua família, eu lhe daria proteção e toda a fortuna digna de uma rainha.

Se Manuela fosse calma e obediente, não precisaria me preocupar com mais nada e tocaria a minha vida exatamente como antes.

Bati na porta do quarto do meu irmão.

— Levanta, temos trabalho a fazer

Assim que o ouvi resmungar do outro lado, desci para o andar de baixo e fui tomar o meu café da manhã. Comi a panqueca em algumas mordidas e tomei um belo copo de café que me manteria em alerta pelo dia inteiro.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo doze

Acordei quando os raios do sol tocaram a cama onde eu deitava. O cansaço fora o suficiente para que eu tivesse uma noite sem sonhos ou pesadelos. Talvez eu estivesse em um e simplesmente não houvesse conseguido acordar.

Sentei-me na cama e abracei as minhas pernas, meus ombros estavam duros e os senti repuxar com o movimento. Esperava que um pouco de exercícios fosse o suficiente para me livrar de toda aquela tensão.

Levantei-me, troquei de roupa e fui até o banheiro, joguei uma água no rosto e escovei os dentes. Tinha dormido razoavelmente bem, apesar de tudo, mas ainda me sentia cansada.

De volta ao quarto, fui até a minha bolsa de mão, peguei o meu celular a fim de mandar uma mensagem para alguém da minha família, porém, não tinha sinal. Meu número italiano certamente não funcionava nos Estados Unidos. Teria que conseguir outro chip se quisesse falar em casa.

Olhei para a porta e cogitei sair por ela e perguntar para alguém, mas o meu estômago se revirou no mesmo momento. Como seria se eu o encontrasse?

Estava casada com um homem, mas a presença dele parecia um campo minado. Eu tinha que ter cautela e saber como agir, o pior era que eu não fazia a menor ideia. Steven nem falava comigo, quanto mais se dera ao trabalho de me tocar. Esperava uma situação, mas encontrei o completo oposto.

Por fim, recordei-me do que a minha mãe havia dito, não era uma garota medrosa. O sangue Bellucci corria em minhas veias e deveria bastar para que eu enfrentasse aquele desafio. Não poderia deixar que ele me tratasse daquele jeito e fingir que não me incomodava.

Saí do quarto e movimenteí a cabeça de um lado para o outro, observando pelo corredor vazio até que alguém subiu a escada e olhou diretamente para mim. Era uma adolescente, parecia ter algo perto da idade da minha prima Nina. A menina alternou o olhar entre mim e o meu celular que eu não havia largado.

— Oi! — Acenou.

— Ei! — Abri um sorriso amarelo, sem me mover.

— Precisa da senha da internet? — Apontou para o meu celular.

Balancei a cabeça fazendo que sim. Resolveria para que eu pelo menos pudesse usar os aplicativos do telefone.

— É L ansky ao contrário seguido de arroba e asterisco.

— Obrigada. — Abaixei a cabeça para digitar no celular. Logo que o telefone encontrou o sinal do wi-fi, ele começou a vibrar desenfreadamente com as mensagens que começaram a chegar.

— Por nada. — Ela deu de ombros.

— Qual o seu nome?

— Diana.

— Prazer, Diana. — Estendi a mão. — Sou Manuela.

— A mulher que se casou com o meu primo. Está tudo mundo sabendo.

Fiquei sem jeito diante do comentário dela e abri um sorriso amarelo.

Minha barriga deu uma roncada e a garota continuou rindo de mim.

— Não tomou café da manhã, não é?

Apenas balancei a cabeça, fazendo que não.

— Vou mostrar para você onde fica a sala de jantar.

— Obrigada.

Segui a Diana escada abaixo e depois entramos em um corredor que levava até a mesa posta para o café da manhã. Havia comida o suficiente para alimentar todo um exército, assim como era na minha casa. Contudo, havia uma diferença, a família não estava reunida para comer. Por mais que alguns pratos estivessem revirados, não havia sinal de ninguém.

— Você já comeu? — perguntei para Diana.

— Eu não.

— Senta para comer comigo? — indiquei uma cadeira.

— Claro!

— E vocês todos moram aqui?

— Meus pais têm um apartamento, mas passamos a maior parte do tempo aqui sim. Principalmente quando eles estão viajando e os soldados ficam de olho em nós.

— Acontecia isso na minha casa também.

— Eu gosto.

— Também. — Puxei o meu celular e olhei para todas as mensagens que havia recebido. — Posso?

— Ah, fica à vontade! — Ela deu de ombros e pinçou uma uva no arranjo.

Havia várias, mas priorizei as da minha mãe antes de responder meus irmãos e a prima Nina.

Mamãe:

Querida, como você está? Chegou bem de viagem?

Estou preocupada.

Manuela:

Estou bem, mãe.

Mamãe:

Ah, querida que bom que você respondeu. Estava tão angustiada que já ia ligar para saber como você estava.

Manuela:

Meu celular não tem sinal aqui, vou ter que arrumar um chip novo. Aviso assim que conseguir um número local.

Mamãe:

Ótimo! Peça ao Steven para comprar um chip novo para você.

Manuela:

Farei isso.

Mamãe:

Você está bem? Como foi a noite?

Engoli em seco e fiquei pensando em como responderia àquela pergunta da minha mãe. Não queria mentir para ela ao mesmo tempo achava melhor não falar ainda que o casamento que a minha família tanto apostava parecia bem perto de se tornar uma catástrofe.

Manuela:

Foi boa. ❖❖

Não era uma grande mentira, a cama onde eu havia dormido era confortável e pude descansar do dia anterior bem agitado.

Mamãe:

Ele foi gentil?

Manuela:

Sim.

Considerando o fato de que o Steven não havia feito nada, nem me tocara. Poderia ser o maior ato de gentileza a esperar do meu marido.

Parecia impossível não pensar em como tinha sido para a minha mãe e tantas outras mulheres que passaram por uma situação como aquela.

Mamãe:

Qualquer coisa eu estou aqui.

Manuela:

Obrigada. Mande um beijo para o papai e para os meus
irmãos por mim.

Mamãe:

Farei isso e direi a eles que você está bem.

Manuela:

Eu te amo, mãe!

Mamãe:

Também amo você, Manu.

— Está tudo bem na sua casa? — Diana deixou a fatia de
torrada de lado para voltar a falar comigo quando eu guardei o
celular no bolso.

— Parece que sim.

— Que bom!

— Sabe se tem academia na casa?

— De musculação? — Franziu o cenho, estranhado a minha pergunta.

Fiz que sim.

— Tem, mas geralmente são os homens que usam, eu só passei na porta algumas vezes.

— Então o que você faz para passar o tempo?

— Gosto de dançar. Tem uns jogos bem legais no videogame. Quando não estou estudando, passo bastante tempo com as minhas amigas e danço.

— Legal! Você tem amigas?

— A Sarah e a Kimberly.

— Deve ser bom.

— Na maioria das vezes. — Deu uma risadinha. — Em outras acho que elas só querem me enlouquecer.

— Deve fazer parte.

— Você não tem amigas?

— Convivia com as minhas primas. Uma deve ter idade próxima à sua.

— Não ia para a escola ou a faculdade?

— Fazia aulas em casa, a minha família sempre achou muito arriscado nos expor dessa forma. Temos muitos inimigos.

— Deus sabe o quanto odeio os seguranças me vigiando o tempo todo, mas pelo menos posso ir à escola.

— Sorte a sua. — Peguei alguns morangos.

— Quem sabe se conversar com jeitinho, o Steven não te deixe ir para faculdade ou algo assim.

— Ele não parece o tipo de pessoa para se conversar com jeitinho.

— Steven era menos babaca antes de se tornar o chefe.

Ri da forma como ela torceu os lábios e falou com desprezo.

— Acho que a máfia faz isso com as pessoas.

— Ainda bem que não precisamos nos envolver nos negócios da família — comemorou ao continuar comendo.

— Ainda bem... — balbuciei.

Não tinha tanta certeza assim se poderia comemorar. O fato de estar ali casada com o chefe americano já era envolvimento o suficiente. Tinham me colocado em uma situação delicada, só não me deixaram participar da ação.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo treze

Fiquei parado atrás do meu irmão, de braços cruzados e olhar analítico enquanto ele passava as notas que foram entregues por um aparelho de contagem. Assim que o mecanismo parou, River moveu a cabeça e olhou para mim, depois para o chefe de gangue parado na nossa frente.

— Estão faltando mil dólares aqui.

— Conta de novo, essa sua parafernália deve estar quebrada.

— Ousa dizer que o meu irmão não sabe fazer o trabalho dele? — Levantei o olhar ao impor a minha voz no ambiente, fazendo com que ela ecoasse pelo galpão velho.

— É isso que acontece quando colocam meninos para fazer o trabalho de homens.

— Meninos? — Dei um passo na direção do homem e abaixei os braços, mas ele não foi prudente o bastante para recuar.

— Não sou o único que pensa que não estava na hora do seu pai se aposentar.

Agarrei o sujeito pelo colarinho da sua camisa e o ergui no ar. A valentia dele se dissolveu completamente quando a sua expressão me revelou que ele havia percebido ter cometido um erro.

— Se atreve a pensar que não sou capaz de fazer o meu trabalho?

— Na... Não... Não é isso.

— Então é o quê?

— Seu irmão que ainda é um menino.

— E acha que pode usar isso como desculpa para passar a perna na gente? Me provocar não é a melhor alternativa, seu idiota. Onde está o restante do dinheiro?

— Conta de...

Coloquei-o no chão e acertei o seu rosto com um soco antes que pudesse terminar a frase. Sabia muito bem que a máquina tinha contado o dinheiro certo.

— Vou perguntar só mais uma vez, cadê o resto?

— Não temos... — Ele engoliu em seco, massageando o nariz que o meu soco poderia ter quebrado.

— Achou que poderia passar a perna em mim colocando a culpa no meu irmão?

— Se me der mais dois dias...

— Por que não pode conseguir o dinheiro no tempo que eu dei? — Cerrei os dentes e ele arregalou ainda mais os olhos.

Não tinha nada mais importante na máfia do que se fazer temer e eu acreditava estar cumprindo muito bem esse papel.

— Só mais dois dias, chefe, por favor...

— River, me dá aquele alicate. — I ndiqueio objeto em um móvel atrás de nós.

— Aquele para cortar cadeados?

— Esse mesmo.

O caçula se levantou da cadeira e foi até o móvel, me entregando a ferramenta logo depois. Eu me movi para frente com agilidade e peguei a mão do homem antes que ele pudesse se

esquivar. Levei o objeto até o seu indicador direito e o parti sem um pingo de piedade.

O sujeito começou a gritar quando o dedo caiu no chão e eu devolvi o alicate para o River que estava rindo do que eu acabara de fazer.

O sangue espirrou na minha camisa e na minha mão, mas não me incomodei, continuei encarando o homem com uma expressão séria que não deveria ser desafiada. Chutei o dedo no chão para perto do pé dele antes de voltar a falar.

— Pode ser que se chegar num hospital consigam costurar de volta, mas se não trouxer o dobro do dinheiro até amanhã vou garantir que perca mais do que alguns dedos. Conseguiu compreender?

Ele só conseguiu balançar a cabeça, fazendo que sim.

— Agora some da minha frente.

O cara se agachou, pegou o dedo e saiu correndo na companhia da sua gangue. Se eu não me tivesse feito entende o bastante, logo mostraria que me desafiar era a pior escolha possí vel.

— Da próxima vez eu posso cortar. — River vibrou ao meu lado.

— Acho que a sua mãe me mata se souber que eu deixei.

— Ela nem precisa saber. — Deu de ombros.

Balancei a cabeça em negativa, mas acabei rindo.

— Vamos embora. Eu preciso tomar um banho.

Meu irmão concordou e pegamos o dinheiro recolhido para irmos para casa.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo quatorze

Ainda que eu fosse bem mais velha do que a Diana, foi bom conhecê-la. Se não tivesse alguém para conversar, provavelmente teria surtado no meu primeiro dia naquela casa. Estava acostumada com os cômodos da mansão Bellucci, com cada detalhe, inclusive os empregados, mas ali tudo era completamente novo.

— Esse programa é tão idiota. — Diana resmungou ao olhar para a televisão.

Eu não estava prestando atenção, então só soltei um resmungo.

Tinha passado o dia no celular, entre mensagens com minha família e algumas conversas aleatórias com a Diana. Ainda não tinha visto o Steven, mas meus olhos foram diretamente atraídos para ele quando entrou seguido do irmão.

— Eu quero ver os idiotas tentarem levar vantagem com a gente. — Eu até ouvia o que o caçula estava falando, mas não prestava atenção nele.

Meu foco foi completamente direcionado para o meu marido. Ele estava com uma calça jeans e uma camisa cinza, ainda que as

peças fossem mais escuras, eu podia ver o sangue que havia espirrado nelas, pois esse também sujara a sua mão e o seu queixo. Por mais que constatar que ele havia ferido alguém houvesse me feito engolir em seco, não era a primeira vez que eu via uma pessoa próxima a mim naquele estado e não seria a última.

— Oi, gente! — Diana acenou para os primos como se não houvesse se impactado.

— Ei, Diana. — Steven olhou para ela, mas acabou me encarando também.

Seus olhos azuis ficaram presos nos meus por alguns minutos, mas ele não falou nada. Eu não esperava que ele fosse fazer declarações de amor, não estávamos apaixonados, porém, o fato de ele não dirigir a palavra como se eu fosse insignificante demais me deixou irritada.

Eu era uma Bellucci, minha família mandava na Itália e talvez devesse lembrar-lhe e a mim mesma disso.

— Oi, Steven — impus meu tom de voz.

— Ei!

— Se machucou?

— Não deve se preocupar com isso.

— Quem sabe eu torça para você morrer da próxima vez, então — disse com a voz carregada de desaforo. Se não queria que eu torcesse a favor, talvez contra fosse o que ele merecesse.

— Nossa! — River exclamou boquiaberto diante da minha patada que nem ele nem o irmão esperavam.

— Faça o que quiser. — Steven me ignorou e subiu a escada.

Eu cerrei os dentes e os punhos, ficando ainda mais irritada. A pressão das minhas mãos foi tão intensa que podia sentir as unhas fincando nas palmas.

— Você está bem? — Diana me perguntou quando os homens sumiram de vista.

— Estou. — Levantei a cabeça porque não queria que ela pensasse que ele havia me abalado.

— Se vocês tentarem se matar me avisa para eu sair de perto. — Deu uma risadinha, mas talvez houvesse muito mais verdade em sua fala.

Estávamos casados, mas anos-luz de sermos próximos e a minha tentativa de ao menos fingir que me importava não fora bem-recebida. Eu poderia estar honrando a minha família, mas aquele casamento se mostrava cada vez mais propício a me arrastar para o fundo do poço.

HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II



Steven

Capítulo quinze

Segui para o meu quarto e meu irmão veio atrás de mim, não parando até que eu o encarasse.

— O que foi, River?

— Eu quem te pergunto, o que foi aquilo?

— Pelo visto ela é tão irritante quanto o restante dos italianos.

— Mas é a sua esposa.

— Não precisa me lembrar disso.

— Achei que vocês pelo menos fossem se acertar.

— Não tem que achar nada, irmãozinho.

— Então, o que vai fazer com ela?

— Mantê-la na casa como um problema controlável.

— Problema?

— Sim, alguma objeção?

— Bom, a vida é sua. — Lavou as mãos como se preferisse não discutir comigo a respeito.

Talvez estivesse direcionando a minha raiva dos Bellucci para a Manuela, mas não tinha qualquer intenção de fazer com que aquele casamento desse certo. I ri tolerar a presença dela e nada mais.

— Vou tomar banho. — Segurei a porta do meu quarto e olhei sério para o meu irmão, sinalizando que aquele assunto havia acabado de uma vez por todas.

— Também vou fazer isso.

Bati a porta e deixei o River do lado de fora do corredor.

Só saí do cômodo quando estava com fome. Desci na esperança de que o jantar já houvesse sido servido e, para a minha surpresa, todos estavam reunidos ao redor da mesa. I nclusive o tio Logan e a tia Lauren.

Meu olhar se moveu pelo comprimento da mesa até que acabou esbarrando no da Manuela. Senti faí scas e uma repulsão como se fôssemos polos iguais de imã. Talvez não fosse o único impositivo e cabeça dura daquele casamento. O problema era que

se tentasse se impor diante de mim Manuela só atrairia consequências ruins para ela mesma.

Antes que uma tempestade recaísse sobre o ambiente, parei de fitá-la e puxei assunto com o meu tio.

— Não sabia que iriam chegar de viagem hoje.

— Faz uma hora. — Ele fincou o garfo em uma linguiça do prato.

— Viemos buscar a Diana e ver se estava tudo bem com vocês — completou a tia Lauren.

— Perfeitamente bem. — Voltei a cruzar os olhos com a Manuela e nós dois o desviamos no mesmo momento.

— Ótimo!

— Vocês deveriam ter aproveitado mais os dias na Itália — falou a Diana para os pais.

— Estava com saudades de você, macaquinha — brincou tia Lauren.

— Mãe!

— Vai dizer que não sentiu a nossa falta?

— Eu ia sobreviver. — Minha prima fez bico, o que provocou o riso de todos.

— Parabéns pelo casamento — disse tia Lauren.

— Obrigada. — Apenas Manuela respondeu, cerrando os dentes para mim quando continuei mudo.

Ao perceber o clima, minha tia tratou logo de mudar de assunto.

— Adorei conhecer o Coliseu. Já tinha ido à Roma outras vezes, mas foi a minha primeira oportunidade de entrar no local.

— A minha cidade tem locais incríveis. — Manuela exibiu uma empolgação no olhar que me incomodou.

— Sua cidade agora é Nova York — impus.

— Minha cidade sempre será Roma. — Ela me encarou como se rejeitasse a minha autoridade. Se estava disposta a brincar com fogo, iria acabar se queimando.

Espalmei as mãos sobre a mesa, mas antes que abrisse a boca, minha madrastra foi mais rápida.

— Cadê a as torradas? — encerrou o assunto antes que a minha discussão com a Manuela fosse além de olhares raivosos.

— Vamos esperar a empregada — comentou a tia Lauren.

— Manuela, por que não vem buscar comigo? — Fernanda se levantou e levou minha esposa para fora da sala junto com ela.

Meu pai olhou para mim e balançou a cabeça em negativo, como se reprovasse a minha atitude. I ignorei, voltando a comer

Logo Fernanda voltou com Manuela, carregando a cesta e se acomodaram novamente na mesa.

Depois do jantar, subimos para os nossos quartos, minha esposa e eu nos cruzamos no corredor novamente, mas antes que eu dissesse qualquer coisa, para provocá-la ou não, Manuela bateu com a porta na minha cara.

Bufando, deu um passo para segurar a maçaneta, mas a voz do meu pai me impediu.

— Eu não faria isso se fosse você.

— Ela tem que me respeitar!

— Não se controla um casamento como se comanda a máfia.

— Se ela acha que pode me confrontar está muito enganada.
— Estava bufando como um touro.

— Ela não é sua subordinada, filho. Precisa ser a sua aliada.

— Não acho que seja possível.— Passei pelo meu pai e fui para o meu quarto.

Imaginei que ele fosse vir atrás de mim para continuar o assunto que eu certamente cortaria, mas me deixou sozinho.

Acreditava que poderia me ver livre da perturbação aceitando me casar com ela, mas poderia ter trazido para mim um problema maior ainda.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo dezesseis

Se ele acreditava que mandaria em mim e me trataria como bem entendesse sem que eu fizesse nada estava muito enganado. Tive que me casar com ele porque era o que a minha família esperava de mim, mas não deixaria que me fizesse de tapete para me pisotear.

Fui dormir com raiva, mas acordei ainda mais determinada. Iria fazer com que se lembrasse e cumprisse a sétima regra. Era a sua esposa e ele tinha que me respeitar. Steven poderia não ser italiano, mas eu era e exigiria ser tratada como tal.

Poderia continuar chorando, as lágrimas ainda se acumulavam na minha garganta, mas tomei aquela como a minha missão. Se não podia fugir do casamento, iria enfrentá-lo.

Levantei-me pela manhã e desci para comer, pois já sabia o caminho.

— Bom dia, Manuela! — Fernanda me recebeu com um sorriso.

— Bom dia! — Puxei uma cadeira e me acomodei.

— Dormiu bem?

— Sim.

— Se precisar de alguma coisa é só me falar.

— Na verdade, tem algo sim. O meu número da Italianão funciona aqui, vou precisar de outro.

— Darei um jeito de providenciar para você. Também um cartão para que possa fazer compras pela internet.

— Vai ser ótimo! — Puxei um prato e comecei a me servir. — Muito obrigada.

— Steven, por que não leva a Manuela para conhecer a Time Square?

Estava distraída e não o vi se aproximar, mas assim que ouvi o seu nome, virei a cabeça e vi o homem que eu deveria chamar de marido entrar no cômodo. Ele estava com uma jaqueta de couro e uma calça jeans escura e baixou os olhos para me encarar. Eu bufei e percebi que ele fez o mesmo, estávamos parecendo dois cachorros rosnando um para o outro.

— Tenho compromisso essa noite. — Moveu a cabeça para parar de olhar para mim.

— A noite toda? — Fernanda insistiu.

— Sim, a noite toda. — O tom dele fez com que eu não precisasse ser muito esperta para entender ao que estava se referindo.

Se ele achava que eu ia permitir que fizesse isso comigo, se enganava.

— Outro dia, então? — Fernanda continuou tentando amenizar a tensão entre nós dois.

— Quem sabe. — Pegou um pãozinho e o enfiou na boca, sinalizando para a madrastra que não queria mais falar sobre o assunto.

Fernanda estava tentando conter o enteado, mas estava falhando miseravelmente. Eu não entendi por que, mas em cada ato, parecia que o Steven queria que eu o odiasse.

— Irmão, vamos? — River apareceu na porta chamando por ele.

— Terminando de comer.

— Temos aquele assunto para tratar.

— Tenho certeza de que ele vai estar com o nosso dinheiro, não vai querer ficar sem o restante dos dedos.

— Espero você lá no carro. — River pegou uma maçã.

— Toma café direito, meu filho. — Fernanda repreendeu o caçula.

— Estou sem fome, mãe.

— River!

— Só um copo de leite. — Ele se acomodou na mesa, obedecendo ao olhar raivoso dela.

— Come direito.

— Mãe!

Não era a minha intenção, mas voltei a olhar para o Steven e ele me encarou de volta. Ficamos nessa até que ele se levantou e bateu no ombro do irmão.

Assim que os dois desapareceram de vista, virei-me para a Fernanda.

— Aonde eles vão?

— Resolver assuntos da máfia.

— O dia todo?

— Querida, não tem que se preocupar com isso.

— Eu não vou ficar trancada nessa casa enquanto ele me faz de idiota. — Cerrei os dentes.

— Não quero que se machuque, Manuela.

— Posso cuidar de mim mesma.

A minha fala fez com que ela sorrisse.

— Sabe atirar?

Balancei a cabeça, fazendo que sim.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo dezessete

Não voltei para casa para tomar banho, fiz isso em um dos nossos hotéis e segui para uma boate famosa de Manhattan. O espaço reunia pessoas ilustres e ricas da cidade de Nova York, mas também tinha a sua parte obscura, vendí amosdrogas no lugar por anos.

Ter falado para a minha madraستا que eu tinha compromisso havia sido apenas uma provocação, mas essa se transformou em verdade quando uma ligação me disse que tinham visto pí lulas de marte sendo vendidas no estabelecimento. A minha caça aos ratos ainda não tivera o efeito esperado e aquela merda ainda estava se espalhando pelas ruas da minha cidade.

Quando descobrisse quem era o verdadeiro responsável, iria garantir que ele demorasse a morrer, mas o desgraçado era esperto o bastante para se esconder atrás de muitos peões.

Entrei no clube ouvindo as batidas da música ecoarem dentro da minha cabeça. A pressão elevava à medida que eu adentrava o ambiente. Meu irmão e meu primo estavam comigo, além de vários

homens para garantir a nossa proteção. Não andei na frente daquela vez para evitar ser surpreendido com outro tiro.

— Fiquem de olho se estão vendendo alguma coisa.

— Ah, eu estou vendo muita coisa interessante. — Meu irmão deu uma risadinha ao avistar uma dançarina rebolando seminua em um poste de polidance que ficava em cima de um dos balcões.

— Temos uma missão — recordei-o.

— Posso fazer algumas perguntas para elas e descobrir se sabem de algo.

— Vai ser difícil delas falarem se estiverem com o seu pau na boca — zombou o Otto.

— Mero detalhe, primo.

Os dois caíram na risada enquanto os meus olhos continuavam passeando pelo local. Vi algumas pessoas comprando drogas, mas os traficantes eram conhecidos, pessoas que compravam de nós e permitíam que continuassem nas ruas.

— Oi! — Virei-me ao sentir mãos delicadas subindo pela lapela da minha jaqueta.

Era uma mulher ruiva, que estava apertada em um vestido preto tomara que caia, cuja saia, tão pequena, deixava metade da sua bunda de fora. Era mentira se eu dissesse que não gostava daquilo. Depois do anúncio do meu noivado e o fatídico casamento, estava sem transar há algum tempo e o tesão pulsou dentro da minha calça.

Tinha uma missão para executar, mas talvez pudesse fazer algumas perguntas assim como o meu irmão havia sugerido.

— Eu acho que eu o conheço — sussurrou a mulher.

— Talvez conheça.

Estava prestes a aproximar a minha mão da bunda dela, mas antes que eu fizesse, senti um tapa forte que me empurrou para longe. Não poderia prever quem teria a ousadia de fazer aquilo, até que a vi.

— Você é casado!

— Manuela.

Avistei-a bufando, com o cabelo negro solto e com um vestido brilhante de quem realmente estava vestida para uma festa.

— O que está fazendo aqui? — Fiquei enfurecido ao notar a sua presença.

— Deveria fazer a mesma pergunta.

— Não sei como chegou, mas tem que voltar para casa agora.

— Se pensa que vou deixar você aqui se divertindo enquanto me tranca naquela casa está muito enganado.

— Eu posso.

— Não pode não. — Jogou o cabelo para trás cheia de confiança e todos estavam olhando para nós, observando o espetáculo que eu não queria dar.

— Volta para casa, Manuela.

— Se você vai ficar aqui, eu também vou. — Ela se afastou de mim e seguiu rebolando forçando o bastante para atrair atenção para sua bunda. Adorava ver vestidos daquele tamanho em outras mulheres, mas odiei reparar nele na minha esposa.

Manuela parou um cara, batendo no ombro dele e o sujeito se virou para ela, abrindo um sorriso enorme quando a viu.

— Oi!

— Vamos dançar? — Jogou os braços sobre o ombro do sujeito e ele envolveu a sua cintura, mas antes que tocasse na bunda dela, empurrei-o, fazendo-o cambalear para trás e agarrei o pescoço da Manuela, virando-a para me encarar.

Os olhos escuros dela se arregalaram quando minha esposa estremeceu com a pressão dos meus dedos.

— Não me provoca — falei entredentes, ainda pressionando os meus dedos na sua nuca, mas ela não pareceu se ameaçar.

— Ou o quê?

— Não está pronta para o que eu sou capaz de fazer.

Manuela estava brincando com o perigo e não tinha ideia dos riscos nem das consequências que poderia atrair para si.

— Talvez esteja duvidando demais de mim.

Continuei a encarando, esperando que o meu olhar fizesse com que ela abaixasse aquela crista e lhe desse um pouco de juízo, mas tudo o que Manuela fez foi me encarar de volta, atrevida. Deveria ter medo de mim, mas não demonstrou no olhar.

A minha boca ficou seca e eu me vi sem reação. Tinha dezenas de pessoas ao meu redor, mas foi como se eu não visse mais ninguém.

— Você é minha esposa — lembrei-a da minha autoridade.

— Então me respeita!

Ela não se abaixou, não recuou e isso me tirou do sério. Já não estava pensando direito quando percebi que a minha boca a tinha silenciado. Parei de pressionar a sua nuca e apertei os seus lábios, invadindo a sua boca com a língua afoito para retomar o controle da situação. Ela chiou, mas não deixei que se afastasse, envolvi o seu corpo e a fiz colidir com o meu peito diante da força com que a puxei para mim. Se ela queria ser tocada, foi exatamente o que eu fiz, minhas mãos foram direto para sua bunda e eu a apertei, descobrindo o quanto o vestido era terrivelmente fino.

Meu pau ficou ainda mais duro enquanto eu descobria que a sua boca tinha um gosto muito melhor do que eu havia previsto. Sem me controlar, explorei cada canto dela com a língua. Queria deixá-la sem ar, sem palavras e sem reação, porém, estava provocando o mesmo efeito em mim.

Mordisquei o seu lábio inferior para recuperar um pouco do fôlego enquanto pressionava a sua bunda com mais força e

esfregava seu sexo no meu pau duro. Manuela não era muito mais baixa do que eu o que me permitia pressionar exatamente onde queria. I ameter a língua em sua boca de novo, mas antes que fizesse isso, fui surpreendido com um novo estalo no meu rosto que me pegou desprevenido.

— Eu não te deixei fazer isso! — Ela rosnou para mim.

— Não deveria ter me provocado.

Meu rosto ainda estava latejando pelo tapa, Manuela era mais forte do que eu havia previsto, mas dado ao momento, aquele era o último efeito que ela havia provocado em mim com o qual eu estava me preocupando.

Ela ficou me encarando, enquanto ofegava e gostei de ver a forma como havia roubado o seu fôlego.

As pessoas continuaram olhando e eu não lhes dei a menor importância até que a Manuela empurrou o meu peito e saiu correndo.

Fiquei parado, observando-a desaparecer no meio das pessoas.

— Quer que eu vá atrás dela? — Ao ouvir o meu irmão, percebi que ele havia observado tudo.

— Descubra como Manuela chegou aqui e se certifique que voltará inteira para casa. Não quero ninguém com as mãos nela.

— Pode deixar. — River seguiu o rastro da minha esposa.

— Só as suas mãos, eu imagino. — Meu primo deu uma risadinha.

— Cala a boca, Otto! — rosnei, fazendo-o se arrepender de qualquer comentário.

— Acho melhor irmos embora, Steven, já chamamos atenção demais.

Balancei a cabeça, concordando com o meu primo. Manuela tinha atrapalhado a minha missão e o meu juízo.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo dezoito

Escorei-me no carro com as pernas bambas, sem fôlego e completamente sedenta. Nenhum exercício físico que eu fizera na vida havia derramado tanta adrenalina no meu sangue e provocado todos aqueles efeitos.

— Você está bem? — Fernanda abaixou o vidro e me perguntou de dentro do carro.

Só fiz que sim com a cabeça.

— Encontrou o Steven?

— Tem água aí ?

— Água? — Fernanda franziu o cenho, estranhando o meu pedido.

— Sim, estou sedenta.

— Temos que voltar lá e comprar para você. — Indicou a entrada da boate, mas eu balancei a cabeça, negando.

— Podemos ir embora?

— Entra no carro. — Indicou banco do carona, esperando o que eu me acomodasse nele.

— Viu o Steven?

Cerrei os dentes ao me recordar do que havia acontecido. O meu coração ainda estava acelerado, as minhas pernas bambas e eu não estava sabendo lidar com todos aqueles efeitos.

— Ele é um idiota, um troglodita, um imbecil!

— O que aconteceu?

— Ele me beijou.

Fernanda começou a rir. Ela colocou a mão na barriga e começou a se contorcer como se tivesse ouvido a piada do século e isso me deixou ainda mais irritada.

— Não tem graça. — Fiz bico, estufando o peito.

— Desculpe-me. — Fernanda se recompôs.

— Pode me levar de volta?

— Claro.

Ela tocou a chave do carro, mas antes de dar partida, fui surpreendida com alguém batendo no vidro.

— Achei você!

Virei para fora e vi o River escorado, olhando diretamente para nós.

— Mamãe? — Ficou surpreso ao constatar quem havia me trazido até ali.

Fernanda abaixou o vidro para que pudéssemos falar diretamente.

— Oi, filho. — Sorriu para o River como se não tivesse problema algum em estarmos ali.

— Foi você quem trouxe a Manuela?

— Sua cunhada queria dar uma volta.

— O Steven está puto.

— Seu irmão já é grandinho o bastante para lidar com algumas desavenças. Quer uma carona para casa?

— Vai tomar conta da Manuela? — O homem olhou para mim e depois de volta para a mãe.

— É claro!

— Então vou voltar para ver se o Steven precisa de mim.

— Não fique até tarde e tome cuidado.

— Mãe, para com isso!

— Boa noite, querido. — Fernanda acenou para o filho e acelerou o carro, fazendo com que River se afastasse do veículo acompanhando a nossa partida.

Eu olhei para Fernanda e ela me olhou de volta, imaginei que fosse fazer inúmeras perguntas, mas se restringiu a apenas uma.

— Você está bem?

— Vou ficar.

Ela assentiu e focou na direção, levando-me de volta para a casa dos Lansky. Eu ainda estava absorvendo o que havia acontecido, um misto muito intenso de raiva e perversão. Desejava Steven tão longe de mim quanto o queria perto.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo dezenove

Meu irmão havia me contado que fora a mãe dele quem levara a minha esposa até a boate. Por mais irritado que eu estivesse, não estava surpreso. A Fernanda estava acostumada a testar os limites, não apenas os do meu pai. Amava a minha madrasta, principalmente porque ela havia sido a minha mãe, já que eu perdera a minha muito cedo. Contudo, naquele momento eu estava furioso com ela. Não tinha atitude mais estúpida do que levar a Manuela ao local onde eu estava. Eu havia perdido a cabeça e por pouco a situação não ficara ainda pior.

Não fiquei muito mais tempo lá, ainda estavam todos olhando para mim e comentando sobre o que havia acontecido. Com a fúria inflada, eu poderia causar acidentes letais se alguém ousasse fazer um comentário um pouco mais maldoso. Entretanto, também não voltei para casa naquela noite.

Não lembro exatamente como fui parar em uma velha academia de box no Brooklyn, mas quando acordei, estava escorado em um aparelho de musculação.

— O poderoso chefe de Nova York perdeu o caminho de casa, foi?

Movi a cabeça, ainda um tanto sonolento e reparei que Philip, o dono do lugar estava conversando comigo. Ele era um senhor, tinha mais de sessenta anos e vendida droga na região desde a época em que o meu pai assumiu o controle da máfia.

Eu esbarrava com ele durante as cobranças, porém, mais do que apenas um traficante, ele havia se tornado um velho sábio que às vezes palpitava na minha vida, principalmente quando me dispunha a treinar ali ou assistir alguns dos campeonatos.

— Quis dormir num lugar diferente essa noite.

— Tenho certeza de que há locais mais confortáveis do que esse.

— Provavelmente, mas em nenhum deles eu posso acordar e ir me exercitar. — Dei um sorriso amarelo ao esfregar os meus olhos.

— Aposto que tem sim, inclusive na sua própria casa. — Ele se moveu pelo ambiente e foi até um baú desgastado, pegando um par de luvas de boxe e as jogando para mim.

— Não queria ter que brigar com a minha madrastra e deixar o meu pai puto comigo.

— Achei que você gostasse dela.

— Eu gosto.

— Então, qual o problema?

— Longa história. — Dei de ombros ao começar a movimentá-los em meio a um alongamento.

— Veste as luvas.

— Não sei se quero treinar agora.

— Se não quisesse não teria vindo para cá.

Ele me pegou naquela e fez com que eu engolisse em seco.

— É, pode ser. — Coloquei as que estavam em minha posse e o Philip fez o mesmo, indicando-me o caminho até o ringue.

— Aconteceu algo?

— Tem sempre algo acontecendo. — Dei um salto para o lado para me esquivar de um cruzado que ele deferiu contra mim.

— Parece diferente dessa vez.

— Viu os meus homens? — mudei completamente de assunto, pois não queria responder àquela pergunta.

— Estão lá fora.

— Pensei que eles tinham me abandonado. — Ri.

— Acho que não seriam loucos o bastante para fazer isso.

Movi a cabeça de um lado para o outro, estalando o meu pescoço e dei alguns saltinhos para trás, aquecendo melhor o corpo, que ainda estava sonolento. Eu treinava com frequência, não apenas boxe, mas também outras artes marciais para me manter em forma e me preparar para qualquer desafio. Eles não costumavam ser poucos em uma posição como a minha.

Jab, direto e cruzado, movia o meu corpo de um lado para o outro, esquivando-me de cada um dos golpes que eram deferidos pelo Philip. Ele poderia estar velho, mas ainda tinha um bom pique e conseguia atacar com agilidade.

— Vamos, menino!

— Eu não sou um menino! — Avancei para cima dele e golpeei-o na cabeça, fazendo com que desse um passo

cambaleante para trás.

— Tem se saí do bem.

— É o que o meu pai espera de mim.

— Talvez ele espere muito menos do que você mesmo cobra de si.

— Eu sou o chefe.

— Todos nós sabemos disso. Não é isso que o está preocupando, é?

— Ela me enlouquece. — Dei mais um golpe e dessa vez Philip se esquivou com facilidade.

— Ela? — Franziu o cenho, estranhando a minha fala. — Sua madrasta?

— Não, a minha esposa.

— Ah, você se casou. Com uma italiana, não é? Ouvi dizer que ela é muito bonita.

Boni t a. A palavra ecoou na minha cabeça e me fez recordar dela naquele vestido minúsculo aparecendo na boate. Manuela era

linda até mais do que deveria e essa aparência poderia me atrair ainda mais problemas.

— Não quero falar sobre isso.

— Mas é o que o incomoda?

— Você é boxeador ou terapeuta?

— Às vezes um pouco dos dois.

— Dispensó a sua consulta. — Dei um golpe na direção do rosto dele, fazendo com que se calasse.

— É você quem sabe.

— Ótimo!

— Levanta a sua guarda, ou vai acabar sendo atingido.

Tomei um cruzado que me provocou uma leve tontura.

— Pode deixar.

Correspondi aos golpes dele, comecei a desferir os meus, que Philip bloqueava, até que consegui encaixar alguns e bati nele até que caíssem forças no tatame, batendo a luva no chão para interromper a nossa luta.

Respirei ofegante enquanto o suor escorria pelo meu rosto. Queria que tudo na minha vida pudesse ser solucionado com a força dos meus punhos.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo vinte

Quando chegamos em casa depois da boate eu fui para o quarto, mas não consegui dormir. Rolei na cama a noite inteira reparando em cada um dos sons, mas nenhum deles indicou o retorno do Steven para casa. No café da manhã, entre alguns comentários e a sua ausência, certifiquei-me de que ele havia dormido fora de casa.

Não tinha importado a minha interrupção, ele acabou aproveitando a noite nos braços de outra e, depois da forma como ele havia me beijado, fiquei ainda mais furiosa. Ele não me respeitava como Bellucci e muito menos como esposa.

Fiquei o dia inteiro no quarto, alternei as minhas atividades entre responder mensagens de celular e estudar pelo computador. Já que também não podia sair quando estava em casa, as aulas online que fazia do meu curso de Educação Física também poderiam ser feitas nos Estados Unidos.

Já era meio da tarde quando o meu estômago roncou e me lembrou de comer. Fechei a tampa do notebook, coloquei-o sobre a cômoda e saí do quarto. Minha intenção era ir até a cozinha pegar

algo para comer, mas o meu caminho foi obstruído quando vi o Steven sair da escada.

Cerrei os dentes e os punhos quando nossos olhos se cruzaram e a minha respiração acelerou. Estava com raiva e esse sentimento exalava pelos meus poros.

— Até que enfim voltou para casa — falei entredentes.

— Tive uma noite e uma manhã mais interessantes em outro lugar. — O tom debochado dele e o sorrisinho de quem estava se divertindo provocou ainda mais a minha ira.

— Uma pena que ainda está respirando.

Steven deu alguns passos na minha direção e encurtou a distância que havia entre nós, tornando-se perigoso. Qualquer fagulha nos explodiria.

— Por que quer tanto que eu morra?

— Não posso voltar para casa como divorciada, mas posso ser viúva.

Steven pegou os meus ombros e me apertou contra a parede. O impacto das minhas costas na superfície cedeu com uma firmeza com que eu arregalasse os olhos.

— Se acha que vai se livrar de mim assim tão fácil, está muito enganada. — Ele abaixou a cabeça e seu nariz ficou a milímetros do meu. Nossas respirações começaram a se misturar e a minha ficou ainda mais acelerada.

— É só te deixar com as suas putas.

— É isso o que acha que eu fiz pela noite inteira?

— Não quero detalhes. — Virei o rosto. Não continuaria o encarando, nem falando sobre aquilo, pois me deixava extremamente irritada.

Ele tinha que me honrar, éramos casados, mas ao invés disso passava a noite com outras mulheres e ainda fazia questão de jogar isso na minha cara.

— Tem certeza? — Ele aproximou a boca da minha orelha que estava virada para ele e precisei me conter para que os espasmos do meu corpo não denunciassem que ele havia me arrepiado toda. Contudo, se Steven reparasse nos meus pelos, perceberia.

— Você é um cretino! — Enchi o peito para falar, esforçando-me o máximo para me mostrar firme. Não me dobraria diante dele.

— Não é o que gemem quando estão comigo. — Suas mãos ainda estavam nos meus ombros, mas escorregaram até os meus braços. O calor que provocavam em mim era anormal e me deixava ainda mais aflita.

— Porque são putas.

— Nem todas as vezes.

— Me solta! — Virei o meu rosto e ele estava tão perto que o meu nariz parou no seu.

— E se eu não quiser?

— É bárbaro o bastante a esse ponto?

Estava perdendo o juízo e precisava que ele saísse de perto de mim o quanto antes. Era como se fôssemos uma gasolina pingando perto de um fio de alta tensão.

— Não é exatamente o que pensa que eu sou?

— Sim. — Apertei o seu peito, tentando pressioná-lo para longe, ao mesmo tempo que todos os impulsos do meu corpo eram o completo oposto.

Queria puxar o Steven para mim e me recordar do beijo que havíamos trocado no dia anterior não tornou mais fácil afastá-lo.

— Eu te odeio! — Enchi a boca para falar, como o último recurso para fazer com que ele se afastasse de mim, porque o meu corpo inteiro estava me traindo. Tentava empurrá-lo, mas as minhas mãos não deixavam. Ao invés de impulsionar, estava apenas escorregando as mãos pelo seu peito, sentindo os músculos por debaixo da camisa.

— Não ligo para o que você sente.

Ouvir aquilo foi pior do que ele simplesmente dizer que também me odiava.

Cerrei os dentes bufando de fúria e bati com as mãos no seu peito, mas antes que eu começasse a socá-lo, Steven tomou os meus pulsos e os atou à parede, segurando-os firmes.

— Fica quieta!

— Me solta!

— Só se prometer me obedecer.

— Eu nunca vou te obedecer.

— Eu sou o chefe.

— Não é o meu chefe.

— Cala a boca! — Rosnou, com os olhos brilhando de fúria.

Steven apertou os meus pulsos com mais força e os senti ficarem doloridos. Eu me debati, sem conseguir fazer com que os meus olhos fugissem aos dele. Quando ele me apertou com o seu corpo, senti o volume na calça e entrei em combustão.

— Vou te deixar calada.

Ele não deveria fazer aquilo, ele não poderia fazer aquilo. Eu negaria até a morte o meu desejo, mas o meu corpo não colaborou. Quando Steven pressionou com força a sua boca contra a minha, não consegui resistir ao impulso de abrir os lábios e deixar que a sua língua entrasse para tocar a minha.

Meu marido soltou os meus braços e eles caíram com o próprio peso. Subi com as mãos até os seus ombros e pressionei as minhas unhas contra o tecido da sua camisa. Se ele sentiu dor, não demonstrou.

As suas mãos subiram pela minha coxa, apertando-as até escorregarem para a minha bunda. Eu estava com um short e Steven o invadiu por baixo, tocando-me diretamente sem um pingo

de pudor. A minha raiva e a minha ira tinham de ser o bastante para que conseguisse tirar aquele homem de cima de mim. Contudo, quanto mais ele me espremia, e me apertava, mais eu desejava que continuasse. Aquele fogo que ele havia despertado em mim era incontrolável e consumia toda a minha sanidade.

A ereção em sua calça ficou esfregando-se no meu sexo e eu descobri o desejo que poderia morar entre as minhas coxas. Era como se houvesse um segundo coração bem ali. Sabia o que acontecia entre duas pessoas adultas, mas ainda não havia experimentado as sensações. Elas eram perigosas demais.

Steven mordeu a minha boca, puxando o lábio inferior até estalar e eu soltei um leve gritinho.

— Vem aqui, esposa — falou a última palavra com um pouco de deboche ao abrir a porta do meu quarto e me empurrar para dentro dele.

Entrei no cômodo cambaleando e bati com as mãos no peito dele, empurrando-o para trás, mas Steven não recuou, só bateu com a porta, nos trancando no cômodo.

— O que vai fazer?

— Quer gritar comigo? Vou te dar motivos para gritar.

Não tive tempo de responder, porque ele me segurou pela cintura e me empurrou para cama, fazendo com que o meu corpo quicasse o colchão. Olhei para ele ainda rosnando, queria demonstrar a minha indignação, para não ter que admitir que queria.

Steven tirou a camisa e a jogou no chão e o seu abdômen me deixou sem fôlego. Ainda que eu quisesse observar, ele não me deu tempo para isso. Veio para cima de mim na cama como um leão feroz. Tomou a minha cintura, abriu o zíper do meu short e o tirou junto com a calcinha em um puxão só. Tentei cobrir o meu sexo nu com as mãos, mas Steven segurou os meus pulsos outra vez e me prendeu à cama.

Ele voltou a me beijar, sua língua explorando cada canto da minha boca enquanto os seus dentes castigavam os meus lábios com mordidas. Solto meus pulsos, mas continuou pressionando o meu corpo contra a cama com o seu. As mãos desceram até a barra da minha blusa e ele só parou de me beijar para tirá-la. O sutiã, que abria na frente, ficou em mim, mas Steven puxou o fechou para deixar os meus seios para fora.

Cerrei os lábios para não gritar quando ele abocanhou um dos meus mamilos e começou a sorver com força.

Voltei a sentir o peso das suas mãos enquanto elas percorriam as minhas coxas. Eu me arqueava na cama, lutando

contra o desejo e a falta de juízo, principalmente, porque sabia que não conseguiria escapar dele. No fundo, não queria e isso me deixava com ainda mais raiva. Como poderia desejar que aquele homem me possuísse tão intimamente se ele era um completo idiota comigo?

Eu o vi se livrar da calça e da cueca e tomei consciência de que nós dois estávamos nus. Sua boca veio parar no meu pescoço e me mordeu. A pressão dos seus dentes me fez gritar num misto insano de dor e excitação. O peso dele me prendeu à cama e não havia para onde fugir quando Steven foi parar no meio das minhas pernas.

— Quer gritar? Pode gritar — zombou de mim ao me encarar.

Eu queria me manter firme e não dar aquele gostinho para ele. Pressionei os lábios com toda a força, mas quando ele me invadiu, num tranco firme que rasgou a minha virgindade o meu grito ecoou pelo quarto e talvez pela casa toda.

Finquei as unhas nele, fazendo com que ele também compartilhasse da dor, mas meu marido nem pareceu se incomodar. Ficamos nos encarando até que ele começou a se movimentar em mim.

O descontrole que tinha nos levado ao sexo, não amenizou enquanto o Steven tomava o meu corpo.

Em busca de um pouco de autoridade, subi com as minhas mãos pelo seu pescoço, até agarrar seu cabelo loiro e foi a minha vez de mordê-lo na garganta.

A adrenalina, a ira e a tensão me fizeram esquecer da dor e comecei a perceber o poder da fricção do seu corpo no meu. O que eu sentia antes encontrou um novo significado que eu só conseguia descrever como delicioso. À medida que o membro dele escorregava para dentro e para fora de mim, uma névoa de prazer me envolveu. Eu queria mais e mais ao ponto de subir o meu quadril, incentivando-o a continuar.

Ouvia dizer que era bom, mas estavam sendo modestos, era maravilhoso...

Steven saiu de mim e eu rosnei em protesto. Ele não poderia parar, não admitiria que parasse.

Sem se importar com os meus dentes cerrados, ele tomou a minha cintura e me girou na cama, fazendo com que eu ficasse de bruços, apoiando as mãos no colchão para não bater com o rosto.

Ele me deu um tapa na minha nádega esquerda que a deixou ardendo, mas me fez rebolar pedindo por outro.

O peso dos seus dedos envolveu o meu quadril e Steven voltou a me puxar, unindo-se a mim novamente.

Com uma das mãos ele guiava os movimentos e com a outra agarrou um dos seios que estava pendulando. Eu podia sentir a sua respiração na minha nuca e ouvir os seus gemidos, enquanto ele comandava aquele ato de pura selvageria.

Afundi os meus dedos no colchão quando meu corpo inteiro começou a tremer. Havia algo se aproximando. Steven não parou de entrar e sair de mim nem quando percebi que havia derramado seu líquido no meu interior

O impacto do seu corpo no meu reverberava em cada célula minha e quando a tensão finalmente explodiu, eu tombei na cama, gemendo ao experimentar a melhor sensação da minha vida. Não havia nada que eu tivesse sentido antes que se equipasse às ondas espalhando pelo meu corpo.

Afundi o rosto no colchão enquanto recobrava o fôlego e o controle. Steven continuou em mim, também ofegante. Levou alguns minutos para que tomássemos consciência do que havíamos feito.

Quando os efeitos do orgasmo passaram e comecei a entender o que havia acontecido foi que a minha racionalidade voltou na mesma proporção da minha ira.

— Vai embora! — Empurrei-o, fazendo com que saísse de mim.

Fiquei embaraçada ao perceber o sêmen escorrendo pelas minhas coxas, misturado com um pouco de sangue.

— Gosto da sua bunda nesse ângulo. — Riu enfatizando que estava reparando no meu corpo.

— Saí! — Girei-me na cama, sentando nela e puxei um lençol para me proteger do olhar perigoso dele.

— Já vi tudo.

Rosnei indo para cima dele e batendo no seu peito.

— Não deveria ter feito isso.

— Você me disse que não queria? — Mantive o olhar firme ao me desafiar e tocou onde exatamente não deveria.

— Eu não queria — menti descaradamente.

Steven continuou rindo e a minha vontade era quebrar o quarto inteiro na sua cabeça. Porém, só peguei as suas roupas e comecei a jogar nele.

— Saí !

Ele me olhou mais uma vez, como se pudesse enxergar por debaixo do lençol e saiu do cômodo carregando as suas vestes. Não pareceu se importar que alguém o visse pelado no corredor.

Diziam que a raiva fazia com que as pessoas cometessem loucuras, mas o que eu não esperava era que acabasse entregando a minha virgindade para ele daquele jeito. Agimos como duas bestas raivosas.

Estava toda dolorida, como se um caminhão houvesse passado em cima de mim, mas o pior de tudo era que estava desesperada por mais.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo vinte e um

Joguei a roupa no chão e entrei no meu banheiro. Pelo espelho vi as marcas dos dentes da Manuela no meu pescoço. A minha pele era clara o bastante para que eu soubesse que a marca duraria por um tempo. Tinha sangue seco no meu pau que me provava ter acabado de arrancar a virgindade da minha esposa.

Eu não previa que fôssemos transar, nem que nos beijáramos, não era o meu objetivo, mas quando começávamos a discutir a situação saía do controle muito rápido. Tombei a cabeça para trás, empurrando o meu cabelo e soprei o ar com força, empurrando algumas gotas da água que caía sobre o meu rosto.

— Merda!

Como queria controlar a Manuela se não conseguia controlar a mim mesmo.

Terminei de tomar o meu banho, enrolei-me na toalha e saí do meu quarto para colocar roupas limpas. Toda a tensão que estava sentindo pela manhã parecia ter ido embora depois que Manuela e eu transamos.

Ouvi uma batida na porta e me surpreendi com um questionamento de que pudesse ser ela. Não admitiria em voz alta, mas queria repetir a dose. Ela achava que eu tinha passado a noite com prostitutas, mas aquela havia sido a minha primeira transa após o nosso casamento.

— Steven.

Perdi o sorriso ao ouvir o meu pai.

— O que foi? — Abri a porta.

— Está tudo bem?

— Por que não estaria?

— Ouvi gritos.

— A situação está sob controle. — Para ser honesto comigo mesmo, duvidava disso, mas não precisava confessar ao meu pai.

— Está tudo bem com a Manuela?

— Deveria perguntar para ela e não para mim.

— Você a machucou? — Meu pai cerrou os dentes, repreendendo-me com o olhar.

— Talvez um pouco.

— Achei que não fosse ultrapassar essa linha.

— Ela é muito tênue quando estamos rosnando um para o outro. — Passei a mão pelo pescoço dolorido me lembrando que havíamos nos comportado como animais. Não apenas eu, mas ela também.

— Não foi para isso que eu te criei.

— Acha que eu es...

— Lucian. — Fernanda surgiu no corredor e me impediu de concluir a frase. — Você prometeu me levar para assistir aquela peça de teatro, vamos acabar nos atrasando.

— Fernanda, não é um bom momento.

— Vamos. — Ela fez um sinal com a cabeça, ignorando a expressão do meu pai.

— Não terminamos — falou com firmeza para mim e foi até a esposa.

— Fernanda, tenho que fazer alguma coisa ou... — Meu pai começou a falar, mas foi interrompido.

— Deixa eles se queimarem.

— Vão acabar se matando.

— Ela é valente. É melhor o Steven ficar esperto. —
Fernanda levou o meu pai para longe e eu fiquei sozinho no
corredor.

A minha madrasta deixou claro para o meu pai que aquele
conflito era algo que eu e a Manuela deveríamos resolver, ou nos
matar no processo. A segunda alternativa parecia bem mais
evidente.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo vinte e dois

Tinha um vermelho no meu pescoço e outros espalhados pelo meu corpo. As marcas dos dedos do Steven ainda estavam na minha bunda e eu ficava sem fôlego só de pensar no que tí nhamos feito.

Tinha sido insano. Era como se houvéssemos lutado um contra o outro e no fim os dois vencerem, porque o orgasmo... Balancei a cabeça para afastar aqueles pensamentos. Minha mente tinha que se afastar daquelas sensações, do contato e de como gozar era incrível e fazia com que eu me sentisse em êxtase.

Steven e eu éramos como dois trens desgovernados na direção um do outro e não havia como aquela situação terminar bem.

Joguei-me na cama e peguei o meu celular. Tinha mensagens do meu pai e eu engoli em seco ao ver a foto dele.

Papai:

Princesa, está tudo bem?

Manuela:

Com saudades.

Papai:

Eu também.

Está gostando dos Estados Unidos?

Manuela:

Ainda não tive oportunidade de conhecer melhor a
cidade.

Papai:

Espero que Steven esteja cuidando bem de você.

Fiquei olhando para a mensagem, minha mente vacilou entre
as farpas trocadas, as afrontas, os beijos e por fim o sexo selvagem.

Manuela:

Ele está.

Demorei tempo demais para responder e imagino que isso tenha me denunciado, porque o meu pai parou de mandar mensagens e o telefone começou a tocar.

— Filha!

— Oi, pai. — Tive que segurar as lágrimas ao ouvir a voz dele.

— Aconteceu alguma coisa?

Eu não iria falar para o meu pai que o meu casamento era um completo desastre e que eu e meu marido provavelmente nos mataríamos em algum momento. Sempre seria a garotinha valente do Theo Bellucci e não queria que ele me visse de outro jeito. O caos entre mim e o Steven era apenas problema meu.

— Só estou com saudades de casa. — Não era uma mentira.
— Posso sentir saudades, não posso?

— Claro que sim. Eu, sua mãe e seus irmãos também estamos com muitas saudades de você. Hoje avisei ao seu tio que pretendemos visitá-la no final do mês.

— Vocês vêm? — Fiquei extremamente feliz, ao mesmo tempo que me apavorei com a possibilidade do meu pai ver o que realmente estava acontecendo ali.

Havia ganhado uma missão e estava falhando nela.

— Sim.

— Vai ser ótimo!

— Filha, preciso sair agora. Nos falamos depois?

— Sim, papai.

— Eu te amo, Manuela.

— Também amo você.

Ele desligou a chamada e assim que apoiei o telefone no meu colo, comecei a chorar.

Estava com tanta saudade dele e do restante da família. Por mim poderia até voltar aos momentos em que os meus irmãos puxavam o meu cabelo ou pregavam peças em mim.

Se eu pudesse escolher alguma coisa, fazer qualquer pedido, só queria uma máquina do tempo para que eu pudesse voltar ao instante em que era uma menininha que tinha medo do escuro, mas

que tinha certeza de que o meu pai me protegeria de tudo. Ele era apavorante na maior parte do tempo, principalmente quando chegava em casa sujo de sangue, mas sempre foi o meu maior herói.

Queria ser como o meu pai, destemida, valente, forte e desejava ainda mais que ele olhasse para mim e sentisse orgulho tanto quanto eu me orgulhava dele.

Minha barriga começou a doer e eu me lembrei de que estava com fome. Coloquei uma blusa de gola alta e arrisquei sair do quarto. Desci para a sala de estar e passei pela porta da sala de televisão. Steven estava com o irmão caçula e eles jogavam videogame. Nossos olhares se cruzaram, mas nenhum de nós ousou dizer uma única palavra, sabíamos do perigo que elas representavam.

Destilávamos ódio, falávamos atrocidades e acabávamos nos atracando.

Apressei-me para ir até a cozinha e encontrei a empregada preparando o jantar.

— Senhora Manuela.

— Boa tarde... Quer dizer, boa noite! — Abri um sorriso sem jeito ao perceber que já havia escurecido.

— Tudo bem com a senhora?

— Sim. — Passei a mão pelo pescoço, certificando-me de que as provas da selvageria cometida entre mim e o Steven estavam cobertas.

— Tem alguma coisa em que eu possa ajudá-la?

— É Mirian seu nome, não é mesmo?

— Sim. — Sorriu ao perceber que eu me havia lembrado.

— Bom, Mirian, estou com fome. — Fiquei sem jeito.

— Estou preparando o jantar, mas fiz um bolo de chocolate, aceita uma fatia?

— Eu adoraria.

— Vou pegar para a senhora.

— Muito obrigada.

Fiquei esperando até que a empregada me serviu um pratinho com uma bela fatia de bolo e um copo de suco de laranja.

O lanche manteria o meu estômago quieto até a hora do jantar.

Saí da cozinha e segui o caminho de volta, só que dessa vez, Steven estava parado no meio do corredor e não saiu do caminho para que eu passasse. Olhei para ele e ele me olhou de volta, fiquei esperando que desse um passo para o lado, mas ele não o fez. Irritada, passei trombando nele e meu ombro quase ficou para trás.

Achei que tinha me livrado dele até sentir um estalo na minha bunda. Olhei para trás ao perceber que ele tinha me dado uma palmada, não foi para doer, mas o suficiente para me deixar desconfortável e envergonhada, porque o River tinha visto.

Cerrei os dentes e o Steven riu.

Dei um passo na direção dele, mas antes que colidíssemos, River puxou o irmão para dentro da sala onde estávamos.

— Você precisa ver isso.

Tentei normalizar a minha respiração e fui embora antes de perder o controle novamente.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo vinte e três

— O que foi? — Voltei-me para o River quando a Manuela sumiu de vista.

— Pega leve com ela, cara.

— Eu não fiz nada demais. — Dei de ombros.

— Ela é uma Bellucci, Steven.

— Também vai pagar pau para eles? — Revirei os olhos para que o meu irmão percebesse que aquele era o pior assunto que ele poderia ter puxado. — E não, ela não é mais uma Bellucci, é uma Lansky agora.

O caçula apenas balançou a cabeça, fazendo que não, mas evitou tecer qualquer outro comentário.

Antes que o assunto voltasse a ser a minha esposa, meu celular tocou e eu o puxei do bolso, encerrando a minha conversa de uma vez por todas com o River.

— Oi!

— Chefe, aqui é o Paul Miller.

— O que quer?

Associei o nome na minha mente até me recordar que o homem era dono de alguns restaurantes e boates em Manhattan e um dos principais distribuidores de drogas na região.

— Fiquei sabendo que você está atrás dos caras que estão vendendo a pí lula de marte.

— Tem algo para mim?

— Meus homens pegaram um traficante vendendo em uma esquina perto de um dos meus restaurantes. Os jovens parecem loucos por esse bagulho.

— Onde está?

— Vou enviar o endereço.

— I rei até lá.

— Combinado.

Guardei o celular no bolso e percebi que o meu irmão estava reparando em mim.

— Aconteceu alguma coisa?

— Pegaram outro traficante vendendo a pí lula de marte.

— Então realmente não pegamos o desgraçado que está distribuindo essa merda?

Fiz que não.

— É uma droga sintética, pior do que a metanfetamina. Ele deve ter um laboratório em algum lugar, grande o suficiente para produzir droga para abastecer Nova York inteira.

— Não acha que possam ser os japoneses ou os russos tentando tomar nosso território de novo? Não é de hoje que eles nos perturbam.

— É uma possibilidade, mas eu não sei. — Meu celular vibrou e eu puxei, certificando-me de que o endereço havia chegado. — Chame o Bill e mande-o avisar aos soldados que nós vamos sair. Também avise o Otto para se encontrar conosco lá.

— Acha necessário tudo isso?

— Eu não quero que nos subestimem.

— Okay! — River balançou a cabeça, concordando. — Mas poxa! Logo na hora do jantar.

— Vamos logo!

Ele não esperou outra ordem minha antes de seguir pelo corredor e ir para o local onde os soldados se reuniam.

Fui até o meu quarto, troquei de roupa e peguei arma e munição. Não sabia o tamanho do inimigo com o qual estava lidando, mas era melhor estar preparado para tudo.

Assim que cheguei à garagem, vi o meu irmão vestindo uma jaqueta à prova de balas e entramos juntos no banco de trás de um utilitário preto blindado.

Falei o endereço para o soldado antes de recostar melhor as minhas costas no assento e alternei o meu olhar entre o interior e o exterior do veículo.

Logo saíram pelos portões da mansão e outros dois carros com soldados nos seguiram para garantir a nossa segurança. Mesmo em tempos de paz, pessoas em posições como a minha deveriam estar sempre preparadas para a guerra.

— Acha que o FBI não sabe quem eles são? — meu irmão quebrou o silêncio que havia se estabelecido.

— Se eles soubessem e pensassem que podiam resolver não teriam vindo até mim.

— Nesse ponto você tem razão.

— Existem limites que os federais não podem ultrapassar, os mesmos limites que nós quebramos o tempo todo. Eles têm regras, nós vivemos pela lei do mais forte.

— Tem razão.

— Não acha melhor ligar para o nosso pai e pedir-lhe para se encontrar conosco? A minha mãe pode ir junto...

— Ele entregou o trabalho para gente, River. Deixe nosso pai aproveitar a aposentadoria enquanto nós lidamos com os problemas.

— Mas se não conseguimos lidar? — arriscou-se a fazer a pergunta.

— Nós morremos.

Meu irmão engoliu em seco e ficou momentaneamente pálido.

River não voltou a me fazer perguntas, apenas virou o rosto e tombou a cabeça no vidro do carro. Por mais que ele fosse o subchefe, eu sabia que para ele ainda era difícil enfrentar a realidade das nossas obrigações. Nunca iria admitir, mas alguns líderes poderiam ter razão, eu já estava com vinte e sete, mas o River só tinha vinte, estava na faculdade e, como caçula, havia sido muito mimado.

Diferente de mim, que havia perdido a minha mãe muito cedo, Fernanda sempre fez de tudo pelo River, por mim também, eu não poderia negar, mas durante um tempo havia sido apenas eu e o meu pai.

— Chegamos — comentou um dos soldados e eu olhei para fora.

O local estava silencioso e bem-iluminado. Ao longe eu podia ver o rio East correndo calmo no horizonte. Parecia um bairro tranquilo como qualquer outro, e duvidava que as pessoas comuns tivessem consciência do que acontecia no submundo da cidade de Nova York.

Bill abriu a porta e River foi o primeiro a descer.

Caminhei com os meus homens até a entrada de um galpão e fomos recepcionados por um dos soldados de Paul Miller, que

apenas deu um passo para o lado, permitindo a nossa passagem.

Deixei que Bill seguisse na frente enquanto examinava os paletes e muitas caixas de papelão e madeira. Tinham rótulos de bebidas e alimentos, mas muitas delas armazenavam armas e drogas.

Cheguei ao centro do galpão e vi um homem atado a uma cadeira enquanto outros estavam atrás dele. Paul deu um passo à frente, destacando-se dos demais e veio até mim, cumprimentando-me com um aperto de mão.

— Chefe!

— Paul.

O líder se afastou e eu voltei o meu olhar para o sujeito na cadeira.

— Esse é o merda que estava traficando perto do seu ponto?

— Sim.

— Já fizeram perguntas?

— Estava esperando você chegar. Não iria poupar o chefe da diversão.

— Okay. — Estralei os dedos e me aproximei do cara. Ele levantou a cabeça para me olhar diretamente. — Para quem você trabalha?

— Eu não vou falar nada! — Cuspiu no meu pé fazendo com que eu afunilasse os olhos e demonstrasse uma evidente fúria.

— Todos dizem isso até começarem a sangrar.

Virei a cabeça e percebi que o meu primo havia se juntado a nós.

— Nova York não é de vocês!

— Sim, ela é dos Lansky e continuará sendo. — Fui firme. — Quem está distribuindo a pí lula de marte?

— Teu pau. — Ele começou a rir.

— O que acha de começarmos arrancando o dedo dele — sugeriu o meu irmão fazendo com que o sujeito arregalasse os olhos diante do pavor.

— Não seria uma má ideia. — Sorri, fazendo com que ele se encolhesse ainda mais.

Levantei o pé e coloquei-o sobre as bolas do imbecil, apertando o suficiente apenas para que ele soubesse o quanto era perigoso brincar comigo. Eu não me importava em ter que me impor para conseguir o que queria. Estava tranquilo quanto à possibilidade de derramar sangue e esse era um fato que os meus inimigos não poderiam ignorar.

— Eu vou te dar uma escolha e peço que se decida com bastante cautela. Eu posso dar um tiro na sua cabeça assim que me responder o que eu perguntei, ou arranco as suas bolas uma por uma, e faço você comer. Se ainda não tiver disposto a falar posso fazê-lo sofrer o suficiente para que preferisse estar no inferno.

— Não! — Ele se debateu, tentando afastar o meu pé que o esmagava, mas atado à cadeira era impossível.

— Responda logo, seu tempo está acabando.

— Você acha que eu sei? — Começou a chorar.

No fim, todos eram fracos. Achavam que vender drogas os faria milionários, realmente fazia, mas só para aqueles que estavam dispostos a lidar com o mundo e todas as consequências.

— De quem compra?

— Um cara me abordou e me ofereceu as pí lulas. Não sei o nome dele, só que teria que encontrá-lo amanhã para pagar pelas que eu peguei.

— Onde?

— No Central Park.

Troquei olhares com o meu irmão e com o meu primo.

— Mandamos ele encontrar o cara? — perguntou o River analisando a situação.

— Não acha perigoso? — Paul demonstrou o seu receio.

— É uma alternativa — respondi ainda num tom pensativo. Não tinham muitas pistas para seguir. O pior era que me dava a sensação de que eu estava correndo às cegas.

— Vou levá-lo comigo — avisei para o Paul.

— Como quiser. Só deixa essas pí lulas fora do meu território. Não quero concorrência para os meus negócios e imagino que os demais na minha posição também pensem da mesma forma.

— Fique tranquilo. Nova York está sob o meu controle e continuará assim.

— Ótimo!

— Vamos. — Fiz um gesto com a cabeça para aqueles que estavam comigo.

Bill aproximou-se do sujeito na cadeira e o soltou, pegando-o em seguida pelos braços e fazendo com que andasse na nossa frente até ser jogado no porta-malas de um dos carros. Naquele momento era mais útil para nós vivo e eu esperava que fosse a isca que eu precisava para atrair quem realmente estava por detrás daquele esquema.

A cidade estava sob o controle da minha família há décadas e não seria no meu momento que isso iria mudar.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo vinte e quatro

Ele não estava no jantar e isso fez com que eu pudesse comer com um pouco mais de calma, entretanto não sabia por quanto tempo conseguiria evitá-lo e às consequências a longo prazo do nosso casamento. Steven me irritava, me enlouquecia e não fazia ideia de como lidar com aquele turbilhão de sensações sem surtar.

Queria matá-lo por ter batido na minha bunda ao mesmo tempo que ansiava por sentir o peso da sua mão de novo. Deveriam entregar um manual de instruções para as pessoas antes dos casamentos, principalmente quando eles aconteciam por conveniência, assim como fora o meu caso.

Rolei na cama, questionando-me se iria me levantar ou passaria o restante do dia naquela mesma posição. A vontade de ficar na cama e fingir que nada estava acontecendo parecia tentadora, mas assim que olhava para o quarto e percebia que não estava em Roma, todo peso voltava a recair sobre os meus ombros.

Fernanda tinha me dado um novo chip e eu pelo menos poderia ligar para casa, *mas di ri a o quê?* Soltei um longo suspiro.

Espichei até tocar a cabeceira, espreguiçando-me e vi o celular vibrar sobre o móvel de cabeceira. Trouxe-o para mais perto e vi uma mensagem do meu irmão.

Thiago:

Como está a vida nos Estados Unidos?

Já comprou tudo o que queria?

Manuela:

Ainda não tive oportunidade, mas imagino que não demore muito.

Thiago:

Ainda estão curtindo a lua de mel. Rsrtrs

Manuela:

Não vou falar sobre isso com você.

Thiago:

Agora que você está casada imagino que não seja mais um assunto proibido.

Manuela:

Para vocês nunca foi e isso era muito injusto.

Thiago:

Quer mesmo discutir o quanto a máfia é machista agora pela manhã?

Manuela:

Foi você quem puxou assunto.

Thiago:

Você sempre foi muito mais forte do que o sistema, irmã.

Manuela:

Não tenho tanta certeza.

Thiago:

Está tudo bem com você?

Mordi o lábio ao encarar o celular e fiquei sem jeito quando percebi que, mesmo sem querer, acabei denunciando para o meu irmão que havia algo de errado. Apesar do Lorenzo sempre ter sido o mais atencioso comigo, eu e o Thiago éramos mais próximos. Eu tinha um ano a mais, porém o meu irmão sempre se mostrou mais maduro do que o restante dos homens da idade dele, inclusive meus primos.

Thiago era forte, determinado e valente assim como nosso pai. Até onde eu sabia, apesar de ninguém ter confirmado esse boato para mim, ele já matava para a máfia desde os dezesseis.

Thiago:

Manuela?

Manuela:

Está sim.

Thiago:

Você não é boa mentindo nem pelo aplicativo de mensagens.

Manuela:

Deixei vocês e a minha casa para vir para outro país onde eu nunca tinha pisado e ser esposa de um homem que eu só tinha visto no noivado da minha prima. É o suficiente para que eu esteja irritada, não acha?

Finalmente eu externei para alguém parte de como eu estava me sentindo. Queria gritar e chorar, mas escrever aquelas palavras me ajudou a amenizar.

Thiago:

Vou buscar você.

Manuela:

Sabe que não pode fazer isso.

Thiago:

Não concordei com esse casamento.

Manuela:

Acho que nem o papai, mas tí nhamos escolha?

Thiago:

Eu odeio dizer que não, mas se ele machucar você, corte a garganta dele.

Manuela:

Vou me lembrar disso. Rsrs

Thiago:

Você merecia mais.

Manuela:

Ele é um chefe poderoso. Acho que era o bastante.

Thiago:

Não é sobre isso que estou falando.

Manuela:

Se nem nossos pais escolheram foi uma tolice minha
acreditar que teria esse direito.

Thiago:

Nem sei se depois de tudo o que eu já fiz, Deus me
ouve, mas eu peço para que Ele cuide de você.

Manuela:

Obrigada, irmão.

Thiago:

Não se deixe abater.

Manuela:

Nunca. É a minha missão e vou conseguir lidar com ela.

Thiago:

Muito bem! Não se esqueça de ter sempre um canivete
por perto.

Manuela:

Pode deixar. Rsrs

Thiago:

Se precisar de mim, me chame.

Manuela:

Pode deixar. Acho que vou descer para tomar café
agora. Foi bom falar com você.

Thiago:

Digo o mesmo. Até mais, irmã.

Manuela:

Até.

Deixei o meu celular sobre o móvel e me levantei da cama.
Fui até o banheiro e me preparei para o dia, trocando o pijama e me
livrando da cara amassada.

Desci para tomar meu café da manhã e encontrei a Fernanda
e o Lucian sentados à mesa. Eles estavam rindo um para o outro e
conversando sobre o programa da noite anterior, mas pararam de
falar quando me viram na porta.

Meu olhar seguiu curioso pelo cômodo, mas não encontrei o Steven. Senti uma inquietação ao mesmo tempo que pesava que deveria ficar aliviada por ele não estar ali, já que os nossos últimos encontros demonstraram o quanto éramos altamente explosivos juntos.

— Bom dia, Manuela! — Fernanda sorriu para mim.

— Bom dia! — Acenei para ela e para o Lucian.

— Sente-se. — Meu sogro indicou uma das cadeiras.

— Obrigada.

— Dormiu bem? — Ela se virou para me encarar diretamente.

— Sim.

— Que bom! Estava pensando em levá-la para sair hoje, o que acha? Desde que se mudou para essa casa não tem saído daqui e Nova York é uma cidade com muitas opções para se distrair.

— Eu iria adorar! — Fiquei empolgada.

— Ótimo! Podemos ir daqui a pouco.

Balancei a cabeça concordando e puxei uma torrada para comer com geleia.

Seria perfeito conhecer um pouco da cidade e também me faria bem deixar o Steven de lado e todas as minhas preocupações em relação ao nosso casamento.

— Vou me trocar e a esperarei na sala.

— Combinado.

Fernanda piscou para mim e se levantou, deixando o cômodo e o seu marido se despediu, indo logo atrás dela.

Apressei-me para tomar o meu café da manhã e me preparei para sair. Se pensasse em todas as pessoas daquela casa, Fernanda estava sendo a mais gentil comigo e apesar de ser praticamente a mãe do Steven, me tratava muito melhor do que ele. Parecia que nem tudo o que falavam sobre as sogras era realmente verdade.

Desci pela escada, ajeitando a bolsa transversal no ombro e ela se levantou do sofá assim que me viu.

— Pronta?

Balancei a cabeça, fazendo que sim.

— Finalmente chegou.

— O quê? — Franzi o cenho, confusa.

Ela me entregou uma pequena caixa preta e eu a abri com curiosidade, vendo dentro um cartão de crédito.

— Obrigada.

— Pode fazer as suas compras e o Steven cuida da fatura — debochou arrancando de mim um sorriso.

Ao menos aquele casamento me garantiria o mesmo padrão de vida elevado que eu tinha quando morava com os meus pais.

— Pronta para irmos?

— Estou. — Guardei o cartão de crédito na minha bolsa.

Fernanda indicou o caminho e eu segui com ela até a garagem. Lá havia um carro parado e um homem abriu a porta, indicando para que entrássemos.

— Bom dia, Boris. — Fernanda sorriu para ele com gentileza.

— Bom dia, senhora. Para onde vamos hoje?

— Time Square. Quero levar a minha nora para *turist* um pouco.

— Vai ser um prazer acompanhá-las.

— Obrigada.

Nós duas nos acomodamos no banco de trás e Boris e outro homem nos da frente. O carro deixou a garagem e eu percebi que estávamos sendo seguidas por outro veí culo. Ali não apenas o luxo fora mantido, mas também a segurança. Como em minha casa, percebi que não poderia dar um passo sem estar sendo vigiada. Era para a minha proteção, sabia disso, ainda assim em alguns momentos queria poder ser livre.

O veí culo foi deixado em um estacionamento e seguimos a pé até a avenida. Fernanda estava ao meu lado e os seguranças vinham logo atrás. Eles acompanhavam os nossos passos em completo silêncio, como verdadeiras sombras.

Assim que pude ver o lugar, meus olhos rapidamente foram atraí dos por todas as direções. Movia a cabeça de um lado para o outro, querendo memorizar cada detalhe. Era como se eu estivesse em um filme, mas ainda mais intenso.

Os painéis das lojas eram muito grandes e luminosos. Havia pessoas entrando e saindo em um fluxo grande e muitos turistas.

— Gostou? — Fernanda perguntou para mim.

— É incrível. Você vem muito aqui?

— Na verdade, não. — Ela riu.

— Por quê?

— Os novaiorquinos não têm muita paciência para vir a Time Square, estamos sempre correndo e o fluxo de turistas aqui é muito alto. Gente reparando em tudo e bloqueando o nosso caminho.

— Entendi, mas é incrível.

— Gosta de chocolate?

— Quem não gosta de chocolate?

— Então vem. — Ela pegou o meu pulso e me arrastou para dentro da loja da M&M.

O espaço era tão grande como qualquer loja de departamentos, mas tudo era voltado para a marca, com direito a bonecos maiores do que o tamanho humano. Parei perto de um e tirei uma foto, enviando-a para o Lorenzo, que iria achar incrível.

Era tanto souvenir e chocolate que me senti como se houvesse voltado a ser criança. Foi a primeira vez que percebi que estava me divertindo desde que havia chegado àquela cidade.

— Acho que tem uma dessas em Roma, mas eu não costumava sair muito.

— Quando o River e o Steven eram pequenos adorava trazê-los aqui, mas eu tinha que passar a madrugada cuidando dos dois com dor de barriga. — Ela fez uma careta que arrancou de mim uma gargalhada.

— Deve ter sido difícil.

— Mas valeu a pena todas as vezes.

— Aposto que você foi uma ótima mãe.

— Ainda me esforço, nem sempre eles colaboram, principalmente quando ficam mais velhos e menos dependentes. Quando tiver os seus, você verá.

— É. — Abri um sorriso amarelo e me aproximei de uma pelúcia. — Olha que fofa. — Peguei-me em uma desculpa para mudar de assunto, pois não queria pensar sobre filhos se nem um casamento direito eu tinha.

— Manuela. — Fernanda tocou o meu ombro e fez com que eu voltasse a olhar para ela e a forma como me encarou fez com que eu engolisse em seco.

— Você está bem?

— Estou ótima! Por que não estaria?

— Steven... — Ela apenas sussurrou o nome do enteado e um desconforto me dominou instantaneamente.

— Ele é um mafioso como todos os homens da minha família.

— É o seu marido.

— Sim. Imagino que me entenda, não tive escolha.

— Na verdade, eu tive.

Arregalei os olhos, surpresa com a sua resposta. Estava acostumada com casamentos arranjados e alianças, mas ouvir alguém dizer algo diferente chamou a minha atenção.

— Como assim?

— Eu não nasci na máfia, na verdade, era uma agente do FBI .

— Nossa! — Fiquei boquiaberta. Por aquela eu não esperava.

— Você trabalhava para máfia?

— Eu estava do outro lado. Minha missão era prender o Lucian quando nos conhecemos.

— E como acabou casada com ele?

— Há uma linha tênue entre bem e mal, vilões e mocinhos. O Lucian acabou se mostrando exatamente tudo o que eu precisava e me apaixonar por ele aconteceu de uma forma que eu não estava esperando.

— Isso é no mínimo inesperado.

— O inesperado às vezes acontece.

— É. — Dei de ombros voltando a mexer nas pelúcias.

Eu não estava pensando que o Steven me amasse, queria que apenas conviêssemos, mas não estávamos nem perto disso.

— Podemos ir a uma loja de roupas? — Quis mudar de vez o assunto. — Não deu para trazer todo o meu guarda-roupa e eu queria algumas peças novas.

— Claro!

— Obrigada.

— Vai levar a pelúcia? — Apontou para o que eu estava segurando.

— Vou.

Ela sorriu e me indicou o caixa.

Fernanda estava tentando ser gentil, era uma pena que o enteado dela não agia da mesma forma comigo.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo vinte e cinco

Cheguei em casa depois de passar a noite discutindo com os meus homens sobre a operação que faríamos quando o sol se pusesse. Estava caçando pistas do maldito responsável pela droga e a cada vez que não conseguia, mas irritado eu ficava.

Tomaria um banho e talvez tirasse um cochilo antes de seguir para o Central Park.

River passou por mim e foi para o seu quarto, mas antes que eu fizesse o mesmo, peguei-me indo até o quarto da Manuela. A porta estava aberta e provavelmente foi o que mais me chamou atenção.

Esperava vê-la e já estava pronto para que começasse a gritar comigo para que eu fosse embora. No fundo, já aguardava por isso. De alguma forma aquele jogo de gato e rato me agradava mais do que eu gostaria de admitir.

Quem sabe que pudesse enfurecê-la o suficiente só para colocar as minhas mãos no seu corpo de novo.

A minha marra e determinação foi embora quando notei que o quarto estava vazio. Apoiei-me no batente e observei o ambiente, a cama estava arrumada e não havia nenhum sinal dela. Poderia estar na cozinha ou em outro cômodo. Oscilei entre a vontade de procurar por ela e a repulsa ao pensar na possibilidade que ela sequer desconfiasse desse meu ímpeto.

— Ela saiu com a Fernanda.

Virei-me e encarei meu pai parado atrás de mim.

— E não me falem nada? — exibí meu tom autoritário.

— Você não estava aqui e ela está segura com a Fernanda.

— Eu não acho. — Cruzei os braços.

— Por quê?

— Fernanda a levou para uma boate onde eu estava e algo poderia ter acontecido com ela.

— Mas aconteceu?

— Bom... não. — Não quis falar sobre o nosso beijo nem o meu descontrole ao vê-la ali.

— Então não se preocupe.

— Eu não me preocupo. — Enchi a boca para falar e dei de ombros. — Não dou a mínima para o que acontece com a Manuela.

— Steven! — Meu pai cerrou os dentes ao me recriminar.

— Se ela morrer por vacilo próprio, melhor para mim.

— Não diga isso.

— Estou mentindo?

— Perdê-la fará com que se culpe pelo resto da vida.

— Está falando da minha esposa ou da minha mãe?

— Não tem um dia que eu não pense que poderia ter evitado o que aconteceu se houvesse protegido a sua mãe melhor.

— Você está feliz com a Fernanda.

— Felicidade não nos isenta da culpa.

Fiquei em silêncio e meu pai colocou as mãos nos bolsos, disposto a continuar quando percebeu que eu não iria dizer mais nada.

— Eu sei que as circunstâncias em que esse casamento aconteceu não foram as melhores e que você se ofendeu muito pela

Pietra, mas fazer funcionar é o melhor para você mesmo. Meu casamento com a sua mãe também começou só como um acordo, mas nos conectamos e tivemos você.

— Está me dizendo que a amava?

— Eu amava.

— Mas e a Fernanda?

— Eu amo, mas são momentos diferentes. Lidei com o luto pela morte da sua mãe por três anos antes de escolher outra esposa.

— É diferente com a Manuela.

— Pode ser da forma que você quiser.

— Tenho trabalho a fazer. Esquivei-me do meu pai, encerrando o assunto e indo para o meu quarto.

— Steven! — chamou antes que eu me trancasse no cômodo.

— Oi, pai.

— Avise para a sua esposa que vocês têm a festa do governador para ir em alguns dias. É um compromisso importante

como chefe, não se esqueça.

— Pode deixar comigo, pai. Isso é tudo?

Ele apenas balançou a cabeça e eu entrei no quarto.

Fui direto para o banheiro. Iri tomar um banho e sair. Pensar na missão era muito mais fácil do que no relacionamento conturbado que eu tinha com a Manuela.

Havia um impulso de fazê-la me odiar na mesma proporção em que queria beijá-la. Achava mais fácil acabarmos nos matando antes que conseguíssemos fazer funcionar

Com calça e jaqueta à prova de balas, desci para a garagem e os meus homens estavam se reunindo ali, à minha espera para que déssemos prosseguimento à missão.

— Chame o River — ordenei ao Bill quando me escorei na lataria do carro preto e puxei o meu celular do bolso, verificando que não havia novas mensagens.

— Sim.

— O Otto ainda está na casa?

— Como o senhor pediu.

— Passaremos lá, pegaremos a nossa isca e depois vamos para o parque.

Bill balançou a cabeça, concordando comigo e foi encontrar o meu irmão. Entrei no carro no momento em que o portão da garagem se abriu. Outros utilitários entraram e um estacionou exatamente ao lado do que eu estava.

Meu olhar foi atraído por Manuela abriu a porta. Estranhei vê-la tão arrumada, era possível que ela e a minha madrastra houvessem ido a um salão. Ela estava com o cabelo escuro sem nenhum friz, caindo pesado sobre os ombros, em ondas e a maquiagem leve a deixava ainda mais bonita. O batom chamou atenção para os seus lábios e logo percebi que havia passado tempo demais reparando neles.

— Vamos. — River apareceu e foi como se a hipnose houvesse sido rompida, permitindo que eu parasse de encará-la com tanta veemência.

— Está atrasado — resmunguei.

— Achei que fôssemos tirar um cochilo.

— Entra logo.

— Okay, chefe.

Quando o meu irmão se acomodou ao meu lado, voltei a buscar Manuela, mas ela não estava mais lá.

— Aconteceu alguma coisa? — River acompanhou o meu olhar e não encontrou nada.

— Só vamos.

Dei uma batidinha no banco do motorista para que o Bill ligasse o carro.

Fiquei com a imagem dela na cabeça, com seu rosto, seus lábios e seu corpo apertado em um vestido de seda. Um ponto era fato, Manuela era uma mulher bonita e isso justificava todo o tesão que corria em mim quando estávamos perto. Entretanto, a beleza não seria o suficiente para que fizesse a nossa relação dar certo, principalmente quando eu não queria. Meu ego tinha sido ferido com a recusa da Pietra e acreditava que me rebaixaria se aceitasse a Manuela e fosse algo perto de feliz com ela.

Paramos em uma casa onde funcionava um dos nossos laboratórios. O bairro no subúrbio, não chamava atenção e ninguém desconfiava que o casal com dois filhos de uma professora e um engenheiro escondiam parte do ecossistema do tráfico de drogas.

Tí nhamosdeixado o homem ali até o momento do encontro. Ficava longe, mas também não permitiria que ninguém desconfiasse dos nossos planos.

Estacionamos no fundo da casa e descemos para o porão onde ficava o laboratório. O homem estava sentado de costas para a parede com um saco de algodão sobre a cabeça, impedindo-o de enxergar.

— Estava na hora de você ser útil para mim. — Arranquei o saco e fiz com que me encarasse.

— Por... por favor... — Ele se engasgava com as palavras.

— Sabe que vai ser muito pior se não colaborar.

— Vai me matar de qualquer jeito.

— Quando escolheu esse caminho, Tim, você sabia que isso poderia acontecer.

— E se eu te entregar quem você quer? Eu só estava vendendo umas balas, cara. Nem sabia que ia provocar o chefe da cidade.

Comecei a rir. Era impressionante como algumas horas de cativeiro faziam com que as pessoas perdessem o medo de me

desafiar.

— Veremos o que vai ter para mim.

— Nós temos um acordo?

— Acha que eu faço acordos com vermes?

Ele engoliu em seco e eu ri novamente.

— Você não tem escolhas e é melhor que se lembre disso.

O sujeito ficou de olhos arregalados e balançou a cabeça em um movimento afirmativo.

Dei um passo para o lado e deixei que um dos meus homens se aproximasse. Ele colocou uma escuta discreta no homem e também uma pequena câmera que nos permitiria ver e ouvir tudo.

— Cinco mil? — Peguei um envelope com o dinheiro. — É o que tem que pagar pelas drogas?

— Sim.

— É um empréstimo. Não ache que pode ficar com o dinheiro, vai ter que me devolver depois. — Coloquei o envelope sobre uma mesa perto.

— Sim, senhor.

— Estamos prontos para ir. — Avisou o meu homem responsável pelo equipamento eletrônico.

— Hora de dar uma volta. — Meu irmão pegou nossa isca pelo ombro e o empurrou para fora do porão, fazendo com que cambaleasse até chegar a um dos carros.

Seguimos para o Central Park. Durante o percurso eu não disse nada e River ficou rascunhando um desenho num caderninho que sempre carregava com ele. Desde criança meu irmão se mostrou interessado por desenho e arte em geral, mas isso também não o impedia de se dedicar aos assuntos da máfia. Fosse por ele mesmo ou o interesse de mostrar o seu valor para o nosso pai, estava sempre ao meu lado.

Ele guardou o caderno no bolso quando o carro parou e foi o primeiro a descer.

— Vamos ficar dentro do carro — falei para ele.

— Okay.

Aproximei-me dos outros homens e Bill empurrou a minha isca para o centro do círculo.

— Você vai esperar no banco como combinado — ordenei ao sujeito antes de falar com os meus soldados.

— Quero que se espalhem e mantenham os olhos bem atentos. — Eles concordaram. — Eu, meu irmão e o Wallace vamos ficar no carro para acompanharmos a escuta e a câmera.

Depois que todos concordaram, virei-me novamente para o traficante e agarrei o colarinho da sua camisa, erguendo-o no ar e o deixando ainda mais assustado.

— Não ouse me desafiar.

— Não vou.

— Melhor assim. — Soltei-o com força no chão e ele deu um passo cambaleante para trás.

Fiz um gesto e todos foram assumir os seus lugares. River e eu retornamos para o interior do carro e começamos a analisar as imagens na tela do notebook que o Wallace mostrava para nós.

Tudo parecia quieto demais e durante um bom tempo, Tim ficou apenas esfregando as mãos e balançando os pés, demonstrando todo o seu nervosismo. Só queria que ele permanecesse quieto e que o meu alvo aparecesse logo.

— Se ele vacilar, atira — ordenei ao meu irmão.

— Pode deixar comigo.

O céu foi escurecendo e passou do alaranjado para o azul-escuro muito rápido. Por mais que as muitas lâmpadas compensassem rapidamente a ausência do sol, a noite ainda tinha as suas vantagens para quem queria se esconder.

Fiquei acompanhando até que um homem de terno preto sentou ao lado da minha isca. Ele parecia estar vestido como um executivo, mas pelo visto, a participação de lucro dele vinha de uma vertente ilegal.

— Está com o meu dinheiro?

— Si...sim. — Tim começou a gaguejar e eu logo presumi que poderia colocar todo o esquema em risco.

— Cadê?

A isca pegou o envelope e seus dedos tremiam tanto que o deixou cair no chão.

— O que está pegando, seu bosta? — Agarrou a camisa dele e deixou Tim ainda mais apavorado.

Estava indignado por um cara tão fraco como aquele se arriscar a pertencer ao meu mundo.

— Estão.... estão olhando?

— Quem está olhando, porra?!

— Ele entregou a gente — River externou o que eu notei logo.

Abri a porta do carro com fúria e meu irmão veio comigo. Corremos até o sujeito que se levantou assim que viu a movimentação.

River pegou a arma e atirou no nosso delator. O sangue dele espirrou no suspeito que tentou correr, mas foi barrado pelo Bill, apontando uma arma para ele.

— Quem é você? — rosnei fazendo com que olhasse para mim.

— Eu não sou ninguém.

— Duvido disso.

Dei um passo na direção dele e o homem riu.

— Não faria isso se fossem vocês. — Ele abriu o paletó do terno, revelando os explosivos que estavam presos ao corpo.

— É uma armadilha — River mal conseguiu dizer antes que eu o puxasse pelo braço e fizesse com que corresse comigo.

Joguei o meu irmão no chão para protegê-lo e fiz o mesmo antes que a bomba explodisse lançando boa parte do que estava perto pelos ares e me levando outra vez de volta à estaca zero.

Seja lá quem fosse o meu inimigo, ele estava sabendo muito bem me distrair e eu odiava isso.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo vinte e seis

Estava assistindo televisão na sala quando o noticiário falou sobre uma bomba que explodiu no Central Park, estavam todos muito preocupados e suspeitando de um atentado terrorista. Não fazia ideia de que poderia estar ligado a nós quando o Lucian saiu de perto para atender uma ligação e a Fernanda foi atrás dele.

A minha curiosidade me fez ficar atenta.

— Eles estão bem? — A aflição dela me fez rapidamente deduzir que era um incidente da máfia e não de algum terrorista.

— Vão levá-los para o hospital.

— Hospital? — Levantei-me do sofá, mais preocupada do que deveria.

Provavelmente eu não deveria me preocupar, ou devesse, no momento foi confuso demais, principalmente quando o meu coração ficou mais apertado e começou a bater de um jeito estranho que me desconcertou e fez com que eu sentisse um gosto amargo na boca.

— O que aconteceu? — Parei perto da Fernanda e o do Lucian.

O meu olhar era aflito e exigia uma resposta.

— Steven e River estavam perto de onde a bomba explodiu.

Engoli em seco e cruzei os braços atrás do corpo para disfarçar que as minhas mãos haviam começado a tremer.

— Eles estão bem?

— Perderam a consciência com o impacto. Os soldados os levaram para o hospital. Eu vou para lá e trarei mais notícias.

— Posso ir junto? — Mordi o lábio e falei num tom baixo, com dúvida se queria que ele me ouvisse ou não.

Fernanda e Lucian se entreolharam até que ele balançou a cabeça em afirmativo.

Não me dei ao trabalho de pegar a minha bolsa, celular ou mesmo documentos. Só queria ir logo e ter certeza de que eles iriam ficar bem.

Já tinha visto meu pai, tios, irmãos e primos machucados. Era meio que ossos do ofício quando se referia à máfia, mas não significava que ficávamos menos procurados. Acredito que o maior medo meu e das demais mulheres da família era que eles nunca voltassem para casa.

Entrei no carro com os meus sogros e o soldado dirigiu para o hospital onde Steven e o irmão estavam. Pareceu levar uma eternidade até que chegássemos lá e o meu coração batia apertado a cada instante. Na minha mente passavam as mais diversas hipóteses.

Balancei a cabeça para não me martirizar.

O soldado nos deixou na porta do hospital e Lucian foi o primeiro a saltar do carro, Fernanda seguiu logo atrás e eu fui por último. Eram os filhos deles que haviam se machucado e muito mais do que eu, tinham todo o direito de se apavorar.

Um enfermeiro nos levou ao elevador e subimos até um dos últimos andares do hospital. Ninguém me falou mais nada e comecei a pensar que os dois poderiam estar em uma UTI ou numa mesa de cirurgia.

Coloquei as mãos dentro dos bolsos da minha calça jeans quando notei que a aflição estava fazendo com que elas suassem frio. Já nem me preocupava mais em demonstrar se eu estava apavorada ou não.

— Eles estão aqui. — Indicou o enfermeiro ao abrir a porta de um quarto. — Estaremos à disposição se precisarem de qualquer coisa.

Lucian assentiu com um movimento de cabeça e Fernanda empurrou os homens tirando-os do caminho para ser a primeira a entrar. Mais do que uma mulher firme ou ex-agente do FBI ,naquele momento ela era só uma mãe desesperada.

— Meus filhos!

— Estou bem, mãe. — Ouvi a voz do River antes mesmo de entrar no quarto.

— Vocês me deram um susto.

Vi o caçula em uma cama perto da porta. Ele estava usando uma roupa do hospital, mas não parecia machucado com a exceção de um pequeno corte na testa.

— Nos prenderam aqui para fazer exames, mas já disse para eles que estou bem. — River tentou tirar o acesso do soro, mas parou quando o olhar firme da mãe o repreendeu. — O Steven me protegeu.

Quando ele falou o nome do irmão, meu olhar correu pelo ambiente até que encontrei o Steven deitado na cama perto da janela, olhando para o céu através dela. A noite já havia caído,mas o brilho da cidade de Nova York era tão intenso que parecia impossível ver estrelas.

— Steven? — Aproximei-me da sua cama e meu marido olhou para mim.

Havia alguns arranhões pelo seu rosto, pescoço e braços, mas a faixa que envolvia suas costelas demonstrou que ele provavelmente havia se machucado muito mais naquela região.

— Você está bem? — Prendi a respiração diante do aperto desconfortável que estava afligindo o meu coração.

— Não foi dessa vez. — Ele abriu um sorriso como se debochasse de mim.

— Dessa vez? — Levantei as sobrancelhas sem entender exatamente o que ele havia dito.

— Que ficou livre de mim. Ainda estou vivo e não pretendo partir dessa tão cedo.

I di ot a Cerrei os dentes, irritada por ele ter falado daquela forma comigo. Estava desesperada com medo de ele realmente ter se machucado feio, mas tudo o que ele conseguiu fazer foi me tirar do sério.

Estufei o peito e cruzei os braços numa postura um pouco mais confiante e ameaçadora.

— É uma pena, quem sabe da próxima vez.

— Manuela! — Fernanda me recriminou.

Bufei para Steven e ele rosnou para mim de volta. Se ele tinha disposição para me provocar era porque estava ótimo e eu tinha me preocupado à toa. Ele não merecia a minha aflição. Teria sido melhor se realmente houvesse morrido.

Saí pisando duro. Não tinha motivos para ficar dentro daquele quarto. Eu só queria ir embora e voltar a ver televisão.

Tateei o meu bolso, amaldiçoando-me ao me recordar que não havia trazido nem o meu celular. Poderia jogar alguma coisa ou mesmo conversar com alguém da minha casa.

Mi nhacasa... As palavras ecoaram na minha cabeça e me encheram de saudosismos. Como eu queria poder voltar para Roma e para perto da minha famí lia. Sentia falta dos conselhos da minha avó, de poder abraçar a minha mãe ou de treinar com o meu pai e irmãos. Para ser honesta, queria de volta até os programas que eu e as minhas primas fazí amos juntas.

Encontrei um banco de espera no corredor e joguei-me nele escorregando as costas no encosto até afundar no estofado. Era um hospital sofisticado e pelo menos os assentos eram confortáveis.

Além disso, estava torcendo para que não precisasse passar muito tempo ali.

Apoiei as mãos nos joelhos e curvei o meu corpo para frente, observando o corredor branco com piso de granito. As pessoas, principalmente enfermeiros e auxiliares, passavam de um lado para o outro, mas nenhum deles dava qualquer importância à minha presença.

A sensação que eu tinha era que em um momento ou outro eu acabaria perdendo a minha essência e me apagando completamente.

Queria dizer para o meu pai que ia tirar de letra aquele desafio, mas estava sendo cada vez mais difícil lidar com a situação. Quando sentia que poderia me aproximar do Steven, ele dava o seu melhor para extrair toda a raiva que poderia caber em mim.

Senti uma mão tocar gentilmente a minha perna e me virei, deparando-me com a Fernanda me observando com atenção.

— Está tudo bem com você?

— Não fui eu quem me machuquei. — Dei de ombros.

— Os ferimentos muitas vezes não são só físicos.

— Ele é um idiota! — desabafei, cuspiendo as palavras.

Fernanda sorriu o que me fez franzir o cenho.

— O que foi? — girei o corpo, encarando-a melhor.

— Vocês parecem crianças querendo provocar um ao outro.

— Eu não sou criança.

— O Steven também não, mas precisam se lembrar disso. As consequências são muito piores do que simplesmente irem parar na diretoria.

— A culpa não é minha.

— Não estamos procurando por culpados, Manuela.

Virei o rosto, fitando os dois médicos que estavam passando conversando no corredor para encerrar o assunto.

— Foi só um susto. Ele vai ficar bem — disse Fernanda como se eu tivesse interesse em saber e, no fundo, ainda estava preocupada.

— Obrigada. — Voltei a olhar para ela.

Minha sogra sorriu e afagou o meu ombro antes de se levantar e voltar para o quarto. Eu não me arrisquei a adentrar o cômodo novamente. Naquele momento pareceu o melhor ficar longe das trocas de farpas com o Steven.

Eles receberam alta e voltamos para a casa em carros separados. A melhor alternativa parecia nos mantermos distantes um do outro.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo vinte e sete

Girei o corpo o máximo que consegui para observar as minhas costas. Os fragmentos da bomba haviam sido fortes o bastante para atingirem a minha jaqueta à prova de balas como disparos e deixar marcas. Elas estavam vermelhas e algumas chegaram a ferir a pele, mas esperava que com um pouco de tempo e pomadas elas iram desaparecer.

Já havia sido uma sorte tremenda que nenhuma delas houvesse atingido a minha cabeça ou o meu pescoço, pois poderia ter sido fatal.

Teria uma festa para ir naquela noite e felizmente o paletó iria esconder todos os ferimentos e ninguém precisaria saber da existência deles.

Fazendo parte da máfia, mesmo antes de o meu pai passar o comando para mim, ferimentos eram parte da rotina. Estava em uma posição onde além de muito dinheiro, também colecionávamos inimigos.

Queria certificar de que a remessa de heroína havia chegado ao porto naquela manhã e depois voltaria para casa para me preparar para o evento.

Vesti uma camisa polo e peguei uma jaqueta nova no guarda-roupa. Depois saí do quarto no mesmo momento em que a Manuela deixou o seu. Ela desviou o olhar assim que eu a fitei.

Depois que havia retornado do hospital no dia anterior ela não havia me dirigido uma única palavra e se mostrou ainda mais esquiva do que os dias comuns. Não ter a atenção dela, nem que fosse gritando comigo me incomodava.

— Não vai me perguntar como estou?

— Se ainda está respirando não preciso me preocupar. — Ela deu de ombros e seguiu para a escada, mas antes que descesse, fui mais rápido e segurei o seu pulso, puxando-a para mim.

— Me solta! — Bateu com a mão no meu peito.

— Não vai se livrar de mim tão fácil.

Ela rosnou, tentando escapar do meu agarre, mas eu era visivelmente mais forte.

— Pode espremer.

— Seu imbecil!

— Só sabe gritar, não é? — Com uma das mãos eu segurei o pulso dela contra a parede e com a outra contornei a sua face, fazendo com que Manuela tentasse morder os meus dedos.

— Me larga!

Levantei o seu queixo e fiz com que ela me encarasse. Enquanto o nosso olhar sustentava um ao outro foi como se milhares de raios elétricos pulsassem ao nosso redor como se estivéssemos repletos de fios desencapados.

— Diz que me odeia. — Pressionei-a contra a parede, privando o ar dos seus pulmões com a força do meu peito.

— Eu odeio! — Encheu a boca para falar como se não estivesse sendo influenciada pela minha pressão.

Não poderia negar que estar tão perto do seu corpo incitava os meus desejos. Eu estava duro e não tive recato ao esfregar o meu pau rígido nela para que sentisse toda a minha ereção pulsando dentro da calça jeans.

— Diz que não me quer. — Roci mais, fazendo-a se retorcer.

— Eu não quero.

Abaixei a cabeça e meu nariz ficou a milí metros do dela. Nossas respirações descompassadas haviam encontrado um ritmo comum e o meu tesão aumentou ainda mais ao examinar os seios redondos que apareciam no decote da blusa. Eles estavam se mexendo e eu queria agitá-los enquanto ela quicava no meu colo.

Aproximei a boca do pescoço dela e Manuela tombou a cabeça para trás e eu a percebi estremecer quando meus lábios ficaram a milí metros da sua pele sensível, mas antes que eu a beijasse ali, afastei-me e dei a ela um sorriso debochado.

— Boa garota.

Eu dei as costas, confiante de que tinha ganhado aquele jogo e levou alguns instantes para que Manuela percebesse ter dito exatamente o que eu havia mandado. Ela poderia acreditar que isso jamais seria possível, mas eu tinha dado um jeito de fazer com que ela me obedecesse.

— Cretino! — Ela segurou o meu pescoço e eu senti uma leve dor quando as suas unhas fincaram com firmeza.

Voltei a encará-la e vi que estava bufando como um touro raivoso.

— Eu sempre vou ganhar. — Deixei que o meu ego exalasse.

— Nem sempre. — Ela manteve a mão no meu pescoço enquanto nos encarávamos. Manuela ofegava como se houvesse corrido por quilômetros quando seus dedos delicados subiram pelo meu rosto.

— Vem aqui!

Eu não protestei quando me puxou em sua direção, a única coisa que fiz foi abaixar a cabeça e permitir que nossas bocas se encontrassem. Jamais admitiria em voz alta, mas estava ansioso por beijá-la de novo.

Voltei a chocá-la contra a parede e Manuela gemeu quando a presei com o meu peito. A minha língua escorregou por entre os seus lábios e começou a explorar cada canto da sua boca enquanto as minhas mãos dominaram o seu corpo, começando pelas suas coxas e indo diretamente para a sua bunda.

A parte animal de mim foi completamente liberta e não me preocupei com nada mais, muito menos os motivos que faziam com que eu quisesse evitar a Manuela a todo custo. Naquele momento, eu era um homem cheio de desejo e ela, uma mulher linda que eu só pensava em devorar.

Senti as suas unhas nas minhas costas, pressionando os machucados, mas estava disposto a suportar qualquer dor para tê-la se esfregando em mim.

Antes que Manuela sequer ousasse se afastar com medo de que alguém passasse por nós no corredor. Segurei a sua cintura e a levantei, abrindo a primeira porta disponível. Um banheiro social que ficava no corredor. Eu a bati e tranquei em seguida, prendendo Manuela no cômodo comigo.

Nossos olhos se encontraram novamente e mais nenhuma palavra foi dita. Elas eram dispensáveis. Peguei-a pela cintura e a sentei na bancada de mármore ao lado da cuba de louça. Voltei a curvar o meu corpo sobre o dela e a minha boca tomou o seu pescoço, deixando mordidas e chupões enquanto as minhas mãos pressionavam as suas coxas firmes. O tesão despertava uma fera em mim e fazia com que eu agisse muito além do racional.

Puxei a sua blusa e Manuela só teve tempo de levantar os braços para que a peça caísse em algum canto do banheiro. Abri o seu sutiã nas costas e também o joguei no chão do cômodo. Os bicos do seu peito estavam duros e eu envolvi um deles com a língua. Chupava e mordiscava enquanto Manuela abriu a minha jaqueta. Afastei-me só para que a peça escorregasse pelos meus braços.

Abri o zíper da sua calça e segurei a sua cintura. Manuela se apoiou na pia e levantou o quadril, deixando que os chinelos caíssem no momento em que puxei a calça juntamente com a calcinha. Já a tinha visto nua antes, mas ainda me surpreendia com o quanto ela era gostosa. Os seios eram firmes, assim como o corpo todo. Ela se exercitava, como eu já tinha visto, o que a mantinha magra, mas torneada nos lugares certos.

Manuela tirou a minha camisa e depois eu abaixei a calça com a cueca. Abri mais as suas pernas e olhei para o seu sexo molhado, colocado na altura do meu quadril por ela estar sentada na bancada da pia.

Sorri com um ar provocativo ao segurar o meu membro e esfregá-lo na sua entrada, mas sem penetrá-la.

Eu queria fodê-la o mais rápido e o mais forte possível, mas naquele momento eu a queria implorando para me ter dentro. Lutar para admitir que me ter possuindo-a era bom e me dar mais o gosto daquela vitória.

Friccionei a minha glândula, sentindo o quanto ela estava molhada, extraindo ainda mais do seu néctar e fazendo-a rebolar no mármore.

— O que está fazendo? — Jogou a cabeça para frente, fazendo com que o cabelo pendulasse sobre os ombros.

— Brincando com a comida.

— Para!

— Quer que eu pare? — Dei tapinhas no monte dela com o meu pau.

— Eu te odeio!

— Eu sei. — Pus só a cabeça do meu membro na entrada dela, tirando-o encharcado e Manuela urrou.

— O que pensa que está fazendo comigo?

Ri ao ver as pupilas dilatadas e o quanto seu corpo estava clamando pelo meu. Poderí amoster transado apenas uma vez, mas aquele desejo nascia conosco e já tinha sido o bastante para que eu conseguisse despertá-lo na minha esposa.

— Vou ser bonzinho, só dessa vez, se me mandar parar eu paro. — Afastei o pênis e ela chiou novamente.

A verdade era que eu não queria sair daquele banheiro sem comê-la e duvidava que Manuela desejasse algo diferente.

— Rosna, briga e me manda embora!

— Cretino!

Lambi seu mamilo e Manuela se retorceu inteira e seus olhos giraram nas órbitas.

— Me manda embora. — Rocei novamente, subindo com a glândula para cima e para baixo e percebi que a sua excitação já tinha escorrido para o mármore.

— Vai embora!

— Okay! — Soltei a pia, mas antes que desse um passo, ela segurou o meu pulso.

— Enfia logo!

— Você quer, não é?

— Venceu! Satisfeito agora?

— Ainda não. — Ri ao perceber que tinha tomado completamente o controle do jogo. — Você me quer dentro, não quer?

Manuela balançou a cabeça, fazendo que sim e afastou mais as coxas me dando livre acesso à sua vagina. Eu iria chegar até ali,

mas talvez demorasse um pouco mais.

Tirei meus sapatos e terminei de me livrar da minha calça e da cueca.

Manuela rebolou na bancada, afoita por me ter dentro quando escorreguei a mão pelo meu membro, chamando ainda mais sua atenção para ele.

— Para me ter vai ter que fazer algo primeiro.

— Chega de jogar sujo comigo. — Cerrou os dentes.

— Eu venci, lembra? Então essas são as minhas condições.

— Não vou fazer mais nada.

— Tudo bem. — Estiquei a mão para pegar a minha cueca e ela rosnou.

— O que quer?

— Desce. — Puxei a cintura dela e a trouxe para o chão. — Ajoelha! — Peguei o tapete perto do box com o pé e coloquei mais no meio para que ela pudesse apoiar os joelhos.

Manuela balançou a cabeça em negativa, mas parou o movimento quando peguei a sua mão e a coloquei sobre o meu pau.

— Vou te dar o que quer, mas primeiro vai colocar a sua boca aqui. — Fiz com que ela tocasse a minha glândula com o indicador.

— Isso é coisa de prostituta.

— Eu não me preocuparia com esses rótulos. Pode ser o que quiser entre quatro paredes comigo.

A última coisa pela qual eu a julgaria seria por me chupar, muito pelo contrário. Estava muito louco por ter aquela boca macia e quase angelical escorregando pelo meu membro.

— Depois vai me dar o que eu quero. — Passou as mãos pelo cabelo e o jogou para trás.

— Vou. — Era uma promessa que eu tinha certeza de que cumpriria, porque a vontade não era apenas dela.

Manuela dobrou os joelhos sobre o tapete e envolveu o meu pau com os dedos. A visão de tê-la ajoelhada, com os seios empinados e a bunda perfeitamente redonda me deixou louco. Ela ainda nem tinha aproximado a boca e o meu pau estava pulsando entre os seus dedos.

Senti a sua língua, o seu hálito quente e envolvi o seu cabelo com a mão, segurando-o em um rabo de cavalo. Precisei conter a vontade de enfiar mais fundo na sua boca quando o calor e a

umidade me envolveram. Seus lábios fizeram a pressão perfeita e eu não consegui conter o gemido. Eu poderia pensar que estava dominando a situação, mas Manuela tomou esse controle para si quando começou a me chupar. Meu pau era todo dela e a sua língua me fazia refém.

Estava revirando os olhos e acariciando o seu cabelo no momento em que ela parou e se levantou, confiante, estufando os seios na minha direção.

— Você sabe o que eu quero. — Encarou-me com autoridade e confiança, mas ao mesmo tempo era tão sexy que me deixou ainda mais louco por ela.

— Ah, eu sei.

Envolvi a sua cintura com os braços e a pressionei contra a parede do banheiro. Puxei as suas coxas e fiz com que ela desse um saltinho para me abraçar com as pernas. Encaixei-me na sua entrada.

Manuela soltou um gemido alto de satisfação e o prazer dela alimentou ainda mais o meu ego. Minha esposa estava tão lubrificada pela própria excitação que eu escorregava com facilidade. Sentia os seus seios baterem no meu peito a cada impacto e ela revirava os olhos.

Era tanto tesão que eu precisei me segurar para não gozar rápido. Queria que ela me sentisse e que toda aquela excitação fosse bem aproveitada. Não iria parar até que os gemidos me dissessem que ela havia chegado ao ápice.

Sem sair do seu interior ou colocá-la no chão, virei-me e a carreguei de volta para a bancada da pia. Manuela moveu as mãos para a superfície e as apoiou e acabou derrubando um vidro de louça de sabonete líquido, mas nenhum de nós se preocupou com isso.

Continuei enfiando nela, cada vez mais rápido e com mais afinco. Suas coxas me pressionavam assim como as paredes do seu canal. Eu sentia o prazer dela aumentando à medida que as suas contrações ficavam mais fortes.

Estava suando muito para me manter firme, sem que eu gozasse antes dela. Abocanhei um dos seus seios e puxei a sua cintura, trazendo-a para mais perto do meu corpo e intensificando a fricção do seu clitóris em mim.

Eu a ouvia gemer e rebolar e isso me indicava que eu estava no caminho certo. Assim que a minha esposa esmoreceu, perdendo as forças e tombando para trás, deixei-me levar e me juntei a ela.

Gozei, segurando-a firme enquanto o meu jato a preenchia.

Meus olhos percorreram o seu corpo, que estava tão suado quanto o meu e esperei que os meus espasmos passassem até que me afastei, pegando um pouco de papel higiênico para amparar o meu sêmen.

— Tenho assuntos para resolver.

— Quem sabe eu dê sorte dessa vez. — Ela me provocou, deixando claro que as armas entre nós ainda estavam erguidas.

— Se não der, temos um compromisso à noite. Uma festa importante. Esteja bonita quando eu chegar.

— Eu sou bonita.

Pelo visto eu não era o único com o ego grande, mas eu nem poderia discutir com ela, porque Manuela estava certa, ela era incrivelmente linda.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo vinte e oito

Olhei para cama e notei o vestido preto. Ele era leve, ao mesmo tempo muito sofisticado e um tanto sensual. Havia comprado em uma loja quando saí racom a Fernanda. Junto com a roupa estava uma caixa com um conjunto de joias, brincos, anel e colar de rubis. Tinha amado as peças e acreditava que ficariam perfeitas em mim, mas ainda assim estava receosa.

Era pouco provável que o meu temor tivesse a ver com a roupa, mas sim com o fato de ser o primeiro evento que Steven e eu apareceríamos como casal. Por mais que estivéssemos casados, ainda havia uma sombra caótica sobre o nosso relacionamento. Passávamos a maior parte do tempo brigando, mas quando transamos eu tinha experimentado o ápice de uma forma incrível.

Eu não confiava nele, mas ainda assim estava disposta e entregar o meu corpo outras vezes e mergulhar em todo aquele êxtase.

Balancei a cabeça, parando de pensar. Era melhor que o meu corpo não ficasse quente nem úmido de novo.

Coloquei o vestido sob uma fina calcinha de renda para não marcar e estava tentando prender o colar quando ouvi uma batida

na porta.

— Quem é?

Steven abriu sem esperar que eu dissesse algo mais e fiquei quente quando percebi os seus olhos passeando por mim.

— Está pronta? Temos que ir ou vamos acabar nos atrasando.

Virei-me para ele. O cretino era mais bonito do que eu gostava de admitir e naquela noite estava ainda mais. Os olhos azuis se destacavam muito por causa do smoking preto bem-alinhado. Ele estava com abotoaduras de rubi que combinavam com as minhas joias e uma gravata borboleta.

— Estou terminando.

— Quer ajuda?

— Não!

Ele ignorou a minha resposta e entrou no quarto, pegando o colar da minha mão e se posicionando atrás de mim para abotoá-lo. Conseguiu com facilidade prender o fecho e eu ajeitei a peça ao redor do meu pescoço. Esperei que o Steven fosse se afastar, mas

ele não o fez, ao invés disso, fungou o meu pescoço e me deixou toda arrepiada.

— Gosto do perfume. — Segurou a minha cintura.

— Estamos atrasados — falei firme com uma desculpa para que ele se afastasse.

Ele aproximou a boca da minha nuca e um calafrio me varreu, inundando a minha mente com imagens de nós dois no banheiro naquela mesma manhã. Havíamos nos atracado como animais, mas o pior era que eu queria mais. Meu sangue ferveu como se fosse lava pura e a pulsação entre as minhas coxas se iniciou. Steven não precisava permanecer muito tempo perto de mim daquele jeito para que eu ficasse molhada.

— Lembre-se de se comportar hoje, esposa.

— Eu fui bem-criada. — Esquivei-me para o lado e me afastei dele, virando de frente para confrontá-lo.

— Então não se esqueça.

— Pode deixar.

— Vamos. — Indicou o caminho para que eu fosse na frente e segui até descermos a escada.

Na garagem havia uma limusine esperando por nós e Steven aguardou que eu me acomodasse antes de sentar-se ao meu lado.

— Não apenas o governador, há outras pessoas influentes do estado e do país que estão envolvidas com os nossos negócios e são cruciais para a manutenção de tudo.

— Não tem que se preocupar, sei sorrir e acenar.

— Perfeito.

Balancei a cabeça e ele não disse mais nada.

Assim que percebi que o meu assunto com o Steven estava encerrado, virei-me para a janela, observando as ruas de Manhattan e os altos prédios que compunham a região de Nova York. O local era muito bonito e chamava atenção por onde quer que eu passasse. Assim como a minha Roma, aquela cidade tinha a sua magia e eu estava aprendendo a me encantar por ela, pois estava cada vez mais evidente que seria o meu lar por muitos e muitos anos.

Paramos diante de um prédio e um homem se aproximou da porta, abrindo-a para nós e me fazendo perceber que estava diante de um tapete vermelho. Desci do veículo e depois Steven parou ao meu lado, estendendo o braço para mim.

— Esposa.

Apenas balancei a cabeça e deixei que ele me conduzisse. Ele não havia dito diretamente, mas eu sabia que queria que eu me comportasse naquela noite porque as outras pessoas não poderiam nos ver brigando feito cão e gato.

Entramos em um salão muito bem-decorado, com flores naturais, lustres de cristal e velas. Havia requinte onde quer que eu olhasse. Um garçom passou por nós e Steven pegou uma taça de champanhe, entregando-a para mim e outra para ele.

— Vamos cumprimentar o governador e depois encontrar a nossa mesa.

Apenas fiz que sim com a cabeça e dei uma golada na bebida.

Deixei-me ser guiada por entre as várias pessoas, algumas pararam e cumprimentaram o meu marido, eu apenas sorri. Então chegamos até onde o governador estava. Ele era um homem velho, parecia ter vários anos a mais do que o meu pai, seu rosto carregava rugas e o cabelo era branco. Contudo o que mais me surpreendeu foi a esposa dele, parecia ter a minha idade ou talvez menos. Tinha uma aparência e um corpo de modelo.

— Governador. — Steven estendeu a mão para ele.

— Senhor Lansky, parece que rejuvenesceu muitos anos — o político falou num tom brincalhão.

— É uma honra assumir o lugar do meu pai.

— Espero que eu e a sua família possamos continuar tocando os negócios da forma mais proveitosa para ambos os lados.

— Isso eu garanto. — Steven foi firme, lembrando ao homem que agora ele era o chefe.

— Ótimo! E essa adorável mulher? — O governador curvou-se na minha direção.

— É a minha esposa.

— Encantadora. — O velho tomou a minha mão e beijou o dorso.

— Obrigada. — Tentei ser gentil por mais que eu não pudesse dizer o mesmo em relação a ele. — É um prazer conhecê-lo.

— Digo o mesmo. — Ele piscou para mim e fiquei sem jeito, mas Steven pareceu ignorar o governador.

Por mais que nossa relação como marido e mulher fosse no mínimo estranha, aquele homem não era uma ameaça.

— Aproveitem a festa. — O político indicou o salão. — Vamos conversar sobre aquela porcentagem depois.

— Certo. — Steven assentiu e envolveu a minha cintura, arrastando-me com ele e me levando até uma mesa.

Já estávamos longe do governador e de sua esposa quando o meu marido teceu um comentário sobre ele.

— Duvido que aquele velho babão tivesse uma mulher bonita se não fosse rico.

— Está duvidando das habilidades de conversa e sedução do homem?

— Fala sério. — Steven riu e aproximou a boca da minha orelha, fazendo com que o meu coração disparasse e eu apertei a minha bolsa de mão para disfarçar o embaraço. — Não tem habilidade melhor do que fazer uma mulher gostosa gozar e duvido que ele tenha força para isso.

— Steven!

— A nossa mesa é aquela. — Colocou a mão no centro das minhas costas e tocar a minha pele nua despertou em mim ainda mais efeitos e fez com que eu me arrepiasse mais.

Acomodei-me na cadeira destinada a mim e me contive para não me abraçar. O ato certamente denunciaria as sensações que ele me havia provocado.

Estávamos em uma mesa redonda com lugar para outras quatro pessoas. Duas delas eram um casal de investidores austríacos que eu logo descobri mexerem com contrabando e por último chegou um homem desacompanhado. Ao contrário dos velhos que eu tinha visto da festa, ele deveria ter no máximo uns trinta e cinco. Tinha olhos cor de mel e um cabelo castanho amendoado, puxado para o ruivo. Poderia estar de terno, mas esse apertava os seus músculos e evidenciavam que ele estava em boa forma.

Quando percebi que o cara estava me encarando, virei o rosto, envergonhada.

— Boa noite! — Puxou a cadeira e se acomodou nela. — Eu deveria ter me esforçado um pouco mais para trazer uma acompanhante para não me sentir tão solitário perto de mulheres tão bonitas.

A senhora na mesa deu uma risadinha, mas era evidente que ele estava falando de mim, porque não se deu ao trabalho de esconder.

— Lancelot Turner. — Ele me estendeu a mão, esperando pela minha.

Fiquei sem jeito, mas antes que os meus dedos encontrassem os do sujeito, Steven foi mais rápido e deu a mão dele, apertando a minha coxa por debaixo da mesa com a outra.

— Steven Lansky

— Ah, Lansky! Esse nome não me é estranho.

— Para o seu bem é melhor que saiba. — Meu marido lançou um olhar ameaçador que deveria ter deixado Lancelot apavorado, mas o sujeito não se intimidou.

— Bom, mas onde estávamos mesmo? — Ele se voltou para mim como se houvesse ignorado completamente o meu marido. — Seu nome?

— Manuela Bell...

— Lansky! — Steven me corrigiu, recordando-me que após o casamento eu não havia perdido apenas o meu lar, mas também o

meu sobrenome. — É minha esposa.

— Encantado. — Lancelot sorriu para mim.

Por mais corajoso que o homem fosse, estava começando a achá-lo maluco. Eu não entendia muito de paquera, mas ficou evidente que ele estava flertando comigo na frente do meu marido.

— Com que você trabalha, senhor Turner? — o homem do outro casal desviou o assunto a fim de evitar que uma briga acontecesse, porque era evidente que o Steven estava irritado.

— Estou há três meses na presidência de um conglomerado farmacêutico que herdei do meu pai.

— Então é um CEO.

— Isso! Lido muito com clínicas e hospitais. Uma burocracia só. — Esticou a mão para que um garçom se aproximasse para servi-lo.

— Mas deve ganhar muito dinheiro.

— O suficiente para fazer algumas pessoas muito felizes. — Voltou a piscar para mim.

Steven não lidou bem com isso, pois bateu com as duas mãos sobre a mesa e fez com que as taças balançassem, por pouco uma delas não caiu no chão.

— Mais respeito antes que eu quebre a sua cara — ameaçou o meu marido.

— O que é bonito deve ser apreciado, não concorda comigo, senhor Lansky?

— Recomendo que tire seus olhos da minha esposa, ou vai ficar sem eles.

— Ela é como uma obra de arte. Única e sublime. Estou extasiado.

Steven cerrou os dentes e segurei a mão dele por debaixo da mesa, impedindo que se levantasse e partisse para cima do outro sujeito.

De todos os possíveis acontecimentos daquela noite, eu nunca tinha pensado que alguém apareceria para dar em cima de mim e deixaria o Steven tão furioso. Na verdade, eu sequer cogitava que ele se importasse a esse ponto.

— Cavalheiros — interveio o senhor. — É inegável que a senhora Lansky é uma beldade, mas também comprometida. Vamos

manter os nervos acalmados, por favor.

— Tudo bem. — Lancelot deu de ombros, mas piscou para mim de novo, sinalizando que não havia desistido.

Acomodei-me na mesa fingindo que o clima tenso havia se dissipado, mas arregalei os olhos ao perceber o pé do cara subindo pela minha perna. Engoli em seco e fingi que não estava acontecendo nada. Até que ele começou a adentrar a saia do meu vestido.

Aquel e homem er a l ouco?

— Preciso ir ao toalete. — Saltei da cadeira em uma desculpa para me esquivar de todo aquele embaraço.

No fundo, eu até gostava de ser disputada por aqueles dois homens, entretanto, sabia muito bem o fim trágico que aquela situação poderia tomar se o Steven continuasse a ser provocado daquela forma.

Saí cambaleando e nem olhei para trás. Abracei a minha bolsa e segui as placas de sinalização até encontrar o banheiro feminino.

Debrucei-me sobre a bancada de pedra e respirei fundo, tirando uma mecha do meu cabelo escuro que havia coberto o meu

olho. Não queria mais confusão, porém, poderia ser mais difícil me livrar dela do que parecia.

— O que pensa que está fazendo?

Tomei um susto quando vi a imagem do meu marido refletida no espelho na minha frente. Ele estava de peito estufado e bufando como um touro. A sua fúria exalava pelos poros e eu não estava preparada para ver aquela reação.

— Só vim ao banheiro.

— Esperando que aquele imbecil te siga?

— Quê? Não! Eu estava justamente fugindo dele.

— Acha que eu sou idiota? — Ele chegou mais perto e eu me virei para que ficássemos frente a frente.

— Eu não disse isso.

— Manuela Bellucci — falou com desdém. — Você é uma Lansky agora.

— Foi só força do hábito.

— Hábito? — Ele riu, mas sua expressão evidenciava que não estava nada contente.

— Steven, menos.

— Acha que eu vou deixar outro cara ficar olhando daquele jeito para o que é meu?

— Espera aí ! — Levantei a mão, mas ele segurou o meu pulso.

— Você é minha, Manuela.

— Infelizmente.

Aquela era a última coisa que eu poderia dizer, pois só alimentou a ira do Steven. Ele empurrou a porta de uma das cabines e me arrastou para dentro. Eu já o tinha visto descontrolado outras vezes e sabia o que acarretava quando o sentimento estava relacionado a mim.

Eu mesma tranquei a porta da cabine, pois sabia que não iria escapar dali e não queria que ninguém nos visse.

— Não estraga o meu vestido — ordenei quando vi suas mãos se aproximarem de mim.

Seria mentira se eu dissesse que não vislumbrei um pouco de medo diante daquele leão feroz, mas a excitação cresceu mais

rápida e quando a sua boca tomou a minha, eu estava pronta para ser a sua presa.

Steven subiu o meu vestido, mas a minha calcinha não foi poupada. Só ouvi o som da renda se rasgando e a peça escorregou para o chão. Steven só abriu o zíper e tirou o pênis, sem se dar o trabalho de se despir. Puxou-me para frente e entrou em mim, evidenciando o seu domínio e eu controlei o gemido para que não ficasse evidente o meu prazer, mesmo diante da ardência, porque daquela vez ele não havia me deixado molhada o suficiente.

— Você é minha. — Rosnou antes de morder a minha orelha.

— Pode ser o que o papel diz — provoquei ainda que não fosse o mais prudente.

— É minha, Manuela Lansky.

— E acha que vai me provar isso me fodendo feito um animal?

— Estamos casados.

— Como se você se importasse. — Cerrei os dentes, mas o meu corpo me traiu, meu quadril rebolou nele, esfregando-se no seu colo.

Steven calou a boca, só abaixou a tampa do vaso e sentou comigo encaixada.

— Se não quer, levanta!

Eu estava confortável demais com o pau dele em mim para cogitar fazer isso. Poderíamos estar num banheiro público, numa festa que reunia as pessoas mais importantes de todo o estado de Nova York, mas tudo o que eu conseguia pensar era no quanto tê-lo em mim era delicioso.

— Cala a boca. — Encarei-o séria ao apoiar as mãos nos seus ombros e voltei a rebolar.

Steven segurou a minha cintura e fez com que eu quicasse, cada vez mais rápido e com mais afinco.

Cerrei os lábios para evitar os gemidos e me entreguei ao ritmo frenético dos nossos corpos. Quanto mais subia e descia nele, mais eu queria.

Tombei a cabeça para o lado, ofegando e Steven mordeu o meu pescoço, me enchendo ainda mais de tesão. Senti quando ele gozou em mim, mas não parei de me movimentar até encontrar o meu próprio prazer.

Deitei-me no seu ombro e estranhei quando os seus braços me envolveram, entretanto, não falei uma única palavra, porque eu sabia que elas iriam estragar o momento.

Ao me recuperar, puxei um pouco de papel higiênico e me levantei do colo dele, limpando o sêmen antes que escorresse.

— Vamos voltar para mesa. — Desconsidere o fato de termos acabado de transar e eu estar sem calcinha.

— Não, vamos embora.

— Achei que esse evento fosse importante.

— O governador já nos viu.

— Mas...

— Vamos embora, Manuela.

— Okay. — Acabei concordando, porque não tinha argumentos para continuar ali.

Fui a primeira a sair do banheiro e Steven veio logo atrás, assim que estávamos a caminho da saída, ele envolveu a minha cintura e puxou o meu corpo para mais perto do seu. Estava em cima do muro, sem saber se gostava ou não dessa possessividade.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo vinte e nove

Se havia algo que eu não gostava era quando tentavam tomar o que era meu. Seja lá quem fosse aquele sujeito, por pouco ele não perdeu a vida. I riadegolá-lo com a faca de sobremesa se continuasse olhando para Manuela como se ela fosse um pedaço suculento de carne.

Eu era o chefe de Nova York e não deixaria que dessem em cima da minha esposa, mas a minha fúria ia além disso, de um jeito que eu não conseguia explicar e ficava ainda mais nervoso.

Abri a porta da limusine e indiquei o banco para que a Manuela se acomodasse nele. Ela nem me direcionou o olhar, como se estivesse irritada com a situação, mas o que esperava que eu fizesse? Já tinha matado outros homens por menos.

— Nem ficamos para o jantar e eu estou com fome.

— Vai ter comida em casa.

— Você não precisava agir desse jeito.

— Não? — Segurei o queixo dela e fiz com que me encarasse.

— Não. — Bateu na minha mão, forçando-me a soltá-la.

— Até parece que eu ia sair dali e transar com o cara.

— Muito cuidado com o que você fala.

— Por quê?

— Eu sou o chefe e todos devem me respeitar.

— Ah, então foi só por isso que ficou irritado? — Ela virou o rosto e passou a fitar o lado de fora quando a limusine entrou em movimento.

— Ninguém ousa desafiar o Líder de Nova York.

— Ah, é claro! — Ficou quieta, mas visivelmente irritada.

Manuela teve sorte por eu não ter matado aquele idiota na frente dela.

Como ela não disse mais nada, fiquei calado enquanto seguiamos de volta para casa. Não deixaria a situação daquela forma. Iria descobrir quem aquele sujeito era e dar nele uma bela

lição para que pensasse três vezes antes de se insinuar para cima de outra mulher casada novamente.

Estava distraído, ainda alimentando a minha raiva quando senti o impacto. Chacoalhei dentro do carro quando alguém bateu na lateral da limusine.

— O que é isso? — questionei ao motorista.

— Nos atingiram.

— Continue em frente.

— Algum inimigo? — Manuela se assustou.

— Fica abaixada, o carro é blindado.

— Eu quero uma arma. — Falou ao invés de me obedecer.

— Eu vou te proteger.

— Sinto mais segurança se me der uma arma. Deixei a que a Fernanda me deu em casa porque não cabia dentro da bolsa.

— Okay! — bufei ao abrir um compartimento debaixo do carro, tirar uma pistola e entregá-la para a minha esposa. — Sabe usar?

— Sei.

— Certo.

Chacoalhamos com outra batida. O motorista estava se esforçando para impedir que o veí culolongo capotasse. Percebi os impactos das balas no vidro e Manuela saltou com o susto. Ela poderia ter aprendido a atirar, mas duvidava que houvesse enfrentado uma situação como aquela antes.

Ouvi um estrondo e percebi a limusine começar a derrapar.

— Estouraram o pneu. — Eu já tinha percebido antes do motorista informar.

Ouvia os disparos cada vez mais altos. Os soldados que nos escoltavam estavam em uma troca de tiros com os sujeitos que vinham em nosso encalço.

Manuela tocou a maçaneta da porta, mas eu a puxei para junto de mim.

— Não abre!

— Temos que ajudá-los.

— O carro é o que está nos protegendo.

— E os outros?

— Estão aqui para cuidar de nós e eu vou cuidar de você.

— Posso cuidar de mim mesma. — Ela bufou.

— Não precisa de marra agora.

Manuela não discutiu comigo, mas se esquivou dos meus braços e não foi muito longe ao continuar escutando os tiros.

— Eles vão nos matar.

— Não vão. — Prepararei a arma.

O carro era uma redoma, mas ela não duraria para sempre. Se eles continuassem insistindo, em algum momento o vidro ou a lataria iriam ceder.

Ouvimos mais disparos e então eles pararam. Imaginei que nossos homens houvessem levado a melhor no confronto, mas logo percebi que não quando vi um sujeito desconhecido se aproximar da limusine.

Ele atirou várias vezes na fechadura. Ao invés do vidro, parecia tentar arrebentar a porta. Levou muitos minutos, mas ele conseguiu.

Chutei a porta, atingindo-o antes que ele a abrisse e entrasse no carro. Saltei para fora e golpeei a sua mão com um soco, fazendo com que a arma caísse e rolasse pelo asfalto da rua onde havíamos sido emboscados. De todo o trajeto, aquela era com menos movimento, como se estivessem nos aguardando ali.

— Está sob as ordens de quem? — Guardei a arma para vencer no braço para tentar extrair informações. Avancei para cima do homem que se esquivou do meu cruzado que tinha como alvo a lateral direita do seu rosto.

— Eu acho que se eu te matar o meu chefe vai ficar muito feliz.

— Quem é o seu chefe? — Acertei-o na boca do estômago e o homem cambaleou alguns passos para trás.

Ele não me respondeu, sacou um pequeno canivete e veio com ele para cima de mim, tentando de toda forma me golpear. O cara não era um lutador ruim e eu não podia subestimá-lo, tive certeza disso quando cortou um pedaço do meu paletó com a lâmina afiada.

Ouvi um tiro e percebi que outro homem havia se aproximado da Manuela e tentou arrancá-la de dentro da limusine. Quis entrar para protegê-la, mas a distração fez com que eu fosse atingido e o

corte no braço me provocou dor. Precisaria matar aquele infeliz antes de salvar a minha esposa.

Chutei a sua barriga e fiz com que ele caísse sentado. Acertei a sua cabeça com outro golpe.

— Trabalha para quem?

— Vai ter que se esforçar mais. — Provocou-me, ao se levantar.

Eu não tinha tempo, se quisesse proteger Manuela, tinha que me livrar daquele o mais rápido possível.

Movi o meu corpo para o lado quando a faca passou assobiando pelo local onde eu estava. Acertei o homem com um soco nas costas e o desarmeí mais uma vez. Antes que ele conseguísse, peguei o canivete e o atingi no peito, puxando para dar outro golpe no coração e me certificar de que ele havia morrido.

Chutei-o ao arrancar a lâmina e fui para cima do que estava lutando com a Manuela. O sujeito estava distraído, livrando-se de golpes da minha esposa e não me viu surgir por trás e cortar o seu pescoço.

— Ei, eu estava dando conta dele.

— De nada.

Ela bufou, mas ao invés de rosnar de volta, aproximei e toquei o seu rosto.

— Você está bem?

Manuela ficou me encarando, mas antes de responder fomos interrompidos pelo motorista.

— Senhor, matei os outros dois que estavam vivos.

— E os cinco soldados que nos escoltavam? — Virei-me para o Bill, parando o momento com a minha esposa.

— Mortos.

— Merda! — Urrei.

— Temos que sair daqui antes que chegue mais alguém.

— Bill, ligue para outros homens nos buscarem e virem limpar a bagunça. Quero descobrir quem nos atacou.

— Sim, senhor.

Logo estávamos em um carro de volta para casa.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo trinta

Ao chegarmos à mansão, fomos recepcionados por Lúcia, Fernanda e River, que correram para o carro onde estávamos.

Steven estava suado, irritado e com um ferimento no braço. Já eu estava intacta. Queria dizer que era graças às minhas habilidades de luta, entretanto, tinha a sensação de que o sujeito com quem eu lutara não tinha real intenção de me matar. Porém, como era uma hipótese louca, guardei-a só para mim.

— Steven! — Fernanda o abraçou. — Você está bem?

— Se parar de apertar o meu ferimento.

— Desculpa. — Afastou-se sem graça.

— Dois atentados em dois dias. Isso não é um bom sinal.

— Quando eu descobrir quem é o desgraçado, vou matá-lo bem devagar para servir de exemplo. — Steven ainda estava bufando.

— Se for apenas um pode ser o responsável pelas pilulas de Marte — sugeriu River.

— Se for mais de um culpado pode achar que estamos fracos.

— Tira a bunda do Otto da cama — ordenou Steven para o irmão. — Fala para ele investigar.

— Também farei isso.

— Ótimo.

— Toma cuidado, filho. — Fernanda ressaltou.

River assentiu antes de voltar para o interior da casa, determinado em sua missão.

— Por que voltaram tão cedo? — Lucian se aproximou do filho e eu não queria participar daquela conversa.

A noite havia sido suficientemente louca para mim e descansar parecia a melhor alternativa.

— Vou para o meu quarto. — Passei por eles e segui para a sala antes que Steven começasse a explicar a noite que havia começado com um imbecil dando em cima de mim, progredindo para uma crise de ciúmes que no fundo percebi ser causada pelo próprio ego.

Subi a escada a passos rápidos e fechei a porta, trancando-me dentro do quarto antes de jogar o vestido suado no chão e adentrar o meu banheiro. É claro que eu estava preocupada por terem tentado nos matar, mas tudo era facilmente obscurecido pelo que Steven havia dito dentro da limusine.

Abri o chuveiro e tombei a cabeça para trás, deixando que a água escorresse do meu rosto para o meu corpo todo. Só queria que ela lavasse a minha frustração e tristeza.

Por um momento acreditei que o ciúme do Steven fora porque ele sentia algo por mim, só não falava nada. Seria bom e eu me julgaria menos idiota, entretanto, logo ficou evidente que ele só estava preocupado com o que as pessoas pensariam se vissem a esposa do chefe flertando com alguém.

Era sempre sobre ele, eu nem deveria me desapontar mais. Aquele casamento estava fadado ao fracasso não importava o quanto ele deixava o meu corpo quente.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo trinta e um

O terno me deixava com calor quando entrei na sala onde ficavam os nossos soldados responsáveis pela parte de informática. Com todo o avanço da tecnologia, era imprescindível ter uma equipe como aquela, mas meu irmão e meu primo tratavam com aqueles caras mais do que eu. Contudo, naquele dia eu queria respostas e queria rápido.

— O que descobriram? — Soltei a gravata borboleta que estava me sufocando.

A adrenalina ainda estava tão quente no meu sangue que o ar-condicionado não parecia estar ajudando em nada.

— As placas dos carros que atacaram vocês são frias — comentou Otto parado perto da mesa de um cara que parecia bem concentrado no que digitava.

— Ou seja, ainda não sabem de nada?

— Estamos pesquisando.

Um nome foi sussurrado pelos meus instintos e falei sem pensar muito. Poderia ser apenas o ciúme ainda agindo sobre mim, ou o sujeito realmente fosse alguém com quem eu devesse tomar mais cuidado.

— Lancelot Turner. Quero saber quem ele é e tudo que conseguirem sobre ele. Rápido!

— Quem é esse cara? — Meu irmão parou ao meu lado.

— Alguém que eu espero ser só um idiota — murmurei colocando as mãos nos bolsos. Eu não queria entrar em detalhes sobre o que havia acontecido nem demonstrar toda a minha alteração que me fizera deixar a festa mais cedo.

— Ele está por toda internet — comentou uma mulher e eu cheguei mais perto para ver a tela do computador dela.

Vi as fotos do sujeito em carros de luxo e boates, esbanjando tudo o que o dinheiro poderia proporcionar.

— É esse mesmo.

— Ele tem trinta e dois anos. Acabou de assumir a empresa depois da aposentadoria do pai. Eles mexem com medicamentos e cosméticos, a fortuna está estimada em mais de dois bilhões de dólares.

— Além de idiota e rico, o que mais posso saber dele?

— Gosta de colecionar carros, é um dos solteiros mais cobiçados de Nova York e vive exibindo uma mulher diferente a cada evento.

— Sem envolvimento com o crime?

— Nenhum indício.

— Tem certeza?

— Sem boatos, sem processos ou inquéritos em aberto. O cara tem a ficha limpa. Ele pode ter se encoberto muito bem, mas eu acho que é só um playboy.

— Devemos nos preocupar com ele? — Otto alternou o olhar entre mim e a tela que exibia as informações que eu havia solicitado.

— Não desconsiderem uma possível ameaça.

— Pode deixar.

— Acha que esse cara iria querer algo com a gente? — River ficou analisando.

— Espero que não. — *Por que da próxima vez eu vou matá-*
l o completei em pensamentos. Ficava irritado só de lembrar-me da
forma como ele havia se insinuado para Manuela. Perder os dentes
era o destino mais feliz que o aguardava, pois eu ainda não havia
decidido deixar para lá.

— Reconheci um dos mortos — disse outro homem atraindo
a nossa atenção e eu parei de pensar no que estava me
atormentando.

— Quem é?

— Está vendo essa tatuagem? — O soldado indicou o
desenho de um dragão na foto do cadáver dos nossos inimigos.

— Os *reddr agons*— resmungou River.

— O que uma gangue do Queens teria a ver com um
atentado contra a minha vida? — Cocei o queixo com a barba feita.

— Pode ser só algum idiota achando que estamos fracos e
que eles podem tomar o poder de qualquer forma. — River alternou
os olhos entre a imagem e eu.

— Temos que lembrar às gangues quem manda — disse o
Otto e eu apenas concordei.

Meus instintos ainda me diziam que havia algo muito mais perigoso do que um ataque isolado de membros de gangue. Eles estavam muito fortes e bem armados, coisa que só conseguiriam com um apoio que não era o meu.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo trinta e dois

Girei na cama, rodando de um lado para o outro enquanto a minha mente se enchia com imagens do que havia acontecido no que deveria ter sido apenas um simples jantar com uma figura pública influente. Lancelot parecia o menor dos nossos problemas depois de termos sido atacados.

Fechava os olhos e via o Steven lutando, eu me defendendo e o barulho de tiros, o ranger do metal e os gemidos de dor.

Sentei-me no colchão e olhei para a janela, pelas frestas da cortina pude perceber que o sol já havia raiado. Três dias haviam se passado desde o incidente e mal vi o meu marido na casa, nem seu irmão ou primo, certamente eles estavam envolvidos na investigação e eu odiava estar trancada ali sem fazer nada. Estava cansada do discurso de que deveria ser protegida.

Puxei o meu celular do móvel de cabeceira e me surpreendi com uma mensagem da minha avó. Um sorriso se formou no meu rosto, mas ele não durou muito tempo, pois logo foi substituído pelo sentimento de saudades.

Vovó:

Querida, como você está?

Manuela:

Oi, vó! Estou com saudades.

Vovó:

Eu também, pequena.

Manuela:

Eu já não sou pequena há muito tempo rsrs.

Vovó:

Sempre serão pequenos para mim.

Manuela:

Rsrs. Como está tudo por aí ?

Vovó:

Também estamos com saudades de você. A casa não é mais a mesma sem as minhas netinhas.

Manuela:

Em algum momento irí amos partiř mas ainda bem que
o meu pai e tios ainda estão perto da senhora.

Vovó:

Ai deles se desaparecerem.

Manuela:

Rsrs

Vovó:

Mas quero saber de você.

Manuela:

Está tudo bem. vó.

Vovó:

Tem certeza?

Manuela:

Sim!

Não demorei para responder, porque não queria ser pega na minha própria mentira. Ainda bem que estávamos conversando por mensagem, pois seria difícil esconder no meu tom de voz o quanto eu estava lutando para não enlouquecer com aquele casamento.

Vovó:

Rezo tanto para que você e o Steven sejam felizes.

Manuela:

Obrigada.

Vovó:

Em breve iremos nos encontrar.

Manuela:

A senhora vem com o meu pai?

Vovó:

Sim.

Manuela:

Que ótimo! Fico muito feliz com essa notícia, vó.

Vovó:

Vou para a ONG com a sua mãe e a sua tia.

Manuela:

Continuamos conversando depois.

Vovó:

Até mais, minha neta.

Manuela:

Até, vovó! Obrigada por mandar mensagem.

Vovó:

Fico aguardando as suas.

Joguei o celular de volta ao móvel de cabeceira e cogitei afundar nos travesseiros novamente, mas fiquei feliz com a notícia

de que em breve veria a minha família, incluindo a vovó.

Decidi sair do quarto, estava com fome e o meu estômago revirava um pouco. Troquei de roupa e fui para o corredor. A mansão parecia terrivelmente vazia, não via a Fernanda nem nenhum dos Lansky, o que me deixou mais angustiada.

Fui para a cozinha e cumprimentei a empregada ao puxar uma cadeira alta e me acomodar perto do balcão.

— Não serviu a mesa do café hoje?

— A senhora era a única que estava aqui quando cheguei para trabalhar pela manhã. Estava esperando que acordasse para que eu servisse o seu café.

— Sabe aonde eles foram?

— Os soldados só me disseram que não estavam aqui.

— Entendi. — Soltei o ar com força e debrucei-me sobre a minha mão, cujo cotovelo estava apoiado na bancada de pedra.

— O que gostaria de comer?

— Pode ser uma panqueca com geleia de frutas e um suco de laranja.

— Vou providenciar.

— Obrigada.

Fiquei olhando para o nada enquanto esperava que a cozinheira preparasse o meu café.

Depois de comer, eu poderia voltar para o quarto e assistir alguma das minhas aulas à distância, treinar ou simplesmente perder tempo diante da televisão ou de alguns vídeos da internet. Também havia um livro que a minha avó tinha me dado e eu não tinha terminado de ler. Contudo, estava tão aflita e angustiada que não conseguiria concentrar em nada. Quando o meu café foi servido, nem me focar para comer eu conseguia.

Eu tinha nascido na máfia, a minha família seguia por esse caminho gerações antes de mim, não era nenhuma novidade que tentassem nos matar, mas ainda assim eu não conseguia evitar a preocupação. Steven e os outros estavam lá fora enquanto eu me sentia de braços cruzados. Não que o meu marido merecesse uma noite mal dormida minha, ele se esforçava para que eu não me importasse e na maioria das vezes tudo o que eu queria fazer era dar cabo dele eu mesma, entretanto, lá no fundo, tinha uma preocupação que eu não conseguia evitar.

— Quer algo mais, senhora?

— Não, obrigada. — Levantei-me quando ouvi som de carros se aproximando.

Eu não deveria, mas fui até a garagem. Saí pela porta no exato instante em que os utilitários pretos estacionaram. Primeiro alguns soldados desceram, então eu vi o River e o Steven saiu logo depois do irmão.

Quando os olhos do meu marido encontraram os meus, ele desviou o olhar rapidamente, mas eu não fiz o mesmo. Ao invés de olhar em outra direção, percorri o seu corpo e identifiquei algumas marcas de sangue. Ele tinha enfrentado alguém.

— Ei, Manu! — River passou por mim e me cumprimentou com um sorriso.

— Oi.

— Já está acordada. — Steven parou na minha frente e nossos olhos se reencontraram. Dessa vez ele não desviou.

— Não pretendia passar o dia inteiro na cama — respondi ainda que ele houvesse apenas afirmado.

— Você quem sabe. — Deu de ombros e fez com que eu cerrasse os dentes, como depois de todo tempo vivendo juntos ele ainda conseguia me tratar daquela forma?

— Onde estavam?

— Tratando de assuntos — foi esquivo.

— Descobriu quem nos atacou?

— Ainda não.

— Quem sabe quando o meu pai estiver aqui ele possa ajudar.

— Não quero os Bellucci envolvidos nos meus assuntos.

— Talvez já tivesse se livrado dos inimigos se não fosse tão cabeça dura. — Bufe, estufando o peito.

— Eu não pedi a sua opinião. — Steven deu as costas para mim e subiu escada acima.

Ouvi-lo dizer aquilo fez o meu sangue ferver e não no bom sentido. Queria escalpelá-lo com as minhas próprias unhas.

Corri atrás dele, alimentanda pelos murmurinhos dos soldados e o interceptei no corredor. Puxei-o pelo ombro e fiz com que me encarasse. Estava furiosa e a sua fala havia sido a gota d'água para que eu ebulisse.

— Você não pode falar desse jeito comigo!

— Por que você é uma Bellucci? — falou o sobrenome da minha família com desdém.

— Porque eu sou a sua esposa. Não foi o que disse para o Lancelot Turner naquela festa? Se não me quer flertando com outros é melhor que me trate direito.

— Está dizendo que vai me trair? — Steven cerrou os punhos e eu vi algumas veias saltarem na sua testa, sinal que a minha fala havia cutucado a sua ira.

— Acha que pode fazer o que quiser comigo e me exigir tudo se não consegue me dar nem respeito?

— Vai começar a fazer exigências? — Ele segurou a minha cintura e as minhas costas bateram na parede, arrancando de mim um soluço.

— Eu quero que me trate como eu mereço.

— Minha esposa, é? — Uma de suas mãos me soltou e foi parar sobre o meu seio, o que fez com que eu arregalasse os olhos, mas eu não me mexi, nem me esquivei, continuei firme.

— Eu sou.

— Então fica bem longe do Turner ou de qualquer idiota, porque você é minha.

Queria dizer que não era bem assim que funcionava, mas o Steven abaixou a cabeça e mordeu o meu pescoço. Cerrei as pálpebras enquanto o meu corpo naufragava em uma onda muito intensa de desejo. Era muito perigoso quando o Steven me tocava daquele jeito, porque eu não conseguia resistir.

Ele lambeu da base da minha garganta, até o meu queixo e me arrepiei inteira, esfregando o meu corpo mais no dele.

Segurei os seus ombros e pressionei as unhas na sua jaqueta quando ele subiu com a boca e estava prestes a envolver a minha.

— Só se você também for meu.

Steven não me respondeu, só enfiou a língua na minha boca com o mesmo jeito mandão de sempre. A outra mão também subiu para o meu seio e eu me espichei contra a parede ao ter os dois pressionados.

A porta mais próxima era a do quarto do Steven e ele me puxou para ela, fechando-a logo em seguida e me empurrou para cama, fazendo com que eu caísse de costas sobre o colchão.

Queria ter força para afastá-lo e poder afirmar que cada célula minha não estava desesperada por mais daqueles toques que beiravam a selvageria, mas tudo o que eu consegui foi enlaçar a sua nuca e trazer a sua boca para a minha. Nunca tinha me avisado que o sexo poderia ser tão perigoso e viciante.

Steven puxou o elástico do meu short e enfiou a mão dentro da minha calcinha sem qualquer recato. Afastei as pernas quando seu dedo encontrou caminho por dentro dos meus grandes lábios e tocou diretamente o meu clitóris.

— É isso que você quer? — Começou a me estimular arrancando de mim vários gemidos enquanto meu corpo se derretia inteiro em meio à pressão deliciosa do seu dedo.

Ele sabia como me manipular no sexo, mas eu não iria cair naquele jogo, não daquela vez.

Neguei com a cabeça e coloquei a mão no seu peito, pegando-o de surpresa.

— Saí de cima de mim. Não vamos funcionar desse jeito.

— Tem certeza? — Penetrou-me com o dedo aumentando ainda mais a minha excitação e fazendo com que eu rebolasse nele.

Tirei a mão dele e nos girei na cama, ficando por cima. Deveria só aproveitar para sair correndo, mas eu me encaixei perfeitamente sobre a sua ereção e mesmo com as roupas, eu pude senti-lo e uma onda de luxúria ainda maior começou a pulsar dentro de mim.

Eu não admiti em voz alta, mas o toque da sua pele incendiava a minha mais do que deveria, ou que eu poderia controlar.

— Levanta. — Steven deu um tapa na minha bunda.

— Cala a boca — rosnei ao jogar o cabelo para trás ao passo que as minhas mãos iam diretamente para o zíper da sua jaqueta.

Meu marido segurou a minha cintura e me fez roçar nele, esfregando de maneira frenética o meu sexo no seu. O tecido do meu short não estava sendo o suficiente para conter a minha umidade, porque eu o sentia cada vez mais molhado.

Eu puxei a minha blusa e joguei em um canto da cama. Steven flexionou o seu corpo para frente, demonstrando a força do seu abdômen e subiu com os dedos pelas minhas costas, me provocando deliciosos efeitos que me forçaram a cerrar os lábios para não gemer. Ele abriu o sutiã e jogou longe, substituindo o tecido pela sua boca.

Esfreguei-me mais no seu membro, rebolando desmedida enquanto ele sorvia o meu seio e brincava com o mamilo com a ponta da língua.

Aproveitei o momento até que ele tomou a minha cintura e nos girou na cama novamente, ficando em cima de mim.

Deixei os chinelos caírem no chão pouco antes do Steven arrancar o meu short e a minha calcinha e eu ouvi o tecido ceder, o suficiente para que eu presumisse que havia começado a rasgar. Ele se livrou das próprias roupas e voltou a se curvar sobre mim.

Sua língua subiu pelo vale entre os meus seios, deixando um rastro molhado até a minha orelha e a brisa que entrava pela janela era o suficiente para tocar a região e me deixar arrepiada e ainda mais sensível.

— Safada! — Ele mordeu a minha orelha e me lembrou porque às vezes eu o odiava tanto.

— Cretino.

— Sou. — Friccionou o seu peito molhado no meu, elevando ainda mais a excitação que me corroía e me deixava completamente sem juízo.

Segurei seu cabelo na base da nuca e trouxe a sua boca de volta para a minha, preferia quando a língua dele estava ocupada.

Suas mãos subiam pelas minhas coxas, escorregando dos joelhos até as minhas nádegas e eu me sentia muito sensível a cada um dos seus toques. Poderia não admitir, mas o queria explorando todas as regiões do meu corpo, apertando, beijando e mordendo do jeito que Steven sabia fazer muito bem.

Moví amos as nossas cabeças, procurando o melhor encaixe das nossas bocas, até que ele se acomodou entre as minhas pernas e eu senti o seu membro esfregar na minha entrada. Estava louca para tê-lo dentro, mas eu queria mais do Steven daquela vez.

Agarrei o seu cabelo e o puxei para trás, apartando o nosso beijo e fazendo-o me encarar.

— Quero que retribua o que eu fiz no banheiro.

Steven me encarou e mexeu os lábios, imaginei que ele fosse dizer qualquer coisa estúpida, mas ao invés disso, ele começou a descer com a boca pelo meu corpo, passeando pelo bico dos meus peitos, o meu ventre, até acomodar a cabeça entre as minhas coxas. Ele mordeu perto da minha virilha e eu arqueei o corpo na cama, afundando os meus dedos no lençol.

Primeiro eu senti o seu hálito, quente e rápido, tocando a parte mais sensível de mim até que a sua língua veio. Steven pressionou o meu clitóris ao passo que os seus dedos afundavam na minha bunda.

Tentei me mover, mas até para rebolar era difícil me perceber completamente refém do seu agarre e da sua boca.

Steven sabia como me provocar e alimentar os seus desejos, daquela vez não foi diferente. Ele explorava todo o meu sexo com a língua, me revelando sensações e locais que eu desconhecia. Eu queria que ele me pressionasse mais ou fizesse movimentos mais ágeis com a língua, entretanto, ele sabia bem fazer o estímulo certo para me deixar no limiar da loucura.

Alternou pancadas e lambidas com os lábios sugando o meu clitóris enquanto as suas mãos passeavam pela minha bunda, estimulavam as minhas coxas e a região da minha virilha. Eu achava que iria submetê-lo, mas o Steven comandou muito bem aquele jogo.

Eu gemia, afundando a minha cabeça no travesseiro e clamava por mais a cada carícia que recebia dele. Steven sugou meu ponto mais sensível com os lábios enquanto escorregava um dos dedos pelo meu canal. Quando ele começou a me penetrar,

rebolei nele, me entregando às sensações que somavam o movimento da sua boca e do seu dedo.

Quando fechava os olhos, era como se a sensação fosse ainda mais intensa. Eu não repreendi meus instintos e me permiti gozar sob os movimentos da sua língua. Steven continuou por mais um tempo, mas assim que percebeu que eu havia chegado ao clímax, ele interrompeu suas provocações e se ajoelhou na cama.

— Satisfeita?

Apenas balancei a cabeça em afirmativa, enquanto estava com a voz fraca demais para conseguir falar, pois ainda não havia me recuperado do orgasmo.

— Mas eu não.

Fui surpreendida quando ele me girou, colocando-me de bruços na cama. Afundei o rosto no travesseiro assim que uma palmada explodiu na minha bunda e a deixou ardendo levemente. Empinei por puro reflexo, mas não poderia prever o que ainda estava por vir.

— Quero mais de você, Manuela.

Com o canto de olho eu o vi abrir o móvel de cabeceira e pegar um tubo que não parecia pertencer a pomada nem a pasta de

dente.

— O que vai fazer? — Tentei me encolher.

— Fica aqui. — Ele segurou a minha cintura para que eu não escapasse.

— Steven!

— Vou provar mais de você. Se relaxar não vai doer. — Sua mão escorregou pela minha bunda e o senti abrindo as minhas nádegas.

Tentei fechá-la por reflexo, aquela é uma zona proibida e foi como se um alerta estivesse piscando em vermelho na minha mente.

— Aí não...

— Relaxa.

Fiquei sem fala quando ele me introduziu um dedo onde achei que nunca seria penetrada. Steven ainda me segurava contra a cama e pude esconder o meu rosto no travesseiro quando ele juntou um segundo dedo ao primeiro, me preparando para algo que viria depois, bem mais grosso.

Queria simplesmente fugir dali, mas houve uma curiosidade muito grande que me levou a ficar e descobrir o que aconteceria quando ele tirasse mais uma virgindade minha. Sentia um pouco de incômodo com a presença dos seus dedos, mas não havia dor.

Logo o percebi se acomodar sobre mim. Steven tirou os dedos e bateu na minha bunda mais uma vez. Rebolei por reflexo e isso foi um incentivo para que ele continuasse. Suas mãos seguraram a minha cintura e desceram até as minhas nádegas, abrindo-as bem. Cobri a boca com o travesseiro quando ele começou a invadir.

Os gemidos do Steven ficaram ainda mais altos, o que me fez perceber que ele poderia estar gostando bastante. Precisei de um tempo para me acostumar com a sua presença ali, mas diferente da nossa primeira transa não foi como se ele estivesse me rasgando. Depois de se encaixar em mim, suas mãos subiram de volta para minha cintura e meu marido me puxou para ele. Logo começou a se mover e quando percebi estava com os joelhos apoiados no colchão e bunda completamente empinada.

— Manuela... — Surpreendi-me quando ele me chamou pelo nome em meio a gemidos de prazer.

Apenas gemi de volta e esfreguei a minha bunda na sua pélvis enquanto ele me puxava para entrar e sair dela.

— Me dá sua mão.

— Hã?

— Assim. — Ele se curvou para agarrar o meu pulso e levou os meus dedos até o meu sexo. — Se toca!

— Quê?

— Me ouviu. Se dá prazer. — Ele movimentou o meu dedo, até que eu começasse a fazer sozinha.

Eu comecei a sentir prazer enquanto me tocava e o incômodo que vinha com os movimentos dele desapareceu por completo. Empinei mais a bunda, dando total acesso ao passo que meus dedos me conduziam a uma onda de êxtase. Eu conseguia rebolar nele e me sentir alucinada como se seu pau estivesse na minha vagina.

— I sso! — Steven gemeu ao voltar a segurar a minha bunda.

A vergonha foi completamente posta de lado e eu me deixei ser guiada exclusivamente pelos meus impulsos, que me indicavam a pressão e a velocidade correta.

Steven aumentou os movimentos e eu logo o senti me enchendo com seu líquido. Não parei de me estimular até que me

juntei a ele. Sem forças, tombei para a cama e o meu marido continuou em cima de mim, ainda encaixado. A pressão do seu corpo me empurrou contra o colchão e a sua respiração tocava a minha orelha.

Ele começou a deslizar a mão pelos meus contornos, em uma carícia deliciosa e provocativa. Não ousei falar nada, porque não queria interromper o momento nem ouvir nenhum dos desaforos que ele costumava soltar.

Passamos um bom tempo assim, até que ele se levantou e foi para o banheiro.

Fui atrás antes que sujasse o lençol.

Ele entrou debaixo do chuveiro e molhou o cabelo. Estava de olhos fechados, com a água escorrendo pelo rosto quadrado, mas se virou quando me ouviu entrar.

— O que está fazendo?

— Me lavando. Tem sêmen na minha bunda — disse com a cara fechada, mas ele riu.

— I diota! — Revirei os olhos ao pegar o sabonete.

Ele o tomou da minha mão e desceu ensaboando a minha barriga até tocar entre as minhas pernas.

— Prefere na sua boceta?

— Já pensou que eu não prefira em lugar nenhum?

— I ssoeu duvido bastante. — Começou a brincar com o meu clitóris, dando tapinhas com a ponta dos dedos.

— Para. — Segurei o braço dele.

— Está cansada?

— Não.

— Eu te comeria mais um pouco antes de sair outra vez se for boazinha.

— Já pensou que talvez você tenha que ser mais bonzinho?

— Bom, é algo que definitivamente não me cabe.

— Então o Lancelot pode ser bem melhor e me fazer gozar mais rápido.

Toquei num ponto delicado que fez o Steven urrar como uma fera e por pouco não perder a linha.

— Muito cuidado com o que fala, esposa.

— Só estou levando em conta alguns pontos de acordo com o que você mesmo disse.

— Esqueça esse nome.

— Se sente ameaçado? — Tudo o que eu queria ouvir era que ele estava com ciúmes e se preocupava ao menos o mínimo com a nossa relação.

— Ele nunca vai te fazer gozar como eu.

— Não tenho parâmetro para comparar. — Dei de ombros.

— Nem vai ter. — Ele me segurou pelo queixo e fez com que eu o encarasse.

— Acha que rosnando para mim te torna melhor no sexo? — Encarei-o firme para que Steven tivesse certeza de que iria precisar de muito mais para me intimidar.

— Não sabe o que fala.

— Talvez, não. — Abri o box. — Vou terminar o banho no meu quarto.

Antes que eu conseguisse esticar o braço e pegar uma toalha no suporte, Steven me puxou para dentro e bateu a porta de vidro quase a quebrando.

— Já disse para não me provocar — Rangeu os dentes.

— Eu já falei que você não manda em mim.

— É a minha esposa, Manuela L ansky.

— Só quando aceitar que você é o meu marido.

— Eu sou.

Ele parou a discussão me beijando. Era desse jeito que sempre resolvíamos as trocas de farpas, não importava que tivéssemos acabado de transar, meu corpo acendeu novamente com a fricção da sua pele molhada na minha. Steven segurou o meu rosto com uma das mãos, beijando-me com ferocidade, enquanto a outra subia a minha coxa e a encaixava na sua cintura.

Eu me preparei, deixando um gritinho escapar quando ele enfiou no meu canal. Ainda estava molhada e não senti dor mediante a fricção.

Apertei os seus ombros e correspondi ao beijo enquanto ele se chocava em mim, penetrando cada vez mais rápido e com mais

força para que o seu corpo se moldasse ao meu. Eu gemia alucinada porque não conseguia me conter. Toda raiva que ele provocava em mim era transformada em tesão na mesma intensidade. Queria matá-lo na mesma proporção que ansiava por nos conectarmos daquela forma.

Steven não parou de meter em mim até que eu o senti gozar de novo. Pareceu visivelmente cansado, mas forçou os movimentos até que eu me juntasse a ele.

Tombei contra a parede, completamente sem forças e ele se afastou, deixando que o sêmen escorresse pelas minhas coxas e fosse lavado pelo chuveiro.

— Esqueça o Lancelot Turner.

Eu dei de ombros, mas não falei nada.

Esperei que ele terminasse de se lavar para que eu entrasse debaixo do chuveiro e fizesse o mesmo.

Steven estava se secando do lado de fora do box, sobre um tapete macio quando voltei a quebrar o silêncio.

— Minha família virá me visitar

— Estou sabendo.

— Eu quero te pedir uma coisa.

— Pedir? — Ele se virou para me encarar, surpreso.

— Sim. Eu preciso que pelo menos finja que o nosso casamento não é um fracasso e que mal consegue ter uma conversa civilizada comigo.

— Quer fingir para eles que somos um casal feliz?

— Quero. — Engoli em seco ao sentir um gosto amargo na boca.

Mentir nunca tinha sido a melhor alternativa, entretanto, eu não sabia como a minha família iria reagir se soubesse que Steven e eu quase nos matávamos todos os dias. Também não queria admitir que tinha fracassado.

Ele continuou rindo e provocou mais a minha ira.

— Quer saber, deixa para lá. — Saí do box e roubei a toalha da mão dele.

— Estamos negociando.

— Não é uma negociação.

— O que eu ganho se colaborar?

— O que você ganha? — Foi a minha vez de começar a rir.
— Vai ser poupado de tomar um tiro do meu pai.

— Acha que eu tenho medo do Theo Bellucci?

— Você é um idiota. Só isso que eu acho.

Estava furiosa e completamente arrependida de ter sugerido. Era evidente que Steven e eu não conseguiríamos fingir ser um casal feliz. Deveria ter engolido aquela ideia estúpida ao invés de entregar mais munição nas mãos do meu inimigo.

— Espera. — Tocou o meu rosto atraindo a minha atenção e me fez odiar ainda mais o quanto o meu corpo facilmente cedia ao seu.

— Já disse para esquecer. — Enrolei-me em uma toalha e saí do quarto sem dizer mais nada.

Fui me vestir no meu e só queria conseguir evitar o Steven pelo resto da semana para que eu não acabasse gemendo debaixo dele, contrariando toda a minha racionalidade.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo trinta e três

Rosnei quando a ouvi bater à porta. Ela era muito mais difícil de controlar do que um exército inteiro e tinha a sensação de que estava falhando no meu papel como líder por simplesmente não conseguir dobrá-la.

Saí do banheiro e peguei algo para vestir. Estava há três dias perseguindo um fantasma, desde o incidente após a festa, eu não descansava para tentar encontrar o culpado, mas todas as pistas pareciam bicos sem saída. O cretino responsável por tudo era muito esperto e sabia encobrir os seus rastros muito bem.

Saí do meu quarto e me deparei com o meu pai deixando o dele. Parou na minha frente e seu olhar atraiu o meu.

— Você e a Manuela se acertaram? — Sua pergunta foi direta e me pegou de surpresa.

Será que ele também achava que tínhamos que fazer um teatro para os Bellucci?

— Por que pergunta?

— Estavam transando. — Não teve pudor ao evidenciar algo que ele provavelmente teria ouvido.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Meu filho...

— Pai, sei que está aqui para me ajudar e quer que eu seja um chefe tão bom quanto o senhor foi, mas a Manuela não tem nada a ver com isso.

— Muito pelo contrário. — Fui surpreendido com o seu tom enfático. — Ela é a sua esposa, a sua base. Nenhuma luta vale nada se estamos sozinhos.

— Tenho você, a Fernanda, o River..

— Por que reluta tanto em aceitá-la?

— Porque assim eu me conformaria com a ofensa dos Bellucci. — Cerrei os dentes ao admitir algo que guardava só para mim.

Se eu me apaixonasse pela Manuela estaria ignorando o que me fora feito e parecia inadmissível.

— Meu filho. — Meu pai bufou, balançando a cabeça em negativa. — Vai deixar que o seu ego ferido o impeça de ser feliz?

— Ela não vai me fazer feliz.

— Se você não deixar realmente não irá. Quando abrir os seus olhos vai perceber que está punindo a si mesmo e à sua esposa.

Neguei com a cabeça. Eu não queria ter que baixar a minha guarda e admitir que no fim gostava da mulher que me fora imposta.

— Eu não posso abrir os seus olhos por você, mas espero que quando isso acontecer não seja tarde demais.

— Vamos seguir os rastros do lí derdos *Red Dragons*. O Otto me disse que o departamento de trânsito enviou umas imagens do Xavier I grejastomando um trem para o subúrbio há dois dias. Já deve saber que estamos no seu encalce.

— Tem trabalho a ser feito. — Meu pai não insistiu quando mudei de assunto. — Vou me deitar com a Fernanda e descansar um pouco. Ligue se precisarem de ajuda. Tomem cuidado e proteja o seu irmão.

— Pode deixar. — Meti as mãos nos bolsos e segui pelo corredor.

Manuel a... Mal pisei na escada e o nome dela estava ecoando na minha cabeça como badalos de um sino. Esforcei-me para afastá-lo. Eu não iria admitir que a queria, nem para mim mesmo, por mais que os meus instintos dissessem o completo contrário.

— Levanta. — Cutuquei o meu irmão que estava apagado no sofá.

— Ah, oi! — Sentou esfregando os olhos como se estivesse fora de si.

— Vamos!

— Como ainda tem fôlego? — Deu uma risadinha.

— Do que está falando? — Fechei a cara, sério, demonstrando ao caçula que não estava para brincadeira.

— Todo mundo ouviu.

— Que bom que sua audição está boa. Vai precisar dela para sobreviver.

— I magino que ela tenha ido dormir..

— Cala a boca, River! — Dei um tapa no ombro do meu irmão e o coloquei para caminhar.

A conversa com o meu pai já tinha sido o suficiente por um dia. Não queria que o meu irmão ficasse comentando sobre a minha performance na cama com a minha esposa. Na verdade, não queria ninguém falando dela, muito menos dizendo como eu deveria ou não agir.

Otto se juntou a nós e seguimos em alguns carros para o endereço que havíamos conseguido no subúrbio. A nossa pista nos levou a quase uma hora de Manhattan. Esperava que o líder de gangue me rendesse mais do que respingos de sangue nas minhas roupas.

Lembrei-me da minha breve conversa com a Manuela. O meu ego queria que o Theo visse que eu não me importava com a filha dele, mas o restante da minha consciência estava tencionando ao ceder diante do pedido dela.

Quis encontrar uma justificativa. Já estava enfrentando uma guerra em Nova York e não precisava piorar tendo que enfrentar os Bellucci. Por mais que eu odiasse a influência deles, iria lidar com aquela desculpa esfarrapada para não ter que dizer que eu me importava com ela.

Parecia inviável descer do meu patamar e admitir que não fazia ideia de como seria com a Pietra, mas estava começando a sentir algo pela Manuela e isso crescia a cada dia.

Queria o seu cheiro, o seu corpo, seus olhos focados em mim nem que fosse com uma expressão de raiva...

— Steven, chegamos. — A voz do meu irmão me dispersou dos meus pensamentos e percebi que o carro havia parado diante de uma casa de dois andares.

Tirei a arma do meu coldre e destravei antes de descer do carro, River tinha ido na frente, mas tinha a proteção do Otto e dos nossos soldados. Eu e Bill demos a volta na casa e esperei que o meu homem arrombasse a porta do quintal antes de entrarmos. Ouvi som de disparos e percebi que estavam esperando por nós.

Passei pela cozinha e avistei alguns sacos com muitas pí lulas de marte. Parecí amosestar no lugar certo e eu queria que alguém ali me desse respostas.

Apontei a arma para um cara que estava ensacando a droga atrás do balcão e ele levantou as mãos, colocando-as atrás da cabeça ao ser surpreendido com a nossa presença.

— Entra ali. — I ndiqueia dispensa com o cano da arma e o cara acatou a minha ordem sem pensar duas vezes.

Assim que tranquei a porta, apressei-me para me esconder atrás da geladeira antes de tiros serem disparados contra mim.

— Cuidado, chefe — alertou o Bill.

— Me cobre.

Ele assentiu e eu saí da proteção da geladeira para atingir um homem que se escondia atrás de uma parede. Meu tiro pegou no seu ombro, mas foi o suficiente para desarmá-lo e fazer com que o próximo fosse fatal.

Bill matou um segundo que surgiu e nos juntamos com o meu irmão na sala onde havia três outros corpos. Todos os cadáveres exibiam a tatuagem da gangue.

— Tem mais gente lá em cima. — I ndicou o meu primo.

— Quero o Xavier vivo — lembrei a eles. — Tinha muitas perguntas para fazer ao lí der e esperava que alguma delas me levasse ao verdadeiro responsável por aquela droga.

Duvidava que uma gangue pobre de imigrantes tivesse o suporte necessário para fabricar e distribuir um composto como

aquele. Eram mais peões naquele jogo, mas eu precisava conseguir chegar às peças mais importantes ou seria eu a receber o xeque-mate.

— Vou primeiro — avisou o Bill ao pisar na escada.

Ele indicou outros homens que foram atrás para dar cobertura. Eu, meu irmão e meu primo fomos depois, para que os soldados fossem a nossa linha de frente. Eles estavam ali para matar e morrer por nós.

Bill chutou uma porta.

— Vazia.

Fomos para a seguinte.

Meu coração acelerava com a adrenalina a cada fechadura que arrombávamos e encontrávamos apenas quartos vazios. Até que invadimos um banheiro e a primeira coisa que avistei foi uma banheira branca, preenchida por um líquido vermelho, que tinha quase certeza ser sangue. Havia um homem latino dentro dela, com os pulsos cortados e assim que invadimos o cômodo ele deixou a lâmina cair.

— Desgraçado. — Corri até o Xavier e agarrei o seu pescoço, mas o homem já estava dando os seus últimos suspiros de vida.

— Vai se foder, Lansky!

— Quem estava fornecendo as drogas?

Ele riu para mim antes do seu corpo perder a força e eu perceber que não conseguiria tirar nenhuma informação de um cadáver.

Ou o desgraçado por trás daquilo estava contratando apenas suicidas ou ele era muito persuasivo ao ponto de forçar os homens a se matarem antes que entregassem qualquer informação para mim.

Eu me sentia apenas cortando cabeças para que duas surgissem no local. Eliminar peões continuava me deixando em desvantagem.

— Porra!

— Vamos achar quem está fazendo isso, Steven — garantiu o meu primo, mas eu tinha certeza de que o Otto não tinha propriedade para afirmar qualquer coisa.

Dei as costas para eles e desci correndo. Nem me dei ao trabalho de abrir a porta da dispensa que eu mesmo havia trancado, arrombei-a com um pontapé e o homem dentro dela se escondeu ainda mais.

— Quem é o desgraçado por trás das pí lulas?

— Eu não sei.

— Me dá uma resposta melhor se quiser viver.

— Realmente não sei. Xavier chegava aqui com os comprimidos, mas nunca nos disse onde ou como os conseguiu, também não fazí amos perguntas para não deixarmos o chefe irritado. A única coisa que eles nos alertava era para tomarmos cuidado com os seus homens.

— Eu quero um nome.

— Juro que não tenho.

I rritado,dei um tiro na cabeça do homem e ele tombou para trás, sem vida. Tinha sido rápido e ele acabou sofrendo menos do que eu gostaria, mas parecia falar a verdade quando dizia não saber de nada. A hierarquia naquela organização era melhor do que eu imaginava e mantinha o topo da cadeia escondido, para chegar a eles, teria que puxar a corda e avançar degrau por degrau até chegar ao meu objetivo.

Vasculhamos o lugar, olhamos computadores e celulares, mas não encontramos nada.

— Steven, vamos embora. — Meu irmão tocou o meu ombro.

— Outro beco sem saí da. — Bufeí.

— Uma hora, seja lá quem for, vai cometer um vacilo e nós o pegaremos.

— Espero que sim.

Voltei com os homens para o carro e saí mos dali.

Minha busca estava longe de terminar e eu não desistira de conseguir a cabeça do responsável por aquele esquema no meu território.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo trinta e quatro

Descemos dos carros em uma pista de pouso particular antes da chegada do avião com a minha família.

Eu deveria estar imensamente feliz por revê-los depois do meu casamento, mas tudo o que eu conseguia sentir era a minha barriga revirando e um mal-estar incômodo. Estava com medo. Queria olhar para eles e sorrir, dizer que eu estava ótima e que não poderiam ter ido para outro lugar melhor do que Nova York, mas mentira nunca tinha sido o meu forte.

Steven estava ao meu lado, de peito estufado e postura firme. Não era uma surpresa não termos conversado muito, mas os murmurinhos que eu ouvia pela casa e as suas ausências me indicavam que ainda estavam perseguindo um inimigo perigoso.

Parei de pensar nisso quando vi um pequeno avião particular pousar na pista e ir diminuindo a velocidade até se aproximar de nós. Eles estavam chegando. Eu teria abraços e carinho e me contentaria com isso.

Operadores de pouso encaixaram a escada e a porta foi aberta. Tive que colocar a mão no peito quando senti uma pontada, mas

Steven entrelaçou os seus dedos nos meus e fui completamente surpreendida.

— Não fique com esses olhos arregalados.

— O que está fazendo?

— Atendendo ao seu pedido. — Ele levantou a minha mão, com os dedos ainda entrelaçados aos seus e beijou o dorso.

Fui abalada pelo primeiro gesto de carinho que Steven teve comigo em um momento em que não estávamos transando.

— Por quê?

— Já tenho inimigos para lidar.

Cerrei os lábios. Deveria ter guardado aquela pergunta para mim, pois o Steven sempre estragava os momentos. O que eu estava esperando que ele fosse dizer? No fundo, não éramos nem cúmplices.

Meu pai foi o primeiro a descer do avião e meus olhos lacrimejaram. Não queria chorar, mas estava com tantas saudades. Soltei a mão do Steven sem pensar duas vezes e corri para os braços que sempre me acolheram.

— Papai!

— Filha! — Ele me acolheu e eu pude sentir o perfume amadeirado que meu pai usava desde quando eu era criança.

Ele afagou o meu cabelo até que eu levantei a cabeça e enxerguei a minha mãe por cima do seu ombro. Desvencilhei-me dos braços dele para ir até ela.

— Minha menina.

Afundi a cabeça no peito da minha mãe e o seu coração batendo devagar me acalmou. Ficamos assim por um tempo até que fui cumprimentar o restante da família.

— Parece que você cresceu alguns centímetros— Thiago brincou comigo.

— Engraçadinho. — Fiz bico.

— Você está ótima, irmã.

— Obrigada, Lorenzo.

— Oi, Manu! — A senhora de cabelos grisalhos surgiu atrás dos meus irmãos.

— Vovó!

— Minha neta. — Ela segurou as minhas mãos antes de me abraçar e eu soltei um longo e profundo suspiro.

Seu perfume de lavanda me envolveu e eu apertei-a ainda mais apertado, sentindo-a me relaxar. Como se eu conseguisse encontrar a paz em qualquer lugar, inclusive casada com o Steven.

— Está bonita.

— Obrigada.

— Bem-vindos a Nova York.

— Obrigada, Steven. — Minha mãe sorriu para ele.

— Vamos para casa, tem um almoço para recepcioná-los e a minha família também está aguardando.

Todos assentiram e entraram nos carros que foram indicados. Sozinhos, Steven e eu fomos para aquele que havia nos trazido.

Assim que me acomodei no banco e tombei a cabeça para olhar para fora, meu marido chamou a minha atenção com outra fala que me pegou de surpresa.

— Pedi aos empregados para levarem as suas coisas para o meu quarto, seus pais ficarão onde você estava.

— Vamos dormir juntos?

— Sim.

— Okay!

— Quer mais alguma coisa?

Na verdade, eu desejava várias, mas preferi ficar em silêncio.

— Não.

— Ótimo.

Ficamos em completo silêncio até chegarmos à mansão. Segui o percurso observando o Rio East, numa desculpa para não olhar para ele. Estava difícil controlar a enxurrada de sentimentos que a chegada dos meus pais havia despertado em mim.

Os carros pararam na garagem e assim que saímos, avistei Lucian, Fernanda e o caçula. Juntamente com eles, estavam Lauren, Logan e os filhos.

Diana acenou para mim e eu acenei de volta. Além da madrastra, a prima do Steven fora quem me recebera melhor quando cheguei.

— Fizeram um bom voo? — Lucian perguntou ao meu pai.

— O clima estava agradável, não teve nenhuma turbulência.

— Que bom! — Fernanda sorriu. — É muito bom recebê-los em nossa casa.

— Agradeço pela hospitalidade e por estarem cuidando da minha filha.

— Ela é da família agora. — Lucian encheu a boca para falar e o meu estômago revirou ainda mais.

Família. Como estava sentindo falta de pertencer a um lugar como era quando eu estava em casa. Ficar longe de todos que eu mais amava não era nada fácil.

— Vamos entrar! — Fernanda indicou a porta. — Imagino que estejam com fome depois da longa viagem.

— Eu estou. — Thiago respondeu e a vovó deu uma risadinha.

Com eles ali, eu me senti por um momento levada de volta para a Itália e fiquei com a sensação de que tudo ficaria bem.

Segurei a mão da vovó e ela deu umas batidinhas no dorso da minha, assim como fazia quando eu era criança.

Fomos para sala de jantar e enquanto meu pai conversava com Lucian e Steven sobre assuntos da máfia, sentei-me entre a minha avó e a minha mãe, revezando o ombro de cada uma. Como sentia falta daquele carinho e de todo o acolhimento.

Depois do almoço fomos para a sala. Continuei perto das minhas duas referências femininas enquanto olhava e interagia com o meu pai e os meus irmãos.

Agarrei-me aquele momento com toda a força, torcendo para que ele durasse para sempre e eu nunca fosse obrigada a me despedir deles novamente.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo trinta e cinco

Depois de um dia dedicado aos Bellucci, acompanhei-os para me certificar de que eles estavam devidamente acomodados no quarto de hóspedes e voltei para o meu, esperando encontrar a Manuela lá, mas a minha esposa não estava.

Segui pelo corredor à procura dela, até que fui guiado por uma gargalhada ao quarto onde Lorenzo e Thiago haviam sido acomodados, onde tinha duas camas de solteiro.

— Vai lá, Manu! Você consegue.

Surpreendi-me ao parar na porta e ver a Manuela ajoelhada disputando queda de braço com o Thiago. Ela fazia força e estava mantendo a disputa bem equilibrada, até que me viu e o susto acabou fazendo com que perdesse.

— Já foi melhor, irmã.

— Teremos uma revanche. — Ela jogou o cabelo para trás.

— Não anda treinando?

— Falta de oportunidades.

Ela estava sorrindo tanto, de um jeito que eu não me lembrava de ver desde o início do nosso casamento.

— Vamos treinar.

— Eu vou. — Lorenzo levantou a manga da camisa, mas antes que ele se acomodasse para disputar com a irmã, eu a chamei.

— Manuela.

— O que foi? — Cerrou os dentes ao olhar para mim.

— Vamos dormir.

— Pode ir, não vou agora.

Sua resposta me deixou com um gosto amargo na boca.

— Vamos lá, Lorenzo! De você eu ganhava.

— Não vem contar vantagens do passado. Andei treinando bastante depois que você se mudou.

— Isso veremos.

Continuei parado perto da porta, observando e a vi fazer muita força, cerrando os dentes. Parecia que o irmão ia ganhar a disputa, mas no último instante, Manuela virou o jogo.

— O que ainda está fazendo aqui? — Virou-se para mim ao notar a minha presença novamente.

— Esperando você.

— Já disse para ir, eu vou demorar.

Prendi a respiração, não gostei nem um pouco da forma como ela falou comigo, muito menos de ser completamente deixado de lado diante da presença dos irmãos dela. Porém, engoli o mal-estar e fui para o meu quarto.

Não demoraria muito para que ela parasse com aquela brincadeira idiota e viesse dormir.

Tirei os sapatos e a camisa, jogando-me na cama de barriga para cima. Estava pesado e cansado daquela corrida para lugar nenhum. Odiava pensar que tinha alguém me fazendo de idiota e havia uma necessidade muito grande de me provar o tempo todo.

Ouvi outra gargalhada da Manuela que interrompeu os meus pensamentos.

— Viram, eu sou boa!

Com a família ali, percebi o que era vê-la feliz. Bastou a chegada dos italianos para que a expressão dela mudasse, também a forma como me tratava. Era evidente que não pensaria duas vezes em me deixar para ficar com eles.

E se ela voltasse para casa?

Tentei afastar o pensamento que me assombrou.

Divórcios não existiam no nosso mundo, casamentos eram até a morte. Manuela não poderia me deixar para voltar com a família, por mais que ela quisesse.

— Que saudades de vocês.

Ela quer ir...

Puxei o travesseiro e o apertei, tinha que dormir, amanhã seria outro dia. Contudo, rolei para um lado e depois rolei para o outro. Nada me fez conseguir fechar os olhos e pegar no sono.

Eu ouvia a conversa e as risadas da Manuela com os irmãos, ficando ainda mais em alerta.

Prendi a respiração e dei o?

Já havia passado das quatro da manhã quando as risadas pararam. Eu não deveria, mas me levantei da cama e fui até o quarto. Os irmãos dela estavam deitados na cama e Manuela estava debruçada em uma delas, sentada no chão e havia pegado no sono daquele jeito.

Agachei-me e a peguei nos braços, apoiando a sua cabeça no meu peito para levá-la para o meu quarto. Já a estava acomodando na cama quando a minha esposa acordou.

— O que está fazendo?

— Você dormiu no chão.

— Poderia ter me deixado lá. — Afastou os meus braços, empurrando-me para trás.

— I ria acordar toda dolorida.

— Como se você se importasse.

Engoli em seco e precisei de um tempo para conseguir pensar em como responderia.

— O que acha que seu pai iria pensar se soubesse que dormiu no chão ?

Ela afunilou os olhos e cerrou os dentes, estava irritada, mas aceitou o meu argumento, indo para a beirada da cama e virando as costas para mim.

— Boa noite.

Ela não me respondeu e eu só deitei, finalmente pegando no sono. Contudo, fui atribulado por pensamentos que me deixaram inquieto. Todos eles me faziam pensar em como Manuela poderia ir embora e não gostei nem um pouco.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo trinta e seis

Assim que eu acordei, surpreendi-me com o braço do Steven ao redor da minha cintura e a sua respiração na minha nuca. Afastei-o e ele não acordou. Saltei da cama e pisei descalça no chão. Lembrava-me vagamente de ele ter me trazido para lá de madrugada e me convencera com o argumento sobre meu pai.

Fiquei feliz quando me recordei de que a minha família estava ali. Queria aproveitar cada segundo com eles até ser condenada à solidão novamente.

Escovei os dentes e troquei de roupa para sair do quarto e ir encontrá-los. Meus irmãos ainda estavam dormindo, a porta dos meus pais estava fechada e segui pelo corredor até encontrar a minha avó sentada na cama fazendo suas orações matinais.

— Manu!

— Ei, vovó! — Tomei a liberdade de entrar no quarto e me sentei ao lado dela. — Dormiu bem?

— Sim, e você? Está com uma cara de cansada.

— Deve ser só impressão sua. — Passei a mão pelo meu cabelo, mas ao perceber que aquela desculpa não havia colado, apressei-me para encontrar outra. — Também fiquei até tarde com os meus irmãos ontem.

— Tem que parar de fazer esforço.

— Ah, vó! Disputávamos queda de braço desde criança, eu estou acostumada, não tem que se preocupar.

— Há quanto tempo está atrasada?

— Atrasada?

— O Steven não sabe?

— Saber de quê? — Estava completamente confusa com o rumo que a minha avó tinha dado à conversa.

— Que você está grávida .

— Grávida?! — Tomei um susto. — Não estou grávida, vó.

— Quanto tempo de atraso? — insistiu na pergunta.

— Eu não sei! — Em choque, fiz contas mentais. Diante da chegada da minha família, menstruação era minha última

preocupação.

— Então?

— Uns cinco dias, talvez mais...

— Viu. Percebi que está um pouco mais inchada se comparado a quando se casou.

— Agora a senhora só olha para as mulheres e sabe que elas estão grávidas?

— A idade nos traz aprendizado.

Fiquei em silêncio enquanto tentava absorver aquela informação. Não via Steven e eu como um casal de verdade, mas tínhamos mostrado o suficiente para que uma gravidez acontecesse.

— Seu pai vai ficar contente em saber que será avô.

— Espera.

— O que foi? — Ela tombou a cabeça para reparar melhor em mim.

— Não fala nada ainda. Não tenho certeza e...

— Quer contar para o seu marido primeiro? — falou mais rápido que eu consegui pensar e aceitei a desculpa que ela me deu.

— Sim. Por favor. — Esforcei-me para dar o meu melhor sorriso para ela, mas com certeza pareceu mais com uma carranca que deve ter me denunciado.

— Está tudo bem, Manu?

— Está, vovó. Por que não estaria? — Estava metendo os pés pelas mãos e lidar com aquela bola de neve seria muito mais difícil do que eu imaginava.

— Você está nervosa e agitada.

— Não percebi que estava grávida, nem imaginei que poderia estar. Só fui pega de surpresa e estou um pouco apavorada.

— Não se preocupe. — Vovó acariciou as minhas mãos com o seu carinho e cuidado de sempre. — Seu marido ficará imensamente feliz ao saber que estão esperando o primeiro filho. Vai ver só como essa notícia mexe com os homens.

— Sim. — Sustentei o sorriso.

— Quer falar sobre alguma coisa? — Dona Rosi se curvou mais na minha direção e tive medo de ela me arrancar a verdade,

felizmente fui salva pelo gongo.

— Achei você!

— Mãe! — Sorri quando vi os cabelos ondulados dela pendularem na porta.

Levantei-me para abraçá-la e o assunto com a minha avó foi encerrado por enquanto, mas eu tinha a sensação de que se ela me apertasse um pouco mais acabaria confessando o quanto estava sendo difícil lidar com o meu marido.

— Ah, que saudades de você, minha menina! — Ela me abraçou bem apertado e eu, por reflexo, virei a barriga sem jeito, me contorcendo na intenção de protegê-la.

— Eu também estava com muitas, mamãe.

— Vocês devem ir nos visitar. Se não aparecer nem que seja nas festas de fim de ano, já aviso que vou ficar muito chateada.

— Estarei lá, mãe.

— Muito bem. — Ela apertou os meus ombros e por cima dos seus eu vi o Steven passar pelo corredor e parar perto de nós.

Os olhos dele ficaram fixos nos meus por um longo período. Era como se ele tivesse muito a dizer, mas não se atreveu a abrir a boca, até que foi cumprimentado pela minha avó.

— Steven!

— Senhora Bellucci.

— Pode me chamar de Rosimeire, ou simplesmente Rosi, querido.

— Certo, dona Rosi. — Ele voltou a olhar para mim até que sussurrou o meu nome. — Manuela.

— Oi.

Antes que um clima de tensão se estabelecesse, meu pai apareceu no corredor e cumprimentou a todos com um sonoro:

— Bom dia!

— Papai! — Saí dos braços da minha mãe e fui para os dele.

— Olá, minha menina.

— Dormiu bem? — Levantei a cabeça em busca dos olhos verdes dele que apenas o Thiago havia herdado.

— O suficiente.

— Que ótimo!

— Vamos tomar café da manhã. — Steven chamou a todos.

Assentimos e seguimos o meu marido para a sala de jantar, onde os pais dele já estavam.

Fiquei muito feliz pela presença da minha família. Com eles ali conseguia me esquivar um pouco do clima de tensão que se estabelecia quando Steven e eu nos encarávamos.

Grávi da...

Esfreguei as mãos uma na outra, tentando me livrar do suor frio quando aquela palavra ecoou dentro da minha cabeça. Eu não sabia se estava pronta para aquilo, principalmente pelas circunstâncias em que havia acontecido. Queria ser mãe, acreditava que a maioria das mulheres compartilhava dessa vontade, mas as circunstâncias em que havia ocorrido me deixavam apavorada.

Steven e eu gritávamos um com o outro, nos ofendíamos e transávamos como dois animais. Como cuidaríamos de uma criança se não conseguíamos cuidar do nosso casamento? Eu sabia que tinha um gênio forte, mas o Steven não colaborava em nenhum

aspecto, era como se ele estivesse o tempo todo se esforçando para fazer com que eu o odiasse, e conseguia.

— Manuela? Manuela!

— Oi! — Pisquei os olhos, tomando consciência de tudo à minha volta e percebi que havia me perdido nos meus pensamentos.

— Pode me passar a faca? — Thiago indicou um prato com talheres que estava à minha frente e assenti, entregando para ele.

Nem havia notado que ele e o Lorenzo já tinham se juntado ao resto da família.

— Obrigado.

— Por nada.

Peguei uma jarra com suco de frutas vermelhas e servi um copo para mim. A minha cabeça doía um pouco e o apetite daquele dia parecia ainda menor do que os anteriores, porque a náusea me incomodava. Os sintomas faziam mais sentido com a suspeita da gravidez. Entretanto, esforcei-me para comer. Se realmente estivesse esperando um bebê, precisava me preocupar com outra vida além da minha.

Durante o café, esgueirei-me até a cozinha com a desculpa de pegar uma fruta que não fora servida e encontrei a empregada lavando algumas panelas.

— Oi!

— Senhora Manuela! — Ela colocou a mão no peito, com o susto ocasionado pela minha aparição inesperada.

— Desculpa.

— Tudo bem. A senhora está precisando de alguma coisa?
— Ela largou a panela e secou as mãos no avental branco, dirigindo-me toda a sua atenção.

— Na verdade, sim.

— É só me dizer que irei preparar.

— Bom, o que eu preciso é que faça um pequeno favor para mim.

— Estou à disposição. — Ela estufou o peito com um sorriso e eu me encolhi um pouco sem jeito.

Ao mesmo tempo em que estava receosa para pedir, via a mulher como a minha única aliada para manter aquela informação

em sigilo por enquanto até que eu decidisse como iria agir.

— Senhora? — A empregada insistiu.

— Desculpa. Não sei por onde começar. — Passei a mão pelo meu cabelo.

— Pelo início. — Ela riu.

— Uma boa alternativa.

— Sempre é.

— Preciso que me faça um favor, mas que mantenha em sigilo. Ainda não quero que ninguém saiba, principalmente o meu marido.

A mulher arregalou os olhos e foi a vez dela de ficar sem jeito.

— Perdão, senhora, mas não quero confusão com o chefe. Sou viúva e tenho dois filhos para criar, se algo acontecer comigo as minhas crianças...

— Nada vai acontecer com você. — Apressei-me para falar antes que acabasse alimentando um terror desnecessário na pobre

coitada. — Nem quero que se arrisque, mas como eu não posso sair sozinha. Só queria pedir que comprasse uma coisa para mim.

— O que quer que eu compre que o seu marido não deve saber? — arqueou uma das sobrancelhas grossas, analisando-me minuciosamente.

— Um teste de gravidez — sussurrei tão baixinho que fiquei me perguntando se ela tinha me ouvido.

— A senhora está...

Balancei as mãos, interrompendo-a antes que gritasse aquela informação para os quatro ventos.

— Ainda não sei, por isso preciso do teste para saber. É só uma suspeita.

Depois do que a minha avó tinha falado era quase uma certeza, mas não queria levantar evidências contra mim antes da hora.

— Que notícia maravilhosa! O chefe vai ficar muito contente quando souber do primeiro herdeiro.

Eu não tinha tanta certeza quanto a isso, mas era outro comentário que eu deveria guardar apenas para mim. Steven e eu

éramos no mí nimo, complicados...

— Pode me ajudar? Quero ter certeza antes de contar a respeito.

— Ah, mas é claro!

— Obrigada!

— Vou aguardar todos terminarem o café da manhã, depois darei uma saí da e vou até a farmácia comprar para a senhora.

— Vou pegar o dinheiro e te dou.

— Combinado. — Ela piscou para mim como se houvéssemos nos tornado confidentes.

— Manuela?

Surpreendi-me ao ouvir o meu nome e me virei de imediato, vendo o Steven parado na porta da cozinha olhando para nós.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo trinta e sete

Com a família dela ali, Manuela parecia mais esquiva e escorregadia do que nunca. Tinha a sensação de que talvez ela houvesse mudado de ideia quanto a fingir para o pai que estávamos em harmonia.

Ela me evitava ainda mais e achei estranho quando fugiu da mesa do café da manhã. Esperei uma brecha para ir atrás dela e a encontrei na cozinha conversando com a Jane como se fossem melhores amigas.

— Manuela? — chamei-a para mim e a minha esposa se virou na minha direção tomando um susto como se eu fosse o maior fantasma que já vira na vida, o que me deixou ainda mais desconfortável.

— Ah, oi...

— Aconteceu alguma coisa?

— Não — apressou-se para responder, mas só evidenciou ainda mais que estava escondendo algo de mim.

A fuga?

Já estava começando a ficar neurótico com aquela possibilidade, principalmente porque as suas atitudes a tornavam-se mais palpáveis a cada momento.

— Sua família está na mesa do café perguntando por você.

— Não me haviam questionado tanto assim, mas foi a melhor desculpa que encontrei.

— Já estou indo.

Fiz um movimento com a cabeça e esperei até que ela passasse, depois segui atrás, como se estivesse escoltando-a.

— Vamos conhecer o Central Park? — ouvi a mãe da Manuela dizer assim que voltamos para o cômodo onde todos estavam reunidos.

— Tem muitos locais incríveis para se visitar em uma viagem para Nova York. — Minha madrastra incentivou a minha sogra.

— Você virá conosco? — Tatiane voltou-se para ela.

— Mas é claro!

— Maravilha!

— Temos que tomar muito cuidado em relação à segurança de todos. O Central Park é um lugar aberto e podemos acabar nos transformando em um alvo fácil. — Theo cruzou os braços, ao pensar cautelosamente diante da vontade da esposa.

— Separei uma dúzia de homens de minha inteira confiança para acompanharem vocês e garantir a segurança — evidenciei a minha autoridade.

— Agradeço, Steven. — Meu sogro virou-se para mim. — Somaremos aos soldados que vieram conosco.

— Okay.

— Você já foi ao Central Park? — Tatiane curvou o corpo na direção da minha esposa, que olhou contente para a mãe.

— Ainda não tive a oportunidade.

— Estava ocupado com assuntos da máfia. — Coloquei as mãos nos bolsos, tentando me justificar por não ter levado a minha esposa para passear, ainda que parecesse completamente insignificante no momento.

— Vamos lá hoje com o seu pai e os seus irmãos. — Tatiane continuava fazendo planos.

— Eu os acompanharei — impus-me antes de me virar para o meu irmão. — Pode tomar conta de tudo por hoje.

River apenas concordou com a cabeça.

— Estarei aqui para auxiliá-lo — disse o meu pai, para garantir que eu tinha tomado uma decisão acertada.

Poderia simplesmente separar mais homens e deixar que a minha esposa passeasse pela cidade com a família como bem entendesse. Não precisava gastar meu tempo nem ficar com eles, mas, no fundo, havia uma terrível sensação me corroendo. Seu eu não fosse, poderia correr o risco de nunca mais vê-la.

Poderia ser uma suspeita infundada minha, mas a sensação de que ela poderia ir embora se tornava ainda mais intensa e perturbadora a cada momento em que a família dela passava ali. Só queria que eles voltassem para a Itália mais rápido possível para que a situação retornasse ao ponto antes da chegada deles.

— Vamos nos arrumar. — A avó da Manuela se levantou e fez com que o restante da família a seguisse para o segundo andar da casa.

Theo Bellucci foi o único a ficar e seus olhos vieram diretamente para mim. O homem que já havia passado dos

cinquenta anos, tinha cabelos grisalhos e se esforçava para ainda manter a imagem assustadora.

— Está tudo bem? — questionou-me em tom firme.

— Por que não estaria? — devolvi no mesmo timbre. Ele precisaria de bem mais para que eu me sentisse ameaçado.

— Estamos lidando com alguém que está distribuindo uma droga sintética em Nova York, responsável por oitenta por cento das mortes mais recentes por overdose, mas a situação está sob controle — disse o meu pai, falando mais que deveria, mas preferi ficar calado e deixar que ele interagisse com o homem que tinha uma idade similar.

— Parece estar atrapalhando os negócios.

— Como o meu pai disse, está tudo sob controle. — Mantive a minha postura.

— Espero que sim.

Eles poderiam ser a porra toda na Itália, mas estavam nos Estados Unidos, meu território, minhas regras e não iria aceitar que se envolvessem nos meus negócios.

— Vamos nos preparar para ir. — I ndiqueio caminho para o Theo e findei o assunto.

Ele não discutiu, foi na frente e entrou no quarto onde a Manuela tinha ficado até a chegada deles e eu entrei no meu.

Abri a porta sem bater e assustei a minha esposa, que estava trocando a blusa.

— Deveria ter esperado. — Cerrou os dentes, rugindo para mim.

— Não há nada aí que eu ainda não tenha visto. — Dei um sorriso maroto ao morder o lábio inferior, porém, a minha expressão não suavizou a dela.

— O que não significa que eu queira que continue olhando. — Pegou as peças e foi para o banheiro, batendo com a porta na minha cara.

— Manuela! — Fui atrás dela, mas antes que eu conseguisse impedi-la, ouvi o som da maçaneta travando.

— Se quiser usar o banheiro vai ter que esperar eu me trocar.

Bati com a mão em punho na porta, mas ela ignorou completamente a minha reação, mantendo-a fechada.

Permaneci do lado de fora, esperando, por minutos que pareceram intermináveis, até que ouvi o barulho da trava que antecipou a saída dela. Antes que Manuela tivesse tempo de reagir, puxei-a pelos pulsos e a preendi contra a parede, esforçando-me para lembrá-la de quem estava no comando.

— Me solta!

— Acha que porque sua família está aqui algo mudou?

— Você continua o mesmo idiota.

— Eu sou o seu marido. — Cerrei os dentes.

— Infelizmente.

Soltei o seu braço para que uma das minhas mãos pudesse ir para o seu sexo. Parecia mais fácil quando estávamos transando, principalmente quando as circunstâncias me deixavam tão descontrolado.

— Para! — Ela gemeu, contrariando as suas palavras.

— Para, é? — Mordisquei a sua orelha e descí com a língua pela sua garganta, fazendo com que ela se arrepiasse.

— Falei para me soltar! — Ela me empurrou com uma força que me surpreendeu e fez com que eu desse um passo cambaleante para trás.

— O que é isso?

— Eu quem deveria perguntar, mas como você é sempre um idiota, nem estou mais surpresa.

— Manuela...

— Queria que se comportasse ao menos com a minha família aqui, mas a babaquice é mais forte do que você.

— Olha só como fala comigo!

— Ou o quê? Vai bater em mim?

— Eu não machucaria você.

— Tenho as minhas dúvidas. — Continuou me encarando com um olhar firme e com uma expressão ameaçadora. — E se acha que não me machucou, que não me machuca toda vez que abre a boca, pense melhor.

Ela não me deu tempo para réplica, saiu pisando duro e bateu com a porta do quarto.

Escorei-me na parede enquanto tinha a sensação de que um trem havia passado por mim. Essa pressão toda tinha um nome e um rosto angelical. Estava pensando que a presença da família ali tinha colocado o meu casamento em risco, mas a situação logo se mostrou muito pior do que eu imaginava.

Troquei de roupa o mais rápido que consegui e fui para sala, onde encontrei todos reunidos, esperando por mim. Manuela estava sorrindo, conversando com os irmãos, mas a expressão logo mudou quando seus olhos me encontraram descendo a escada.

Ela já tinha me olhado com desprezo antes, mas tudo tinha se intensificado, o que me colocou em uma posição que não estava conseguindo lidar. Por raiva, ego ferido e afronta, tinha feito de tudo para que ela me odiasse, parecia que eu tinha conseguido. Imaginava que assim faria com que todos os Bellucci sofressem no processo, mas estava começando a enxergar que o meu pai estava certo e o maior prejudicado seria eu.

— Vamos? — chamei-os com um ar indiferente.

Não estava conseguindo lidar com os sentimentos dentro de mim, então o melhor pareceu escondê-los para tentar processar depois.

— Filho. — Fernanda se aproximou de mim com o seu ar carinhoso que me direcionava desde que eu era menino e fez com que eu sorrisse para ela. — O que acha de os levarmos à ilha da estátua depois do passeio pelo parque?

— É uma boa sugestão.

— Você está bem?

— Um pouco preocupado com os negócios — menti.

— Seu pai e o River podem dar conta de tudo por um dia ou dois. Além disso, tem o Logan e o Otto, tudo ficará bem.

— Sim.

— Podemos ir?

— Claro. — I ndiquei para que ela seguisse na frente e fomos para a garagem.

Abri a porta de um dos carros e esperei que a Manuela entrasse, mas a Fernanda foi no mesmo carro conosco, o que impediu que conversássemos durante o percurso, se é que iríamos conseguir fazer isso sem voltar a discutir.

Estávamos casados há um tempo e a situação ainda era tão delicada quanto um campo minado. Gostasse de admitir ou não, quase toda a culpa era minha. Imaginava estar fazendo a melhor escolha, mas diante da possibilidade de perdê-la eu estava no meu mundo estranho.

Durante a ida ao parque, nosso almoço e a visita à ilha da estátua, Manuela ficou o mais longe que conseguiu de mim e falou o meu possível comigo. No entanto, para a família, dava sorrisos animados e até chegou a brincar de pegar com os irmãos no parque, como se fossem todos adolescentes.

Se não fosse a presença da Fernanda, sutilmente me controlando, poderia ter reagido pior e perdido facilmente qualquer controle que ainda me restava.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo trinta e oito

Assim que retornamos do passeio, a empregada me entregou o teste e eu o escondi atrás do vaso no quarto do Steven, esperando por um momento para poder usá-lo. Queria aproveitar a minha família, mas a gravidez também me apavorava e isso fazia com que eu agisse com ainda mais rispidez com o Steven, ele merecia, mas eu o estava culpando pela situação, em partes porque eu não queria ser mãe enquanto meu relacionamento era um caos e uma bomba constante.

Meus pais se amavam, eu e meus irmãos tínhamos crescido desfrutando desse sentimento e independente dos negócios da família, éramos unidos e podíamos contar uns com os outros. Queria o mesmo para os meus filhos, uma relação sólida e uma casa segura, mas parecia que não seria capaz de oferecer para o bebê crescendo em mim.

Steven foi chamado pelo pai para tratar de assuntos da máfia e eu fui para o quarto, aproveitando o momento sozinha para me trancar no banheiro. Sentada no vaso, abri o teste de gravidez e li as informações na bula, felizmente aquele poderia ser feito em qualquer horário depois do primeiro dia de atraso. Já estava no quinto e as chances de estar grávida pareciam ainda maiores.

Segui as instruções e esperei pelo resultado. Assim que os dois tracinhos surgiram, as palavras da vovó se tornaram inquestionáveis. Havia um bebê se formando em mim.

Larguei tudo na pia e por reflexo, coloquei as mãos sobre a minha barriga. Queria gritar, vibrar, chorar e sorrir, tudo de uma vez. A onda de sentimentos que me dominou foi tão intensa que me deixou sem fôlego.

Ouvi um barulho e percebi que o Steven tinha entrado no quarto. Peguei tudo e joguei no vaso, dando descarga com a maior força que consegui. Preferi correr o risco de entupir o encanamento do que me arriscar a deixar que ele visse por simplesmente jogar no cesto do lixo.

Eu não estava pronta para contar para ele. Fugiria o máximo possível dos seus comentários e do quanto eles me magoavam. Para isso também teria que esconder do meu pai e do restante da família. Minha avó era muito esperta, mas sabia manter segredo e eu esperava poder contar com o sigilo e a discrição dela.

— Manuela? — Steven escorou do lado de fora da porta do banheiro.

— Vou tomar banho. — Comecei a tirar a roupa para entrar no box.

— Posso entrar?

— Não!

— Prometo recompensar você.

— Espera eu terminar.

— Podemos tomar banho juntos.

— Eu não quero.

— Caralho! — Ele bateu com as mãos na porta, fazendo com que eu desse um pulinho de susto. — Não era você quem queria que fingíssemos estar bem para o seu pai, por que está dificultando?

— Estamos fingindo.

— Então me deixa entrar.

— Não! Não temos que transar para fingir qualquer coisa.

— Casais transam.

— Tenho certeza de que é um ponto do nosso relacionamento que o meu pai tenta não pensar.

Ele bufou, rosnou, mas os sons diminuíram e imaginei que houvesse se afastado da porta.

Seria mentira se eu dissesse que o meu corpo inteiro não ficava todo quente só de pensar no sexo. A forma como ele me pegava, como eu sentia enquanto ele me penetrava, tocava e beijava. Era bom, viciante, mas altamente perigoso.

Encostei-me na parede do banheiro, fechando os olhos e segurei os meus seios. Lembrei-me da boca, da língua e dos dentes dele enquanto tocava os meus mamilos. A intimidade entre as minhas coxas começou a pulsar ainda mais intensamente e eu cerrei os lábios para não emitir nenhum gemido que me entregasse caso ele estivesse ouvindo.

Deixei uma das mãos cair e me toquei, o dedo começou a se mover em círculos e me recordei da pressão da língua de Steven e de como era rebolar no seu colo enquanto ele estava encaixado em mim. O meu quadril começou a se mexer como se ele estivesse ali e eu me dei prazer para saciar aquela vontade.

Não importava o quanto o desejo estivesse latente em mim, não iria correr para ele só para saciar impulsos animais. Fora isso que havia me colocado naquela situação e descobrir que estava grávida havia me dado um pouco mais de racionalidade.

Se não conseguiria resolver a situação por mim mesma, ao menos precisaria de força para cuidar do meu bebê. Eu queria que ele tivesse o amor que eu tive e garantiria isso ao menos da minha parte.

Entreguei-me ao êxtase quando ele banhou as minhas veias e tombei a cabeça para frente ofegante.

Talvez a melhor alternativa fosse admitir para minha família que havia falhado na missão que tinham dado para mim e reconhecer que não havia outro lugar no mundo que eu quisesse mais do que estar com eles.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo trinta e nove

Mer da!

Joguei o meu corpo na cama, fatigado, como se houvesse lutado contra vinte homens sozinho. O problema era que aquela batalha não estava desgastando o meu físico, mas sim meu emocional. Antes parecia ser mais simples, eu a provocava e era o suficiente para que Manuela estivesse no meu colo, gemendo.

Eu detinha o controle e parecia poder levar a situação dessa forma para sempre, mas estava equivocado.

Ela levou uma eternidade para sair do banheiro. Jurava que o chuveiro havia ficado horas ligado, parecia estar determinada a escapar de mim a qualquer custo.

Se eu sequer houvesse imaginado que a presença dos Bellucci teria tais consequências, não teria deixado que viessem.

Irritado, levantei-me da cama e saí do quarto, indo até o do meu pai. Bati na porta e a Fernanda a abriu.

— Steven?

— Onde o meu pai está?

— Saiu com o Logan e o Theo para jogar pôker.

— Ele não me falou nada.

— I imaginou que não fosse querer ir

— Precisava falar com ele.

— Entra. — Ela deu um passo para trás.

— Ele provavelmente vai demorar. — Dei de ombros. —
Deixa para outro momento.

— Sou uma boa ouvinte.

— Esquece. — Tentei sair, mas ela tocou meu ombro.

— É assunto da máfia?

— Não. — Fui obrigado a admitir.

— Então, entra! — Puxou-me para dentro e bateu com a
porta.

— Você pode não ter o meu sangue, Steven, mas sabe que
eu sempre estarei aqui para fazer o melhor que puder.

— Não tem que se preocupar, Fernanda.

— Sabe que essa é a pior frase que se pode dizer para uma mãe.

— É sério, deixa para lá!

— Steven! — Lançou-me o olhar autoritário que usava quando eu era apenas um menino.

Eu a encarei, tentando me esquivar, mas a Fernanda foi ainda mais determinada. Tinha caído na sua teia e não iria conseguir escapar tão fácil, então não me restava alternativas a não ser desabafar.

Sentei-me na beirada da cama e ela veio para o meu lado, me puxando pelo ombro e fazendo com que eu deitasse a cabeça nas suas coxas, como não fazia desde que era um adolescente. Era o chefe da máfia, mas naquele momento estava tão confuso que precisei do colo da minha mãe.

— Pode começar a falar — exigiu, ressaltando que eu não tinha escapatória.

— Eu ferrei com tudo. — Soltei o ar dos meus pulmões com força ao admitir.

— A Manuela está brava.

— Como sabe?

— Você ferrou com tudo. — Ela riu e eu fechei os olhos.

— Que merda!

— A maior preocupação do seu pai e minha também era como você iria lidar com esse casamento e não foi da melhor forma possível.

— Eles me ofereceram uma esposa, mudaram de ideia, me deram outra e agora parece que vão me tirar essa também.

— Por que está pensando isso?

— Ela é bem mais contente com eles do que comigo.

— Você também não colaborou, filho.

— O que queria que eu fizesse? — brandei irritado.

— Fosse mais gentil, mais honesto, se preocupasse mais com as necessidades dela... Posso elencar uma lista se estiver disposto a ouvir.

— Ah, Fernanda! — Comecei a me levantar do colo dela, mas suas mãos me empurraram de volta. Ainda tinha boa parte da força dos anos de treinamento como agente e da ativa na máfia ao lado do meu pai.

— Nada de *ah, Fer nanda*

— Eu não posso gostar dela depois de tudo o que aconteceu.

— Por que pensa assim?

— Brincaram comigo, me fizeram de idiota.

— Vejo diferente. Trocaram uma mulher que já amava outro por uma que tinha o coração livre para se apaixonar por você. Porém, tudo o que tem feito desde que a Manuela chegou aqui foi pisar na bola.

— Não exagera!

— Estou falando a verdade e você sabe disso. O que aconteceu com meu garotinho gentil e amoroso?

— Ele se tornou chefe da máfia. — Levantei-me e saí da cama, voltando a uma postura rígida.

— Tenho certeza de que o seu pai te ensinou que devem cuidar e proteger a família acima de tudo. A Manuela é a sua família, Steven.

— Se eu admitir que a quero, vou aceitar tudo o que fizeram comigo. Abaixar a cabeça para os italianos e as vontades deles.

— Mais vale o orgulho ferido do que o coração doendo.

— Eu tenho que ser forte. — Cruzei os braços.

— Ninguém está dizendo que você não é. — Fernanda continuou firme. Eu odiava estar tomando uma bronca dela e odiava mais ainda perceber o quanto ela estava certa. — Para de achar que precisa carregar um fardo. Não importa como esse casamento começou, apenas que você e Manuela têm todo direito de serem felizes juntos.

— Eu já falei e fiz coisas demais.

— Pode começar pedindo desculpa.

— Eu não...

— Steven.

— Depois que os italianos forem embora.

— E passar mais tempo desse jeito? Larga esse orgulho de lado pelo bem do seu casamento, pelo amor de Deus! — Fernanda elevou o tom de voz comigo, mostrando que havia perdido a paciência.

— Eu não vou rastejar.

— Faça o que tiver que fazer para não perdê-la.

Fiquei calado. Não admiti, mas a Fernanda não precisava saber que estava certa.

— Boa noite, filho. — Abriu a porta para que eu passasse enquanto me deixava sozinho para lidar com tudo o que havia falado.

Abrir mão do orgulho talvez fosse provavelmente o meu maior desafio.

Voltei para o meu quarto e abri a porta, Manuela estava deitada no canto perto da parede, mas havia utilizado os seus travesseiros para fazer uma espécie de barreira que me separava dela.

A que ponto eu havia deixado a si mesma chegar?

Larguei os sapatos ao lado da cama e me ajoelhei sobre o colchão. Peguei um dos meus travesseiros e levantei a cabeça dela, acomodando-a para que ficasse mais confortável. Manuela não acordou nem abriu os olhos.

Deitei de barriga para cima e fiquei encarando o teto. A nossa conversa teria que ficar para o dia seguinte, só torcia para que ela fosse aceitar as minhas desculpas.

O meu ego tinha feito com que eu agisse como um idiota e agora estava desesperado com medo de ficar sem ela.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo quarenta

Tinha dormido sem travesseiro e acordei acomodada em um. Rapidamente olhei para a divisória que havia feito na cama e ela continuava intacta. Steven estava dormindo e percebi que ele me colocara sobre um dos seus.

Meu estômago estava embrulhando e levantei-me da cama antes que ele acordasse. Fui correndo para o banheiro e me tranquei nele para poder vomitar. Eu não sabia como iria esconder a minha gravidez se aqueles enjoos se tornassem mais fortes.

Escovei os dentes para me livrar do gosto horrível na boca e penteiei o meu cabelo.

Ao sair do banheiro, vi o Steven sentado na cama e ele levantou a cabeça para me encarar.

— Bom dia, Manuela.

— Bom dia.

Fui pegar roupas para me trocar no closet e ele veio atrás de mim, tocou a minha cintura e eu me esquivei. Os dedos dele

provocavam correntes elétricas em mim e seria difícil demais resistir se continuassem me percorrendo.

— Não me toca!

— Manuela quero conversar com você.

— Agora não. — Saí do closet, mas ele segurou o meu pulso, impedindo que eu fosse muito longe.

— Me solta! Não quero ouvir o que você tem para dizer.

— Ainda nem comecei.

— Já ouvi o suficiente.

— Manuela.

Soltei-me dele e me tranquei no banheiro para trocar de roupa.

Ouvi o barulho dele se escorando na porta e a sua respiração pesada. Estava irritado, o que me deixou ainda mais receosa com o que tinha a dizer.

— Me escuta. — Tentou me puxar para ele quando saí do banheiro, mas consegui fugir.

A gravidez tinha me deixado mais sensível e o meu coração estava doendo demais. Quis chorar, mas me esforcei para segurar as lágrimas.

— Disse para a minha avó que a encontraria de manhã.

— Manuela!

Deixei o quarto e ele não veio atrás.

Não tinha combinado nada com a minha avó, mas só precisava de uma desculpa. Corri para o quarto dela e abri a porta sem bater. Precisava de atenção e carinho, poderia não ter coragem de admitir para o meu pai que tinha falhado, mas com a *nona* eu poderia desabafar.

— Manu? — Ela estava saindo do banheiro quando me viu e corri para os seus braços, atirando-me neles. — O que foi? — Dona Rosi me abraçou.

— Eu fracassei.

— Fracassou? — Levou-me para a cama onde nos acomodamos de frente uma para a outra.

— Não consegui, não posso mais.

— O que está acontecendo? — Passou a mão pelo meu rosto, empurrando o meu cabelo para trás e tirando da minha face os fios que haviam grudado com as lágrimas.

— Sei que esse casamento é importante para a família, mas eu quero tanto voltar para casa, vovó.

— O que ele fez? — Assumiu uma postura mais defensiva diante do que havia passado pela cabeça dela.

— É um idiota. Estraga tudo o tempo todo.

— Por que não falou antes?

— Eu não queria que o meu pai pensasse que eu sou fraca.

— Você não é fraca, minha neta.

Debrucei-me mais sobre ela e deixei que todas as lágrimas que eu havia sufocado rolassem sem parar.

— Eu fiz um teste ontem — comentei entre os soluços do choro. — Deu positivo.

— Contou para ele?

— Ainda não.

— Não quer?

— Não.

— Acha que o Steven não vai gostar?

— Ele sempre dá um jeito de destruir momentos felizes.

— Se o seu pai souber...

— Eu não quero uma guerra. — Apressei-me para interrompê-la. Achei que pudesse lidar com tudo, vovó, mas é difícil.

— Casamento nunca é fácil, mesmo quando a escolha é feita por amor.

— Eu queria, no entanto, tenho cada vez mais certeza de que ele não é capaz de me amar e não sei como vai ser para o bebê. — Afastei-me para colocar as mãos na minha barriga e a vovó colocou a sua sobre a minha.

— O bebê vai ficar bem quando você estiver bem.

— Será que podemos sair? — Esfreguei os meus olhos para afastar as lágrimas. — Queria ficar um pouco longe dessa casa.

— Podemos dar um jeito. — Ela sorriu. — Vamos fazer compras, homens não vão nos acompanhar.

— Obrigada. — Soltei um suspiro de alívio.

— Provavelmente a sua mãe virá conosco. Vai contar para ela?

— Ainda não.

— É a sua mãe, Manuela.

— Eu sei, mas também é esposa do Theo e não consegue esconder coisas do meu pai. Nós duas sabemos como ele é e eu preciso de um pouco mais de tempo para lidar com tudo isso.

— Você quem sabe, querida.

Voltei a abraçá-la e ficamos assim por um tempo.

Depois do café da manhã a vovó conversou com o meu pai e convenceu a todos que nós três teríamos um momento nosso. Fernanda nem tentou vir junto, suspeitei que talvez ela houvesse percebido que eu só queria ficar com a minha família.

Os homens iriam arrumar o que fazer enquanto os soldados nos escoltavam até um enorme shopping. O sujeito que andava para cima e para baixo com o Steven e parecia o capanga em que ele mais confiava, veio conosco. Não fiquei muito contente, mas pareceu uma das condições para que pudéssemos sair.

— Essa cidade é incrível! — Minha mãe estava admirada olhando as ruas através da janela do carro.

— Sim. — Apenas resmunguei.

— Peça ao Steven para levá-la para passear mais.

— É, farei isso. — Minhas respostas para a minha mãe eram automáticas, principalmente porque ela estava se referindo ao meu marido.

— Seu pai me contou que eles estão enfrentando um problema e por isso seu marido está mais em alerta.

— Humrum?

— Manuela. — Minha mãe se virou ao notar o meu descaso.

— Olha aquele prédio. — Dona Rosi interveio, apontando antes que perguntas fossem feitas e me deixassem em uma saia justa.

— Nossa!

— Tenho certeza de que nenhum deles é mais bonito que o Coliseu. — Deu de ombros.

— São de arquiteturas e tempos muito diferentes, vovó. —
Entrei na onda e logo o assunto se dispersou.

— Mesmo assim.

Notei quando o motorista passou pela cancela do estacionamento e rumou para uma vaga.

Ouvi o som de pneus cantando e a minha atenção foi para fora do veículo, notei um outro carro parar atravessado diante daquele em que estávamos e havia outros.

— Fiquem abaixadas! — Ordenou o Bill.

O homem de confiança do Steven saiu do carro armado e o tiroteio começou.

— Quem são esses? — minha mãe protegeu a cabeça com as mãos.

— Eu não sei. — Tentei olhar pelo vidro, mas a minha avó me puxou, forçando que eu me encolhesse.

— Deixe que os soldados tomem conta deles. Lembre-se da sua condição.

— Condição? — repetiu a minha mãe, sem compreender.

Antes que eu fosse obrigada a falar qualquer coisa, os disparos ficaram mais altos. O tiroteio ecoava nos meus ouvidos e fazia com que o meu coração acelerasse ainda mais.

Olhei pelo carro, procurando por alguma arma que eu pudesse usar, mas não encontrei nenhuma. O argumento da minha avó que deveria me deixar quieta, era o meu que mais me impulsionava a lutar, pois eu precisava proteger a mim e ao meu bebê.

As balas batiam no vidro e a lataria do carro estremecia, mas nenhuma munição passava, devido à estrutura blindada do veículo.

— Eu vou ligar para o seu pai. — Minha mãe tirou o celular da bolsa, mas antes que conseguisse discar, fomos surpreendidas por alguém chutando a porta.

Atiraram no vidro do motorista, e dessa vez a munição usada era perfurante e os estilhaços voaram para todas as direções. Um cara entrou e destravou o carro, acabando com a nossa única defesa.

Abriram a porta do meu lado e alguém me catou pelo braço.

— Fique longe da minha neta! — Minha avó gritou, mas antes que ela tivesse chance de reagir, apontaram uma arma na direção

da cabeça dela.

— Cala boca, velha!

Empurrei o sujeito e tentei desarmá-lo, mas ele foi mais rápido e agarrou o meu pescoço, colando o cano do revólver na minha têmpora. Era gelado e fez com que eu engolisse em seco.

— Fica quieta senão eu vou explodir a sua cabeça.

Sabia lutar, poderia me defender, mas um movimento em falso custaria não apenas a minha vida, como a do meu bebê.

Ouvi um disparo e virei o rosto. Um dos soldados caiu abatido e me fez ficar ainda mais apavorada.

Quem me mantinha como refém, segurou o meu braço com mais força e me puxou para um dos veículos.

— Entra no carro!

Eu hesitei, vendo a minha mãe e a minha avó ainda apavoradas. Queria ajudá-las, mas era difícil quando não podia ajudar nem a mim mesma.

— Entra, porra!

Obedeci, sentando no banco de trás e o bárbaro bateu a porta, por pouco não pegando na minha perna e me machucando.

Outros capangas se juntaram a ele e o automóvel saiu cantando pneus.

— Peguem o celular dela.

Agarrei a minha bolsa, mas eles a puxaram com força, arrebitando a alça nos meus dedos e me deixando com um vergão nas palmas.

Vi o sujeito que estava com a minha bolsa, abri-la e jogar o meu celular pela janela. O aparelho caiu no asfalto e foi atropelado por outro veículo que seguia atrás de nós em alta velocidade. Estava apavorada e ainda mais preocupada com o que poderia ter acontecido com a minha mãe e avó. Por enquanto a minha vida ainda estava intacta, contudo, não sabia por quanto tempo.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Theo

Capítulo quarenta e um

Bati o taco na bola branca mirando acertar outras duas que estavam na linha de alcance. Ambas seguiram para a caçapa e eu comemorei com o olhar.

— Continua bom de mira, Bellucci. — Lucian se preparou para fazer a sua jogada.

— Algumas habilidades só ficam melhores com os anos.

— Por isso que ainda não deixou seus filhos cuidarem do negócio? — Ele bateu na bola, mas não se saiu tão bem quanto eu.

— Meus filhos são mais jovens do que os seus. Estou dando um tempo para se prepararem melhor. Meu sobrinho só tem vinte e dois e uma longa caminhada até se tornar o chefe.

— Compreendo.

I ria falar qualquer outro comentário sobre a sucessão nos negócios quando meu celular começou a vibrar e eu o puxei do bolso. Foi uma surpresa ver o número da minha esposa. Não me passou pela cabeça qualquer motivo para a sua ligação, por mais

que também houvesse colocado o número dela em um plano internacional.

— Tati?

— Levaram a nossa filha... — Minha esposa estava soluçando em completo desespero do outro lado da linha e me colocou em total alerta. — Os soldados estão mortos e eles sequestraram a Manuela.

— Onde você está?

— No estacionamento do shopping.

— A minha mãe?

— Está comigo.

— Vou para aí .

— Não demore.

— Mantenha a ligação.

— O que houve? — Lucian foi direto ao ponto quando me viu soltar o taco e tocar a arma no meu coldre.

— Pegaram a minha filha.

— Vamos! Vou avisar o Steven.

Ouvi a respiração ofegante e o choro da minha esposa do outro lado da linha e isso alimentava ainda mais a minha adrenalina. Deveria ter me imposto contra a saí dadelas, meia dúzia de homens não eram o suficiente para protegê-las. Se eu estivesse lá não teria deixado acontecer.

Saí moscorrendo da sala de jogos e eu passei pela piscina, chamando pelos meus filhos. Estavam molhados e eu não esperaria por eles.

Ouvi o som de pneus cantando antes de chegar à garagem e deparei-me com Lucian olhando para o portão no momento em que ele fechou.

— Quem saiu?

— O Steven.

— Ele deveria ter me esperado.

— Não consegui detê-lo depois que disse que tinham pegado a Manuela.

— Preciso ir até elas.

— Vamos com os soldados. — Lucian indicou o outro carro que estava estacionado.

Entrei sem pensar duas vezes e fomos com mais três homens para o endereço. Atrás de nós veio outro carro e por fim, mais um com os meus filhos.

— Tati? — chamei pela minha esposa, preocupado.

— Estou aqui.

— Você se feriu?

— Não.

— E a minha mãe?

— Estamos bem, mas vem logo! — gritou a minha mãe e eu reconheci a velha Rosimeire Bellucci.

Pareceu levar uma eternidade até que estacionamos e eu desci do carro. Quando abri a porta, vi corpos e depois ouvi o grito da minha esposa. Ela veio correndo na minha direção e deixei o celular cair quando a tomei nos braços.

— Theo!

— Estou aqui, amor. — Afaguei o seu cabelo.

— A nossa menina.

— Eu vou resgatá-la.

— A culpa é toda sua! — Ouvi a minha mãe gritar e meus olhos procuraram por ela.

Suas mãos bateram com força no peito do Steven e ele nem se moveu.

— Deveria ter sido um marido melhor, deveria protegê-la melhor. Se seus inimigos pegaram a minha neta é porque não conseguiu fazer o seu trabalho. Agora a Manuela e o bebê estão em perigo por sua causa. — Minha mãe continuou esmurrando o peito do meu genro e ele ficou imóvel, recebendo os golpes como se os merecesse.

Bebê...

O que estava acontecendo que eu não sabia?

— Fica aqui. — Deixei a Tatiane e fui até eles.

Minha mãe só parou de bater quando eu a empurrei para o lado e agarrei o colarinho do Steven. Ele era musculoso e pesado o bastante para que eu não conseguisse erguê-lo, também era alguns centímetros mais alto do que eu, mas eu rosnei com a mesma fúria

que faria com qualquer um. Já tinha matado homens muito mais ameaçadores do que aquele moleque.

— Onde está a minha filha?

— Acha que se eu soubesse já não teria ido até ela?

— O que fez com ela?

— Foi um péssimo marido. — A resposta veio da minha mãe.
— Manuela estava arrasada, queria voltar para casa. Temos que encontrar minha neta e levá-la conosco para Roma.

— Cala a boca, velha! — Ele apelou com a minha mãe. — Não vão levar a minha esposa para lugar nenhum.

— O bebê precisa nascer em segurança.

— A minha esposa e o meu filho ficam comigo!

— Não tem o direito de exigir nada se não tratou a minha filha como ela merecia. — Eu o empurrei e o moleque afrontoso me empurrou de volta.

— Deram-na para mim.

— Foi a pior decisão que eu tomei. — Fiquei furioso com a situação e me senti ainda mais culpado por ter deixado o meu irmão

me convencer que entregar a minha menina em casamento era a única alternativa que tínhamos.

— Manuela fica comigo, ela é minha esposa.

— Ela volta viúva para Roma. — Toquei a minha arma, mas antes que conseguisse mirar, Lucian segurou o meu braço.

— Nem pense em apontar isso para o meu filho — ele rosnou para mim.

— Se continuar tentando impedir vai morrer junto.

Ele puxou o meu braço para baixo e eu disparei no chão.

Empurrei o ombro dele, mas antes que começássemos a lutar, Fernanda e Tatiane gritaram juntas:

— Parem!

— A Manuela é importante para todos nós. Então abaixem logo essas cristas e vamos procurar a minha nora. — Fernanda se impôs.

— A Manu, querido. — Tatiane tocou o meu braço e o guiou até que eu guardasse a arma.

— Quem pegou a minha filha?



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo quarenta e dois

A porta do elevador se abriu e o homem que me arrastava, empurrou o meu ombro e fez com que eu desse um passo cambaleante para frente, parando na sala de mármore brilhante e com largos sofás brancos.

— Matt, esse não é o jeito de tratar uma dama. — O homem que estava de costas para a janela, observando a paisagem de prédios de Manhattan se virou para me encarar e me surpreendi ao ver quem era.

— Lancelot?!

— Adorável Manuela, peço desculpas pelos péssimos modos dos meus homens. Não deveriam tê-la tratado dessa forma. Sente-se, por favor. — Indicou um dos sofás. — Imagino que tenha sido uma viagem turbulenta.

— Por que eu estou aqui?

— Para ficar comigo.

— Me sequestrou porque queria a minha companhia? Poderia ter me mandando uma mensagem convidando para o café.

— Você viria se eu tivesse feito assim? — Ele se aproximou de mim e tocou o meu rosto, erguendo o meu queixo para que eu o encarasse.

— Provavelmente não.

— Presumi. — Contornou a minha face com a ponta dos dedos enquanto inventariava o meu corpo com o olhar. — Está tudo bem?

— Mataram os meus seguranças, colocaram uma arma na minha cabeça e me arrastaram até aqui. Ainda tem coragem de me perguntar se está tudo bem?

— Vamos esquecer esses pequenos detalhes. O importante é que você está aqui.

— Por quê?

— A quero para mim e sempre tenho o que eu desejo.

— Ficou louco! — Eu o empurrei, fazendo com que tirasse as mãos de mim. — Você sabe quem o meu marido é?

— Ouvi alguns boatos que dizem que ele é o chefe da máfia de Nova York.

— Não são boatos.

— Acha que eu tenho medo? — Gargalhou de um jeito que me deixou ainda mais apavorada por estar ali. — A máfia não é a única organização com poder nessa cidade.

— Você é louco!

— Eu a poupei de morrer ao lado dele e a escolhi para ficar ao lado do time vencedor. Deveria me agradecer.

Apenas neguei com a cabeça. Estava ouvindo as maiores insanidades possíveis.

— Estava investigando o seu marido quando se casaram. É a mulher mais linda que já vi e uma foto foi o suficiente para que decidisse tê-la para mim. Quando nos encontramos na festa do governador essa certeza se tornou ainda maior.

— Não se sequestra uma pessoa só porque acha ela bonita.

— Vai se apaixonar por mim, Manuela — falou firme, e se não fosse tão absurdo, teria acreditado nas suas palavras.

— Quê?!

— Terá um tempo para isso acontecer.

— Sou casada.

— Uma mera formalidade. — Ele tombou o rosto na minha direção, mas antes que conseguisse tocar os meus lábios com os seus, virei a cabeça e empurrei o seu peito.

— Não encosta em mim.

Ele cerrou os dentes, mas deu um passo para trás, recompondo-se e voltando a me dirigir um sorriso.

— I magino que esteja com fome.

— Eu não quero nada! — cruzei os braços.

— Jejum não vai te ajudar. Além disso, quero que continue gostosa como é agora. E olha que ainda não tive a oportunidade de vê-la pelada, apesar de ter imaginado bastante.

Minhas bochechas coraram e fiquei completamente desconcertada com a fala do Lancelot. Havia muito pudor na minha criação, não costumávamos falar abertamente de sexo, pois era algo direcionado à mulheres casadas. Ainda assim, não tinha visto nenhum marido se direcionar assim a uma esposa, nem o Steven nos momentos em que estava sendo mais babaca.

St even...

O nome dele ecoou na minha mente e eu senti raiva, saudades, fúria e tudo misturado de uma vez, mas uma vontade terrível de me jogar nos seus braços.

— A cozinheira já está preparando o nosso almoço. Enquanto isso, deixe-me mostrar alguns presentes que comprei para você.

— Por que me comprou presentes?

— Para tornar a sua estadia aqui mais confortável durante esse período de transição. — Lancelot se aproximou de mim e me esquivei, mas não consegui impedir que ele colocasse a mão nas minhas costas e me conduzisse.

— Transição?

— Logo o reinado que o seu marido acredita ter vai acabar e começaremos uma nova era em Nova York. Você, minha querida, estará ao meu lado e a sua posição como rainha será ainda mais inquestionável.

Queria pensar que o homem que havia me capturado era só um playboy louco, mas a cada momento eu notava que ele tinha mais recursos do que parecia.

O apartamento onde estávamos era muito luxuoso e espaçoso, como uma mansão. Deveria ocupar o andar inteiro.

Paramos na porta de um quarto e ele a abriu, deixando que eu visse a cama repleta de sacolas das mais diversas marcas, não apenas americanas, mas do mundo inteiro.

— Imagino que o seu manequim seja trinta e oito, mas se for necessário podemos trocar algumas peças depois.

— Eu tenho roupas em casa.

— A sua casa é aqui agora — disse com firmeza e rispidez, depois seu tom voltou a amenizar, aproximando-se do gentil.

— Eu gosto de lugares mais baixos.

— Com o tempo vai se acostumar a viver em uma cobertura. Também é mais seguro do que uma casa.

— Já pensou se colocam uma bomba na fundação do prédio?

— Vigio muito bem o perímetro.

Tentei disfarçar o nervosismo, enquanto pensava em formas de escapar dali. Minha família estava em Nova York, a minha mãe e avó tinham me visto ser levada, era possível que já estivessem trabalhando para me encontrarem, contudo, não sabia o quanto o Lancelot conseguiria dificultar isso.

— Vamos! — Ele abaixou a mão e deu uma palmada na minha bunda, fazendo com que eu rosnasse.

— Não me toca assim.

— Querida, estou sendo bonzinho. Vá experimentar as roupas que comprei, quero ver como vão ficar em você.

— Eu não vou experimentar coisa nenhuma.

Lancelot cerrou os dentes e me agarrou pelo pescoço. Seus dedos se fecharam perto da junção com a cabeça e começaram a me sufocar. Com uma mão eu girei, empurrando o seu braço, e com a outra bati no seu peito, fazendo com que ele voasse para trás. Todo o meu treinamento com os meus irmãos não havia sido em vão.

— Você é mais forte do que eu imaginava. — Ajeitou o paletó do terno, recompondo-se.

— Eu não me testaria se fosse você.

— Sua valentia não vai ajudá-la agora.

— Sou uma Bellucci e uma Lansky — apressei-me para completar.

— Vá experimentar as roupas. — Ele me empurrou para o interior do quarto. — Enquanto isso, pense sobre as escolhas que tem para fazer, Manuela. Ser uma Lansky não vai valer de nada quando eu tomar o poder do seu marido.

Bati com as mãos na madeira pelo lado de fora, urrando irritada por ter sido trancada. Lancelot tinha uma péssima forma de tentar me conquistar.

Sentei-me na cama e empurrei as sacolas para o lado a fim de conseguir mais espaço. Minha barriga doeu, realmente eu estava com fome. Contudo, minha cabeça não parava de pensar em uma forma de escapar.

De repente pontos se ligaram como dois mais dois. Somei muito do que tinha ouvido do Steven e dos soldados. Lancelot era herdeiro de uma indústria farmacêutica e tudo fez sentido. O desgraçado era o responsável pela nova droga e por isso queria tanto derrubar o meu marido e o restante da família. Foi por isso que ele chegou a mim. Só que não havia nada mais insano do que ao invés de me matar ele querer me possuir.

Apaixonar-se por mim não era algo que eu esperava de um inimigo, porém, poderia ser a minha vantagem para me manter segura até conseguir escapar.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo quarenta e três

A culpa é toda sua...

Por maior que fosse a minha raiva, a velha estava certa. A culpa era completamente minha. Poderia ter sido um marido melhor para a Manuela, mas estava cego. Deveria tê-la protegido, isso era o mínimo. Bill e outros dois soldados foram para o hospital quando as policiais e ambulâncias chegaram, estavam entre a vida e a morte. Eu não poderia jogar nos ombros deles um fardo que era completamente meu.

Assim que os policiais e investigadores tomaram a cena, eu saí, larguei todos e entrei no meu carro, seguindo na direção das marcas dos pneus, mas não era uma pista que durou por muito tempo.

Parei às margens do rio East, a meio caminho de casa, pois não sabia para onde ir. Estava furioso e urrei ao socar o volante. Eu deveria ter conversado com ela, admitido o quanto tinha sido um idiota antes que ela fosse levada de mim e eu não tivesse a oportunidade de falar.

Não me lembrava a última vez que tinha chorado, era algo que não fazia desde criança. A máfia tinha me mostrado várias vezes o quanto eu precisava ser forte, mas toda essa frieza tinha me colocado naquela situação.

Longe da minha esposa, do meu filho...

A Manuela estava grávida, mesmo em meio ao caos o nosso casamento tinha frutificado e isso só reforçava o que eu sentia, mas tinha feito de tudo para ignorar. Descobrir que seria pai daquele jeito tinha sido a pior forma possível. Eu não poderia tocá-la nem dizer o quanto estava louco para ver aquela criança. Contudo, aumentava ainda mais a minha motivação para trazê-la de volta para casa.

Minha mulher e meu filho tinham que ficar ao meu lado. Esse era o lugar deles, nenhum inimigo ou mesmo a família dela mudariam isso.

Peguei o celular, cujas ligações que eu recebera havia ignorado todas e disquei para o diretor do FBI. Por maiores que fossem os recursos da máfia, eles ainda tinham um suporte imprescindível para me ajudar naquele momento.

— Chefe? — O diretor atendeu no segundo toque.

— Quero todos os seus agentes vasculhando cada pedra de Nova York atrás da minha esposa. Também quero que me mantenha informado a cada segundo.

— Deve ser esse o motivo da Fernanda estar me ligando agora.

— I magino que sim.

— Fale com o chefe de polícia.

— Onde aconteceu o incidente? Vou solicitar todas as imagens de trânsito.

— No Manhattan Mall. Não temos muito tempo.

— Vamos encontrá-la, chefe.

— Faça valer os milhões que pagamos a você todos os anos.

— Pode ficar tranquilo quanto a isso. Não medirei esforços.

— Certo.

Desliguei a chamada e passei a mão pelo meu cabelo, empurrando-o para trás. A minha raiva só ficava maior, mas em nada ela iria me ajudar no momento.

Dei partida no carro enquanto elencava mentalmente todos os meus recursos para que encontrássemos a Manuela o mais rápido possível. Eu não iria me perdoar se algo mais acontecesse à minha esposa. Já a tinha feito sofrer o bastante, ela não precisava ser machucada ainda mais.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo quarenta e quatro

Vasculhei as sacolas até que encontrei um vestido branco com uma fenda nas costas. Ele era muito bonito e combinaria bem com as joias que tirei de outra embalagem. Eu não almejava agradar ao Lancelot, nem ser um brinquedo nas mãos dele. Em outro momento, provavelmente seria bem mais rebelde, jogaria todas as sacolas na sua cara, porém, a situação era mais delicada. Aquele maníaco poderia até não querer me matar, mas depois de ter quase me enforcado, ficou evidente que me machucaria. Eu estava grávida e não queria receber nenhum golpe na barriga que colocasse o meu bebê em risco.

Senti que precisava esconder muito bem aquela informação, porque o Lancelot não me pareceu o tipo de cara que criaria com boa vontade o filho de outro homem.

Quando ele abriu a porta, eu estava perto da janela usando o que havia comprado e isso arrancou um sorriso do homem.

— Maravilhosa.

— Obrigada. — Cruzei os braços na frente do corpo.

— Vamos almoçar.

Balancei a cabeça fazendo que sim e segui seu gesto para que fôssemos para o corredor. Logo entramos em uma enorme sala de jantar com um belo lustre de cristal e uma mesa com espaço para dez pessoas. Havia um banquete, o suficiente para servir um pequeno exército, mas não imaginava que mais pessoas fossem se juntar a nós para o almoço.

Lancelot puxou uma cadeira para mim e eu me acomodei sem falar nada. Ele se curvou para fungar o meu pescoço e me contive para não exibir uma expressão de náusea. O toque era ruim, mas provavelmente o que estava embrulhando o meu estômago era o cheiro forte da comida.

— Tudo bem, querida? — Ele tentou me beijar novamente, mas virei o rosto e seus lábios tocaram a minha bochecha.

— Sim.

— Provavelmente está preocupada com o Steven, mas não se aborreça, tenho um plano para ele.

— O que vai fazer?

— Já disse que não precisa se preocupar. — Ele indicou a comida. — Vamos, sirva-se.

— Quero um pouco de suco. — Peguei a taça e indiquei a garrafa.

— Não prefere o vinho?

— Dispensso bebida alcoólica.

— Vou ensiná-la a tomar bons vinhos.

— O suco, por favor.

O álcool não fazia bem durante a gestação e precisaria enrolá-lo para não tomar. Também precisava conter o enjoo. Se ele sequer cogitasse que eu estava grávida, poderia prejudicar o meu bebê e até me fazer perdê-lo.

— Qual sua comida favorita? — Ele acabou me servindo uma taça de suco.

— Suco de laranja.

— Estou falando de comida.

— Pizza.

— Como uma boa italiana.

— Sim. — Forcei um sorriso.

— Mais tarde teremos pizza então. — Ele voltou para a sua cadeira e eu forcei um sorriso.

Enquanto lidava com a presença do Lancelot, me perguntava quanto tempo levaria para a minha família vir ao meu resgate.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo quarenta e cinco

Entrei no prédio onde se concentravam os homens da nossa inteligência e a primeira pessoa que vi foi o meu irmão.

— Vamos encontrá-la. — Deu-me um sorriso solitário e eu balancei a cabeça em afirmativo. Não aceitava outro resultado que não fosse ter a Manuela de volta para mim.

— Vou ser pai — sussurrei, ainda absorvendo aquela notícia.

Queria estar com ela, queria comemorar e isso só piorava a minha terrível angústia por não ter a Manuela ali.

— Parabéns!

— Obrigado.

— Os Bellucci estão errados, não foi culpa sua terem levado ela.

— Foi sim.

River arregalou os olhos diante da minha resposta. Aquela era uma responsabilidade da qual eu não poderia fugir nem me exonerar.

— A Fernanda e o nosso pai estão certos, eu tenho errado com a Manuela desde o início do casamento.

— Vai poder se desculpar.

— Tenho que fazer isso. — Dei um passo na direção daqueles que estavam mexendo nos computadores. — Tiveram acesso às informações do FBI e da polícia?

— Estão rastreando os carros que saíram do shopping com a sua esposa. Estamos aguardando informações.

— Isso está demorando demais. — Falei irritado.

— São muitas câmeras para serem analisadas, chefe.

— Quanto mais tempo passa, maiores são as chances de algo acontecer com a minha esposa.

— Estamos fazendo o nosso possível.

— Trabalhem melhor. — Bati com a mão na mesa, fazendo com que todos se assustassem. — Trabalhem mais rápido!

— Gritar com eles não vai resolver, Steven. — Meu irmão tentou me controlar.

— Farei muito mais do que isso se machucarem a Manuela.

— Onde está a minha filha?

Virei-me quando vi o Theo e o restante dos Bellucci adentrarem o local juntamente com Fernanda e o meu pai.

— O que ele está fazendo aqui? — Mostrei os dentes.

— Filho, estamos todos do mesmo lado. — Meu pai tentou me apaziguar.

— O meu irmão e a equipe dele estão pedindo acesso aos arquivos de câmera... — Theo começou, mas eu o interrompi.

— Já estamos trabalhando em conjunto com o FBI — contei seco.

— Mateo é o melhor.

Depois eu sou o arrogante Bufei ao pensar.

— Chefe — um dos técnicos me chamou. — Encontramos ela.

— Onde? — Dei um salto para perto dele.

— Ao que parece trocaram de carro em uma oficina, mas seguiram para um galpão no Brooklyn.

— Mande o endereço para o meu celular. — Bati no ombro dele e dei às costas, correndo para a saí da.

— Filho, você não pode ir sozinho. — Meu pai tentou me deter, mas eu apenas o tirei do caminho.

— Reúna o maior número de soldados e vá para lá.

— Steven!

Eu precisava salvar a Manuela e me redimir por tudo o que eu tinha feito, cada segundo parecia contar e eu corri para o meu automóvel o mais rápido possível. Sabia que o meu pai viria logo atrás para me dar cobertura.

Assim que entrei no meu carro, o endereço piscou na tela do meu celular e eu o joguei para o GPS, saí com os pneus cantando e pisei mais fundo no acelerador, ziguezagueando por entre as ruas até o outro distrito da cidade.

Uma viatura de polícia ligou a sirene e decidiu vir atrás de mim, mas eu acelerei ainda mais, me movendo a quase duzentos

por hora e deixei-os para trás ao atravessar uma linha de trem, quebrando a cancela e passando segundo antes da locomotiva.

Eu não parei até chegar diante do galpão. Antes mesmo de estacionar o carro, disparos começaram a acertar a lataria. As balas provocavam faíscas ao golpear o metal blindado, mas não entravam, o que me deu tempo o suficiente de ajeitar a minha jaqueta e pegar mais uma arma no porta-luvas.

Abri uma das portas para usar de escudo e tombei o corpo, mirei em um dos caras que estava sobre o galpão e ele caiu. Baleei os dois que estavam perto da porta e percorri o local atrás de outros.

Quando decidi avançar, notei mais veículos e eles pararam ao lado do meu.

Minha família, os Bellucci e mais uns vinte soldados estavam ali para me dar cobertura. Fortemente armados, iríamos invadir o local para tirar a minha esposa dali.

Com as duas armas em punho, chutei a porta do armazém. O local parecia estranhamente frio e vazio. O som de alguma goteira deixava o ambiente ainda mais incômodo, porém, segui andando até onde o aroma de ferrugem se destacou, pouco antes de eu ver uma mulher deitada no fundo do armazém.

— Manuela! — gritei, mas a minha esposa não respondeu.

Sem pensar duas vezes, corri na sua direção, até que vi a enorme poça de sangue que fora formada ao redor de sua cabeça.

Caí de joelhos e deixei que as armas escorregassem da minha mão. As lágrimas desceram com o peso do mundo enquanto eu sentia um misto de raiva, desespero, culpa e uma tristeza tão grande que me devastou ao ponto que eu me sentisse morto também.

— Manuela! — Puxei-a pelo ombro, para trazê-la para o meu colo.

Desculpa não era o suficiente para dizer-lhe naquele momento. Também já era tarde demais para admitir que me apaixonara. Eu tinha odiado os Bellucci, mas esse sentimento voltou dez vezes mais forte contra mim mesmo.

A culpa era toda minha.

Quando a cabeça encostou no meu peito e depois tombou para trás. A mulher que eu segurava nos braços estava com um tiro bem no meio da testa, tinha a mesma estatura, o mesmo peso, até o tipo de cabelo, mas o rosto não era o da Manuela.

— É uma armadilha! — gritei no momento em que deixei o corpo sem vida cair no chão.

— Corram!

Levou uma fração de minuto para que tudo fosse pelos ares.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo quarenta e seis

Finquei a colher no pudim e levei até a boca lentamente. Já não aguentava mais comer nada e estava fazendo um esforço danado para não correr até o banheiro mais próximo e colocar tudo para fora. O refluxo do vômito subindo e descendo pela minha garganta me fazia dar leves soluços.

Lancelot estava na minha frente e me observava enquanto eu comia. Mentir nunca foi o meu forte e controlar aquela situação estava sendo um grande desafio.

— Tudo bem, amor?

Balancei a cabeça fazendo que sim.

O telefone dele começou a tocar e Lancelot largou a colher de sobremesa para atender. Não consegui ouvir quem estava do outro lado, mas o sorriso que tomou o rosto daquele maní aconão me animou nem um pouco.

— O que aconteceu?

— Você é oficialmente uma viúva — falou sorrindo, mas a sensação que eu tive foi como se houvesse arrancado o chão sob

os meus pés.

— O que fez com o Steven? — Eu não consegui conter a pergunta.

— Ele correu para a ratoeira.

Várias vezes eu tinha dito para o Steven que eu queria que ele morresse. Só naquele momento eu percebi o quanto tinha sido da boca para fora. Não deveria chorar na frente do Lancelot, mas eu não consegui.

As minhas mãos começaram a tremer e o meu rosto se inundou em lágrimas. Na maior parte das vezes eu achava que não funcionávamos juntos, eu o odiava, queria esganá-lo com as minhas próprias mãos, mas no fundo, talvez só odiasse o fato de não poder dizer que o amava.

— Seu maníaco! — Eu me levantei e fui para cima do Lancelot. — Não poderia ter feito isso.

Batia nos seus ombros enquanto chorava descontroladamente.

— Libertei você para que pudesse ficar comigo. — Segurou os meus pulsos para que eu parasse de esparnear. — Acabou a era da máfia em Nova York, agora, meu amor... — Ele soltou um dos

meus pulsos para acariciar o meu rosto e limpou as lágrimas. —
Dominaremos essa cidade juntos.

Lancelot me conduziu de volta para a cadeira e eu fiquei
olhando para o nada. Doí a e eu não estava conseguindo absorver



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo quarenta e sete

Talvez eu tivesse morrido por alguns instantes, pois tudo ficou tão escuro e o fogo me fez imaginar estar no inferno. Meu corpo todo estava doendo e quando abri os olhos, notei que vários destroços tinham caído em cima de mim.

Ao longe eu podia ver as chamas causadas pela explosão que ainda consumiam o local. A minha cabeça estava doendo e levou um tempo para que conseguisse processar direito o que havia acontecido.

Eu estava mais ao centro do armazém e se não fosse tão ágil e bem treinado, com certeza não teria conseguido escapar. Quem havia capturado a minha mulher tinha me atraído até ali com o objetivo de me matar. Queria dizer que havia falhado, mas eu ainda estava em um estado mental de suspensão que era difícil dizer qualquer coisa.

— Steven! — ouvi a voz do meu pai e forcei os meus olhos a ficarem abertos antes de vê-lo se aproximar com o meu irmão e o meu primo.

Não consegui responder, estava lutando para me manter acordado.

— Filho!

— Parece que ele está vivo. — Otto me balançou e eu gemi com a dor.

— Consegue se levantar? — River me questionou.

— Eu não sei. — Finalmente consegui emitir algo inteligível.

— Levanta. — Meu pai me estendeu a mão e eu fiz todo o esforço do mundo para me colocar de pé.

Eu nem conseguia identificar qual parte do meu corpo doía mais.

— Alguém mais se machucou? — Ouvi o meu pai perguntar para o Logan, quando meu tio parou ao nosso lado.

— Uns quatro soldados feridos e o Thiago Bellucci foi atingido por um fragmento no braço, mas ninguém pior do que o Steven.

— Ele estava mais perto da explosão — observou o meu pai.

— Queriam matá-lo.

— Quase conseguiram — River estava olhando para mim com uma expressão de espanto, sinalizando que eu não estava nada bem.

— Aquela não era a Manuela — resmunguei pensando alto.

— Vamos levar você para um hospital.

— Não! — Empurrei as mãos do meu pai e senti o meu braço doer com o movimento. — Quero encontrar a minha esposa.

— Você se machucou muito, Steven.

— Não vai ser a primeira nem a última vez que eu sobrevivo a uma bomba. Algum maníaco pegou a minha esposa grávida e eu não vou descansar até tê-la de volta.

— Steven!

— A Manuela precisa de mim, pai.

— Tudo bem. — Ele assentiu. — Vamos encontrá-la.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo quarenta e oito

— Aqui! — Lancelot me entregou um lenço ao perceber que eu não conseguia parar de chorar.

Tomei-o da mão dele e comecei a esfregar os meus olhos. Estava arrasada e pensar que, de alguma forma, o meu bebê cresceria sem o pai me deixou ainda mais triste. Theo Bellucci era temido, sanguinário, mas fora a minha fortaleza e o meu refúgio. Algo que eu queria para o meu filho ou filha.

Enquanto ainda estava entregue à dor e sentia o meu coração mais apertado do que nunca, vi o Lancelot se levantar para falar ao celular e olhei de volta para a mesa. Observei os talheres que estavam à minha disposição. Peguei uma pequena faca e a escondi no meu corpo, guardando na lateral da calcinha. Steven poderia estar morto, mas se tinha algo que eu não queria era me envolver com o responsável por isso, que ainda por cima tinha me sequestrado.

— Por que não troca de roupa?

— Acabei de colocar essa. — Franzì o cenho sem entender.

— Tenho uma ótima piscina que certamente você vai gostar.

— Acabamos de comer.

— Essa coisa é lenda.

— A minha avó sempre dizia para esperamos um pouco a digestão. Eu não quero passar mal.

Quem sabe fosse a desculpa que eu precisava para poder vomitar, mas não me pareceu uma boa alternativa ficar de biquini diante daquele sujeito que já me olhava como se eu fosse um pedaço de carne.

— Por que não vamos assistir televisão?

— Televisão?

— Você deve ter algum *streaming* preferido. Enquanto isso eu faço a minha digestão e você também. Comemos bastante.

— Okay. — Não discutiu. — Vamos. — Estendeu a mão e foi uma enorme dificuldade aceitá-la.

Por mais bonito que Lancelot fosse, a cada minuto que eu passava ao lado dele, maior era a repulsa que eu cultivava.

Fomos para a sala e nos acomodamos em um dos sofás confortáveis. Eu sentia o frio do metal da faca na minha perna e

estava aguardando o momento certo para poder utilizá-la.

Lancelot tirou o celular e a carteira e os colocou ao lado, em uma mesa redonda, depois pegou o controle que estava nela e ligou a enorme televisão na parede oposta de onde estávamos.

— Você é tão bonita. — Ele voltou a me olhar daquele jeito e definitivamente não parecia disposto a assistir qualquer coisa que não fosse a mim.

— Obrigada. — Coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha e dei um sorriso que mais parecia uma careta.

Olhei para o celular e depois para ele. Tentei pensar rápido e articular alguma forma de sair daquela situação.

— Por que é tão interessado em mim?

— Eu não deveria?

— Só é estranho.

— Uma beleza como a sua é tão intensa que deve ser admirada.

— Existem mulheres mais bonitas do que eu. — Dei de ombros.

— Mas não que chamam tanto a minha atenção. — Ele tombou para cima de mim e sua mão tocou a minha coxa.

Meu estômago revirou de imediato. Daquela vez achei que o enjoo não tinha nada a ver com a minha gravidez. Contudo, vi uma possibilidade de pelo menos pedir ajuda.

Eu inverti e tombei o meu corpo na direção do dele. Lancelot se surpreendeu quando eu sentei no seu colo.

— Ousada, gosto disso. — Suas mãos subiram pelas minhas costas nuas.

Eu nunca tinha beijado outro homem além do Steven, nem imaginava fazer isso, contudo, se o meu marido estava morto, ele não poderia me culpar por estar tentando sobreviver.

Curvei-me e toquei os lábios do Lancelot. Outra vez senti o refluxo e lutei contra a ânsia de vômito. Ele apertou as minhas costas e desceu com as mãos até a minha coxa. Quando percebi que ele havia fechado os olhos, estiquei a mão e toquei o seu celular, ligando para a emergência e virei o aparelho de cabeça para baixo, para que ele não visse a tela acesa.

Empurrei a sua língua de volta e saí do seu colo tão rapidamente quanto havia subido e pulei para longe antes que ele

encontrasse a faca que eu estava escondendo.

— O que foi? — Ficou sem entender a minha reação.

— Eu não deveria fazer isso.

— Deveria sim.

— Você matou o meu marido.

— Steven L ansky era uma pedra nos nossos sapatos e eu só dei um jeito de nos deixar livres. Você poderia me agradecer por isso.

— É, talvez...

— Não precisa mais pensar nele. — Tocou a minha perna e eu me afastei.

— Será que eu posso tomar um banho? — Saltei do sofá.

— Podemos ir juntos para a piscina.

— Eu quero um banho normal.

— É uma alternativa. — Ele voltou a se aproximar.

— Vou sozinha. — Dei um passo para o lado antes que me envolvesse. — Depois vamos para a piscina.

— Promete?

Balancei a cabeça, fazendo que sim e fugi para o quarto. Trancando a porta.

Assim que me encostei na superfície de madeira, as lágrimas voltaram a rolar.

St even...



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo quarenta e nove

A roupa a prova de balas que eu usava, tinha me protegido, mas não impedira que eu me chamuscasse em algumas partes e ficasse cheio de roxos. Porém, qualquer dor que eu pudesse estar sentindo foi completamente ignorada diante da minha vontade de encontrar a minha esposa.

Ver o cadáver de outra mulher me deu esperanças. Poderiam ter matado a minha esposa, mas decidiram poupá-la e isso me levantava a hipótese de que ela estava viva.

Meu pai tomou a direção do meu carro e eu me joguei no banco do carona enquanto íamos para a sala de inteligência nos reagruparmos. Tinha seguido uma pista que acabara se mostrando uma armadilha, mas a próxima precisava me levar até Manuela.

Assim que entrei na sala, Fernanda me viu e veio correndo na minha direção. Nem tinha trocado de roupa, então a minha calça e jaqueta ainda estavam estragadas em várias partes.

— Steven! — Ela me abraçou e eu soltei alguns resmungos de dor.

— Estou bem, mãe.

Eu não tinha o hábito de chamá-la assim, por mais que, de fato, houvesse sido a minha mãe pelos últimos vinte anos. Contudo, a minha fala fez com que ela ficasse mais calma e sorrisse para mim.

— Onde está a minha filha? — Tatiane se levantou de uma cadeira e veio até nós.

— Era uma armadilha — Theo respondeu para ela.

— E a Manuela?

— Não sabemos. — Ele balançou a cabeça.

Tatiane começou a ofegar, mas eu parei de prestar atenção nela quando a Fernanda atendeu a uma ligação. Fiquei aflito enquanto ela conversava.

— Quem era? — Perguntei assim que desligou.

— O chefe de polícia. Parece que a Manuela conseguiu ligar para a emergência de um telefone que pertence a Lancelot Turner. A atendente ouviu um homem dizer que tinha matado você. Rastrearam a ligação até uma cobertura que pertence a ele.

— Essa é a minha garota esperta! — Ouvi o Theo comemorar enquanto eu cerrava os punhos.

— Aquele desgraçado sequestrou a minha esposa. Vamos para lá!

— A polícia e o FBI estão a caminho — avisou Fernanda.

— Um movimento brusco pode fazer com que ele reaja de uma forma que não queremos — disse meu pai com cautela.

— Eu vou resgatar a minha filha — garantiu o Theo. — Não precisamos da Swat.

— Eu trarei a minha esposa de volta.

— Chega de briga de egos. — Fernanda balançou a mão. — Vamos pensar num plano.

Olhei para ela e acabei assentindo. Só queria a Manuela em segurança.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Capítulo cinquenta

Saí do banheiro de calcinha e sutiã e olhei para as roupas em sacolas em cima da cama, à procura de alguma desculpa que me fizesse ficar mais tempo no quarto. Se havia algo que eu não desejava era entrar em uma piscina com aquele homem.

Aquele beijo ainda me incomodava e eu não sabia como iria sobreviver aos anseios dele em relação a mim. Eu tinha cada vez mais pavor dele e abominava a ideia de que me tocasse.

Tomei um susto e deixei a blusa que eu estava segurando cair quando a porta foi arrombada.

— Eu te ofereço tudo e é assim que me retribui?

— O que está falando? — Mal consegui perguntar quando Lancelot envolveu o meu pescoço com os dedos e me pressionou contra a parede.

— Se acha que o seu marido era perigoso é porque está me subestimando.

— Me solta! — Segurei o seu braço, tentando afastá-lo.

— Me beijou só para ligar para a polícia.

— Não.

— Mentirosa! — Bateu com a minha cabeça na parede e eu fiquei tonta.

— Está me machucando.

— Poderia ser boazinha comigo, mas decidiu não colaborar. O que acha que vai acontecer? Meia dúzia de policiais vindo resgatá-la? Você agora é minha, Manuela.

— Não! — Mesmo sufocada, estiquei a minha mão e peguei a faca que estava debaixo do vestido que eu tinha tirado. — Eu sou do Steven.

Com dentes cerrados e toda força que tinha em mim cravei o talher na jugular do homem. Ele não estava esperando pelo meu golpe e não conseguiu evitá-lo. Acertei a artéria e puxei a faca, fazendo com que sangue espirrasse em todas as direções, principalmente em mim, me banhando.

Ouvi o som de muitos disparos e outros barulhos enquanto o Lancelot caía aos meus pés. Primeiro ele tocou os joelhos no chão enquanto me amaldiçoava até tombar para trás, morto.

Deixei a lâmina cair ainda em choque pelo que tinha acabado de fazer. Era a primeira vez que eu tirava a vida de alguém, mas não estava arrependida.

Um estrondo na porta da sala chamou a minha atenção e eu me curvei, pegando a arma que estava na cintura do Lancelot e a destravando. Apontei na direção da porta, preparando para matar quem mais ameaçasse a minha vida.

Meu dedo que segurava o gatilho estava tremendo quando ouvi os sons dos passos que se aproximavam. Então eu vi outro cano de arma, seguido de braços fortes e olhos azuis que me tiravam do sério.

— Steven!

— Atira, eu mereço. — Deixou a arma cair e abriu os braços.

— Você está vivo. — Travei a arma e a larguei no chão, correndo para os braços dele.

Steven me envolveu e eu chorei e soluzei enquanto apertava o seu tórax com tanta força que achava ser possível que ele se fundisse a mim.

— Vão precisar de mais bombas se quiserem me derrubar. — Ele passou a mão pelo meu rosto. — Está cheia de sangue?

— Não é meu. — I ndiquei o corpo do Lancelot.

Steven se afastou e caiu de joelhos diante de mim. Percebi que ele estava todo sujo e cheio de fuligem, mas não tive tempo para perguntar nada antes que ele beijasse a minha barriga. Não precisei pensar muito para deduzir que a minha vó tinha contado para ele.

Toquei o seu cabelo ao perceber que ele estava chorando com a cabeça afundada no meu ventre.

— Eu errei com você, Manuela. Fui um péssimo marido.

— Achei que não fosse admitir isso nunca.

— Acreditava que amar você me tornaria mais fraco, mas estava cego demais para perceber o quanto isso me fazia estúpido.

— Você é um idiota!

— Eu sei, mas se me perdoar eu prometo que vou ser o marido que você merece. — Ele continuou de cabeça baixa e a sua postura já era o suficiente para me mostrar que finalmente tinha abandonado o ego por mim. — Eu te amo, Manuela.

— Achei que você tinha morrido. — Puxei a cabeça dele para que me encarasse. — Eu não te dou autorização para morrer,

marrento.

— Vou me lembrar disso da próxima vez.

Levantei-o pelos ombros e puxei o Steven para mim. Ele me beijou e o gosto da sua boca foi como um bálsamo. Subi com os dedos pela sua nuca e puxei o seu cabelo com ainda mais força enquanto ele envolvia o meu corpo com os braços fortes feito aço.

Antes que os nossos instintos ignorassem o lugar para ceder à tentação. Alguém pigarreou.

Afastei-me do beijo e me escondi atrás do meu marido, pois ainda estava só de roupas íntimas.

— Filha?

— Pai.

Eu o vi olhando para mim da porta do quarto enquanto Steven se colocava como se fosse uma muralha.

— Você está bem?

Fiz que sim.

— Matei ele.

— Parabéns!

— Obrigada.

— Vamos embora. Agora você está segura. Vai voltar para casa conosco.

— Voltar para casa? — Surpreendi-me com o que ele falou.

— Sim.

— Não vai fazer isso. — Steven rosnou e avançou para cima do meu pai.

— Você deveria ter morrido hoje, moleque. — Meu pai apontou a arma para o meu marido.

— Pai, não.

Ouvi um disparo e vi o Steven desarmando o meu pai tão rápido que me surpreendeu. Theo cambaleou para trás, mas tomou um golpe que o fez cair de joelhos. Eu nunca tinha visto ninguém ganhar uma luta contra o meu pai, aquela foi a primeira vez.

— Steven. — Toquei o ombro do meu marido antes que ele fizesse qualquer coisa.

— Aqui é o meu território, quem manda sou eu. Eu não vou deixar mais NI NGUÉM tirar a minha esposa de mim.

Meu pai se levantou bufando, mas antes que fosse para cima do Steven, eu me coloquei entre os dois. Já nem estava mais ligando se eles ou o restante dos caras que haviam entrado junto estavam me vendo de lingerie.

— Não vão brigar! Eu amo os dois, não precisam ficar rosnando um para o outro depois de tudo o que passamos hoje.

— A sua vó disse...

— Pai, o iní ciodo casamento foi complicado, mas não fui só eu que passei por isso, não é?

Ele olhou para o Steven, depois para mim de novo e por fim assentiu.

— Quero ir para casa. — Virei-me para o meu marido e ele puxou um vestido que estava sobre a cama, entregando-o para mim.

Steven me aninhou e me guiou para fora do apartamento, pelo caminho, vi os homens da famí liadele e meus irmãos. Thiago e Lorenzo sorriram para mim e eu sorri de volta. Seguimos até a rua e

eu vi alguns carros do FBI e viaturas, o que me fez imaginar toda a movimentação que foi feita para que eles me encontrassem.

Assim que chegamos à mansão, mal desci do carro para que a minha mãe e a minha vó corressem na minha direção.

— Querida! — Fui envolvida pelos braços carinhosos e gentis que me ninavam desde a infância.

— Eu estou bem.

— Que susto nós tomamos.

— Eles as machucaram? — Afastei-me para observá-las.

— Não.

— Fiquei preocupada.

— Nós que ficamos preocupadas com você.

— Vai ficar tudo bem agora. — Movi a cabeça buscando o olhar do Steven que sorriu para mim.

— Quando voltarmos para casa... — Minha vó começou, mas eu a interrompi.

— Meu lugar é nessa casa.

— Tem certeza? — Ela arregalou os olhos surpresa.

— Tenho.

— Tudo bem.

Ouvi o meu pai bufar, mas a minha mãe sorriu.

— Sabe que sempre nos terá. — Beijou com carinho a minha testa e eu fechei os olhos para absorvê-lo.

— Eu sei, mas agora é hora de cuidar da minha própria família. — Afastei-me delas e fui para perto do Steven, que me abraçou por trás.

— Amo você — falou baixinho.

Ouvir aquilo me deixava em êxtase.

— Também amo você.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Steven

Capítulo cinquenta e um

Um mês depois...

Desci da moto antes que os meus soldados estacionassem e entrei em casa. Sempre fui um guerreiro, lutava por tudo e não aceitava afrontas, mas não tinha maior motivação para voltar inteiro depois de cuidar dos negócios do que a minha família.

Passei pela sala e notei que ela estava vazia então subi para o quarto e vi a Manuela assistindo uma aula na tela do notebook.

— Ei! — Chamei a sua atenção ao me escorar no batente da porta.

— Oi! — Ela sorriu ao se virar para mim. — Voltou inteiro hoje? — Esquadrinhou-me com o olhar.

— A minha esposa disse que eu não tenho autorização para morrer.

— Bom garoto. — Deu uma risadinha. — E as pí lulas de marte?

Entrei para o quarto e fechei a porta.

— Tiramos quase todas da rua, mas agora que o Lancelot Turner morreu e acabamos com a fonte de fornecimento deles, logo vão desaparecer.

— Bom trabalho, chefe.

— Foi um trabalho em conjunto, já que você o matou.

— Fazemos uma boa equipe.

— Disso eu não tenho dúvidas. — Fui para perto dela, tirei-a da cadeira, sentei-me na cama e a puxei para o meu colo de frente para mim.

— Cuidado com a minha barriga. — Alertou-me.

— Oi, filho! — Curvei-me para beijar o seu ventre quando tirei a blusa dela.

— Ou filha — corrigiu.

— Vamos descobrir logo. — Girei-a no ar e a coloquei deitada na cama.

Abri o seu short e puxei junto com a calcinha em um tranco só.

— Steven! — gemeu o meu nome antes mesmo que eu aproximasse a minha boca da junção das suas coxas.

Desci com a língua pelo seu monte ao agarrar as suas nádegas macias e firmes. Desfrutei do seu sabor, fazendo Manuela se retorcer na cama e amassar o lençol enquanto eu a lambia, penetrava e chupava. Depois de um dia agitado, era um lugar onde eu adorava deixar a minha boca.

Introduzi um dedo no seu canal, deixando que a umidade dela envolvesse e somei os movimentos aos que eu fazia com a língua. Ela estava se retorcendo toda, até os dedos dos pés e não parei até levá-la ao ápice.

— Isso é bom... — Ofegou enquanto seu peito subia e descia rápido.

— Não tem nada que eu gosto mais do que olhar para você depois de tê-la feito gozar. — Lambi os lábios ainda sentindo o seu gosto.

— Então me faz gozar de novo? — Agarrou a lapela da minha jaqueta e me puxou para cima dela.

Joguei o sapato no chão perto da cama e me liberei das minhas roupas. Depois deitei-me de lado na cama e a puxei para mim. Tirei o sutiã e agarrei um dos seios ao puxar a sua cintura para que nos encaixássemos. Daquele jeito eu não fazia pressão na sua barriga e a deixava em uma posição confortável, mas também podia enfiar com gosto e desfrutar da sua bunda batendo em mim a cada movimento.

Passei a mão pela nádega e deixei uma palmada fazendo com que ela soltasse um gritinho.

— Steven!

— Oi. — Abocanhei a sua orelha e ela virou a mão, cravando as unhas no meu braço. — Diz que você não gosta.

— Continua um cretino.

— Sabe que eu paro se você me pedir. — Segurei a cintura dela e interrompi os movimentos.

— Cala a boca e me come. — Ela empurrou a bunda em mim para que eu continuasse a me movimentar.

Dessa vez eu não parei, só escorreguei uma das mãos e coloquei-a entre as suas coxas. Ela gemeu e esfregou o corpo ainda mais em mim enquanto eu a estimulava com o dedo. Seus

espasmos apertavam o meu pau cada vez mais ao passo que o prazer dela crescia e eu desfrutava muito do seu calor e umidade.

Continuamos em sintonia até que eu percebi que ela havia chegado lá novamente e também me permiti gozar.

Manuela se aconchegou em mim e eu a virei de barriga para cima, para acomodá-la no meu peito.

— Amor... — Escorregou os dedos pelos músculos do meu abdômen.

— O que foi? — Beijei-a no topo da cabeça.

— Minha mãe quer organizar um chá de bebê.

— Eles aqui de novo? — Revirei os olhos e bufei.

— São a minha família.

— Eu sou a sua família.

Ela fez bico e tudo o que eu queria era vê-la feliz. Já tinha machucado a Manuela demais e não faria isso de novo.

— Okay. Quando?

— Em alguns meses. Depois que soubermos o sexo do bebê.

— É o que você quer? — Acariciei a barriga dela, pensando no meu filho que estava crescendo ali.

— Sim.

— Tudo bem. — Beije-a.

— Você e o meu pai vão parar de latir um para o outro.

— Aí você já está querendo demais.

— Os dois me amam. — Foi a vez dela bufar.

— Eu vou me esforçar.

— Promete?

— Prometo. — Toquei o rosto dela e puxei para o meu. — Por você eu faço qualquer coisa.

— Vai deixar eu batizar a criança em Roma?

— Manuela!

— Qualquer coisa, amor — falou com um jeito manhoso.

— Vamos conversar sobre isso.

— Depois que nascer a gente decide a data. — Beijou-me.

— Okay! — Abracei-a junto a mim.

Aquele casamento poderia ter começado com a correção de um acordo, mas bastou que eu me permitisse para me tornar o homem mais feliz do mundo.



HERDEIROS DA MÁFIA • LIVRO II

Manuela

Epílogo

Dois meses depois...

Entrei na sala da clínica e o Steven me ajudou a me acomodar na maca. Ele segurou a minha mão quando a médica entrou no cômodo e sorriu para nós.

— Bom dia!

— Bom dia, doutora. — Abri o maior sorriso do mundo. Estava empolgadíssima com aquele ultrassom. — Vou poder saber o sexo hoje?

— Esperamos que sim.

Ela ligou o aparelho e passou o gel deslizando-o pela minha barriga, que já havia tomado forma, sinalizando que o meu bebê estava por vir.

— Gelado. — Encolhi apertando a mão do meu marido e ele riu.

Ficamos observando a imagem da criança através da tela. Não era a primeira vez que fazia aquele tipo de exame, mas eu me sentia emocionada a cada uma.

A médica colocou o coração para ouvirmos e Steven beijou a minha testa e se curvou mais para encostar a sua. Ficamos assim por um momento, ninados pelo som dos batimentos até que a médica chamou novamente a nossa atenção.

— Vocês terão uma menina.

— Menina?! — Steven reagiu como se tivesse tomado um tiro de tamanho susto.

— Sim — reforçou a doutora.

— Está descontente por não ser o herdeiro que você queria?
— Busquei o olhar dele, um pouco magoada.

— Não é isso. — Steven riu.

— Então, o que foi?

— Porque se ela puxar você eu estou ferrado. Vai ser outra mulher para mandar em mim.

Eu não consegui conter a gargalhada e a médica acabou rindo junto.

— Na verdade, serão três, porque a Fernanda meio que já mandava em você.

— Acho melhor nos mudarmos daquela casa.

— Eu adoro ficar lá e adoro os seus pais.

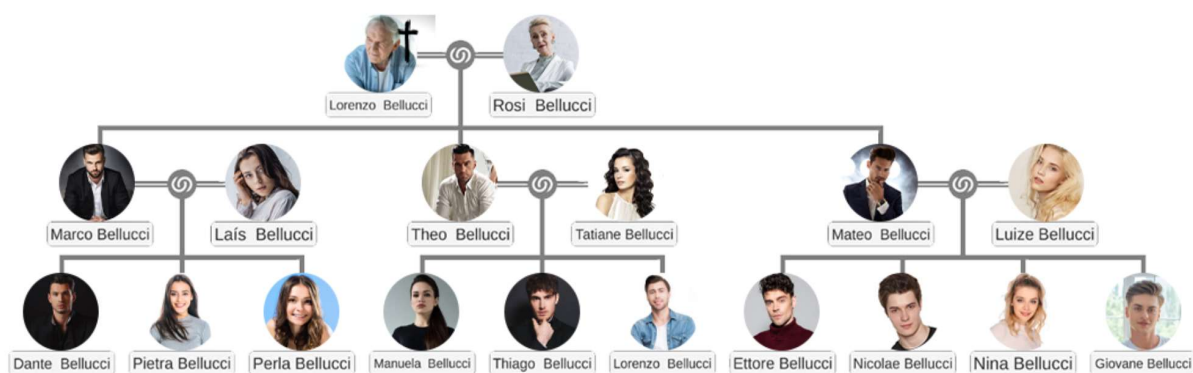
Steven balançou a cabeça e eu puxei a sua mão para colocá-la sobre a minha barriga.

— Você vai amá-la?

— Tanto quanto eu amo você. — Ele se curvou e me deu um beijo.

*Em breve mais herdeiros da
máfia...*

Família BELLUCCI



Conheça os livros dos mafiosos

Virgem Prometida (Máfia Bellucci Livro 1)



link => <https://amzn.to/2OiuaRR>

Sinopse:

Marco Bellucci é o grande chefe da máfia italiana. Antes de assumir seu posto, ele foi criado com regras rígidas de sangue e honra. Ele era um líder que governava com pulso de ferro e sabia que não existia nada mais importante do que a família. Sua vida sempre foi em função da máfia e ele sabia que cada decisão tinha que ser feita pensando nos seus, inclusive o matrimônio.

Em pleno século 21, casamentos ainda eram contratos, mulheres não tinham voz e eram tratadas como peça de barganha que favoreciam homens da máfia. Lá s tinha apenas onze anos quando ficou noiva em um acordo que traria proteção à sua família em Portugal e beneficiaria os italianos. Era apenas uma menina quando se tornou posse do chefe. Levada à Itália, foi colocada em um convento até que completasse vinte e um anos e pudesse se casar com um homem quinze anos mais velho e líder de uma das maiores organizações criminosas do mundo.

A virgem prometida só conhecia o que falavam do seu futuro marido, a pior face do cruel criminoso e, a caminho do casamento, ela tomou a arriscada decisão de fugir, para descobrir que a vida fora do convento não era nada do que ela imaginava.

Ao ser deixado no altar por uma jovem ingênua que não tinha ideia do que está fazendo, Marco tinha duas escolhas: continuar a aliança e encontrá-la ou começar uma guerra.

Virgem proibida (Máfia Bellucci Livro 2)



link => <https://amzn.to/3AspYT3>

Sinopse:

Theo, consigliere da máfia italiana, é o braço direito do chefe e conhecido como o mais implacável dos três irmãos Bellucci. Apaixonado por adrenalina, ele geralmente vai ao limite para fazer seu sangue fluir mais rápido. Após o assassinato do seu pai, tinha um compromisso acima de todos, encontrar o responsável pela emboscada e fazê-lo pagar.

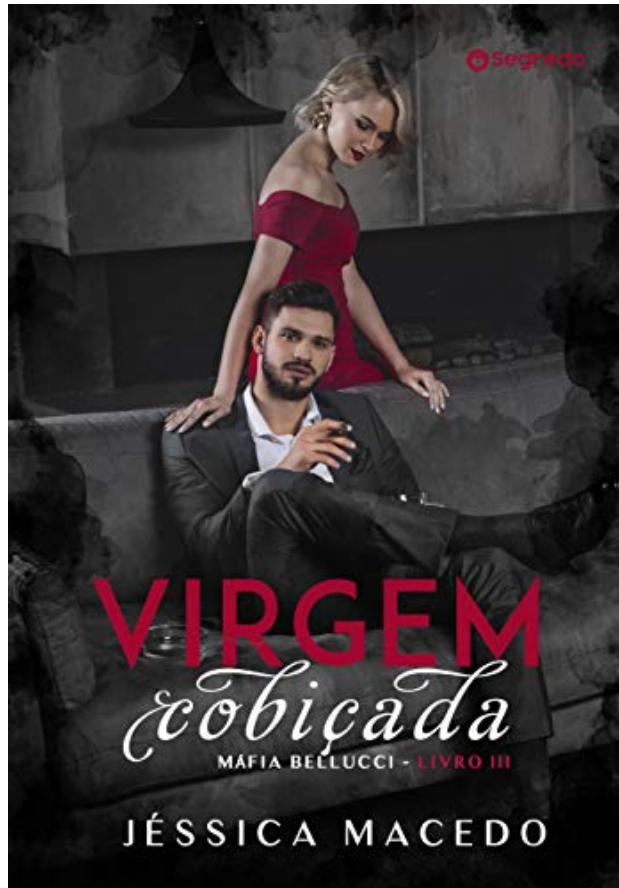
Sangue deveria ser pago com sangue, mas mortos sempre acabavam deixando corações despedaçados. O mundo de Tatiane desabou quando recebeu a notícia do homicídio do seu irmão, aquele que cuidou dela e a protegeu desde que era menina. Não se

conformava em saber que ninguém faria nada contra os todos poderosos da Itália, os Bellucci.

Para piorar seu sofrimento, uma disputa de poder se iniciou em Palermo na ausência do seu irmão. Para selar um acordo e garantir que a sua cunhada pudesse gerir a máfia na cidade até que o seu sobrinho complete a maior idade, Tatiane foi ofertada aos Bellucci e obrigada a se casar com Theo, o assassino do seu irmão.

Não será nada fácil para os dois construir uma relação em meio ao ódio, rancor e medo, sem saberem que o verdadeiro perigo ainda está à espreita.

Virgem Cobiçada (Máfia Bellucci Livro 3)



link => <https://amzn.to/2YQnwri>

Sinopse:

Mateo, subchefe da máfia italiana, é o caçula dos três irmãos Bellucci, conhecido como o especialista em tecnologia. Ele leva a vida ao seu estilo, mas é um mafioso e sabe agir como tal. Apesar do jeito carismático e debochado, gosta do controle e é um grande manipulador, afinal sabe que nem sempre é preciso sujar as mãos de sangue para conseguir o que quer.

Em meio ao constante conflito com os ciganos, Mateo foi enviado para oferecer um acordo. Ele não tinha qualquer interesse naquele

povo, buscava apenas cumprir seu papel na máfia, até seu caminho cruzar com ela.

Luize nasceu entre os ciganos e foi prometida em casamento a um líder local, seu destino estava selado, ou era o que pensava até ver Mateo Bellucci pela primeira vez. A curiosidade de saber mais sobre a família que detinha o poder na Itália fez com que ela se aproximasse desse homem perigoso, e a atração entre eles é inevitável.

O subchefe tinha um problema para resolver, porém, ao cobiçar a princesa dos ciganos prestes a se casar com outro, Mateo poderá acabar agravando ainda mais a relação complicada que a máfia tinha com eles.

Resgatada por um mafioso (Máfia Lansky Livro 1)



link => <https://amzn.to/2YTYNSV>

Sinopse:

Lucian Lansky o chefe da máfia italiana nos Estados Unidos, é um homem que tem o que quer e forja o mundo à sua vontade. Entretanto sua vida sofre uma reviravolta quando a sua esposa é assassinada, deixando-o viúvo e com um filho pequeno. Três anos se passaram e a caça às bruxas não o levou ao federal responsável pela morte dela.

O que o poderoso mafioso não esperava era que, em uma noite, ele conheceria uma mulher que se tornaria seu maior objetivo, mesmo ela estando ao lado dos seus inimigos.

Fragilizada, Fernanda Silva perdeu tudo com a morte dos pais, inclusive a confiança nela mesma. Minada por quem deveria protegê-la, não tinha ideia do abismo em que estava até Lucian encontrá-la.

Ela não deveria se deixar seduzir. Ele não deveria se aproximar dela, mas o mafioso não resistirá a mulher que poderá ser a sua ruína.

Proibida para o Mafioso (Máfia Lansky Livro 2)



link => <https://amzn.to/2YTYNSV>

Sinopse:

Logan Lansky é o consigliere da máfia italiana nos Estados Unidos, um homem poderoso com regras rígidas de dever e honra. Perdeu os pais quando era muito jovem e foi criado pelo seu tio, o chefe, aprendendo a colocar a máfia sempre acima de tudo, inclusive dos seus desejos.

Lauren Lansky é a princesinha da máfia, filha do chefe, ela poderia fazer o que quisesse, mas precisou lidar com as

consequências de ter nascido mulher. Seu irmão mais velho, o atual no comando, a prometeu em matrimônio para o líder de uma máfia rival, a fim de que os conflitos terminassem. Fiel à família, ela estava disposta a aceitar seu destino e ser dada como moeda de troca em um casamento arranjado, mesmo que isso custasse o seu coração para sempre.

Logan e Lauren são primos, fiéis à família e à máfia onde foram criados e estão determinados a seguir esses preceitos a todo custo, mas a atração entre eles pode ser forte o bastante para mergulhá-los em uma guerra com inimigos e com os próprios sentimentos.

Agradecimentos

Em especial quero agradecer a todas as leitoras e leitores da Máfia Bellucci, que tornaram essa família um grande sucesso da Amazon. Vocês me motivaram a escrever esse livro e os próximos que virão com os netos da Rosimeire Bellucci

Meu agradecimento mais que especial as minhas leitoras e meus leitores, que me motivam a continuar sempre, em particular a todos os participantes do meu grupo do *What's* “Leitoras da Jessica”: Livia Anacleto, Juliana Lelis, Lauryen, Tatiana Ribeiro, Adolane, Eliana Oliveira, Cris Tiemi, Nay, Cleunice, Luize, Nalu, Caroline, Agda, Regina, Tatiana Naira, Deisiane, Adriana, Nil, Ana, Sophia, Danny, Lizi, Mariana Telles, Nedja, Gilcelia, Leyde, Ana Paula, Tatiane, Thaty, Fatima, Mayara, Karol, Loreнна, Aline Gomes, Karina, Beatriz, Glaucia, Ticyanne, Tatiana Lima, Laís Calmon, Kedna, Roseane, Elizangela, Keth, Mayara, Giane, Beeh, Limoenny, Kleia, Sthefanie, Ionara, Andy, Patricia Almeida, Thaay, Helenir, Amanda Corrêa, Paula Beatriz, Sara Santos, Lidiane, Pauline, Daiane, Sandra Cecília, Luana, Lucia Cristina, Patricia Reis, Iorany Flavia, Fernanda Fer, Rosyh, Fabiana, Julie, Heline, Alda, Ticyanne e todas as outras. Agradeço também aos leitores do Instagram e Facebook por todo o carinho e incentivo constante, em especial à Micheline, amiga, apoiadora e leitora pela qual tenho um carinho todo especial.

Obrigada, Rosi, por todo carinho. O seu trabalho duro em me assessorar em todas as etapas dos meus livros, da criação a divulgação, é responsável pelo meu sucesso. Em especial por me acolher, apoiar, dar conselhos que acabam se transportando para as páginas dos livros.

Gratidão a Patrícia, minha editora, e toda a equipe do Grupo Editorial Portal.

Agradeço meu marido, Gabriel, por estar sempre ao meu lado, me dando apoio incondicional.

Gratidão meus mentores e protetores espirituais! Que meu caminho até vocês sempre esteja aberto para que possam me orientar e proteger, para que eu tome as melhores decisões e nunca desista dos meus sonhos.

Sobre a autora

Jéssica Macedo é mineira, de 25 anos, e mora em Belo Horizonte, Minas Gerais. De dentro de seu apartamento, na companhia do marido e de três gatos, ela produz uma série de livros fantasia, romances de época e contemporâneos, e, principalmente, obras da literatura *hot*, um verdadeiro fenômeno editorial entre o público feminino, vendidas em um ritmo intenso nas plataformas digitais.

Iniciou sua experiência no mundo da escrita aos nove anos e tornou-se autora aos 14, com o lançamento do seu primeiro livro “O Vale das Sombras”. Com mais de 80 obras publicadas, é escritora, editora, designer e cineasta. Hoje, Jéssica é o principal nome de um time de 25 autores, a maioria mulheres, que compõem o catálogo do Grupo Editorial Portal, que ela fundou a partir das experiências vividas em outras editoras.

Acompanhe mais informações sobre outros livros da autora nas redes sociais.

Facebook

www.facebook.com/autorajessicamacedo/

Instagram

www.instagram.com/autorajessicamacedo/

Página da autora na Amazon

<https://amzn.to/2MevtwY>



  autorajessicamacedo

Outras obras

Dono do meu coração (Irmãos Vaughn Livro 1)



link => <https://amzn.to/3BJNQRz>

Sinopse:

Abandonei tudo após uma grande decepção, larguei a minha vida e todas as mordomias que vinham com a fortuna da família para salvar soldados no campo de guerra. Afastei-me, me isolei e me tornei um homem ainda mais frio do que já era.

·
Anos se passaram até que o meu pai me chamou de volta. Ele estava velho, precisava se aposentar e queria que eu assumisse os negócios da família. Iriame tornar o CEO do hospital e voltar a exercer minha função como cirurgião cardiotorácico. Porém, o

passado que me fez partir era o mesmo que voltaria a me assombrar.

Cristal Castilho era tudo o que eu queria evitar, após o término, ela fez com que eu perdesse a fé nas pessoas e me fechasse para sempre. Desejava nunca mais vê-la até que ela entrou no hospital com um sério problema no coração, remexeu com o meu passado e fez com que a minha vida virasse de cabeça para baixo.

Eu a odiava, mas descobri que tínhamos uma filha juntos e que só sabia metade da história. Era o culpado de tudo o que aconteceu, cometi erros que poderiam ser irreparáveis ao confiar em quem não deveria, mas para poder me redimir, eu precisaria salvá-la.

Prometida para Killian: Alfas Gemini



link => <https://amzn.to/3pjXisz>

Sinopse:

O poderoso alfa, Killian Moon, tinha uma obsessão na vida e isso fez com que, por séculos, ele perseguisse uma lenda. O sexy, porém, mortal e perigoso lí derde uma das maiores e mais temidas alcateias, acreditava que se encontrasse uma Gemini seria ainda mais forte.

Essa busca parecia inalcançável até que um lobo rechaçado e solitário apareceu com uma proposta para que finalmente tomasse posse da sua ambição. Ela era tudo o que Killian queria e ele

aceitou o acordo, mas no momento de finalmente conseguir sua recompensa, a garota fugiu.

Depois da morte dos pais, tudo o que Lara tinha era a irmã, pois foram aprisionadas pelo tio e viveram uma década longe do mundo. Quando receberam a notícia de que seriam entregues a pretendentes, elas se desesperaram com a possibilidade de serem separadas, então decidiram fugir.

Killian estava disposto a tudo pela sua obsessão e faria o necessário para encontrá-la. No entanto, quando ele finalmente a encontrou, deparou-se com uma garota ingênua e indefesa que precisava da sua proteção.

Casamento arranjado com o rei: Família Real Fiori



link => <https://amzn.to/39ghemF>

Sinopse:

Arthur Fiori é o rei de Grã-Aurora, um país insular que vive em monarquia em pleno século XXI. Sendo um homem frio e impopular, ele sempre esteve muito mais preocupado com números do que com fotos e aparições públicas. Enquanto o povo queria adorá-lo, ele focava na gerência do país e suas atitudes contribuíam para o crescimento de um partido republicano que queria acabar com a monarquia.

Desde a adolescência, Beatriz estava prometida ao rei de Grã-Aurora. Criada para ser rainha, ela só via o seu noivo através de notícias na internet, mas com a chegada do casamento, aquilo que não passava de uma ideia se tornou real. A jovem gentil e carismática logo ganhou a atenção e o coração do povo, mas a vida dentro do palácio não era tão simples. Um casamento ia muito além de um acordo, papéis assinados e alianças trocadas.

Um rei distante e frio.

Uma rainha jovem e gentil.

Um casamento de conveniência.

Arthur queria manter a menina longe, pensava que o casamento não precisava ir além das aparências, porém, tudo o que Beatriz mais desejava era um espaço no seu coração.

O pai misterioso do meu bebê



link => <https://amzn.to/38x9H2A>

Sinopse:

Rico desde que nasci, cresci numa redoma, distante das pessoas comuns e convivendo apenas com outros como eu. Herdeiro, prestes a assumir um império, era tratado como tal. Entretanto havia algo em mim que me impulsionava a querer conhecer uma versão do mundo onde as pessoas não me vissem como o futuro CEO da Fontana Empreendimentos.

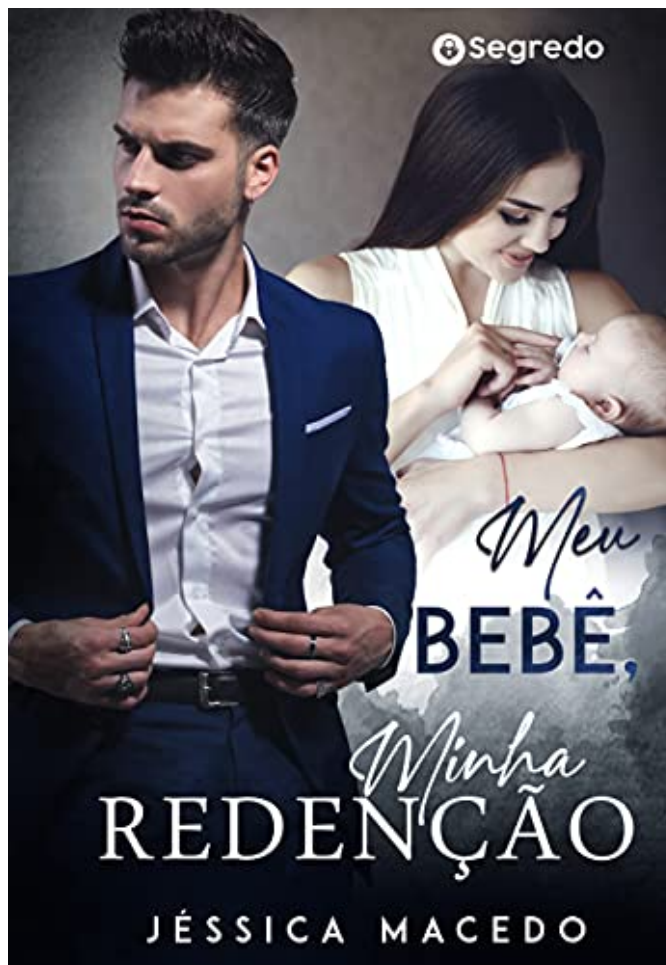
Em uma louca aventura, peguei o carro do jardineiro e me passei por motorista de aplicativo, conhecendo pessoas diferentes e indo a lugares da cidade que nunca havia frequentado. Foi então que eu a conheci.

Aos prantos, Thaís entrou no carro depois de ter visto o ex-namorado a traindo. Decidi levá-la para se distrair, mas a nossa noite acabou indo muito além de um sanduiche e algumas risadas.

Então o meu pai ficou doente e eu precisei deixar de lado as distrações para assumir a minha responsabilidade com todo o legado que ele estava deixando para mim. Achei que nunca mais voltaria a ver a Thaís, mas a reencontrei um tempo depois e descobri que estava grávida e eu era o pai do bebê. Mas, para ela, eu não passava de um humilde motorista, então vi a oportunidade de construir uma relação que não fosse fundamentada no meu dinheiro. Porém mentiras não duram para sempre. Em algum momento eu teria que contar para ela quem eu era de verdade.



Meu bebê, minha redenção



link => <https://amzn.to/3snBY4T>

Sinopse:

Badboy e bilionário, eu sou o rei do Texas! CEO e principal dono da Global Oils, uma enorme petrolí fera, sempre tive tudo o que quis e dinheiro suficiente para liquidar qualquer empecilho. Beleza e charme também são umas das minhas qualidades, o que fazia com que as mulheres se atirassem aos meus pés.

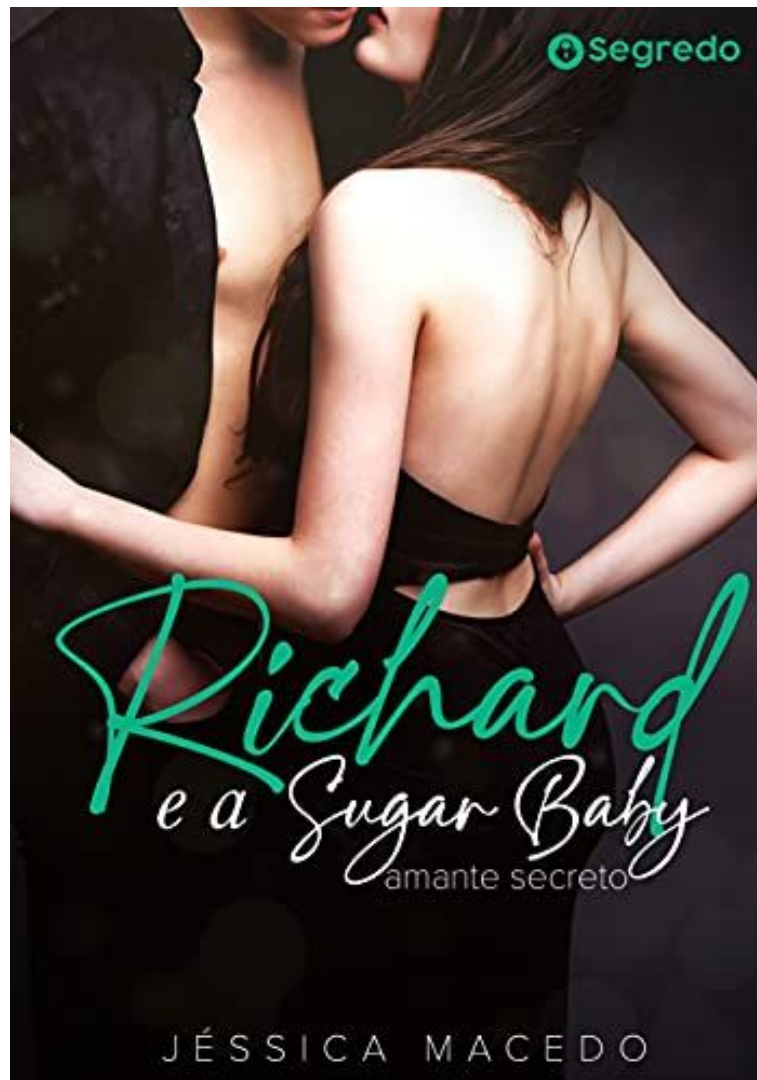
Prestes a iniciar a extração de uma nova jazida petrolí fera, que me tornaria ainda mais rico e poderoso, Olivia Garcia se tornou uma

pedra no meu caminho. A rancheira pobre se recusava a vender a propriedade para a minha empresa, mas ela iria descobrir que dinheiro não era o meu único poder.

Disposto a tudo para conseguir o que eu queria, me passei por um cowboy, a seduzi e a convenci a me dar o que queria.

O destino sempre esteve na minha mão, ou eu achava que era assim até uma reunião de negócios em um restaurante me fazer reencontrá-la com um bebê nos braços, que tinha os meus olhos azuis, mudando instantaneamente a minha noção de amor...

Richard e a Sugar Baby: Amante Secreto



link => <https://amzn.to/3fqM689>

Sinopse:

Richard Lewis tem dinheiro, status e é dono de uma das maiores companhias de tecnologia do Vale do Silício, mas ainda é solteiro.

O CEO da Genesis Technology teve uma adolescência complicada. Discriminado pelos seus colegas de classe, se isolou, no entanto, sua inteligência fez com que construí sse um grande império. Mas um convite para uma reunião de ex-alunos o faria reviver momentos ruins. Para compor a imagem de homem bem-sucedido, seu melhor amigo contrata uma garota no site Sugar Baby para acompanhá-lo nessa festa.

Kimberly Adams é uma aluna dedicada e se esforça para ser a filha perfeita, pois quer orgulhar o pai, que se doou ao máximo para cuidar dela. Determinada a se destacar na faculdade, ela quer se ver longe de problemas, mas uma noite de loucura, proposta por sua melhor amiga, pode mudar sua vida toda. Desafiada, Kimberly aceita se inscrever em um site para se passar por sugar baby. Ela acreditava que seria apenas uma noite na companhia de um homem mais velho, sem qualquer intimidade, mas apenas um beijo será o suficiente para que ele fique em sua mente.

Eles não deveriam voltar a se ver, entretanto o que não esperavam era que na manhã seguinte entrariam na mesma sala de aula, Richard como professor, um hobby que cultiva há alguns anos, e ela, a aluna.

Eles são proibidos um para o outro, mas o amor não se importa com obstáculos...

Casados por Dever



link => <https://amzn.to/3nUJlhZ>

Sinopse:

Há cinco anos, Jefferson Miller abandonou a sua família e a empresa para viajar pelo mundo a bordo de um barco, em busca do próprio destino. Depois de tanto tempo distante, ele retornou a São Francisco para o enterro do seu irmão mais velho, aquele a quem

era mais apegado. Porém não esperava que, além da multinacional do ramo esportivo, Jonathan também deixasse uma esposa no testamento.

Para assumir a presidência da Athena, se tornar o CEO e trazer estabilidade para os negócios diante do mercado, ele precisou cumprir o último pedido do irmão: casar por meio de um contrato com sua viúva, uma mulher dez anos mais jovem que ele e que só conheceu no funeral.

Clare tinha o emprego dos sonhos trabalhando como secretária do melhor amigo, à frente de uma das maiores companhias esportivas do mundo, contudo um terrível acidente mudaria sua vida para sempre. Jonathan jurou protegê-la e então decidiu casar-se com ela, mas era um arranjo de fachada, que também o ajudaria a esconder sua orientação sexual.

Virgem e viúva, não esperava viver um grande amor ao se ver enredada em um segundo casamento de contrato, mas o que Clare e Jefferson não imaginavam é que poderiam encontrar o seu porto seguro nos braços um do outro.

Sedução por Vingança



link => <https://amzn.to/38kNG82>

Sinopse:

Philip Carter é o poderoso CEO da Carter Atlantics, uma empresa multibilionária com atuação no mundo todo. Rico, poderoso, frio e solitário, ele tem tudo aos seus pés, mas nem sempre foi assim... Órfão, precisou conquistar tudo por seus próprios méritos e não deixar que nada nem ninguém ficasse no seu caminho.

Vitória vive em um dos bairros mais pobres de Nova York, perdeu a mãe muito jovem, a irmã mais nova foi tirada do seu convívio, além

de ser obrigada a aturar o pai alcoólatra, que a fez crescer acreditando que a culpa de todas as tragédias de sua vida era do CEO da Carter Atlantics.

Com o objetivo de se vingar de Philip Carter, ela vai se tornar sua secretária e usar todas as suas armas de sedução para descobrir o ponto fraco daquele homem que ela acreditava ser o culpado de todas as mazelas da sua vida.

Philip não queria se envolver com a secretária onze anos mais nova, mas a convivência, o desejo, as insinuações e toda a atração tornarão impossível conter seus instintos. O que começa com um desejo por vingança pode mostrar a dois corações feridos o que realmente é o amor.

Minha por Contrato



link => <https://amzn.to/3kFRDXT>

Sinopse:

Casar era algo que eu nunca tinha imaginado fazer. A vida de solteiro me proporcionava muitos benefícios e eu usufruí a muito bem de todos eles.

Nasci numa família influente, dona de uma companhia aérea, e sempre tive tudo, mas a política me deu poder. Porém, sempre fui um homem muito ambicioso.

Eu queria mais, almejava a presidência do país.

Acreditava ser a melhor escolha, não apenas pelo meu ego, mas pelos meus feitos políticos. Entretanto, muitos membros do partido

pareciam discordar da minha candidatura.

Não era o homem perfeito aos seus olhos, mesmo com todo o dinheiro e influência. Eles preferiam outro candidato, alguém que prezasse pelos valores tradicionais, um homem comprometido com a família.

Eu precisava ser casado.

Mas o dinheiro poderia solucionar tudo, sem que eu tivesse que mudar meu estilo de vida. Um casamento por contrato era o que eu precisava.

Penélope é doze anos mais jovem do que eu, ingênua, pobre e facilmente moldável. Ao meu lado, ela seria a decoração perfeita. Nunca teve nada e iria se comportar para manter o mundo que oferecia a ela.

Eu controlaria tudo, como sempre controlei. Mas não poderia prever que ela seria capaz de se infiltrar nas barreiras do meu coração.



O CEO Viúvo e a Babá Virgem



link => <https://amzn.to/3kFRDXT>

Sinopse:

Um viúvo envolto em sombras, uma jovem babá cheia de luz e um bebê que precisava de amor e cuidado.

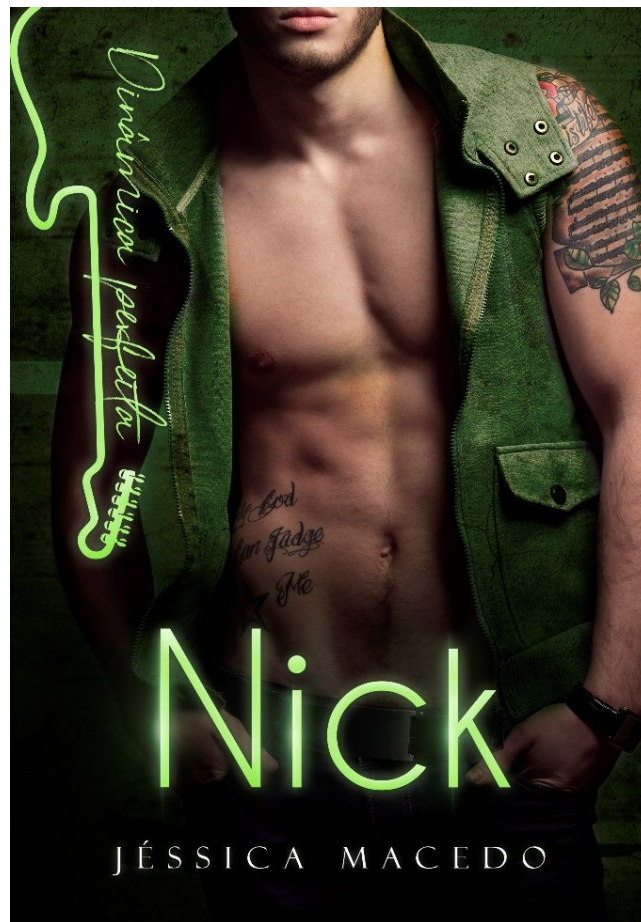
O CEO da Alliance Cars, Bernard Smith, já perdeu demais. Ele se enclausurou na sua própria dor e afastou a todos. Viúvo, ele se dedicou a tudo o que mais importava na vida: seu filho. Assombrado pelo passado, ele não estava disposto a seguir em frente e a única pessoa que mantém por perto é a governanta, que cuidou dele

desde menino. Porém, após um AVC, seu único apoio não pôde mais ajudá-lo a cuidar do filho.

A jovem estudante, Júlia Oliveira, estava determinada a fazer o intercâmbio dos sonhos na Inglaterra. Para isso, ela encontrou o emprego como babá em uma mansão, com um dono recluso e um bebê fofo.

Ela não tinha vivido grandes romances, ainda era virgem, mas Bernard, apesar de quinze anos mais velho, é o homem mais bonito que já tinha visto e chamava muito a sua atenção. Embora a atração entre os dois seja inegável, um final feliz pode ser um grande desafio para ambos, pois Bernard não acredita que merece uma segunda chance...

Nick (Dinâmica Perfeita)



link => <https://amzn.to/3dbzDT0>

Sinopse:

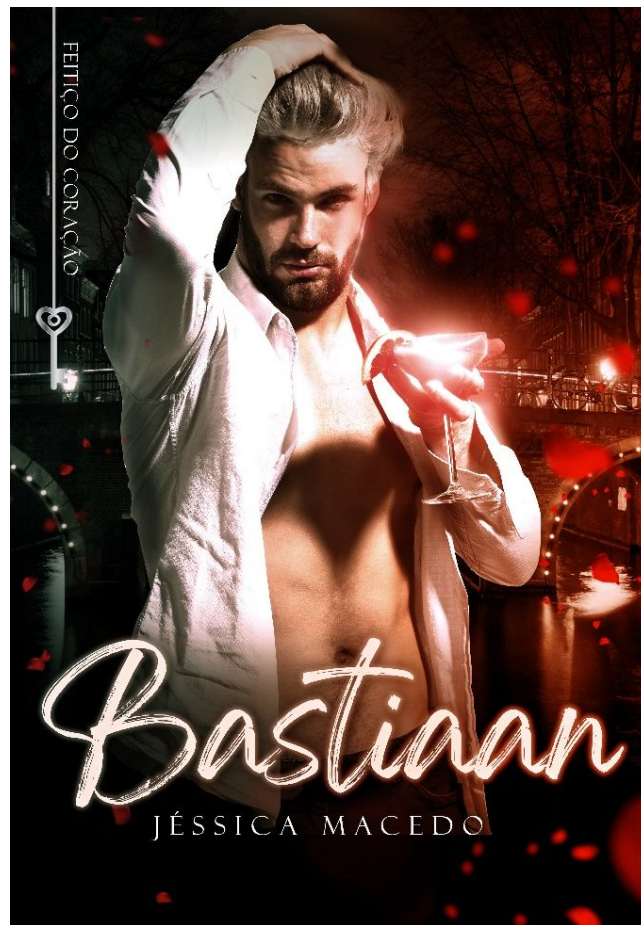
Nick Rodrigues sempre foi o garoto problema, a ovelha negra. Contrariando tudo o que os seus pais queriam, ele se tornou o guitarrista da banda Dinâmica Perfeita. Porém, o roqueiro badboy, ao lado dos dois melhores amigos, encontrou o estrelato, fez fama pelo mundo e conquistou tudo o que sempre quis, ou quase tudo...

A sintonia da banda está prestes a ser bagunçada, porque ele deseja exatamente o que não deveria cobiçar: a irmã do melhor

amigo, a caçula que o vocalista defenderia a qualquer preço, inclusive com o fim da banda.

Gabriela sempre foi certinha demais e, ao contrário do irmão, é tudo aquilo que os pais esperavam dela. Dedicada, amável, responsável e virgem, ela não queria atrapalhar o maior sonho do irmão, mas será muito mais difícil não ser atraída pelo caos em forma de roqueiro do que ela imaginava.

Bastiaan (Feitiço do Coração)



link => <https://amzn.to/350AJOR>

Sinopse:

Grosseiro, solitário, insensível e cruel Bastiaan Vass escolheu as trevas e servia bem esse lado da magia. O bruxo do clã do sangue é dono de uma boate em Amsterdam, que atrai pessoas do mundo todo pelos drinks que serve, verdadeiras poções, sua vertente mágica favorita.

Bastiaan nunca se envolveu com nada nem com ninguém, diz coisas estúpidas e cruéis, sem se importar com quem machuca. Ele jamais se aliaria à rainha da luz cuja autoridade não reconhece, por isso terá seus poderes retirados até que aprenda a ser bom, a amar.

Contudo, ele já havia trancado seu coração e destruído a chave. Blindara-se contra tais sentimentos e prometera, junto com seus amigos Áthila e Thorent, jamais se apaixonar.

A magia era tudo o que o definia, e sem ela Bastiaan se vê perdido. Mas estaria ele disposto a pagar o preço para tê-la de volta?

Agatha tinha uma vida pacata, com pais super protetores e um irmão mais novo. Porém, uma viagem a Amsterdam mudará tudo. Perseguidores, que desconhece, irão separá-la de sua família e ela encontrará abrigo em uma boate cujo dono é temido por todos. Lá, irá descobrir que o mundo é muito mais do que ela imaginava e sua vida mudará para sempre.

A Filha Virgem do Meu Melhor Amigo



link => <https://amzn.to/3k1hYj6>

Sinopse:

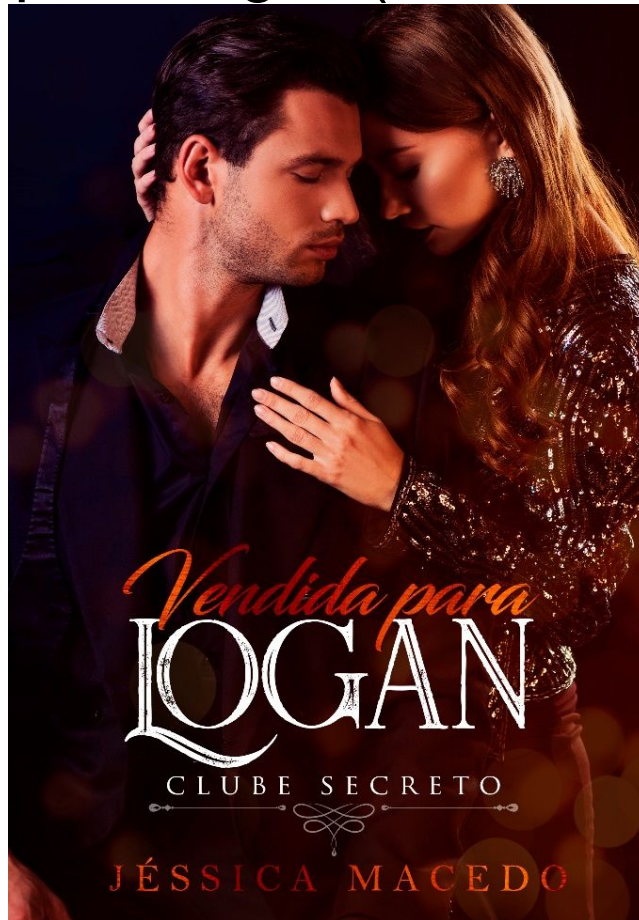
Gutemberg Toledo, Guto, sempre se destacou pelo talento com os números, e transformou um mercadinho familiar em uma rede de supermercados espalhada por todo o país. Astuto, determinado, e um empresário incrível, ele conquistou tudo, menos o que mais ansiava: uma família. Ao se divorciar, esse sonho parecia estar mais distante do que nunca.

Sem laços familiares fortes, tudo o que ele tem de mais importante é a amizade de décadas com o sócio. O que ele não esperava era

que a filha do seu melhor amigo, dezoito anos mais jovem, nutrisse sentimentos por ele, um amor proibido.

Guto vai lutar com todas as forças para não ceder à tentação. Dentre todas as mulheres do mundo, Rosi deveria ser intocável; não era permitida para ele. Porém, às vezes é difícil escapar de uma rasteira do desejo.

Vendida para Logan (Clube Secreto)



link => <https://amzn.to/3fxXI6J>

Sinopse:

Logan Mackenzie é o herdeiro de um império secular que rege com maestria. No entanto, por trás do excêntrico e recluso homem de negócios, que vive em um isolado castelo no interior da Escócia, há muitos segredos e desejos obscuros. Ele não se rende a uma única mulher, tem várias, e com elas explora a sexualidade ao máximo.

Um convite inesperado o levará ao exclusivo Clube Secreto, um lugar onde todos os pecados podem ser comprados. O que não imaginava era que se depararia com um leilão de mulheres. Logan nunca foi uma alma caridosa, mas até os mais egoístas vivem um

momento de altruísmo. Ele decide salvar uma delas, e por tê-la comprado tem direito a tudo, inclusive a libertá-la.

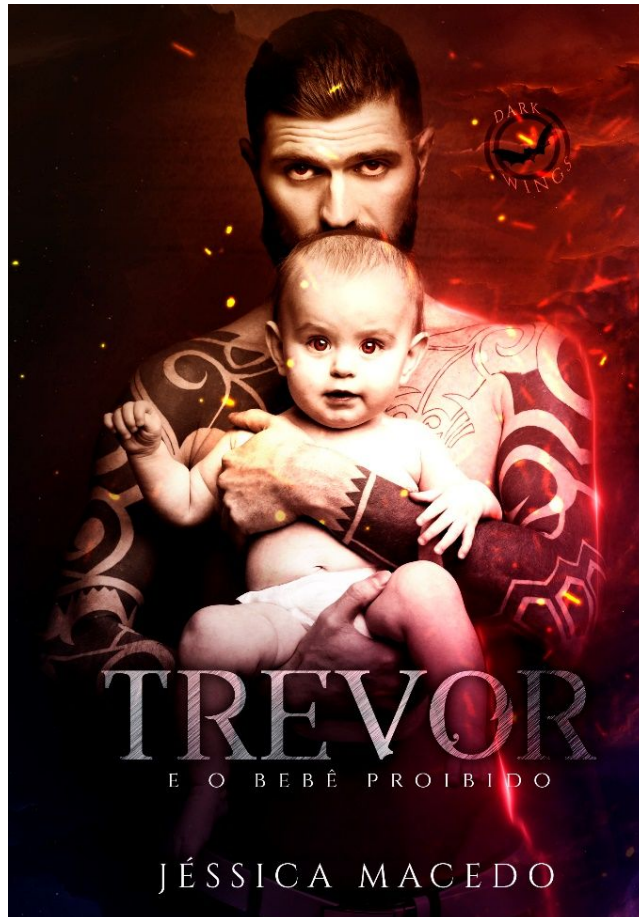
Camila já havia experimentado o medo nas suas piores formas. Lançada a um terrível destino, não esperava acordar no jato particular de um milionário a caminho do nada.

Ele já havia feito a sua cota de boa ação, só esperava que ela fosse embora, mas o que se fazer quando Camila se recusa, pois não há para onde ir? O lar que ela tinha havia se transformado em pesadelo e aquele que imaginou que cuidaria dela, roubou sua inocência e a vendeu para o tráfico humano.

Logan não queria protegê-la, não estava disposto a baixar seus muros por mulher nenhuma. Porém, enquanto ele a afasta, Camila descobre o lado mais obscuro daquele homem frio, mas também vai perceber que existe uma chama que pode salvar ambos.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

Trevor e o Bebê Proibido (Dark Wings Livro 1)



link => <https://amzn.to/2YPhhAw>

Sinopse:

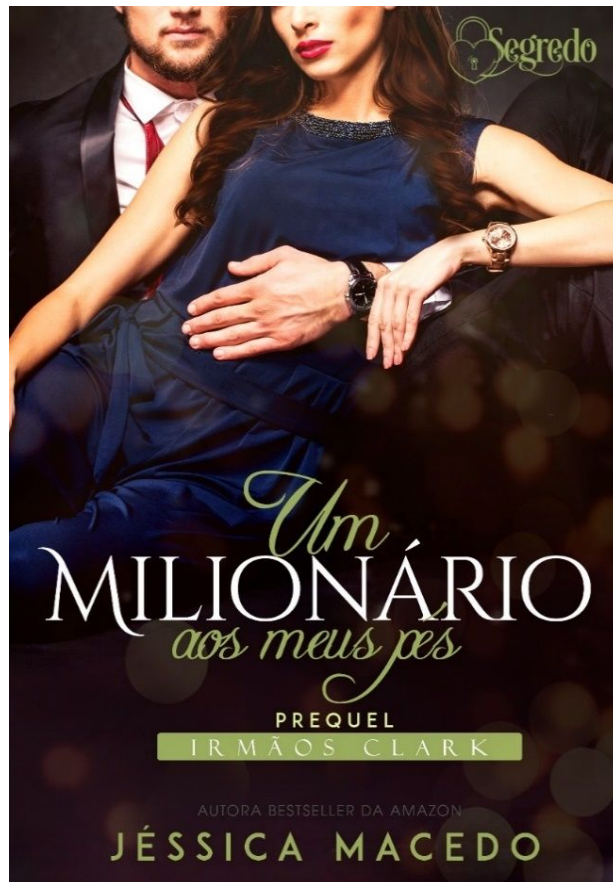
Diana era o motivo de orgulho para os seus pais adotivos. Esforçada, estudiosa, cursava medicina, com um futuro muito promissor, mas um convite para visitar o Inferno vai mudar tudo. O Inferno era apenas um bar pertencente a um moto clube, ao menos era a imagem que passava a quem não o frequentava. Porém, ele era uma porta para o submundo, um lugar de renegados, como Trevor. Um dos irmãos que lidera o Dark Wings é a própria

escuridão, nascido das trevas e para as trevas, que acabará no caminho de Diana, mudando a vida da jovem para sempre.

Uma virgem inocente que foi seduzida pelas trevas...

Uma noite nos braços do mal na sua forma mais sedutora, vai gerar uma criança incomum e temida, além trazer à tona um passado que Diana desconhecia, e pessoas dispostas a tudo para ferir seu bebê.

Um Milionário aos Meus Pés (Irmãos Clark Livro 0)



link => <https://amzn.to/2WcewsR>

Sinopse:

Harrison Clark abriu uma concessionária de carros de luxo em Miami. Se tornou milionário, figurando na lista dos homens mais ricos do Estados Unidos. O CEO da Golden Motors possui mais do que carros de luxo ao seu dispor, tem mulheres e sexo quando assim deseja. Porém, a única coisa que realmente amava, era o irmão gêmeo arrancado dele em um terrível acidente.

Laura Vieira perdeu os pais quando ainda era muito jovem e foi morar com a avó, que acabou sendo tirada dela também. Sozinha, ela se viu impulsionada a seguir seus sonhos e partiu para a aventura mais insana e perigosa da sua vida: ir morar nos Estados Unidos. No entanto, entrar ilegalmente é muito mais perigoso do que ela imaginava e, para recomeçar, Laura viveu momentos de verdadeiro terror nas mãos de coiotes.

Chegando em Miami, na companhia de uma amiga que fez durante a travessia, Laura vai trabalhar em uma mansão como faxineira, e o destino fará com que ela cruze com o milionário sedutor. Porém, Harrison vai descobrir que ela não é tão fácil de conquistar quanto as demais mulheres com quem se envolveu. Antes de poder tirar a virgindade dela, vai ter que entregar o seu coração.

Quando a brasileira, ilegal nos Estados Unidos, começa a viver um conto de fadas, tudo pode acabar num piscar de olhos, pois nem todos torciam a favor da sua felicidade.

Uma Virgem para o CEO (Irmãos Clark Livro 1)



link => <https://amzn.to/2vYccvj>

Sinopse:

Dean Clark nasceu em meio ao luxo e o glamour de Miami. Transformou a concessionária de carros importados que herdou do pai em um verdadeiro império. Ele é um CEO milionário que tem o que quer, quando quer, principalmente sexo. Sua vida é uma eterna festa, mas sua mãe está determinada a torná-lo um homem melhor.

Angel Menezes é uma moça pacata e sonhadora que vive com a mãe em um bairro de imigrantes. Trabalhando como auxiliar em um hospital, sonha em conseguir pagar, um dia, a faculdade de medicina. As coisas na vida dela nunca foram fáceis. Seu pai morreu quando ela ainda não tinha vindo ao mundo, e a mãe, uma imigrante venezuelana, teve que criá-la sozinha. Porém, sempre puderam contar com uma amiga brasileira da mãe, que teve um destino diferente ao se casar com um milionário.

Laura mudou de vida, mas nunca deixou para trás a amiga e faz de tudo para ajudar a ela e a filha. Acredita que Angel, uma moça simples, virgem, e onze anos mais jovem, é a melhor escolha para o seu filho arrogante e cafajeste, entretanto, tudo o que está prestes a fazer é colocar uma ovelhinha ingênua na toca de um lobo.

Dean vai enxergar Angel como um desafio, ele quer mais uma mulher em sua cama e provar que ela não é virgem. No jogo para seduzi-la, ganhará um coração apaixonado que não está pronto para cuidar...

Será que o cafajeste dentro dele se redimirá ou ele só destruirá mais uma mulher?

J éssica Macedo possui vários outros tí tulos na Amazon, confira!